



Best-seller do *New York Times*

hausfrau

jill alexander essbaum



Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2015, Jill Alexander Essbaum

Esta tradução foi publicada sob acordo com a Random House, uma divisão da Penguin House LLC.

Tradução para Língua Portuguesa © 2015, Casa da Palavra, Debora Fleck

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original: Hausfrau

Preparação: Alessandra Miranda e Juliana Pitanga

Revisão: Julieta Lamarão

Capa: Gabrielle Bordwin

Imagem de capa: Mary Kocol / Gallery Stock

Adaptação de capa: Leandro Dittz

Diagramação: Abreu's System

Tradução do Hino Nacional a Suíça de Tiago José Berg, no livro Hino de todos os países do mundo, da editora Panda Books, 2008.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E82h

Essbaum, Jill Alexander, 1971-

Hausfrau / Jill Alexander Essbaum; tradução Debora Fleck. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

Tradução de: Hausfrau

ISBN 9788577345656

1. Romance americano. I. Fleck, Debora. II. Título.

15-26273 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Casa da Palavra Produção Editorial Ltda.

Av. Calógeras, 6, sala 701 – Centro

Rio de Janeiro – RJ – 20030-070

21.2222-3167 21.2224-7461

editorial@casadapalavra.com.br / www.casadapalavra.com.br

hausfrau

haus-frau \ s. 1: *Origem:* Alemanha.

Dona de casa. 2: Uma mulher casada.

3: Um romance de Jill Alexander Essbaum.

Tradução
debora fleck

jill alexander essbaum



Casa da Palavra

Para o meu pai, Jim Schulz
1942-1999

*Sobre nossos montes, quando o sol
Anuncia um brilhante despontar,
E prediz mais um belo dia a retornar;
As belezas de nossa pátria
Dizem à alma enternecida;
Ao céu sobem mais felizes
Os suspiros dos corações devotos,
Os suspiros intensos dos corações devotos.*

– Primeira estrofe do *Salmo Suíço*, Hino Nacional da Suíça

Como tudo o que é metafísico, a harmonia entre o pensamento e a realidade deve ser encontrada na gramática da linguagem. – Ludwig Wittgenstein

O homem que não atravessa o inferno de suas paixões nunca consegue superá-las. – Carl Jung

O amor é como um fogo. Se ele vai aquecer seu lar ou queimar sua casa, nunca se sabe. – Joan Crawford

Setembro

1

Na maior parte do tempo, Anna era uma boa esposa.

No meio da tarde, o trem em que ela estava fez um movimento brusco e em seguida reduziu a velocidade numa curva, antes de parar por completo na Bahnhof Dietlikon, aos 34 minutos passada a hora cheia, como sempre. Não é apenas um adágio, mas um fato incontestável: os trens suíços correm pontualmente. O trajeto do S8 começava em Pfäffikon, uma cidadezinha a trinta quilômetros de distância. De Pfäffikon, o trem seguia numa ascendente, acompanhando o Zürichsee, passando por Horgen na margem oeste do lago, por Thalwil e Kilchberg. Cidades miúdas, onde vidas miúdas eram vividas. Partindo de Pfäffikon, eram dezesseis paradas antes de se chegar a Dietlikon, a cidade também miúda onde, por sua vez, Anna vivia sua vida miúda. Assim, os horários do trem – fato absolutamente banal – ditavam seu dia a dia. Em Dietlikon, o ônibus não passava dentro da cidade. Os táxis eram caros e pouco práticos. E, embora a família Benz possuísse um carro, Anna não dirigia. Não tinha carteira de motorista.

Portanto, seu mundo ficava rigidamente circunscrito às idas e vindas das locomotivas, à disposição de Bruno, o marido, ou Ursula, a sogra, em conduzi-la de carro a lugares onde o ônibus não chegava, e à energia das próprias pernas e a distância que poderiam levá-la, o que raramente era tão longe quanto gostaria de ir.

O fato é que os trens suíços eram realmente pontuais, e Anna conseguia se virar sem muito esforço. Gostava de andar de trem; encontrava serenidade no modo como o veículo sacolejava de um lado a outro enquanto seguia seu percurso.

Certa vez, Edith Hammer, outra expatriada, contou a ela que os trens suíços só atrasavam por um único motivo:

– Quando alguém se joga na frente de um deles.

A doutora Messerli perguntou a Anna se alguma vez ela já havia considerado ou tentado o suicídio.

– Já – admitiu Anna quanto à primeira questão. – Agora, o que você quer dizer com “tentar”?

A doutora Messerli era uma mulher loura, de corpo atarracado. Difícil saber sua idade, mas devia transitar entre os cinquenta e os sessenta anos. Recebia seus pacientes num consultório na Trittligasse, uma rua pavimentada e de pouco tráfego, à esquerda do museu de arte moderna de Zurique. Tinha estudado psiquiatria nos Estados Unidos, mas acabara concluindo sua formação analítica no Instituto Jung, em Küsnacht, distrito de Zurique a cerca de sete quilômetros de distância. Apesar de ter nascido na Suíça, falava um inglês impecável, ainda que com forte sotaque. Seus “w” se convertiam em “v”: “William” seria pronunciado como “Villiam” por ela. Sem falar na pronúncia por vezes engraçada: *Qual é o seu parecer?*, perguntava com frequência (em geral, quando Anna não estava com muita vontade de responder com sinceridade sobre o que estava pensando).

Invariavelmente, Anna dava de ombros, com preguiça, e pronunciava as únicas palavras que pareciam valer a pena:

– Não sei.

Mas é evidente que na maioria das vezes ela sabia.

A tarde estava chuvosa. O tempo na Suíça é instável, embora seja raro encontrar um clima extremo no Cantão de Zurique, ainda mais em setembro. Mas *era* setembro, uma vez que as aulas já haviam recomeçado para os filhos de Anna. Da estação, ela percorreu lentamente quinhentos metros repletos de culpa até a rua principal de Dietlikon, detendo-se nas vitrines das lojas, deixando o tempo passar. Toda a euforia pós-sexo tinha evaporado, sobrando apenas as rédeas do tédio, frouxas em suas mãos. Aquele sentimento não lhe era novo. Em geral, acontecia assim: era tomada por uma apatia arrebatadora, que chegava a exauri-la. A vitrine da ótica, que exibia vários óculos com desconto, causou-lhe fastio. Ela bocejou diante da pirâmide de remédios homeopáticos da *Apotheke*. No mercado, a

cesta com panos de prato em promoção lhe provocou um tédio mortal.

Além dos trens, o tédio também conduzia Anna pelo correr dos dias.

É verdade?, pensou ela. *Não pode ser mesmo verdade.* Não era. Uma hora antes, estava nua, molhada e de pernas abertas na cama de um estranho num apartamento do distrito de Niederdorf, em Zurique, quatro andares acima das vielas da cidade antiga e das ruas de pedra onde uns quiosques vendiam *doner kebabs* e alguns bistrôs serviam panelinhas de Emmental derretido.

O pouco de vergonha que antes eu tinha desapareceu, pensou ela.

– Existe alguma diferença entre vergonha e culpa? – perguntou Anna.

– A vergonha é uma chantagem psíquica – explicou a doutora Messerli. – A vergonha mente. Faça uma mulher sentir vergonha, e ela acreditará que está totalmente errada, que agiu de forma essencialmente imoral. Ela só terá confiança em suas falhas. Nunca mais será possível convencê-la do contrário.

Eram quase quinze horas quando Anna chegou à escola dos filhos. A Primarschule Dorf ficava junto à praça principal, entre a biblioteca e uma casa de trezentos anos de idade. Um mês antes, no dia do feriado nacional da Suíça, a praça estava repleta de gente. Eram moradores da cidade comendo salsichão e se requebrando feito bêbados ao som da bandinha que tocava música folclórica sob um céu iluminado por fogos de artifício. Durante as manobras militares, os soldados estacionaram caminhões de abastecimento em diagonais nada organizadas, perto do chafariz central da praça, que nos dias de verão ficava cheio de crianças sem roupa, jogando água para todo lado, cujas mães, sentadas em bancos próximos, liam livros e comiam iogurte. Bruno tinha encerrado sua fase de reservista alguns anos antes. Tudo o que sobrara da experiência era um fuzil de assalto guardado no porão. Quanto a Anna, os livros não lhe apeteciam muito, e, quando os filhos queriam nadar, ela os

levava à piscina pública.

Naquele dia, o movimento na praça estava fraco. Três mulheres conversavam em frente à biblioteca. Uma delas empurrava um carrinho de bebê, outra segurava pela coleira um pastor-alemão ofegante, e a terceira estava apenas imóvel, as mãos vazias. Eram mães à espera de seus filhos, e deviam ter uns dez anos a menos do que Anna. Esbanjavam frescor e animação, enquanto Anna se sentia azeda e submersa em profundezas. Traziam estampado no rosto, pensou Anna, um ar descomplicado, um brilho natural, tinham um aspecto de quem se sente à vontade.

Anna raramente se sentia à vontade sob a própria pele. *Tenho a cara amarrada e 37 anos*, pensou. *Sou a soma de todos os meus espasmos*. Uma das mães acenou para ela e abriu um sorriso genuíno, ainda que obrigatório.

Ela havia conhecido o tal estranho no curso de alemão. *Mas, Anna... O pau dele estava agorinha mesmo na sua boca*, lembrou a si mesma. *Ele não é mais exatamente um estranho*. E não era mesmo. Tratava-se de Archie Sutherland, escocês, expatriado e, assim como Anna, estudante em um curso de línguas. *Anna Benz, estudante de idiomas*. Havia sido a doutora Messerli que a incentivara a entrar no curso de alemão (e, num incrível golpe de ironia, fora Bruno quem havia insistido para que consultasse uma psicoterapeuta: *Anna, cansei desses seus dramas, porra. Vai se tratar*, foi o que ele lhe dissera). A doutora Messerli então entregou à paciente a tabela de horários dos cursos e comentou:

– Está na hora de você seguir uma trajetória que vai forçá-la a participar mais ativamente do mundo à sua volta.

A fala afetada da doutora, embora arrogante, fazia sentido. Já era hora. Já havia passado da hora.

No fim daquela consulta e com um pouco mais de persuasão assertiva, Anna cedeu, concordando em se inscrever num curso de alemão para iniciantes na Migros Klubschule, o mesmíssimo curso que deveria ter iniciado nove anos antes, assim que chegara à Suíça, muda, sem amigos e desde então pessimista quanto ao próprio

destino.

Uma hora antes, da cozinha, Archie tinha gritado para Anna: *Ela queria um café? Um chá? Alguma coisa para comer? Precisava de alguma coisa? Nadinha? Nada, mesmo?* Anna se vestiu com cuidado, como se tivessem sido costurados espinhos nos vincos de suas roupas.

Do apartamento, ouvia o barulho da rua: crianças gritando cada vez mais alto, voltando à escola depois do almoço, e turistas norteamericanos resmungando a respeito da inclinação da colina sobre a qual estava construída a Grossmünster de Zurique. A catedral é uma edificação pesada, de um medieval tom cinzento, inimitável, com duas torres simétricas que sobem coladas à fachada e se elevam para muito acima da cúpula, qual orelhas atentas de uma lebre.

Ou chifres de um corno.

– Qual é a diferença entre uma necessidade e uma vontade?

– Uma vontade é algo que se deseja, embora não seja essencial. Uma necessidade é algo de que não podemos prescindir, é uma questão de sobrevivência. Se um indivíduo não é capaz de viver sem determinada coisa, não sobreviverá.

Nada, mesmo? Assim como a doutora Messerli, Archie falava um inglês com sotaque fortíssimo, entoadado não pelas consoantes transmutadas do Alto Alemânico, mas por palavras que tanto se turvavam quanto se retorciam. Aqui, um *r* ondulante; ali, uma fila de vogais encadeadas umas nas outras, feito um fole de ferreiro totalmente comprimido. Anna sentia atração por homens de sotaque carregado. Tinha sido graças à cadência não nativa do inglês de Bruno que ela lhe permitira deslizar o polegar e a língua para dentro de sua calcinha, já no primeiro encontro entre os dois (graças a isso e às Schnapps Williamsbirnen, uma bebida destilada à base de pera, com a qual haviam se embriagado). Na juventude, Anna tinha sonhos aprazíveis e úmidos com homens que imaginava um dia amar, homens que um dia a amariam. Atribuía-lhes nomes próprios, mas rostos obscuros e estrangeiros: Michel, o escultor francês de

dedos longos e cobertos de argila; Dmitri, o sacristão de uma igreja ortodoxa cuja pele recendia a cânfora, flor de cisto, sândalo e mirra; Guillermo, o amante com mãos de toureiro. Eram homens-fantasma, idealizações juvenis. Mas, a partir deles, ela montou um exército internacional completo.

Foi com o suíço que acabou se casando.

Se um indivíduo não é capaz de viver sem determinada coisa, não sobreviverá.

Apesar da sugestão da doutora Messerli de que ela se inscrevesse no curso, Anna já dominava o nível básico do idioma. Conseguia se virar. Porém, seu alemão era notável apenas pela falta de refinamento e pelo esforço hercúleo que era preciso empregar quando queria falar alguma coisa. Ao longo de nove anos, no entanto, tinha sido capaz de se comunicar usando apenas vocábulos rudimentares. Anna havia comprado selos com a mulher dos correios, tirado dúvidas rápidas com pediatras e farmacêuticos, descrito a cabeleireiros os cortes de cabelo que queria, pechinchado preços em mercados de pulgas, trocado conversa fiada com alguns vizinhos, além de também ter se envolvido num diálogo com duas Testemunhas de Jeová, adoráveis mas insistentes, que todos os meses apareciam na soleira de sua porta com uma cópia em alemão da revista *A Sentinela*. Embora com menos frequência, Anna também tinha ensinado caminhos para estranhos, adaptado receitas de programas de culinária, tomado notas quando o limpador de chaminé detalhava perigos estruturais quanto a tijolos soltos e dutos obstruídos, e se livrado de notificações quando, diante da solicitação do cobrador, não conseguia apresentar seu bilhete para validação.

Porém, dominava mal a gramática e o vocabulário, engasgava na fluência, e as expressões idiomáticas e a sintaxe adequada lhe escapavam completamente. Todos os meses deixava determinadas tarefas nas mãos de Bruno, para dar conta das pendências de rotina. Era ele quem lidava com a burocracia local, ele quem pagava o seguro, os impostos e a prestação da casa. Era ele quem preenchia os papéis para seu visto de permanência. E era Bruno quem tomava conta das finanças da família, uma vez que trabalhava como gerente de nível médio no Credit Suisse. Anna não tinha sequer conta em

banco.

A doutora Messerli estimulava sua paciente a assumir um papel mais ativo nas questões familiares.

– Eu devia fazer isso – concordava Anna. – Devia, mesmo.

Nem sabia ao certo as atividades de Bruno no trabalho.

Não havia motivos para Anna não participar da conversa das mães na praça, nenhuma regra que a proibisse, nada que a impedisse de se integrar àquele bate-papo despretensioso. Duas das mulheres ela conhecia de vista, e uma pelo nome, Claudia Zwygart. A filha dela, Marlies, estudava na mesma sala de Charles.

Contudo, Anna preferiu manter a distância.

A título de explicação, ela ofereceu o seguinte resumo de si mesma: *Sou tímida e não consigo falar com estranhos.*

A doutora Messerli se compadeceu:

– Os estrangeiros têm dificuldade de fazer amigos suíços.

O problema vai muito além da falta de domínio do alemão, obstáculo suficiente por si só. A Suíça é um país isolado, fechado em suas fronteiras e neutro por opção, há dois séculos. Com a mão esquerda, alcança refugiados e gente em busca de asilo. Com a direita, arrebatava dinheiro fresquinho, recém-lavado, e ouro nazista. (Injusto? Talvez. Quando se sentia só, Anna não poupava ataques.) E, assim como a paisagem sobre a qual se assentaram, os suíços, por sua vez, também são fechados em seus limites. Tendem naturalmente ao isolamento, contribuindo para manter os estrangeiros à distância ao estabelecerem não uma, nem duas ou três línguas nacionais, mas sim quatro. O nome oficial da Suíça está, inclusive, numa quinta língua: *Confoederatio Helvetica*. Contudo, a maioria dos suíços fala alemão, e esse é o idioma falado em Zurique.

Porém, não se trata exatamente da língua alemã.

Na Suíça, o alemão escrito é o Hochdeutsch padrão dos livros escolares, mas os suíços falam o Schwiizerdütsch, que não é nada

padrão. Não existe ortografia estabelecida. Não há indicações de pronúncia. Não há vocabulário convencionado. Tudo varia de cantão a cantão. E a fala, em si, salta do fundo da garganta, como uma amígdala inflamada tentando escapar. Isso é apenas um pequeno exagero. Para ouvidos não suíços, é como se o falante estivesse interpretando palavras inventadas a partir dos ritmos mais excêntricos, das consoantes mais esquisitas e abreviadas e do arranjo mais perturbador entre vogais muito abertas e alongadas. O idioma é impenetrável às tentativas externas de aprendê-lo, uma vez que cada palavra é um xibolete.

Anna falava apenas o mínimo indispensável de Schwiizerdütsch.

Ela não se juntou às outras mães. Em vez disso, raspou a sola do tamanco marrom contra o meio-fio e ficou mexendo no cabelo, fingindo observar um pássaro invisível que voava no céu.

É difícil amar um homem fora de sua língua materna. Mesmo assim, foi com o suíço que Anna se casou.

Depois de soar o sino da escola, as crianças começaram a transbordar para fora do prédio, rumo ao pátio. Primeiro Anna viu Victor, atracado a dois amigos. Charles vinha logo atrás, preso a uma multidão de crianças tagarelas. Correu na direção dela assim que a viu, abraçou-a e pôs-se a matraquear sobre seu dia, sem que a mãe o solicitasse. Victor continuou junto dos amigos, arrastando os pés no chão. Era Victor sendo ele mesmo: frio e ligeiramente distante. Anna não contrariou aquela frieza, contentando-se em bagunçar o cabelo do filho, que esboçou uma careta.

Conforme caminhavam para casa, ela sentiu as primeiras alfinetadas de culpa (não dava nem para chamá-las de pontadas). Eram difusas e nada debilitantes. Aquele nível de indiferença era bastante novo em termos de sua patologia, o que a deixava estranhamente satisfeita.

A família Benz morava a uns cem metros de distância da Primarschule Dorf. Do pátio da escola, daria para ver a casa, não fosse a Kirchengemeindehaus, o salão do século XIX, todo em madeira,

pertencente à igreja da cidade, que ficava exatamente entre as duas construções. Anna não costumava buscar os filhos na escola, mas havia passado apenas uma hora desde o fato, e ela ainda podia sentir as mãos de Archie em seus seios. Um remorso moderado estava em ação.

Eles haviam se mudado para a Suíça em junho de 1998. Anna, grávida e exausta, não tinha recursos para debater muita coisa. Telegrafou a própria submissão em suspiros longos e silenciosos, e escondeu os diversos anseios dentro de um dos mil compartimentos de seu coração. Procurou enxergar o lado positivo, o copo metade cheio. Afinal de contas, quem não agarraria a oportunidade de morar na Europa caso ela se apresentasse? Na adolescência, Anna se trancava no quarto quase toda noite e ficava imaginando, obcecada, os diferentes lugares aonde seus amores um dia a levariam. Naqueles sonhos vacilantes e submissos, atribuía toda a responsabilidade aos homens. Bruno já trabalhava para o Credit Suisse havia muitos anos. Pensaram: será que ele aceitaria um cargo em Zurique? Anna estava casada, grávida e mais ou menos apaixonada. Era o suficiente. *Vai ser o suficiente*, pensou ela.

E, assim, mudaram-se para Dietlikon. Por ser próxima de Zurique, a cidade era servida por duas linhas de trem. Ficava perto de um grande shopping center. Suas ruas eram seguras, as casas eram bem mantidas e o lema do lugar guardava grandes promessas. Aparecia no website e em alguns panfletos. Estava afixado na placa em frente à *Gemeinde* e estampado na primeira página do *Kurier*, o pequeno jornal semanal de Dietlikon: *Menschlich, offen, modern*. Humana, aberta e moderna. Anna despejou todo o seu otimismo nessas três palavras.

Dietlikon era também a cidade natal de Bruno. Sua *Heimatort*. O lugar para onde o pródigo retornava. Anna estava com 28 anos. Aos 34, Bruno marchou de volta a seu habitat de origem, sem esforço. Também, era fácil: bastava uma pequena caminhada e chegava-se à casa de Ursula, na Klotenerstrasse. A mesma casa onde ela havia criado Bruno e a irmã dele, Daniela. Oskar, o pai dos meninos, morrera havia mais de uma década.

Bruno tinha bons argumentos. O fato de morarem em Dietlikon

proporcionaria aos filhos deles (*Vamos ter outros? Tem certeza?* Os dois não haviam discutido nem mesmo sobre o primeiro) uma infância saudável, sem muitas restrições, segura e estável. Após concordar com essa ideia (e depois de Bruno prometer que discutiriam sobre todos os filhos vindouros antes da concepção), Anna conseguiu enxergar as virtudes da mudança. Então, quando aconteceu, raramente nos primeiros meses, de se sentir solitária, de sentir saudade de pessoas, coisas e lugares que jamais pensou que lhe fariam falta, consolou a si própria imaginando o rostinho do bebê. *Será que vou ter um Heinz de bochechas coradas para me chamar de Mueti? Ou uma Heidi toda minha, de cabelinho louro e tranças?* Bruno e Anna estavam mais ou menos apaixonados.

A qualificação “mais ou menos” perturbava a doutora Messerli.

– Mas não é sempre assim? Se a gente pensar em qualquer casal, há sempre uma pessoa que ama mais, enquanto a outra ama menos, não é? – explicou Anna.

Aos oito anos, Victor era o filho mais velho de Anna. Charles tinha seis. Os dois eram, de fato, as crianças coradas e criadas à base de leite que Anna havia imaginado. Tinham cabelo louro-acinzentado e olhos castanhos. Ambos eram bem molecotes, arruaceiros, cem por cento irmãos e, sem sombra de dúvida, filhos do homem com quem ela se casara.

– Mas você teve mais filhos, certo? Não devia ser tão ruim assim.

Claro que não. Não era tão ruim, não. Nem sempre. Nem tudo era tão ruim o tempo todo. Anna não poupou as ênfases. Dez meses antes, dera à luz uma menina de cabelo preto e pele de porcelana a quem chamou de Polly Jean.

Eles eram, portanto, a família Benz e moravam na cidade de Dietlikon, no distrito de Büllach, Cantão de Zurique. Os Benz: *Bruno, Victor, Charles, Polly e Anna*. Uma família comum e, no geral, moderada, que morava numa rua chamada Rosenweg – Caminho

das Rosas –, um logradouro particular que terminava exatamente em frente à casa deles, que por sua vez ficava aos pés de uma colina de baixa inclinação cujo cume se encontrava uns quinhentos metros atrás do terreno e se nivelava com a base das florestas de Dietlikon.

Anna morava no fim de uma rua sem saída.

A casa era boa, e o quintal deles era maior do que o de quase todos ao redor. Logo ao sul do terreno, havia algumas chácaras que ladeavam campos de milho, girassol e colza. Oito *Apfelbäume* já maduras cresciam no quintal lateral da casa, e em agosto, quando as árvores ficavam repletas de maçãs maduras e pesadas, as frutas caíam dos galhos direto ao chão, num ritmo quase cadenciado com a chuva fina: *tum-ta-tum-tum*. Eles cultivavam arbustos de framboesa, uma plantação de morangos e também groselha e cassis. Embora a horta no quintal lateral ficasse normalmente abandonada, por trás de uma cerca de piquete não muito alta, em frente à casa, a família Benz desfrutava de uma avalanche de rosas, com flores em todos os tons. *Tudo termina em rosas na Rosenweg*. Às vezes Anna pensava isso em seu íntimo.

Victor e Charles chegaram correndo à porta da frente. Antes de deixarem os sapatos no vestíbulo, foram recebidos por Ursula, de cara amarrada e com o dedo sobre os lábios. *A irmãzinha está dormindo!*

Anna era grata a Ursula, de verdade. Porém, apesar de a sogra não ser explicitamente indelicada com ela, ainda a tratava como um objeto estrangeiro, um meio para que a felicidade do filho fosse alcançada (isso se o termo “feliz” pudesse adjetivá-lo, o que Anna duvidava muito) e um receptáculo através do qual seus netos, a quem ela amava profundamente, foram trazidos ao mundo. A ajuda oferecida por Ursula era em prol dos netos, e não da nora. Ela tinha sido professora de inglês no ensino médio durante trinta anos. Apesar de artificial, seu inglês era fluente, e ela concordava em falar o idioma sempre que Anna estava presente, o que às vezes nem mesmo Bruno fazia. Ursula enxotou os netos para a cozinha, para fazerem um lanche.

– Vou tomar um banho – disse Anna.

Ursula arqueou uma das sobrancelhas, mas logo a baixou, acompanhando Victor e Charles em direção à cozinha. Aquilo não era assunto dela. Anna pegou uma toalha no armário e trancou a porta do banheiro.

Precisava de uma ducha. Estava cheirando a sexo.

2

– Sem o quê você não consegue viver?

Era uma sexta-feira, e Anna fez a pergunta para Archie enquanto compartilhavam um cigarro na cama, despreocupados. Ela não fumava. Estava enrolada no lençol.

– Uísque e mulher – respondeu ele. – Nessa ordem.

Archie era, literalmente, um homem do uísque. Armazenava, empilhava e vendia a bebida numa loja que tinha com o irmão, Glenn.

Ele riu de uma forma que dava margem a diferentes interpretações. Archie e Anna eram amantes recentes, verdes, *ganz neue Geliebte*. Praticamente virgens um ao outro, tinham motivos de sobra para se tocar. Ele era dez anos mais velho do que ela, mas seus cachos marrom-avermelhados ainda não tinham começado a rarear e seu corpo estava em forma. Anna respondeu ao gracejo dele com sua risada característica: a gargalhada triste e vazia de quem sabe que aquela euforia da novidade, por melhor que fosse, não duraria. A novidade é um tecido que se esgarça a uma velocidade alarmante. Anna iria aproveitá-la antes que se esgarçasse. Porque, sem dúvida, mais cedo ou mais tarde, ela se esgarçaria.

– Se você está infeliz, então por que não vai embora? – indagou a doutora Messerli.

– Eu tenho filhos suíços. Eles são tanto do pai quanto meus. Nós somos casados, e eu não sou tão infeliz assim – respondeu Anna, sem refletir muito. Depois acrescentou: – Ele não aceitaria o divórcio.

– Você já falou com ele sobre isso – afirmou a doutora; não era

uma pergunta.

Anna jamais pedira o divórcio. Não de maneira direta. No entanto, nos momentos mais tristes e sem esperança, havia insinuado a possibilidade. *O que você faria se eu fosse embora?*, perguntava. *E se eu fosse embora e nunca mais voltasse?* Fazia essas perguntas num tom de voz hipotético, digressivo e animado.

Bruno abria um sorriso arrogante. *Eu sei que você nunca vai embora, porque precisa de mim.*

Isso Anna não podia negar. Precisava cem por cento dele. Era verdade. E, honestamente, não tinha planos de ir embora. *De que jeito dividiríamos as crianças?*, pensava, como se os filhos fossem um aglomerado de lenha, e o divórcio, um machado.

– Anna, existe outra pessoa? Algum dia já houve outra pessoa? – perguntou a doutora Messerli.

A hora do almoço abarcou o início da tarde. Archie e Anna dividiram um prato de queijos, ameixas e uma garrafa de água mineral. Depois, puseram tudo de lado e transaram mais uma vez. Archie gozou na boca de Anna. O gosto era de cola escolar, algo pegajoso e espesso. *É bom isso que estou fazendo*, disse ela a si mesma, embora “bom” não fosse exatamente o melhor adjetivo. Anna sabia disso. O que queria dizer era *oportuno*. Queria dizer *conveniente*. Queria dizer que *era errado em quase todos os aspectos, mas justificável, uma vez que fazia com que se sentisse melhor, e por muito tempo ela vinha se sentindo mal, muito mal*. A bem da verdade, era uma combinação confusa de todos esses significados, atados a um conceito indizível, que dava a Anna uma esperança ilícita, porém inegável.

Mas tudo caminha para um fim.

Naquela noite, depois de pôr as crianças na cama, lavar a louça do jantar e esfregar a pia até conseguir o brilho impecável exigido por Bruno (a doutora Messerli perguntou: “Ele é mesmo esse monstro todo?”, ao que Anna respondeu *não*, o que podia se traduzir em *às vezes*), Anna espalhou os cadernos sobre a mesa e começou a fazer os exercícios de alemão. Estava atrasada nas lições. Bruno tinha se trancado no escritório. Aquele arranjo de cada um com a sua solidão era algo comum entre eles, e Bruno se recolhia quase todas as

noites em seu refúgio. Sem companhia, Anna optava por ler, assistir à televisão ou vestir um casaco e dar uma caminhada noturna pela colina nos fundos do terreno.

Quando estava sozinha dentro de casa, o lugar costumava ganhar um manto de silêncio catatônico, insuportável. *Sempre foi desse jeito?* Anna estaria mentindo se dissesse que sim. Ela e Bruno tinham vivido bons momentos juntos. Seria injusto negar. E, ainda que ele mal conseguisse tolerar na esposa o que chamava de “acessos de melancolia” ou de “temperamento tristonho”, se pressionado, Bruno também admitiria seu amor e afeição por Anna, o que, embora muitas vezes fosse substituído por frustração, mantinha um lugar de excelência em seu peito.

Foi apenas na segunda-feira anterior que Anna criou forças e voltou a estudar pela primeira vez desde a faculdade. O curso na Migros Klubschule se chamava Alemão para Iniciantes Avançados. Era voltado para qualquer um que já possuísse um conhecimento da língua de mínimo a moderado, mas precisasse de um entendimento mais rigoroso em termos de gramática e um uso mais correto da sintaxe.

Migros é o nome da maior cadeia de supermercados da Suíça e do maior empregador do país. Há mais gente trabalhando para a marca Migros do que para qualquer banco suíço internacional. Mas o nome Migros abrange muito mais do que uma rede de lojas de supermercado. Existem livrarias Migros, postos de gasolina Migros, lojas de eletrônicos Migros, lojas de esporte, lojas de móveis, lojas de roupa masculina, cursos públicos de golfe e casas de câmbio. O grupo Migros também comanda uma franquia de centros educacionais para adultos. Não há uma cidade na Suíça com população significativa onde ao menos uma Migros Klubschule não esteja presente. E eles não oferecem apenas cursos de idiomas. É possível aprender quase qualquer coisa numa Migros Klubschule: *culinária, costura, tricô, desenho, canto*. Pode-se aprender a tocar um instrumento ou ler o futuro através das cartas do tarô. Pode-se aprender, até mesmo, a interpretar sonhos.

No início do processo de análise, a doutora Messerli pediu que Anna prestasse atenção ao que sonhava.

– Tome nota – instruiu a doutora. – Quero que você escreva o que sonhou e traga para as nossas sessões. Vamos discutir seus sonhos.

– Mas eu não sonho – protestou Anna.

A doutora se manteve firme.

– Impossível. Todo mundo sonha. Inclusive você.

Anna levou um sonho para discutirem na sessão seguinte: *Estou doente. Imploro que Bruno me ajude, mas ele não o faz. Alguém está gravando um filme em outro quarto. Não faço parte dele. Uma dezena de jovens meninas se matam em frente à câmera. Não sei o que fazer, então não faço nada.*

A doutora Messerli chegou prontamente a uma interpretação:

– É um sinal de estagnação. O filme está sendo feito, e você não participa dele. É por isso que as meninas não sobrevivem. As adolescentes são você. Você é essas meninas. E não sobrevive. Está doente por falta de ação, feito um patrocinador sentado passivamente numa sala escura de cinema.

A passividade de Anna. O eixo a partir de onde irradiava grande parcela de sua psicologia. Tudo se resumia a um aceno de cabeça, um gesto de concordância, um *Sim, querido*. Ela sabia disso. Era uma característica que nunca tinha se preocupado em questionar ou mudar, o que, sob as lentes de uma certa angústia árida, parecia ser a própria prova do crime. Anna era uma porta vaivém, um corpo inerte nos braços de outro corpo, que a carregava. Uma canoa sem remos. *Será que sou tão vulnerável assim?* Bom, era o que às vezes parecia. *Não tenho talento para vontades próprias. Minha espinha dorsal está escorada. Essa é a história da minha vida.* E de fato era. A própria janela de sua cozinha dava para essa vista. Triangulado pela rua, pelas macieiras e pelo caminho que subia a colina, um letreiro invisível piscava acima de uma porta secreta que levava à mesma sala escura de cinema com a qual ela sonhara. Anna não precisava ver para saber que estava lá. Os títulos mudavam, mas os filmes eram todos do mesmo gênero. Numa semana era *Você podia se expressar, dizer o que pensa!*, na seguinte: *Você não é vítima nenhuma; é cúmplice.* E, ainda: *Não escolher também é uma*

escolha, que se mantinha em cartaz por muitos anos.

E havia as crianças. Anna nunca nutrira o desejo de ser mãe. Nunca sonhou com isso da forma como outras mulheres sonham. A ideia a assustava. *Terei de ser responsável por outra pessoa? Um ser minúsculo, indefeso e cheio de necessidades?* Contudo, engravidou. Depois, engravidou de novo, e de novo. Parecia simplesmente acontecer. Ela nunca disse *Façamos isso* ou *Não façamos*. Anna nunca disse nada. (Nesse caso, nem Bruno. Essa discussão sobre a futura prole? *Nunca aconteceu.*)

Porém, não era tão ruim quanto temia, e, na maior parte das vezes e do tempo, Anna se sentia feliz por ser mãe. Ela amava os filhos. Amava todos eles. Aquelas lindas crianças suíças que uma Anna mais pé no chão jamais teria conhecido. Portanto, sua passividade tinha méritos. Era útil. Proporcionava certa paz no lar da Rosenweg. Permitir que Bruno tomasse decisões em seu nome livrava suas costas da responsabilidade. Ela não precisava pensar. Apenas seguia o fluxo. Andava em um ônibus dirigido por um terceiro. E Bruno gostava de dirigir. Ordem após ordem. Regra após regra. Ela ia para onde o vento soprasse. Era sua inclinação natural. E, assim como jogar tênis, dançar foxtrote ou falar uma língua estrangeira, tudo se tornava mais fácil com a prática. Se Anna suspeitava haver algo mais em sua patologia, era um segredo que mantinha a sete chaves.

– Qual é a diferença entre passividade e neutralidade?

– Passividade é submissão. Ser passivo é renunciar à própria vontade. Neutralidade é não tomar partido. Os suíços são neutros, e não passivos. Não escolhemos nenhum lado. Somos uma balança em perfeito equilíbrio – respondeu a doutora Messerli, com o que pode ter sido uma espécie de orgulho na voz.

– Não escolher. Isso também não é uma escolha?

A doutora abriu a boca para falar, mas depois mudou de ideia.

Anna ficou sentada à mesa de jantar por quase meia hora,

manuseando o dever de casa, até que Bruno emergiu do escritório, como uma marmota saindo da toca. Foi até a mesa, bocejou e coçou os olhos. Nesse gesto, Anna viu os filhos.

– Como estão indo as aulas? – perguntou à esposa.

Anna não conseguia se lembrar da última vez em que o marido se importara com seus passos. Sentiu a afeição por Bruno aumentar momentaneamente e envolveu os braços na cintura dele, tentando trazê-lo para mais perto. Porém, Bruno – indiferente ou inatingível – não respondeu na mesma moeda. Inclinou-se e ficou examinando os papéis de Anna. Ela então se afastou.

Com uma página de exercícios na mão, ele começou a avaliá-la.

– *Du hast hier einen Fehler* – disse, num tom que pretendia ser de ajuda, mas que Anna interpretou como arrogante. Ela tinha cometido um erro. – Esse verbo vai no fim – completou Bruno. Ele estava certo. Tanto no futuro quanto no passado, a ação entra no fim. É apenas no presente que o verbo se junta ao substantivo que o decreta. Distraído, Bruno devolveu a ela o papel. – Vou pra cama – declarou, sem se curvar para beijá-la. Fechou a porta do quarto e foi dormir.

Anna perdeu todo o interesse pelos exercícios.

Olhou para o relógio da parede. Já passava das onze, mas não estava cansada.

– O sonho é uma declaração psíquica – explicou a doutora Messerli.
– Quanto mais assustador for o sonho, mais premente é a necessidade de olhar para essa parte de si mesmo. O objetivo dele não é destruir ninguém. Ele apenas cumpre sua tarefa obrigatória de forma altamente desagradável. Quanto menos atenção se presta, mais aterrorizantes se tornam os pesadelos.

– E se eles forem ignorados?

O rosto da doutora assumiu uma expressão de seriedade.

– A psique será ouvida. Ela exige isso. E existem outras formas mais ameaçadoras de atrair a atenção de alguém.

Anna não quis saber que formas eram essas.

Àquela hora da noite, a maioria das casas na Rosenweg estava completamente apagada, com seus moradores já adormecidos. Anna demorou muitos anos para se acostumar com o fato de a Suíça desligar à noite, apesar de ser a máquina que é. As lojas fechavam. As pessoas dormiam quando se esperava que dormissem. Nos Estados Unidos, quando alguém não conseguia ou não queria dormir, sempre era possível fazer compras num supermercado 24 horas, lavar roupas numa Laundromat 24 horas ou comer uma fatia de torta e tomar um café numa lanchonete 24 horas. As redes de televisão transmitiam programação de qualidade a noite inteira. Havia inúmeras coisas que nunca fechavam. Sempre tinha uma lâmpada queimando em algum lugar. Era um alívio para o insone.

A doutora Messerli quis saber sobre a insônia de Anna. Há quanto tempo sofria desse mal? Como ele se apresentava? Como ela controlava aquilo?

Anna na verdade não tinha uma resposta, por isso disse:

– Dormir não vai resolver a minha situação.

Até para os próprios ouvidos, a resposta souu forçada.

Assim que Anna pôs os pés para fora de casa, a lâmpada da varanda, com sensor de movimento, acendeu-se, bruxuleante. Os degraus da frente levavam à entrada da garagem que se abria para a rua. O parquinho no jardim da *Kirchgemeindehaus* ficava do outro lado. Ela atravessou a rua e passou por cima de uma pequena cerca de madeira, sentando-se num balanço feito para crianças bem pequenas. Sentia-se inquieta e perturbada, e o ar noturno estava tão úmido que chegava a ser cruel.

Ela mesma reconhecia que perambulava com muita frequência pelas ruas de Dietlikon tarde da noite. Quando Anna estava em seu segundo mês no país, Bruno acordou um dia no meio da madrugada e não a encontrou em casa. Ela não estava lá dentro, nem no sótão ou no quintal. Ele correu para o lado de fora, gritando pela esposa. Como não teve resposta, chamou a *Polizei*. *Minha mulher sumiu! Minha mulher está grávida!* Os policiais foram até lá. Fizeram

perguntas insinuatoras e trocaram olhares nada discretos. *Os dois tinham brigado nos últimos tempos? Ela levou alguma coisa consigo? Como era o casamento deles? Ele sabia se ela estava se encontrando com alguém?* Bruno entendeu o que estavam insinuando e enfiou os punhos nos bolsos. *Ela está grávida, e são duas horas da manhã!* Quando conseguiu demovê-los daquela linha de pensamento, Anna já estava de volta. Bastou ela cruzar a soleira para Bruno se agarrar a seu corpo, como se a mulher fosse um soldado voltando da batalha. Um dos policiais falou qualquer coisa num tom de voz baixo e rude, em Schwiizerdütsch, mas Anna não entendeu. Bruno respondeu com um grunhido. Os policiais foram embora em seguida.

Assim que os dois ficaram a sós e ninguém mais podia ouvi-los, Bruno cravou os dedos nos ombros dela, sacudindo-a. *Com quem você está trepando? Você estava com quem?* Ela tinha envergonhado o marido na frente dos policiais. *Ninguém, Bruno! Nunca! Eu juro!* Bruno a xingou, chamando-a de piranha e vagabunda. *Quem você chupou? De quem era o pau que estava na sua boca? De ninguém, Bruno, juro!* Era verdade. Naquela época, Anna e Bruno vivenciavam uma espécie de amor, e ela tinha saído para dar uma volta, porque não conseguia dormir. *Foi só uma volta! Só isso!* De qualquer modo, de quem poderia ser esse pau? Foi o que ela pensou, mas ficou calada. Demorou quase uma hora até que Bruno finalmente acreditasse na esposa. Ou dissesse acreditar.

O gato de um vizinho emitiu um som agudo e babou sobre o que parecia ser um porco-espinho. Três minutos depois, soou o sino da igreja, anunciando mais um quarto de hora.

Quando compareceu ao primeiro dia do curso de alemão, Anna estava sem expectativas. Mesmo em sua idade, não se sentia completamente imune ao frio na barriga que qualquer primeiro dia de aula é capaz de causar. Durante o café da manhã, contou aos filhos que começaria os estudos. Charles, um doce, ofereceu o estojo para a mãe. Ele era assim. Victor ficou em silêncio; não tinha opinião formada. Ursula fingiu estar concentrada em pegar um pano

de prato.

As aulas do Deutschkurs Intensiv aconteciam de manhã, cinco vezes por semana. Naquele primeiro dia, Anna chegou seis minutos atrasada e esbarrou, com sua sacola de livros, numa mulher, ao tentar se espremer para conseguir o último lugar da mesa. Era uma sala de tamanho modesto, com quinze alunos cujas idades variavam e cujas nacionalidades e motivos de expatriação também divergiam. O professor deles era Roland, um suíço alto que logo de início pediu que se apresentassem uns aos outros, usando o alemão que sabiam. Apontou para uma mulher loura, de pálpebras pesadas e olhar afiado. Seu nome era Jeanne, e ela era francesa. A mulher ao lado, Martina, também era loura, mas tinha dez anos a menos que Jeanne. Contou a todos que vinha de Moscou, que adorava música mas detestava cachorros. Em seguida, uma mulher da idade de Anna se apresentou como Mary Gilbert, disse que era do Canadá e que tinha ido para a Suíça com os filhos e o marido, ala-esquerda do time de hóquei de Zurique. Só estava no país fazia dois meses. Mary pediu desculpas pelo alemão capenga, mas tinha acabado de terminar o curso básico e só havia lugar para ela ali. Na verdade, pouco importava. Nitidamente, o alemão de todos eles era precário, lento e infestado de erros.

Na sequência, o homem ao lado de Mary se inclinou para a frente. Seu sotaque, ainda que camuflado pelo alemão imperfeito, era sem dúvida alguma escocês. De Glasgow, Anna viria a saber. O nome dele era Archie Sutherland. Enquanto falava, seus olhos escaneavam o perímetro da mesa. Quando terminou a apresentação, tinha fixado o olhar em Anna, que estava do outro lado da sala, em sua diagonal. Ele finalizou o discurso com um piscar de olhos discreto e ligeiro, direcionado somente a ela. Anna corou por sob as roupas.

Algo dentro dela começou a arder.

Havia também o Dennis, das Filipinas. Andrew e Gillian, ambos da Austrália. Tran, do Vietnã. Yuka, do Japão. Ed, da Inglaterra. Nancy, da África do Sul. Alejandro, do Peru, e mais duas mulheres cujos nomes Anna não conseguiu gravar. Juntos, formavam uma pequena ONU.

Ao se apresentar, Anna abriu um sorriso que transmitia sinceridade

(um truque que havia aprendido) e pronunciou as palavras que tinha treinado anteriormente. *Ich bin Anna. Ich bin in die Schweiz für nine years. Mein Mann ist a banker. Ich habe three children. Ich bin from America. Ich bin, ich bin, ich bin.* Quando não conseguia falar a palavra em alemão, substituía por uma em inglês. Detestava se apresentar. Era como abrir uma porta.

Olhou para Archie. Ficou fascinada pelas mãos dele, fortes, mesmo a uma certa distância. Mãos masculinas eram seu ponto fraco. *Um pau está sempre em busca de um buraco. Porém, não existem muitos. Mas um homem pode pôr as mãos onde quiser, onde eu pedir que ele ponha.*

No primeiro intervalo do curso, enquanto estavam na fila da cafeteria, Archie se aproximou de Anna e iniciou uma conversa num tom de voz baixo e sussurrante, raramente ouvido fora de capelas ou salas de museus.

– Anna, não é?

– Isso.

– Eu sou o Archie.

– Ah, eu ouvi.

Ela estava hesitante, mas manteve o tom de flerte. *Voleio e lob. Ele quer um jogo de tênis. É claro que vou jogar,* pensou.

Archie pegou um *croissant* de chocolate na fileira de doces folheados e pôs na bandeja.

– Quer um?

Anna fez que não.

– Não sou muito fã desses doces.

A fila avançava num ritmo constante. A *Kantine* estava apinhada, mas o suíço do caixa era eficiente.

– Então, o que você belisca quando está faminta?

Hum, esse cara é bom, pensou Anna.

– O que eu belisco?

Archie fingiu impaciência. Sua voz era rouca e atraente.

– É, o que você come?

Anna respondeu com uma olhadela de soslaio, meio sem jeito, e um sorriso arrogante. A fila andou mais um pouco. Archie abriu um sorriso largo.

– Marido bancário, você disse?

– E continuo dizendo. – A resposta foi insolente. *Estou flertando? Claro que estou flertando.* E já fazia um tempinho. *Agora vou até o fim.*

– E quanto à Anna? O que é que a Anna faz quando não está aprendendo alemão?

Antes de responder, ela esperou um pouco.

– A Anna faz o que deseja.

Diga qualquer coisa com confiança, pensou ela, *que o mundo acreditará ser verdade.*

O riso de Archie foi alegre e malicioso.

– Bom saber.

Tinham chegado ao caixa no início da fila. Anna pagou pelo café, virou-se rapidamente para ele e deu um último sorriso antes de sair.

De volta à sala de aula, Roland examinou uma lista de preposições em alemão: *debaixo, contra, em cima de, por trás.*

Depois, ao final do segundo intervalo, Archie cercou Anna num canto, junto às latas de lixo, e perguntou:

– Qual é o seu programa para hoje à tarde?

Inúmeras respostas pudicas vieram-lhe à mente, mas Anna ignorou todas elas. Pôs a mão no braço dele e levou a boca para bem perto de seu ouvido.

– Você – sussurrou ela. E foi o bastante.

Bom, que tal?, pensou Anna, conforme se afastava. Foi envolvida por um leve e vertiginoso frêmito. *Pois é: que tal?* A indagação era irrelevante. Naquele dia, a resposta para todas as perguntas seria sim.

Mas não foram anuências árduas. Ela já dissera sim antes.

Depois da aula, Anna ligou para Ursula, disse que precisaria resolver umas pendências na cidade e que só conseguiria estar em casa por volta das três. Em seguida, ela e Archie pegaram o *tram* número 10, em Sternen Oerlikon, foco de onde as ruas irradiavam, como uma estrela de cinco pontas, até a estação central – uma parada na extremidade norte do distrito Niederdorf de Zurique. De lá, bastavam cinco minutos de caminhada para se chegar ao apartamento de Archie. O que se seguiu foi uma hora e meia de

sexo desinibido.

Na terça-feira e também na quarta depois da aula, Anna seguiu Archie até seu apartamento. Na quinta e na sexta, os dois mataram aula juntos.

Anna ficou girando no balanço, fazendo um nó com as correntes de modo que a levantassem bem alto, mais alto do que estava a princípio. Depois, com os pés para cima, deixou-se rodopiar rapidamente para baixo, desfazendo o nó. Repetiu o movimento incontáveis vezes, até ficar tonta.

Em pouco tempo, os sinos da igreja anunciariam a meia-noite. Uma ligeira sensação de ajuste de contas se aproximou dela. É apenas no presente que o sujeito fica casado com o verbo. A ação – *toda* ação, passada e futura – vem no fim. No finzinho, mesmo, quando não há mais nada a fazer, senão agir.

Apesar de tudo, Anna voltou para casa antes da 12^a badalada.

3

Anna jamais conseguiria amar *de verdade* um Steve, um Bob ou um Mike.

Abominava a apatia fortuita subjacente aos diminutivos. A forma como um apelido, em geral, anunciava “Eu sou a soma de todos os Matt que você já conheceu, a média aritmética de um Chris, um Rick, um Jeff”. Não era uma questão de tamanho: os nomes não costumavam ser muito mais curtos do que “Anna”. Mas ela achava que o nome das pessoas devia soar com dignidade e trazer significado. Devia ser capaz de sustentar o peso e aturar as pressões de cada personalidade. Uma Steffi nunca seria nomeada para um gabinete presidencial; um Chad nunca a nomearia.

Anna escolheu o nome dos filhos pensando em adequação. Eram nomes norte-americanos, mas muitos suíços tinham nomes estrangeiros; um terço da população de Zurique é de gente de fora, graças ao setor bancário. O Credit Suisse, onde Bruno trabalhava, por exemplo, empregava muitos suíços, vários alemães, alguns ingleses, poucos norte-americanos e um nigeriano lindíssimo, cuja pele era tão macia e escura quanto um chocolate Sprüngli. Tudo acaba sendo normalizado pela diversidade. Os nomes dos filhos de Anna eram incomuns na Suíça, talvez até raros. Ela os escolheu tendo isso em mente. Gostava das escolhas. Pareciam nomes adequados.

O nome é algo frágil. Se o deixamos cair, pode se quebrar.

Como Steve. O nome de um homem que Anna jamais conseguiria amar.

Anna levou um sonho bastante intrincado para a sessão de análise. Sua organização era caótica, sem respeitar temas ou circunstâncias,

e ele não se atrelava a noções geográficas de tempo e espaço. Um sonho de símbolos óbvios, imagens arquetípicas e nuances alegóricas, Anna tinha certeza.

Havia vinte portas pelas quais a doutora poderia ter entrado. *Vamos começar com o significado do cavalo*, ela poderia ter dito. *Quais são suas associações com balões e aviões? O que você acha que significa o fato de a montanha-russa só andar para trás? Anna, por que você estava nua na igreja?* Porém, a doutora não foi por nenhum desses caminhos. Em vez disso, fez a única pergunta que Anna queria que ela não tivesse feito:

– Apareceu um Stephen no seu sonho. Quem é ele?

A psicanálise é uma atividade cara e menos efetiva quando o paciente resolve mentir, mesmo que por omissão. Contudo, a análise não equivale a um alicate, assim como a verdade não se compara a um dente: não é possível extraí-la à força. Uma boca permanece fechada pelo tempo que quiser. A verdade é revelada quando se revela por si mesma.

Anna balançou a cabeça, como se dissesse: *Não é ninguém importante.*

Às 5h45 da manhã de sábado, ela foi acordada no susto, por um grito atípico. Pulou da cama e saiu correndo escada acima, dois degraus por vez. Era Polly Jean. Um dente estava cortando sua gengiva. Dez meses era tarde para o primeiro dente; o primeiro dente de Victor tinha nascido aos cinco meses, e o de Charles, aos quatro. Ela deslizou o polegar pela boca da filha e confirmou a presença de uma pequena protuberância branca. Polly rebatia o incômodo com uma série de furiosos resmungos infantis. Anna a segurou nos braços, emitiu um barulhinho para acalmá-la e ninou-a, tentando fazer com que pegasse no sono. Ou numa espécie de sono.

Não se engane: tudo possui uma variante. Como espécies de verdade e espécies de amor, existem também espécies de sono. O sono mais profundo é só para as crianças ou para os loucos patológicos. Todos os outros mortais devem pagar a cada noite sua

devida cota de agitação.

O céu ainda estava escuro e a vizinhança, em silêncio. Da janela acima do berço de Polly dava para ver o modesto campanário da igreja. A família Benz morava, literalmente – e também metaforicamente –, à sombra da Igreja Reformada Suíça. Com uma dedicação de trinta anos que terminou apenas com sua morte, Oskar Benz, pai de Bruno e Daniela, foi o *Pfarrer* da congregação, seu pastor.

Na Suíça, ir à igreja é uma questão de hábito, não de fervor religioso. Por lá, mesmo um cristão praticante não fica se exibindo. Isso é um disparate norte-americano. A fé suíça parece mais burocrática. O sujeito é batizado na igreja, casa-se na igreja, é louvado na igreja, e só. Contudo, quando Bruno e Anna foram à *Gemeinde* apresentar os documentos para o visto de permanência dela, perguntaram-lhe qual era sua preferência religiosa. As igrejas são sustentadas por impostos; o dinheiro é distribuído de acordo com a afiliação dos cidadãos.

Assim como nos Estados Unidos, embora a maioria dos cristãos suíços não frequentasse as igrejas regularmente, mesmo as menores cidades possuem pelo menos uma *Kirche*. Em Dietlikon, havia três: a congregação que Oskar Benz um dia liderou, uma igreja católica a quinhentos metros da casa de Anna e Bruno, e um grupo ortodoxo de população tão escassa que sua igreja não tinha endereço fixo. Os membros se reuniam num prédio alugado, comum, em frente ao cemitério. Ursula ia à igreja aos domingos e às vezes levava os netos junto. Bruno e Anna ficavam em casa.

Anna tinha um conhecimento superficial e vacilante sobre religião. Seus pais, num momento de fé quando ela era adolescente, flertaram brevemente com a Igreja Episcopal. Frequentavam a igreja de forma esporádica, durante quase um ano, até encontrar outras atividades para ocupar as horas livres das manhãs de domingo (para a mãe de Anna, foram os *brunches* com as amigas, e, para o pai, as partidas de golfe). Foi muito mais um caso de desencanto do que de oposição teológica. Apenas não tiveram fôlego suficiente para continuar. Portanto, a formação espiritual de Anna ficou relegada a expressões culturais de fé: o menino Jesus no Natal e os presentes,

a ressurreição de Cristo na Páscoa e os coelhinhos de chocolate, além do exemplar de *Pássaros feridos* retirado da estante da mãe.

Ela não se opunha à crença religiosa. Apoiava a ideia como princípio, ou mesmo na prática. Embora não tivesse certeza se acreditava ou não em Deus, queria acreditar. Esperava acreditar. De vez em quando, pelo menos. Em outros momentos, a crença a enchia de terror. *Não existem segredos para Deus. Não sei se eu gosto disso.* Mas ela *sabia*: não gostava.

Qualquer um pode sentir o mesmo ao caminhar pelo centro de Zurique; a Altstadt é lotada de importantes igrejas históricas. Para onde quer que se vire, é possível notar a presença do Olho de Deus. A Fraumünster é famosa pelos vitrais assinados por Chagall. O relógio no campanário da St. Peter é um dos maiores de toda a Europa. A Wasserkirche foi construída no lugar onde Felix e Regula, os santos padroeiros de Zurique, foram martirizados. E a cinzenta e imponente Grossmünster foi erguida no ponto exato para onde se diz que esses mesmos mártires teriam levado suas cabeças cortadas antes de enfim (e sem mais nenhum assunto a resolver) libertarem suas almas para a morte.

Felix e Regula. Felicidade e ordem. *Só podiam ser mesmo de Zurique, para carregar a própria cabeça morro acima,* pensou Anna. *Uma maneira cem por cento suíça de morrer: pragmática e correta!*

Pragmática, correta, eficiente e predeterminada. Era essa teologia que mais incomodava Anna. Ela não tinha receio de pôr tal ansiedade diretamente na conta dos suíços; João Calvino, filho adotivo deles, tinha insistido em dizer que era impossível aos pecadores escolher de forma consciente o caminho de Deus, tinha ensinado que todos haviam caído em desgraça, que todos estavam perdidos. Ele nos chamou de escravos da depravação, sujeitos aos caprichos da Vontade Divina. Não há nada que possamos fazer para nos libertar. O destino de todos os homens está predeterminado. A eternidade já está determinada. Rezar é inútil. Você comprou um bilhete de loteria, mas o sorteio é de cartas marcadas. *Por que se preocupar, se não há nada a fazer?* Era só isso. Era inútil. Então, sempre que essa crise se apresentava, Anna lembrava a si mesma que, de uma maneira ou de outra, pouco importava. Ou bem seu

destino estava previamente decidido, ou bem ela não tinha destino algum. Não havia nada que pudesse fazer para mudar isso. Portanto, quando se preocupava, nunca era por muito tempo.

Pelo que todos diziam, Oskar Benz era um pastor querido. Era muito generoso, muito sensato, perspicaz, bondoso e sábio. Mas Anna não sabia nada sobre ele como marido. Essa era uma conversa que nunca tivera com Ursula. Presumia que tinha sido bom para a esposa. Eles sorriam nas fotografias, e Ursula ainda usava sua aliança de casamento. Isso era tudo o que Anna sabia. Será que ele era romântico? Beijava bem? Era pervertido na cama? Violento entre quatro paredes? *Isso não é assunto meu, pensou. Se Ursula não fala nada, não sou eu que vou perguntar.*

Os olhos de Daniela brilhavam, cheios de adoração, quando ela falava do pai.

– Eu gostava *tanto* dele – comentou com Anna. – Sinto falta dele todos os dias. O pai é o homem mais importante na vida de qualquer menina.

A única resposta de Anna foi um silêncio triste. Tinha 21 anos quando os pais morreram num acidente de carro, duas semanas depois de sua formatura da faculdade. Também amava muito o pai – e a mãe –, mas, passados dezesseis anos, o ardor tinha se dissipado (embora Anna provavelmente jamais teria descrito, de início, o carinho que sentia por eles com essa palavra).

– Não sei – respondeu ela, depois que a doutora Messerli lhe pediu para descrever a relação que tinha com os pais. – Era normal, comum.

A doutora insistiu:

– Tente mais um pouco.

Anna fechou os olhos e vasculhou a memória.

– Otimistas. Liberais, talvez. Reservados, às vezes. Sempre educados. Adequados.

Eram pessoas boas. Amavam a filha, e ela os amava. Anna deixou isso de fora.

– Hum – murmurou a doutora, anotando alguma coisa.

– O que foi?

A doutora conteve uma risada discreta. Quase nunca ria.

– É interessante como nossa alma busca o equilíbrio. Procuramos o que nos é íntimo, familiar. Aquilo que talvez já conheçamos desde antes de nascer. É inevitável.

– O que você quer dizer?

– Você descreveu os seus pais?

– Descrevi.

– Pois também descreveu os suíços.

Bruno raramente falava de Oskar. Eles esquiavam juntos, faziam trilhas, acampavam e pescavam. Bruno era um bom pai; Anna supunha que Oskar também tivesse sido. Muito antes de Anna conhecer o marido, ele já deixara de frequentar a igreja, e ela nunca havia perguntado o que ele pensava sobre Deus. *Nenhuma vez*, pensou Anna. *Será possível? Não pode ser.* Não fazia ideia do que Bruno pensava a esse respeito. Perguntar sobre o assunto teria constrangido os dois.

Às sete da manhã, os sinos da igreja começaram a bater. Ah, os sinos. Pela manhã, despertavam-na, à noite, acalmavam-na, e, durante as horas escuras e traiçoeiras antes do amanhecer, faziam-lhe companhia. Soavam a cada hora, e duas vezes por dia tocavam por quinze minutos seguidos. Soavam aos domingos, antes da missa. Soavam em casamentos, enterros e feriados nacionais. Enquanto muitos detestavam as badaladas, outros tantos eram indiferentes a elas. Poucos eram os que adoravam aquilo. Anna, por exemplo, adorava. O repicar dos sinos talvez fosse sua única alegria na Suíça. Com a filha nos braços, deteve-se antes de admitir por completo tal ideia.

Polly acabou por vencer a dor, pegando no sono, e Anna a pôs no berço de novo e saiu do quarto. *Ela ficará bem*, disse Anna a si mesma. *É o caráter de novidade da dor que traz os gritos.* Uma dor nova, que Polly ainda não tinha aprendido como controlar. Porque até mesmo os bebês entendem a verdade cruel e instintiva: que jamais nos livramos completamente de nossas dores. Que a dor é tihosa, nunca desiste. Que o corpo se lembra do que o agride. Dores antigas são engolidas por dores novas. Contudo, as mais

novas sempre seguem o exemplo deixado.

– Qual é o propósito da dor? – perguntou Anna para a doutora Messerli.

Essa pergunta vinha perseguindo Anna durante anos e anos, como um fantasma condenado a vagar para sempre pelo sótão de uma casa, assombrando-a.

– Ela é instrutiva. Avisa sobre eventos iminentes. A dor precede a mudança. É um instrumento – respondeu a doutora, com frases típicas de manual.

Anna ficava com um pé atrás em relação a essas respostas. A doutora arqueou uma das sobrancelhas.

– Você não acredita em mim?

Anna arqueou a sua sobrancelha em réplica. *Não. Não acredito.*

Ela fechou a porta do quarto da filha e desceu a escada, para preparar um café. Pelos padrões norte-americanos, a casa deles era pequena. Os cinco membros da família Benz residiam no que somava pouco mais de 120 metros quadrados de espaço habitável. Havia dois quartos no andar de cima – um quarto que os meninos compartilhavam, e o outro, de Polly –, cada um não muito maior do que um closet de grandes proporções. No segundo andar havia, ainda, o sótão. Todo o restante encontrava-se na parte de baixo: a cozinha, o banheiro, a saleta com seu cantinho para as refeições, o escritório de Bruno e o quarto do casal. Debaixo disso tudo ficava um porão frio e cimentado. Os cômodos eram bem apertados.

Anna desceu a escada no maior silêncio possível. A casa era antiga, e os degraus rangiam e chiavam sob o peso de quem quer que fosse. Ela estava sempre atenta aos barulhos que fazia, pois, quando Bruno se achava perturbado em seus silêncios, geralmente se descontrolava, irritando-se diante dos acontecimentos mais corriqueiros e inofensivos. Anna tinha aprendido a andar na ponta dos pés e bem devagar.

A cozinha deles era pequena, estreita e entulhada. Mal havia espaço para uma bancada, muito menos para um micro-ondas, e a

geladeira só era um pouquinho maior do que aquelas encontradas em dormitórios universitários. Anna peregrinava pelos supermercados pelo menos duas vezes por semana. Era esse o seu plano para a tarde de sábado. Estivera ocupada nos dias anteriores, tendo se esquecido das compras. A despensa estava praticamente vazia.

– Uma mulher moderna não precisa levar uma vida tão restrita. Uma mulher moderna não precisa ser tão infeliz. Você devia ir a mais lugares, devia fazer mais coisas.

A voz da doutora Messerli não escondeu sua impaciência.

Anna se sentiu repreendida, mas não retorquiu.

Ela foi para a saleta, levando o café. Seus livros de alemão e todas as anotações da noite anterior continuavam espalhados sobre a mesa de jantar, como se fossem roupas usadas atiradas em cima da cama. A janela da saleta dava para o celeiro dos vizinhos, Hans e Margrith Tschäppät, um casal de idosos. Os dois tinham passado a vida inteira em Dietlikon. Hans era um agricultor gentil e alegre que sempre acenava para Anna, de seu trator, quando se cruzavam descendo ou subindo a colina nos fundos da casa dos Benz. Hans dava a ela potes de mel produzido por suas abelhas, e duas vezes por ano podava as macieiras deles. Margrith também era agradável. Contudo, tinha olhos de águia, e Anna achava que a velhota sempre sabia demais sobre a sua vida, mais do que ela gostaria de revelar. Nunca a flagrou olhando-os pela janela ou revirando as latas de lixo da família, mas havia algo nas perguntas que fazia – por mais amistosas que parecessem – e na forma como as fazia, sempre de olho vivo. *Wohin gehen Sie, Frau Benz? Woher kommen Sie?* Na tarde da quarta-feira anterior, aliás, Margrith tinha dado de cara com Anna assim que ela descera do trem, recém-saída da cama de Archie. O cabelo dela estava todo desgrenhado, e a maquiagem havia perdido a batalha para o suor. *Grüezi, Frau Benz; woher kommen Sie?*, perguntou.

Estou voltando da minha aula de alemão, senhora Tschäppät, respondeu Anna. Em seguida, cada uma retomou o caminho que fazia antes de se cruzarem. Assim tão cedo, as janelas de Margrith e Hans ainda estavam fechadas. O sol de sábado ainda não surgira.

Polly Jean acordou de vez por volta das sete e meia da manhã. Bruno e os meninos levantaram às oito. O tempo estava uma delícia; era um dia generoso e ensolarado. Os dois meninos, após uma bela noite de sono, faziam as paredes da casa estremecerem com a energia acumulada enquanto dormiam, feito um par de baterias recarregadas. Anna mandou que brincassem do lado de fora, no quintal. Charles saiu trotando pela porta, sem responder com nenhum desaforo. Victor se jogou no sofá, fingindo não ter ouvido nada. Quando Anna lhe disse mais uma vez que fosse para o quintal, começou o mau humor. Ele queria ir de bicicleta até a casa de um amigo. Queria assistir aos desenhos na televisão. Queria ficar no andar de cima. Queria que Anna o deixasse em paz. Foi aí que Bruno interveio. *Vai!* Isso bastou para Victor ceder. Uma palavra curta e grossa pronunciada com seriedade pelo pai.

Charles era o filho mais tranquilo de Anna. Uma criança agradável, estava sempre disposto a ajudar e pouco propenso a se irritar. Comportava-se bem e raramente se chateava. Era um menino feliz. Victor, ao contrário, quase nunca parecia totalmente feliz. Um bom filho, a seu modo, além de engraçado, inteligente, encantador e, às vezes, sensível demais para a idade (*Mãe, disse uma vez para Anna, eu vou sempre te amar, mesmo que o papai não te ame mais*). Contudo, também era egoísta. Tendia a ser mesquinho e não gostava de dividir. Era inflexível e tinha dificuldade para se adaptar aos planos ou às necessidades dos outros. E, quando se sentia desprezado, tornava-se rabugento e mal-humorado. Nessas ocasiões, Anna achava impossível gostar muito dele.

Victor era mesmo filho do pai que tinha.

Sobre Charles, Anna disse à doutora Messerli:

- Ele não tem malícia nenhuma, nenhuma.
- E Polly Jean?

– Ainda não a conheço.

A doutora Messerli imaginou ter entendido o que Anna queria dizer.

– E Victor?

– Ah, o Victor eu conheço. – Não queria admitir nada em voz alta, mas, se fosse pressionada (e apenas se fosse muito pressionada), teria de confessar que, dos dois filhos, Charles era o seu preferido. – É claro que eu amo o Victor.

Anna ficava cheia de remorsos.

A doutora Messerli desenhou um diagrama. Era a imagem de um círculo, dentro de um círculo, dentro de outro círculo. Fez Anna se lembrar das bonequinhas russas, as *matrioskas*, ou de seu conjunto de potes de vidro, um encaixado dentro do outro.

– Está vendo esses círculos? São *you*. O círculo de fora é o ego. O ego é o traje que a sua psique veste. Como você é vista pelo mundo. É a primeira parte de você que as pessoas enxergam. – A doutora se inclinou à frente e encostou a caneta-tinteiro no círculo do meio, deixando uma pequena marca de tinta se espalhar. – Aqui é onde moram os seus problemas. – A doutora traçou o círculo de novo, dando-lhe um aspecto descuidado e serrilhado.

– Como assim?

– O caos afasta o ego da serenidade, da solidez e da *coesão* do self.

Anna ficou se perguntando se a doutora tinha treinado aquela fala; parecia altiva e ensaiada.

– Qual é a solução?

A doutora Messerli recostou-se na cadeira.

– Não existe uma solução que se encaixe em todos os casos.

– Qual é a diferença ente o self e a alma?

– Anna, nosso tempo terminou.

Certa vez, Anna leu em algum lugar que *as prostitutas se tornam as melhores esposas*. Estão acostumadas ao humor oscilante dos

homens, guardam seus corações partidos para si mesmas e, como mulheres fáceis que são, superam com facilidade as tristezas.

Essa ideia invadiu o pensamento de Anna quando, em frente ao supermercado Coop da Industriestrasse, ela depositou uma moeda de dois francos no devido local, liberando o primeiro carrinho de compras da fila. A ideia foi evocada pela simples ação de enfiar um objeto no buraco adequado a ele.

Ursula tinha oferecido a Anna uma carona até o supermercado. Era um gesto de bondade da parte dela, e a nora o aceitou com o maior prazer. Anna disse a Bruno que levaria Polly Jean sem problemas, caso ele ficasse de olho nos meninos. *Tá, tá*, respondeu ele, dando-lhe adeus e pedindo que trouxesse seis garrafas grandes de água, bastante queijo *quark* e três ou quatro barras de chocolate amargo. Sob esse aspecto, Bruno era extremamente suíço: adorava doces. Anna anotou tudo.

Ursula ficou empurrando o carrinho de bebê, enquanto Anna manobrava o carrinho de compras. Polly estava agitada, ainda incomodada pelo dente. Anna olhou para a filha, desejando que parasse de chorar.

Dietlikon não carece de opções de comércio. Ao sul dos trilhos ferroviários, há uma oferta abrangente – e, de certo modo, indecente, considerando uma cidade cuja população mal chega a sete mil habitantes – de lanchonetes, lojas e serviços: uma loja de eletrônicos, uma filial da IKEA, uma imensa loja de material de construção. Há uma Toys “R” Us, uma Athleticum, algumas sapatarias, um mercado de peixe e uma esmalteria. Existe, ainda, um cinema multiplex com fileiras em layout de estádio, uma Qualipet, uma pista de boliche, uma loja especializada em itens de montaria, um lava-jato, uma pizzaria, uma loja de móveis para bebês, uma loja de departamento para classes mais baixas e um restaurante mexicano. Há, também, várias lojas descoladas para adolescentes, um posto de gasolina, uma farmácia, uma loja de filmes eróticos, uma loja de produtos naturais, e, além do supermercado Coop na Industriestrasse, tem o Coop City, onde, uma quadra depois, é possível encontrar, além de comida, acessórios para casa, roupas, produtos de beleza e produtos naturais, brinquedos e

jogos. Tudo o que um corpo pode desejar cabe em alguns convenientes quarteirões de comércio, servidos por uma linha de ônibus. Um círculo limitado, fechado, de pequenas necessidades e desejos fúteis.

Um círculo, dentro de um círculo, dentro de outro círculo. Anna não conseguia imaginar o que aconteceria se olhasse para além de seu mundinho altamente restrito.

Anna e Ursula tinham uma relação complicada. Ursula era um amálgama consistente de inconsistências. Às vezes era leal, aberta à interação, fácil de lidar, generosa e prestativa. Em outras ocasiões, mostrava-se indiferente, impossível de agradar, excessivamente pontual, apática e furiosa. Era esse o lado que ela mais compartilhava com a nora.

O humor da minha mãe também oscila, dizia Bruno.

– Quando o humor de alguém está desequilibrado, a psique sempre tentará trazê-lo de volta ao equilíbrio. Uma oposição inconsciente emergirá. As tensões buscam o alívio. A tristeza se apega a qualquer estado elevado que encontrar. O tédio procura a atividade. Existe uma correlação entre a severidade dos humores de um indivíduo e a falta de autoconhecimento. Tudo isso – acrescentou a doutora – independentemente de um diagnóstico clínico de transtorno de humor.

Anna algum dia já tinha ficado mais falante ou com a fala mais acelerada do que o normal? Já havia oscilado entre uma imensa dúvida e a certeza absoluta? Já se sentira ao mesmo tempo exultante e deprimida? A doutora fez as perguntas tão rápido que ela não teve tempo de absorvê-las, então simplesmente disse:

– Às vezes eu fico triste. Às vezes eu fico ansiosa.

A doutora Messerli respondeu prescrevendo um tranquilizante suave.

Como Anna previa, o Coop da Industriestrasse estava apinhado de gente. Ursula segurava uma lista de compras na mão, e ela segurava

outra. Polly Jean, por sua vez, com a apreensão típica dos bebês de sua idade, ocupava-se observando a confluência de consumidores que circulavam pelo supermercado.

Elas estavam no corredor de frutas e legumes. Ursula examinava as nectarinas. Deve ter inspecionado umas vinte antes de escolher as quatro que levaria para casa. Anna estava pensando se levava ou não os cogumelos, quando sentiu algo vibrar no bolso do casaco. Era o seu celular. Ela o pegou, abriu o *flip* e atendeu sem ver quem estava ligando.

– Alô?

Era Archie. Não queria esperar o início da semana para falar com ela. *Vem pra cá, Anna*, disse ele. *Vem pra cá*. Ursula olhou de relance para a nora, mas logo voltou a atenção para as nectarinas. Anna ficou em silêncio.

– Você está aí? Alô?

– Edith, que bom que você ligou – respondeu Anna, num tom de voz impassível. Não vacilou um segundo sequer. Ursula voltou e pôs o saco de nectarinas no carrinho de compras. *Edith Hammer*, sussurrou Anna. Ursula deu de ombros e se virou, empurrando o carrinho de Polly para o lugar onde estavam o aipo e o alho-poró.

– Você não está sozinha?

– A gente se fala na segunda, está bem?

Ela se sentiu envaidecida. E irritada. Ursula ergueu um saco de vagem com a mão esquerda e fez um sinal com a direita para que a nora a seguisse até o corredor dos temperos. Anna desligou o celular, sem se despedir.

Vinte minutos depois, elas pagaram pelas compras e foram embora. Passava um pouco do meio-dia.

– Mas *quem* é Stephen, Anna?

4

Na segunda-feira seguinte, todos os alunos inscritos no Deutschkurs Intensiv foram à aula, inclusive Anna e Archie. Archie tinha chegado na hora, e, quando Anna apareceu, com quinze minutos de atraso, ele preenchia calmamente uma folha de exercícios junto com os demais. As dobradiças da porta chiaram assim que ela girou a maçaneta, e todos olharam para cima, vendo-a entrar encolhida. Anna pediu desculpas em voz baixa e se esforçou para agir com naturalidade ao sentar no único lugar disponível: a cadeira vazia entre Roland e Mary, a canadense. Mas, além de passiva, Anna também era desastrada, e, enquanto revirava a bolsa com uma das mãos, parece ter esquecido que a outra mão segurava um copinho frágil de papel, com café quente. Derramou o líquido todo – em si mesma, na mesa e em Mary.

Anna e Mary gritaram ao mesmo tempo. Mary deixou escapar um *Ai, meu Deus!*, e Anna bradou um *Minha Nossa Senhora!*, que, até para seus ouvidos acostumados, soou um pouco rude. Roland fez uma cara de irritação. O café escorreu pela frente do suéter de Anna e sujou os punhos e as coxas de Mary. Sua folha de exercícios ficou destruída. Anna sussurrou um frágil pedido de desculpas, levantou-se e saiu da sala. Mary foi atrás dela. Os olhos de Archie permaneceram concentrados no papel.

No banheiro, Anna tentou remover a mancha esfregando, soprando e dando batidinhas no suéter. Não adiantou nada. O *cashmere* estava arruinado. Era uma de suas roupas favoritas, isso porque tinha grande queda por bugigangas e adornos, sendo dona de belas e diversas peças. Aquele tinha sido um presente de Natal de Bruno, e ela devia ter pensado duas vezes antes de vesti-lo para ir à aula. Porém, convencera-se a usá-lo, pela manhã, ao imaginar o prazer que sentiria mais tarde, diante do tecido macio e delicado,

quando fosse facilmente convencida a tirá-lo. Ficou pensando que Archie enfiaria as mãos pela extremidade inferior do suéter, deslizando-as para sua cintura, e faria com que escorregassem pela parte interna de seus braços erguidos, passando a peça por cima de sua cabeça, livrando seu corpo daquilo, e depois a levaria para a cama e cometeria barbaridades com ela no mínimo pelas duas horas seguintes.

Anna gostava e não gostava de sexo. Precisava e não precisava de sexo. Sua relação com o sexo era uma parceria conturbada que tinha origem tanto na passividade quanto no desejo incontestável de ser entretida. E desejada. Ela desejava ser desejada.

O anseio por diversão era um desdobramento recente; já o desejo de ser desejada contabilizava algumas décadas. Porém, ambos derivavam de uma letargia nascida a partir de pequenos rancores e injúrias leves e triviais, que Anna punha na conta de Bruno, considerando os dez anos anteriores. Daí veio o tédio, e do tédio surgiram hábitos específicos. Quanto a isso, não podia culpar o marido. Assim como a habilidade de abrir aquele sorriso que transmitia sinceridade, Anna aprendeu a agir assim ao se acomodar, ao se *conformar*.

O caso com Archie tinha e não tinha a ver com sexo. Anna era frágil, e sabia disso. Mas ainda era jovem o suficiente para ser considerada bonita de acordo com certo tipo de iluminação e com o gosto de certos tipos de homem.

– O que você acha determinante para que a vida de alguém seja um sucesso? – perguntou a doutora Messerli.

– Você quer dizer o que faz uma pessoa se sentir realizada?

Elas vinham conversando sobre um assunto que não estava relacionado a sucesso. A doutora fechou os olhos, tentando encontrar as palavras certas.

– Esse sucesso sobre o qual estou falando é aquele que aparece quando, por exemplo, uma mulher vive uma vida de tal maneira satisfatória, que, ao contemplar o passado, já com uma certa idade, ela consegue declarar com segurança: ‘Tive uma vida consciente,

proveitosa, saudável e completa. E preenchi essa vida com o máximo de coisas que eu acreditava valerem a pena e que ela comportava.' É isso que quero dizer. Entendeu? Isso é algo que você deseja?

– Não sei. – Anna não desejava.

– Também não sei se é o que você quer – concordou a doutora Messerli.

A camisa de Mary ainda tinha condições de ser usada, mas sua calça jeans estava ensopada na altura das coxas. Ela se pôs a falar enquanto tentava secar a calça, usando um maço de toalha de papel:

– Senti sua falta na aula semana passada.

Anna ficou esperando uma acusação, que não veio. Mary falou num tom de voz animado, e Anna ficou perplexa em ver como alguém que ela mal conhecia tinha notado sua ausência. Fazia poucos dias que o curso começara.

– Desculpa por ter derramado café em você.

Ao se dirigir à porta, para sair do banheiro, Mary gesticulou como se dissesse *não se preocupe*.

– Me diga uma coisa, Anna...

Anna ergueu os olhos, desviando a atenção do suéter, e viu a figura de Mary refletida no espelho. A mulher tinha o rosto redondo e usava o cabelo louro e encaracolado num corte curto e reto, na altura do maxilar. Era baixa e corpulenta. Não chegava a ser gorda, mas tinha seios fartos, quadris generosos, aparência maternal e, apesar do porte atarracado, era bonita, sem sombra de dúvida. Depois de observar o reflexo de Mary, Anna olhou para a própria imagem e ponderou as diferenças.

– Eu e o meu marido queríamos saber se você, o seu marido e os seus filhos não gostariam de vir jantar na nossa casa algum dia desta semana. Você tem meninos? Eles são fãs de hóquei? E o seu marido?

Anna demorou muito a responder, para frustração dela.

– Ou, talvez – gaguejou Mary –, na semana que vem. Ou não,

você é quem sabe. Como preferir.

Havia certo arrependimento na voz dela. Anna a decepcionara.

– Ah, não – disse Anna, esquivando-se. – Eu só estou um pouco distraída, só isso – completou, apontando para o suéter. – É claro... Adoraríamos ir. Tenho certeza de que os meninos... iriam amar. – Ela gaguejou ao empregar o máximo possível de gentileza na expressão “é claro”. *Essa mulher está querendo uma amiga.* Anna reconhecia esse desejo. Aquilo a fez se retrair. A solidão era sua âncora. Um sofrimento e, àquela altura, a abordagem mais segura e sensata.

Mas naquele momento, ali no banheiro, Anna se sentiu presa numa armadilha. Forçada a se forçar.

– Tenho que checar com o Bruno. Checar sua agenda, quero dizer. Mary se animou.

– É isso, *Bruno* – disse ela, como se lembrasse de um nome que nunca lhe haviam dito. – Bom, veja com ele e me dê seu e-mail. Podemos combinar algumas coisas.

– Não sou muito de usar e-mail.

– Sério? – perguntou Mary, como se nunca tivesse ouvido algo do gênero. – E por que isso?

Anna cedeu.

– Não tenho muita necessidade de usar.

– Nem Facebook, ou Myspace?

– Não.

Era uma mentira, de certa maneira. Evidente que Anna tinha um endereço de e-mail. Todo mundo tem e-mail. Era para ele que a escola dos meninos enviava seus recados. Era por meio dele que Anna confirmava as consultas no dentista. Sem essa ferramenta, jamais poderia fazer compras on-line. Contudo, não usava a conta quando não precisava. Por que enviaria mensagens para pessoas que encontrava regularmente? Com quem se conectaria, ou se reconectaria? Com aqueles parentes distantes, com os quais não mantinha contato? Seus amigos de escola ou ex-namorados? Não havia ninguém que Anna quisesse ou pudesse contatar. E ninguém queria entrar em contato com ela. Levando tudo isso em conta, a mentira ficava menos humilhante.

– Bom, de qualquer forma, não vamos esquecer de trocar

telefones, certo? Agora – Mary respirou fundo –, hora de voltar pra sala! Te vejo lá? Conversamos mais no intervalo?

– Claro. – Anna foi o mais formal possível, sem parecer rude. Estava de mau humor e sendo injusta. Corrigiu a si mesma usando um “com certeza”, e Mary foi embora.

Anna olhou mais uma vez para o suéter. *Destruí uma roupa linda*, pensou. *Não tenho nada para vestir no lugar disso*.

Num momento de anseio inequívoco, Anna se queixou para a doutora Messerli:

– Eu queria ser mais bonita.

– Você acha que tem algo de errado na sua aparência?

Anna deu de ombros. “Errado” era a palavra errada.

– Não sou nem feia nem bonita. Sou, definitivamente, comum.

– Jung disse, certa vez, que mulheres bonitas são fontes de terror. Que, de modo geral, uma mulher bonita é uma terrível decepção.

Anna acenou com a mão, mostrando não concordar.

A doutora Messerli então perguntou:

– Quando é que você vai confiar em mim o suficiente para contar tudo?

Anna examinou a própria imagem no espelho. Não era nem muito alta nem muito baixa, nem muito gorda nem muito magra. Seu cabelo, na altura dos ombros, apresentava uma ondulação suave e rebelde. A tonalidade era de terra, de barro, e o entorno da testa ganhava fios brancos (ela pintava o cabelo). *O que os homens veem em mim?* Não estava sendo modesta. Realmente não sabia.

Continuou a se olhar no espelho, contemplando o resto do corpo, e, depois de alguns instantes, voltou para a sala.

Roland estava explicando a declinação dos adjetivos. Anna fez algumas anotações e tentou acompanhar a explicação. *Adjetivos declinados. Como se fossem xícaras de chá. Não, obrigada, já tomei o bastante*. Ela marcou todos os descritivos relevantes. Solitária. Mediocre. Submissa. Calma. Assustada. *Não, não, já tenho o bastante de cada um*.

Mas a declinação, como Roland vinha comentando, é uma questão de clareza. Trata-se de construir uma frase de tal forma que a função de cada palavra não possua ambiguidade alguma; de tal forma que seja impossível haver mal-entendidos. É uma maneira de classificar as unidades linguísticas de acordo com seus objetivos; de fixar todas as palavras às sintaxes correspondentes, mantendo sempre a mesma sílaba no final. Feito uma borboleta fixa num quadro. *Aqui há um sujeito masculino, ali se encontra seu objeto feminino.* Anna abriu um sorriso de orgulho. Estavam falando do uniforme gramatical das palavras. *A insígnia do policial. A coroa do rei.*

A aliança de ouro da mulher casada.

Roland continuou falando num tom de voz monótono:

– *Ich fahre ein blaues Auto.*

Anna fazia anotações distraídas. Nas margens do livro, rabiscou setas e cruces, e com tristeza desenhou rostos de mulheres de olhar triste. Não havia motivo para aquele dia ser tão duro.

Roland prosseguiu:

– *Ich fahre ein blaues Auto. ABER, Ich fahre das blaue Auto.* Conseguiram ver a diferença?

Anna tinha conseguido. Era a diferença entre “um” e “o”.

O abismo entre o “geral” e o “específico”.

A vala vasta e insípida que separa “este aqui em particular” de “alguns deles”.

A discrepância que afasta dois “eles” quaisquer. Ela não precisava de explicações sobre o assunto.

Não, não. Já tenho o suficiente. Obrigada. É o bastante.

Mais tarde, na *Kantine*, Anna se sentou com Archie, Mary, Nancy da África do Sul e Ed, que vinha de Londres. Os falantes de inglês se agrupavam num mesmo lugar. *Os iguais procuram seus iguais; nós buscamos o que nos é familiar, exatamente como a doutora disse.* Os asiáticos sentaram-se logo atrás, isolando-se também. O casal australiano, a mulher francesa e a senhora de Moscou apartaram-se do grupo por um motivo específico: foram fumar no terraço. Por sob a mesa, Archie pôs-se a deslizar a mão pela lateral da perna de Anna. Ela sorveu o café sem piscar ou se mexer na cadeira. Ed

prende a atenção de Archie discutindo política, enquanto Mary fez um interrogatório com Anna, perguntando sobre seus filhos. Nancy ficou pulando de uma conversa para a outra, os interesses se alternando.

Anna levou outro sonho para a doutora Messerli.

Um fotógrafo quer tirar uma foto minha. Seu estúdio é feito de arenito. Ali dentro não há janelas. O lugar é um caixote fechado. Ele pede para ver a minha identidade. Só estou com a minha Ausweis. Mostro a ele, mas por algum motivo o documento não serve.

A doutora Messerli começou com algumas generalidades:

– Na interpretação dos sonhos, não existem regras impositivas. Não posso lhe dizer, ponto por ponto, o significado de cada símbolo. A mensagem do sonho depende das associações de quem o sonhou. Mas existem algumas diretrizes. Aquele que sonha sempre sonha sobre si mesmo. Cada pessoa que aparece no sonho é a manifestação de um aspecto de sua psique. Cada personagem é um reflexo de sua própria natureza subconsciente.

Anna franziu a testa, mas com um gesto de cabeça sinalizou estar de acordo.

Batendo de leve no relógio, Roland avisou sobre o intervalo. Todos se levantaram e limparam os resíduos que havia sobre a mesa, pratinhos e colherzinhas de chá e café, que sempre faziam Anna se lembrar dos pratos de brinquedo que usava, quando criança, para dar suas festinhas onde os bichos de pelúcia faziam as vezes de convidados. Tentou recordar como era ter cinco anos de idade. Também tentou se imaginar com aquela idade pensando qual seria a sensação física de ter 37. A garotinha que ela era aos cinco anos não conseguia compreender. Tratava-se de um futuro extremamente longínquo para significar alguma coisa a uma menina tão pequena.

No corredor em frente aos elevadores, Archie chamou a atenção de Anna e sussurrou *Escada* antes de se dirigir à saída de emergência. *Por que não?*, pensou Anna, deixando de entrar no elevador. Mary sinalizou que ainda havia lugar, mas ela acenou a

cabeça e disse *Tudo bem*. Assim que a porta se fechou, foi para a escada. Archie estava no patamar logo acima.

– Senti sua falta – disse ele, abraçando Anna e forçando-a contra a parede de concreto para beijá-la.

Beijaram-se por uns trinta segundos bem barulhentos, até que Anna o empurrou e os dois subiram juntos os degraus, voltando para a sala.

Não sinta falta de mim, Archie, pensou ela. *É burrice*. Parecia imprudente e improvável, inadequado e pessoalmente invasivo. Anna se deu conta da contradição. De tudo o que havia de ofensivo e impróprio no relacionamento deles, o fato de ele sentir a falta dela (ou, apenas, de dizer isso) era o menos indecente.

Roland deu uma aula sobre conjugação.

Naquela tarde, Anna e Archie se amaram apressadamente, e tudo terminou quase antes de começar. Glenn tinha um compromisso em Berna; era a vez de Archie cuidar da loja. Os dois se vestiram correndo. Anna terminaria de se recompor no trem.

No hall, Archie apontou para o suéter dela; estava do avesso. A mancha de café ficou mais perto de seu corpo. Anna nem se preocupou em voltar para o apartamento. No meio do hall coletivo, compartilhado com outros moradores, tirou o suéter, desvirou-o e o vestiu de novo. Um gesto mínimo de indiferença. *Não sinta falta de mim, Archie*, ponderou de novo. *Nem pense nisso*.

Anna caminhou até a estação Stadelhofen e perdeu o S3 para Dietlikon por questão de dois minutos. Essa estação de trem é a segunda mais movimentada de Zurique e a mais próxima da casa de Archie. Àquela hora, estava lotada. Anna ficou feliz por haver tanta gente. Não queria atenção. Comprou um pretzel de um ambulante e se sentou na extremidade norte da plataforma 2, com pouca coisa a fazer naquele momento além de refletir.

O adultério é algo assustadoramente fácil. Um sutil movimento de queixo, um sorriso. É preciso tão pouco. Ele inclina a cabeça. Há uma certa perturbação no ar. Sua percepção começa a dar o sinal. O esforço é espontâneo. Entregar-se é seu talento. Consentir, seu ponto forte. Você abdica de um pouco mais a cada dia. Não há nada que planeje. Apenas não luta contra.

Só a pontinha, pensou Anna. *E só desta vez. Mas nunca é só a pontinha.*

Anna comeu um terço do pretzel e jogou o resto fora.

Apesar do que tinha dito em sentido contrário, a doutora Messerli seguiu adiante e interpretou o sonho de sua paciente.

– A fotografia é um reflexo honesto do rosto de um indivíduo. Como se diz, as câmeras não mentem. Mas o sujeito não tira a sua foto porque você não comprova quem é. Você entrega a ele uma identidade. A sua identidade, digamos. Mas ela não é aceita. Sua identidade suíça não serve. Porque você *não* é suíça e *se identifica pouco* com este país. A casa dele é feita de areia. Não é segura em termos estruturais. Poderia desmoronar à sua volta a qualquer momento. Sem janelas, o estúdio é escuro e sufocante. Assim como a natureza do inconsciente.

Terminado o jantar daquela noite, Anna falou com Bruno e os meninos sobre o convite de Mary.

– *Im Ernst?* – A alegria dele a surpreendeu. – Está falando sério? – perguntou, com a voz animadíssima. Ele adorava esportes. Futebol, tênis, hóquei, todos eles. Já tinha levado os meninos várias vezes ao Hallenstadion para ver o ZSC Lions jogar. Claro que já ouvira falar de Tim Gilbert. – Muito legal, Anna! – Ela ficou feliz de testemunhar aquele prazer genuíno. Bruno se levantou da mesa, curvou-se, inclinou o queixo da esposa em direção ao seu e deu-lhe um beijo breve mas generoso. – *Merci vielmal*, Anna!

Mais tarde, ela ligou para Mary, e as duas acertaram os preparativos para a sexta-feira seguinte.

– Desde que nos mudamos, é nosso primeiro jantar com amigos – confidenciou Mary.

Anna não conseguia recordar a última vez em que a família Benz tinha recebido visita em casa.

Na aula do dia seguinte, Roland falou sobre os falsos cognatos, palavras em alemão que soam como palavras em inglês, mas cujo significado é totalmente diferente.

– *Bad*, por exemplo, não significa “ruim”, e sim “banho”. E *fast* não

quer dizer “rápido”, mas “quase”. *Lack* é “tinta”, e não “falta”.

E das Gift, lembrou Anna, é a palavra em alemão para veneno.

Anna perguntou à doutora Messerli se havia correlação entre a palavra “trauma”, em inglês, e *der Traum*, o termo alemão para “sonho”.

– Sempre existe correspondência entre os sonhos e as feridas.

Depois da aula de terça-feira, Anna foi mais uma vez com Archie para a casa dele. Ele a levou até o quarto e afirmou, sem rodeios:

– Você está com roupa demais pro meu gosto.

Archie então fez passar um pequeno botão por sua casa, depois outro, e, quando Anna ficou sem camisa, ele lambeu a diminuta cavidade côncava no topo de seu esterno e deslizou as mãos para dentro da calça dela. Enquanto isso, Anna sucumbia à ereção dele: um broto rubro, recém-florido.

Na tarde seguinte, Mary pôs Anna contra a parede, insistindo que a acompanhasse para fazer compras.

– Quero comprar um vestido novo. Semana que vem vamos fazer uma foto da família, para os cartões de Natal. Preciso de ajuda. Não tenho muita noção de moda.

Anna se sentiu de novo acuada, mas acabou cedendo.

– O almoço é por minha conta... – Mary estava ansiosa.

Anna sugeriu que tentassem o Glatt, um shopping enorme, em estilo norte-americano, que ficava em Wallisellen, uma cidade depois de Dietlikon. O lugar abrigava pelo menos uma dezena de lojas de roupa feminina e algumas lojas de departamento. Glatt é o nome do afluente do rio Reno que corre pela região de Zürcher Unterland. É também o termo em alemão para “liso”.

– *Glatt* – repetiu Mary, prolongando o som *at*. – É tão *rude*!

Ela não parou de falar durante todo o caminho, enquanto Anna apenas escutava, sem nada acrescentar. Mary era imatura e carente, mas sua ingenuidade era atenuada por uma gentileza constante, contra a qual até mesmo Anna achava difícil lutar.

– Anna, você não tem mesmo nenhuma amiga em Zurique? Nenhuma amiga só sua, sem ser do casal?

– Não. Pra falar a verdade, não – respondeu ela, admitindo o triste cenário.

– E você e o Bruno não têm amigos em comum?

Edith Hammer poderia ser considerada uma amiga. Uma espécie de amiga. O marido dela, Otto, trabalhava com Bruno. As duas mulheres não tinham muito em comum além da sina de amarem homens suíços. Mais velhos do que os Benz cerca de uma década, e duas vezes mais ricos, os Hammer tinham um barco e filhas gêmeas adolescentes. Moravam em Erlenbach, na margem leste do Zürichsee, uma preciosa extensão de terra conhecida como Goldküste, Costa Dourada. Exigente e detalhista, Edith estava sempre de olho no status social das pessoas e era totalmente pretensiosa, sem remorso algum. Tinha opinião sobre tudo. Quando Anna comentou com ela sobre as aulas de alemão, Edith riu e exibiu uma expressão de indiferença. *Por que se preocupar? Todo mundo aqui fala inglês, ora.*

Anna respondeu à pergunta da doutora:

– Não, de fato, não.

Mary ficou deslumbrada com o shopping. Ela esfregava as mãos e balbuciava sons incompreensíveis enquanto as duas passavam os olhos pelas araras de algumas das lojas mais sofisticadas. Contudo, o gosto de Mary não era tão requintado assim, e acabaram numa H&M, onde ela encontrou um tubinho preto de lã que Anna jamais teria escolhido para si, mas que de fato caiu bem na amiga. Mary complementou a compra com uma meia-calça canelada, e Anna, num impulso, escolheu um conjunto de calcinha e sutiã de cetim, em tom de ameixa.

– Ah, o Bruno vai amar, Anna!

Depois, elas se sentaram num café no meio do shopping. Mary pediu uma sopa, e Anna só quis uma garrafa de Rivella, refrigerante suíço feito a partir do soro do leite. Mary pediu um gole. Anna avisou que talvez ela não fosse gostar. E não gostou mesmo. O apreço por

esse tipo de bebida só é adquirido com o tempo.

As duas ficaram sentadas sem se falar por uns dois minutos, constrangedores, até que Mary quebrou o silêncio:

– Anna, você sente saudade do seu país?

Era uma pergunta difícil de responder. Desde o dia em que fora embora, Anna nunca tinha voltado aos Estados Unidos. Não havia nada por lá que a fizesse querer voltar. Mas ela jamais se sentiu em casa na Suíça, e nunca se sentiria.

– Não.

5

Na sexta-feira, os Benz foram de carro até Uster, jantar com os Gilbert. A cidadezinha, a treze quilômetros de Dietlikon, fica à margem leste do Greifensee, segundo maior lago do Cantão de Zurique.

– Você está linda – disse Bruno para a esposa, enquanto andavam em direção à entrada da casa de Tim e Mary.

A gentileza em suas palavras teve um efeito encantador e inesperado. Ele não era um sujeito mal-humorado o tempo inteiro; ninguém é. Mas todo mundo apresenta certas tendências, e a dele era a irritabilidade.

Mary se apresentou, depois apresentou Tim, a filha deles Alexis e, por último, o filho Max. Anna, por sua vez, apresentou Bruno, Victor e Charles. Tinham deixado Polly Jean com Ursula.

Os Benz levaram presentes. Anna cutucou os meninos. Charles entregou a Mary uma caixa de bombons Lindt, e Victor deu a ela uma garrafa de licor de cereja. A anfitriã agradeceu, mas fez questão de dizer que não era necessário.

– Não seria nada suíço se a gente chegasse de mãos abanando – comentou Bruno.

Todos foram, então, para a sala, onde Mary começou a oferecer as bebidas. Ela falava num tom de voz sincero, enquanto servia cerveja para os homens e vinho doce para ela e Anna. As crianças estavam tímidas, até Mary dizer a Max que ele e Charles tinham a mesma idade e que talvez fosse bom levar o novo amigo ao seu quarto, para lhe mostrar a coleção de trens. Os dois saíram em disparada ao ouvir a sugestão.

– Alexis, por que você e o Victor não sobem também? – continuou ela.

Alexis era um ano mais velha do que Victor, e eles não queriam

brincar juntos. Porém, Alexis tinha um videogame e, em situações de aperto, esse tipo de coisa sempre salvava. Os dois acabaram dando de ombros e subindo a escada.

Os adultos se sentaram: Bruno e Anna se acomodaram num sofá de dois lugares, Tim se pôs numa cadeira de espaldar reto e Mary se sentou no chão, ao pé do marido. Anna ofereceu-lhe seu lugar, mas Mary não aceitou, explicando que estava confortável ali. Pela terceira vez, no mínimo, desde o convite, Mary mencionou que os Benz eram os primeiros convidados da família desde que haviam se mudado.

– *Zum Wohl!* – disse Bruno, conduzindo o brinde.

E assim começou a noite.

Enquanto bebericava o vinho, Anna ficou examinando a casa. A sala era um ambiente acolhedor, surpreendentemente familiar, apesar da estadia ainda breve dos Gilbert. Estantes de livros cobriam as paredes. Estavam tomadas por livros policiais, de ficção, títulos infantis, enciclopédias, livros de receitas e alguns volumes de psicologia pop. Porta-retratos com fotos de família preenchiam os espaços onde não havia livros; num deles, estava o que Anna deduziu ser a foto de Natal do ano anterior. Os Gilbert usavam suéteres de cor vinho, todos combinando. Quatro rostos sorridentes à frente de um cenário fixo invernal. Os Benz nunca haviam tirado uma foto natalina em família.

– Anna, as aparências costumam enganar muito.

Ela não precisava que a doutora lhe dissesse isso. Logo que se mudou para Dietlikon, percebeu que havia muitos decalques de pássaros pretos, grandes e sem graça afixados em diversas janelas. *Ah, isso deve ser um costume local*, pensou. Uma tendência de design. Supôs ser apenas um hábito que as pessoas cultivavam na Suíça. Levou meses – talvez até um ano – para perceber que os adesivos tinham o propósito prático de evitar que pássaros de verdade, de carne e penas, batessem contra as vidraças. Anna nunca tinha morado em nenhum lugar onde os pássaros colidiam frequentemente com janelas.

Confessou o equívoco para Bruno, assim que se deu conta. Ele riu

durante uns dez minutos. Disse que era a coisa mais engraçada que tinha ouvido naquela semana. Anna se sentiu indignada, depois envergonhada e, por fim, humilhada. Achou-se minúscula, burra, e começou a chorar.

– Poxa, Anna – disse Bruno, embora não tenha exatamente parado de rir. – Eu te amo muito, sua bobinha. – Então se inclinou, beijando-a na testa, na bochecha, nos lábios e no nariz. – Muito, muito, sua bobona.

Antes desse dia, ele nunca dissera nada tão amável assim para a esposa. Mas continuava rindo dela mesmo quando saiu da sala.

Não eram pássaros de verdade. E Bruno não estava sendo uma pessoa má, não mesmo. Eram uma espécie de pássaros. E o marido, naquele momento, demonstrava o único tipo de carinho que sabia demonstrar.

Bruno e Tim se envolveram numa conversa sobre os times da Liga Nacional Suíça. Anna ficou prestando atenção, até que Mary sugeriu que ela a seguisse rumo à cozinha. As duas receberam dos maridos acenos automáticos de despedida, mas os dois não se desvencilharam do papo.

Na cozinha, Mary apontou para uma mesa lateral alta, ladeada por duas banquetas com encosto. Anna reconheceu o conjunto. Vinha direto do estoque da IKEA.

– Sente um pouquinho, Anna.

Anna obedeceu. Mary se pôs a abrir portas: da geladeira, do forno e da despensa. Estava à vontade em sua cozinha, como uma boa dona de casa, parecendo uma abelha perto do mel. Enquanto mexia, fritava e provava o que estava preparando não deixava de cantarolar. Era uma mulher bonita, mas de certa maneira comum e pálida, a típica mãe canadense do interior. Suas roupas eram funcionais; usava um penteado prático e pouquíssima maquiagem. *Mulheres de atletas não costumam ser mais espalhafatosas? Em geral, não têm mais estilo?* Anna não via nada de presunçoso em Mary, em sua cozinha, em sua casa ou família. Atribuiu isso ao pragmatismo dos Gilbert, característico da região de Manitoba. Mary era quatro anos

mais nova que Anna, conforme haviam descoberto durante o intervalo de uma das aulas daquela semana.

A descoberta mexeu com a vaidade de Anna. *Será que pareço tão matrona quanto ela?* Naquela tarde específica, no apartamento de Archie, sem sutiã e montada sobre ele, Anna lhe fez essa pergunta, pedindo que pensasse bem antes de responder. Ele jurou, pelos ossos de algum herói escocês de quem ela nunca ouvira falar, que *não*. Anna se sentiu um pouco melhor.

– O Bruno parece ser *muito* legal, Anna. E os seus filhos, nossa, que amores!

Anna sorveu um bom gole de vinho e murmurou algo como *Parecer e ser são primos, não irmãos*. Bruno *estava sendo* gentil e carismático, mas aquela era apenas uma noite entre outras mil.

– Fico feliz de vocês estarem aqui – declarou Mary, deixando escapar certa melancolia nas palavras, como a água que escorre do pano próprio para se fazer queijo. – Os outros jogadores do time são casados com mulheres suíças, e eu ainda não conheço nenhuma mãe da escola do Max e da Alexis. Sei que vou acabar conhecendo mais gente e fazendo amizade. Todos são bem legais, mas muito frios, não é? Você sabe.

Anna assentiu.

Mary tirou a carne assada do forno e arrumou-a numa travessa. Anna se levantou para ajudar, mas a anfitriã a conteve.

– Não precisa, obrigada.

Anna voltou a se sentar na banquetta.

– Anna, demorou quanto tempo pra você se adaptar, pra se sentir em casa aqui na Suíça?

A voz dela estava ancorada na esperança de que a resposta fosse algo como *Não demorou muito, não*. Mas não foi o caso.

– Bom... – Anna recuou. – Mary, não é tão ruim assim, de verdade – mentiu. – É só que existe esse clima gelado pra tudo que é canto. Você vai encontrar o ponto de apoio para os seus pés e o tipo de marcha mais adequado. Os passos que lhe servirão melhor. É bom você estar fazendo o curso de alemão. Eu esperei nove anos, muito tempo.

– Mas, Anna, o seu alemão é o melhor da sala.

– Também, eu sou a única pessoa ali que mora em Zurique há mais tempo. Todos vocês só estão aqui faz poucos meses.

Mary pegou a travessa de carne assada e, com o cotovelo, indicou onde estava a saladeira. Anna apanhou a vasilha e seguiu-a rumo à sala de jantar.

– Que bom que a gente se conheceu! – disse Mary. – A gente podia fazer algum programa depois da aula, semana que vem. Não importa o quê. Estou feliz de ter alguém com quem conversar. E parece que o Tim também.

Mary apontou para a sala, onde Tim e Bruno estavam sentados, inclinados para a frente. Bruno usava a mesa de centro como escrivaninha e fazia anotações rápidas num pedaço de papel arrancado de um caderno espiral cheio de enfeites. Anna supôs que estivesse dando uma consultoria financeira. Mary convocou a todos:

– A comida está na mesa!

Max e Charles desceram correndo a escada. Ela gritou de novo, chamando Victor e Alexis. Os dois discutiam para decidir de quem era a vez de jogar o videogame.

Max ficou na cozinha, rodeando a mãe.

– Meu amorzinho, me dê licença, por favor.

Ele continuou no mesmo lugar.

– Mãe!

– O que foi, meu coração? – perguntou ela, esquivando-se do filho para tentar levar uma jarra de água até a sala de jantar.

– É que o Charles me contou um *segredo*!

Anna olhou de relance para Charles, que se encolhia junto ao batente da porta, com cara de envergonhado.

Mary também notou a angústia do menino.

– Max, se é um segredo, você não pode nem pensar em falar *disso*. Combinado? Agora, vá lavar as mãos.

Max agarrou Charles, e os dois saíram em disparada em busca de uma pia.

Anna estava louca, quase desesperada, para saber que segredo era aquele.

– Você está escondendo alguma coisa de mim – acusou a doutora Messerli.

Anna perguntou se ela se dera conta de que o sigilo bancário era uma invenção suíça do século XX.

– Existe uma diferença entre sigilo e privacidade.

– É? E que diferença é essa? – indagou Anna, numa reação defensiva.

A doutora Messerli balançou a cabeça e fez uma anotação em seu caderninho.

Na sexta-feira, cerca de cinco minutos antes de a aula terminar, Anna tinha desviado os olhos do caderno e reparado que, do outro lado da mesa, Archie a encarava. Ele arqueou uma das sobrancelhas, e ela captou o convite implícito no gesto. Anna esperava que ele entendesse a expressão de seu rosto, querendo dizer *A gente conversa sobre isso depois da aula*. Passados cinco minutos, depois de Roland terminar sua fala, depois de Anna garantir a Mary, mais uma vez, que sabia como chegar à casa deles e que, sim, estariam lá na hora combinada, depois de Mary enfim sair para pegar seu trem e de o resto da turma se dispersar, Anna se dirigiu aos *trams*, em Sternen Oerlikon, e sem nenhum consentimento verbal conduziu Archie até o número 10. Embarcaram juntos.

Ela se sentou junto à janela e ficou observando as ruas cinzentas da cidade passarem por eles, em meio aos rangidos, conforme o *tram* seguia para o sul, rumo ao centro. O dia estava monocromático, combinando com o humor dela.

Tinham acabado de passar pelo *campus* de Irchel, da Universidade de Zurique, quando Archie se aproximou de Anna, pôs os lábios bem perto de seu ouvido e, num sussurro obsceno, disse:

– Quero meter na sua boca.

Anna permaneceu em silêncio. Ele esperou um pouco e depois repetiu:

– Quando a gente chegar lá em casa, vou meter na sua boca. Você escutou?

Em Milchbuck, subiram no *tram* duas freiras vestindo saias escuras, cor de ardósia, e véus de comprimento médio, combinando com as saias. As duas se sentaram bem em frente a eles. Anna corou por sob a roupa. Archie ignorou todas as linhas de decoro.

– Você gosta por trás? Quer que eu meta o meu pau no seu rabo?

No assento onde estava, uma das irmãs se mexeu. Archie bufou.

– Vou esfolar o seu cuzinho com esse meu pau duro e grosso.

Anna ficou imaginando se as freiras entendiam alguma coisa de inglês.

Quanto mais o *tram* se aproximava da estação central, mais explícitos ficavam os detalhes da transa iminente. *Eu vou comer o seu cuzinho. Vou enterrar meu dedo no seu rabo. Vou te encurralar contra a parede, Anna, te juro. Aí vou te deitar na mesa e esfregar minha cara na sua boceta.* A outra freira girou o corpo, mas não olhou para eles. Archie sorriu. Anna não sabia dizer o que o estava excitando mais: se a conversa obscena, a natureza agressiva do discurso, ou o público ao redor, que poderia estar ouvindo. Não o conhecia o bastante nem sequer para arriscar um palpite.

Archie continuou falando quando eles desceram do *tram*. *Vou te chicotear na cama. Amarrar seus pulsos. Vendar seus olhos e enfiar um pano na sua boca.* Os dois foram andando num passo bem rápido, Archie guiando Anna pela multidão, como um marido, a palma da mão nas costas dela, conduzindo-a por trás. *Vou chupar o seu clitóris até ele ficar todo carnudo, que nem uma ameixa.* Assim que chegaram na Altstadt, o que quer que ele quisesse executar começou a surtir efeito. Anna estava excitada, os batimentos acelerados, e começava a se sentir meio desorientada, quase prestes a deixá-lo fazer tudo o que ele havia prometido.

Mas não passara de conversa fiada. O sexo daquele dia foi direto ao ponto, ainda que transgressor. Quando chegaram ao apartamento dele, estavam tão desnorteados que nenhum dos dois se preocupou em tirar a parte de cima da roupa; Archie nem tirou o casaco. Jogou-se de costas no sofá e puxou-a para junto de seu colo nu. Ela montou nele, e ele foi abrindo-a com os polegares. Anna estava muito molhada; Archie penetrou-a sem dificuldade. Agarrou os quadris dela, como se fossem alças, e a fez cavalgar com força, para

cima e para baixo. Ela só foi se dar conta da força que ele havia imprimido no dia seguinte, durante o banho, quando viu as pequenas marcas roxas onde ele tinha cravado os dedos.

– Você está me machucando.

Era uma constatação. Não um protesto. Archie grunhiu de tal forma que Anna interpretou como se estivesse quase lá, o que de fato aconteceu. Ele saiu de dentro dela tão rápido que praticamente a empurrou para longe. Gozou com tudo, na barriga de Anna. Havia sangue no pênis dele. Muito sangue, num tom reluzente de vermelho, da cor de um sinal de “pare”, um pisca-alerta intermitente.

– Meu Deus!

Havia sangue por toda parte. No pênis dele, nas coxas dela, no colo dele, no sofá. Cintilava nos pelos pubianos de Anna, descendo-lhe pelos joelhos numa linha que chegava até a panturrilha.

– Merda!

O sangue interrompeu o orgasmo de Archie. Não havia nenhuma toalha por perto, então ele tirou a meia e entregou a ela.

– Desculpa – disse Anna, quase às lágrimas.

Archie riu, de leve, conforme ela se enxugava. Toda a violência em sua voz tinha sido substituída por uma cordialidade jovial, quase entre amigos, e pela preocupação com o bem-estar de Anna.

– Nada de desculpas. Eu é que devia me desculpar – disse ele, dando uma piscadela. – Não queria ter te rasgado toda. – Deu outra piscadela e abriu um sorriso travesso. Era a piscada errada, na hora errada. A expressão de Anna indicava isso. Archie se conteve diante da angústia dela. – Você está bem, não está?

Anna fez que sim, fungando ao mesmo tempo. Aquilo já lhe acontecera antes: sexo selvagem liberando sangue e tecido esponjoso exatamente no momento de a menstruação descer. Não era bem culpa dele. A menstruação teria descido de qualquer forma, mas talvez não naquela tarde e com certeza não no sofá dele.

– Não precisa ficar com vergonha.

Archie tentava ser gentil. Mas não precisava ser. Anna achou sua postura um tanto arrogante. Não estava nem um pouco envergonhada. *Por que ele chegou a cogitar isso? Porém, estava*

sentindo alguma coisa. Ainda não conseguia nomear o que era. Fungou de novo e esfregou as coxas com a meia. Archie sinalizou o banheiro com um aceno de cabeça.

– Tome um banho. Vou preparar alguma coisa pra você beber.

Anna se recompôs, reunindo as roupas e pegando a bolsa. Foi às pressas para o banheiro, com a meia entre as pernas e o sangue escorrendo pela parte interna das coxas. Encontrou uma toalha de rosto no toalheiro e pegou um absorvente na bolsa. Limpou-se rapidamente, vestiu-se e disse a Archie que não tinha tempo para beber nada.

– Preciso ir – declarou, já quase na porta.

Tinha deixado dentro da pia a toalha e a meia ensanguentada.

– *En guete!* – exclamou Bruno, antes de começarem a comer.

Mary perguntou o que significava, e ele explicou que era a expressão suíça para “*bon appétit*”. Mary era uma ótima *chef*, e o jantar foi bem recebido por todos. A conversa continuou num clima amistoso e animado. Tim comentou com a esposa que Bruno havia lhe oferecido consultoria financeira.

– Que ótimo! – disse Mary, soando sincera.

Bruno sorriu educadamente.

– É isso que eu faço. É o meu trabalho. Fico feliz em poder ajudar.

As crianças se comportaram bem, embora a certa altura Victor tenha ficado emburrado; não queria brincar com uma menina. Aliás, não queria nem ter ido ao jantar. Anna franziu as sobrancelhas para ele, que assumiu sua típica expressão de mau humor e resmungou qualquer coisa que envolvia ter uma mãe má, pedindo em seguida que ela parasse de encará-lo.

– Victor. – A voz de Bruno trazia em si uma advertência, e Victor respondeu com um *Tá* quase inaudível.

Naquela noite, Bruno estava um doce, totalmente disposto a defendê-la. Ela adorou. Max e Charles riam sem parar, de piadas que só os dois entendiam ou das brincadeiras que inventavam, agindo como melhores amigos. Alexis ficou sentada, entretida com a comida. Sua expressão, vaga, transmitia submissão. Obediente,

porém fria. Não exatamente passiva, mas tampouco o contrário. Anna reconhecia essa atitude, e sentiu uma pontada de compaixão. *Conheço essa menina, pensou. Já fui como ela.*

– O rosto que um indivíduo assume quando adulto é uma máscara feita sob medida para sua mocidade.

Existem muitos tipos de máscara, pensou Anna. Máscaras teatrais, máscaras de Halloween, máscaras cirúrgicas, máscaras de esgrima, máscaras de mergulho, máscaras de luta livre e máscaras de esqui. Máscaras para soldador, máscaras para esportes, vendas para os olhos e máscaras de carnaval. Além de máscaras mortuárias.

A doutora prosseguiu:

– Toda máscara se torna uma máscara mortuária quando não se pode mais colocá-la nem tirá-la à vontade. Quando ela se adapta aos contornos do rosto psíquico. Quando o indivíduo confunde o personagem que projeta com sua alma vivente. Quando ele não consegue mais distinguir uma coisa da outra.

O S3 deu um tranco abrupto assim que a Bahnhof Dietlikon ficou visível. Era um problema no projeto dos trilhos, e acontecia toda vez que o trem vindo de Stettbach chegava. Não importava a frequência desse fenômeno; Anna sempre levava um susto. Ela estava sentada junto à janela, a cabeça apoiada no vidro, quando o trem fez seu movimento usual e repentino. Anna bateu a testa, soltando um uivo de dor. Um adolescente sentado do lado oposto deixou escapar um risinho. O menino tinha um rosto rude, de gente má. Os dois ficaram se encarando por uns três ou quatro incômodos segundos, até que o celular do rapaz tocou, obrigando-o a desviar o olhar. Ele atendeu a ligação, levantou-se e foi se sentar em outra fileira de assentos. De todos os eventos ocorridos naquela última hora, foi esse o que mais constrangeu Anna.

Ela continuou no trem. Ao sair do apartamento de Archie, tinha sido tomada por um desejo egoísta de fazer uma experiência que sempre teve vontade de fazer, mas para a qual nunca arranjava tempo: percorrer a trajetória completa de uma linha de trem, em

ambas as direções. Nesse caso, para Wetzikon, o ponto final do S3 a leste, e depois de volta até Aarau, a cidade mais a oeste, antes de retornar a Dietlikon. A viagem consumiria a tarde toda. *Não sei bem por quê. Apenas quero fazer isso. Pouco importa, não?*, Anna respondeu a si mesma com insolência. Ligou para Ursula, de Stadelhofen, pedindo desculpas, e disse ter esquecido que havia marcado uma sessão extra de análise para aquela tarde. Prometeu que tentaria compensá-la da maneira que pudesse. Sua desculpa não era uma total mentira. A doutora Messerli já dissera uma vez, vinte vezes, cem vezes: *A análise acontece, esteja o analista presente ou não*. O jantar com os Gilbert só estava marcado para mais tarde. Anna tinha tempo.

O sexo tinha lhe deixado agitada. *Não*, pensou Anna, *vulnerável*. Nenhuma mulher observa o próprio sangramento sem ficar com a ideia de que há pouco mais do que pele e um conjunto de estreitas membranas vasculares sustentando-a. O brilho básico da luz do dia tornou o sangue ainda mais assombroso. Anna não tinha ficado constrangida, mas se sentiu *exposta*. O discurso pré-coito de Archie tampouco ajudara. Ela ficou incomodada ao perceber que sucumbira muito facilmente diante da insistência dele, de seus sussurros autoritários. Mas a vulnerabilidade é um ímã que sempre atrai o ataque. Certas fraquezas pedem para ser aproveitadas.

Anna passou a viagem inteira de trem alternando ciclos de egoísmo, ebulição e silêncio. A metáfora não passou despercebida. *Passageira. Passiva. Não sou a condutora da minha vida. Nem nos trilhos, nem fora deles. É nisso que sou treinada*. Teve de rir ao pensar nesses hábeis trocadilhos.

Na sessão mais recente de análise, a doutora Messerli insistira que Anna refletisse sobre a origem de sua passividade. O que ela acreditava ser a causa do problema? Anna sabia? Alguma vez já pensara no assunto? Anna tentou mentir. *É claro que já pensei sobre isso*. Mas nunca havia pensado. Não a sério. Era apenas um fato que sabia a respeito de si mesma. Só isso. O que mais poderia haver? A doutora chamou a atenção de Anna; disse que não, que ela não pensara no assunto, nem a fundo nem superficialmente. Pois, se tivesse pensado, conseguiria enxergar o que ela enxergava.

– A passividade não é a doença, e sim o sintoma. A conviência é apenas uma das diversas habilidades que você domina. Quando lhe convém, você é bem escolada na arte da provocação.

Anna encarou aquilo como uma afronta e, de certa forma para suavizar a verdade na conclusão da doutora, aceitou-a sem refutar. Uma atitude infantil, ela sabia, mas gratificante naquele momento. Quando seu trem chegou a Wetzikon, Anna percebeu que era exatamente o tipo de manipulação do qual estava sendo acusada pela doutora Messerli. Não tinha nada a ver com passividade. Era uma estratégia iridescente, uma máscara criada para dar a aparência de mulher tímida e submissa.

– De onde surgiu isso, Anna? O que pode ter causado esse tipo de comportamento?

Anna respondeu que receava não saber.

– É isso mesmo. Você tem medo – disse a doutora, e depois não falou mais nada.

De modo geral, a noite na casa de Tim e Mary Gilbert, em Uster, estava sendo bem agradável.

Até que.

Mary saiu da mesa e logo depois voltou, trazendo a sobremesa. Tim perguntou a Anna o que ela estava achando do curso de alemão.

– É bem legal, muito bom. E útil; estou aprendendo bastante.

Mary voltou a se sentar.

– Bruno, a Anna é a melhor aluna da turma, a número um. Todo mundo fica prestando atenção quando ela fala. Alguns mais do que outros, não é? Não é? – provocou, piscando para Anna, incitando-a a falar.

Anna ficou irritada com aquele piscar de olhos, aquela afetação toda.

– Como assim? – perguntou Bruno.

– Você não contou pra ele, Anna?

Anna balançou a cabeça.

– Mary, eu não sei do que você está falando – respondeu ela num

tom de voz firme e confiante.

– Ah, não seja tão modesta. – Mary se dirigiu a Bruno. – A Anna tem um admirador.

Não, Mary, pensou Anna.

– É mesmo? – indagou Bruno, deixando escapar na voz um fiapo de suspeita. Anna foi a única a perceber. – E quem é esse sujeito que admira a minha Anna?

Sua Anna. Anna disse a ele que continuava sem saber do que Mary estava falando.

Mary deu uma risadinha que, em outras circunstâncias, poderia ser considerada graciosa. Naquele momento, contudo, Anna a achou vazia e infantil.

– O nome dele é Archie, e é *uma graça* ver como ele a segue e senta ao lado dela nas aulas. Ele inclusive fica esperando a Anna e acompanha ela até o *tram* todos os dias, depois do curso.

– Até o *tram*? – Bruno pareceu estranhar a informação. Os *trams* não chegam a Dietlikon. Não haveria motivo algum para que Anna usasse esse tipo de transporte no dia a dia.

Anna interrompeu.

– Trem. Ela quis dizer trem.

– Ah, tanto faz. O homem está apaixonado, Bruno. Se eu fosse você, ficava de olho! – Mary não estava sendo prolixa; aquilo era uma piada.

Não, Mary. Não, não, não e não. Mas era tarde demais.

Mary continuou:

– Há, há. E, além de tudo, ele também é bonito, não é, Anna?

Os batimentos cardíacos de Anna dispararam, e ela entrou em pânico. Ficou horrorizada, pensando que toda aquela noite não havia passado de uma armadilha para desmascará-la como mentirosa, vigarista e vagabunda.

O rosto dela enrubesceu, e Tim intercedeu a seu favor:

– Mary, você está constrangendo a nossa convidada.

Mary interrompeu os gracejos com um sorriso sincero. Bruno também sorriu, parecendo estar alegre, mas Anna não se convenceu.

– Bom, então quem gostaria de um pedaço de bolo? – perguntou

a anfitriã.

As crianças – incluindo Alexis – gritaram em uníssono *Eu!*, parecendo famintas, e os adultos suspiraram, com água na boca. Mary cortou o bolo de limão e serviu pedaços generosos para cada um.

– *Merci vielmal* – agradeceu Bruno, e todos começaram a comer. – Mmm – saboreou. – *Sehr gut!*

E assim a noite se desenrolou, as risadas continuaram e o bate-papo prosseguiu. Bruno deu mais alguns conselhos financeiros e, como forma de agradecimento, Tim convidou ele e os meninos para assistir a um jogo do ZSC Lions. Bruno levantou uma das mãos em protesto – Tim não precisava fazer aquilo –, mas acabou aceitando o convite, feliz da vida. Mary serviu café, e as crianças foram liberadas para brincar no andar de cima. Do ponto de vista de uma pessoa qualquer, o jantar terminara tão bem quanto havia começado.

Porém, Anna tinha visto acontecer. O ar entre ela e Bruno ficara carregado quando Mary havia dito em voz alta as palavras “apaixonado”, “bonito”, “admirador” e “*tram*”.

Vou pagar por isso, pensou ela.

Quando chegou o momento de a família Benz ir embora, houve apertos de mão, e planos genéricos foram feitos para “uma próxima vez”.

– Vejo vocês no jogo semana que vem – reforçou Tim, dirigindo-se a Bruno e aos meninos.

– E eu te vejo na aula segunda-feira. – Mary disse a Anna.

Max acenou para Charles, que acenou em resposta. Victor e Alexis se separaram sem se despedir, e os Benz pegaram o carro para voltar para casa. Os meninos adormeceram no caminho.

O ar estava sufocante. Anna tentou puxar assunto.

– Foi legal, não achou?

Bruno grunhiu.

– Quem é Archie?

– Ah, não é ninguém. É só um cara lá da nossa sala. Ele gosta de mim, acho. Bom, é o que a Mary diz. Eu não percebi nada.

– Sei.

A volta foi mais rápida do que a ida, e logo os Benz estavam em

casa. Era quase dez horas quando Bruno entrou na Rosenweg, embicou de forma brusca na garagem e desligou o carro.

– *Wacht auf* – gritou ele, por sobre os ombros, ao descer do carro. Os meninos estavam sonolentos e saíram arrastando os pés. Bruno fechou a porta com força. Anna notou com certo alívio que não tinha sido um golpe tão forte assim.

Chamou por ele, enquanto Bruno abria a porta de casa.

– A gente esqueceu da Polly.

Bruno pôs os meninos para dentro e mandou subirem a escada para irem dormir. Anna fechou a porta do carro e foi atrás dele.

– Bruno?

Ele murmurou algumas palavras, e Anna entendeu algo como *Vai lá buscá-la você*.

Da porta da casa deles até a de Ursula gastavam-se dois minutos, se tanto. Anna não estava com pressa. Pegou um caminho sinuoso e inclinado, que a levava na direção oposta, subindo a colina atrás da casa deles. Era um percurso que fazia com frequência; conhecia-o bem. Durante o dia, ficava cheio de praticantes de *nordic walking* e de gente passeando com seus cachorros. À noite, o lugar era deserto, e os descampados pareciam mal-assombrados. Era uma sensação misteriosa. Na colina, Anna se sentiu deprimida, isolada e rejeitada. *A luz do luar me deixa pálida, pensou. Um fantasma num cemitério de indigentes.*

– Você acredita em fantasmas? – perguntou Anna à doutora Messerli.

– Não importa se a gente acredita neles ou não. Os fantasmas é que acreditam na gente.

Anna continuou a caminhada até encontrar o banco no topo da colina. Aquela mesma colina, aquele mesmo banco, várias e várias noites; não saberia dizer quantas vezes tinha subido até lá apenas para se sentar. Debaixo de chuva, debaixo de neve. Nos fins de semana ou durante a semana. Em meio a noites de profundo desespero. Nas noites em que o ar ficava denso ou impassível.

Quando a terrível dor da solidão cravava-lhe o pescoço. Quando a paisagem e seu coração ferido pegavam-na de jeito. Era o seu banco. O banco onde se sentava e chorava. Uma placa amarela onde se lia *Wanderweg* apontava na direção da mata. Atrás do banco havia um terreno cercado onde ficava o gado de um fazendeiro. Naquela noite, as vacas estavam no estábulo, e Anna podia ficar totalmente sozinha. De tantos em tantos minutos, e a uma distância de pouco mais de um quilômetro, ela escutava um trem noturno fazendo vibrar os trilhos. *Para onde estaria indo? Quem estaria dentro dele? Essa mulher estaria dormindo? Estaria triste?* Anna sempre ficava surpresa com o fato de os trens soarem com nitidez, parecendo estar muito perto, mesmo dali do alto da colina. *Posso sentir. Há uma mulher triste dentro do trem.*

Anna aguardou que as lágrimas caíssem. Não caíram. Passaram cinco trens pelo vale, antes de ela se levantar e ir para a casa de Ursula.

Como era de se esperar, Ursula foi curta e grossa quando a nora enfim chegou em casa naquela tarde. Anna mal teve tempo de dizer *oi*, e a sogra foi logo passando por ela, aos atropelos, para ir embora. Anna não se importou. Ursula tinha o direito de estar estressada.

Polly berrava enquanto os meninos brigavam. Anna olhou para o relógio em seu pulso: ficara três horas e meia dentro do trem. Depois da primeira hora, tinha se cansado de tanta introspecção. Deixou o cérebro se anuviar. Os batimentos cardíacos desaceleraram. Relaxou os olhos e tentou se concentrar nos espaços que existem entre as coisas, enquanto o balanço do trem ninava-a como uma mãe faria. Porém, a casa, o barulho, os filhos, a sogra, o avançar da tarde e os planos noturnos de jantar na casa dos Gilbert convergiram num desvio acentuado e preciso, forçando Anna contra a parede do próprio sofrimento. Não havia nada que pudesse fazer naquele instante, a não ser deixar que tudo acontecesse. Nada fez, então, enquanto os meninos brigavam e Polly Jean esperneava à

vontade. Algumas lágrimas não podem ser contidas; só podem ser derramadas.

Quando Bruno chegou do escritório, os filhos estavam arrumados, a mulher, maquiada, e Polly Jean estava pronta para passar algumas horas na casa de Ursula. Bruno se ofereceu para levá-la à casa da mãe. Pela janela da sala de estar, Anna ficou observando os dois. Bruno, com a menina apoiada no quadril, foi assobiando. Polly tinha parado de chorar antes de Anna sair do banho.

A aula de Roland daquela manhã tinha sido sobre conjunções subordinativas. *Falls* significa “se”. E *weil* quer dizer “porque”.

– Lembrem-se de pronunciar “váiou” – explicou Roland, o que Anna achou pertinente.

Quando ele escreveu *damit*, que quer dizer “porra” em inglês, os alunos caíram na gargalhada.

– É exatamente como o palavrão de vocês. Significa “para que”, “de modo a”.

Então Roland lembrou à turma que eram todos adultos e que deveriam parar de rir, porque aquela coincidência nem era tão engraçada assim.

Anna continuou junto à janela, observando os dois, o marido e a filha, enquanto se afastavam. Continuou junto à janela para que pudesse ver. Ficou olhando até dobrarem a esquina e saírem de vista.

Dammit, dammit, dammit, goddammit.

Anna bateu suavemente à porta de Ursula, ao mesmo tempo em que já foi girando a maçaneta. Apesar da antipatia que Ursula sentia pela nora, as duas haviam há muito tempo deixado de lado as formalidades de primeiro bater e depois esperar que a outra abrisse a porta. Anna entrou na casa e disse um *oi* aos sussurros. Ursula tinha adormecido em frente à televisão, com o tricô no colo. Mike Shiva, um famoso médium e leitor de cartas de tarô, estava atendendo ligações ao vivo. O programa dele passava todas as noites; não havia como escapar de sua cara redonda e do cabelo liso, escorrido, preso para trás por uma faixa que as mulheres

costumam usar. Anna achava aquela figura esquisita e interessante ao mesmo tempo. Um médium parecia algo tão distante do mundo suíço, tão distante do mundo empírico.

Ursula se mexeu quando Anna desligou a televisão. Acordou no susto, e por um momento pareceu não reconhecer a nora.

– Vim buscar a Polly – anunciou Anna, como se pudesse haver qualquer outro motivo para aparecer na casa da sogra tão tarde da noite.

– Deixa ela em paz – disse Ursula. – Se você acordar a menina, ela nunca mais vai dormir de novo.

– É...

A tensão no carro havia deixado Anna perturbada. Sentiu-se uma idiota por não ter pensado nisso antes. É claro. Fazia sentido. Polly passaria a noite lá.

– Ursula, você tem razão. Eu não estava raciocinando direito.

Não estava mesmo. Mas ter que buscar a filha era uma desculpa tão boa quanto qualquer outra para se afastar de Bruno por um tempo.

Ursula se levantou e balançou a cabeça várias vezes, como se quisesse liberar alguma coisa lá dentro.

– Não raciocinar é um dos seus piores hábitos – disse ela à nora.

Em seguida, levou Anna até a saída da casa, conduzindo-a sem cerimônia pela porta e logo virando a chave, tudo num intervalo de, no máximo, quinze segundos. Anna voltou para casa sem o bebê que tinha ido apanhar.

– Os fantasmas nem sempre são espíritos de seres humanos mortos que continuam atrelados à terra – continuou a doutora Messerli. – Um fantasma pode ser a sensação residual que surge depois de uma ação que você realizou, mas pela qual se sente mal. Ou a própria ação em si. O que você foi, ou algo que você fez, e do qual não consegue escapar.

6

Duas semanas depois, num domingo, último dia do mês, Anna, Bruno, Ursula e as crianças embarcaram no trem das dez horas da manhã. Iam para Mumpf, uma cidade do Cantão de Argóvia, extremo norte da Suíça, onde Daniela, a irmã de Bruno, morava com David, seu companheiro. Era a comemoração do aniversário dela de quarenta anos.

Pegar o trem costumava fazer mais sentido do que ir dirigindo. Naquele dia, a escolha se dera por um motivo específico: como Ursula também iria, o carro não comportaria todo mundo. O único inconveniente é que teriam de fazer duas baldeações. David esperaria por eles na Bahnhof Mumpf.

No InterRegio, Charles pegou o lugar junto à janela, virado para a frente, e Victor se sentou diante dele, voltado para a parte de trás do veículo. Sempre adotavam essas posições quando a família viajava de trem, para a contrariedade do filho mais velho. Charles tinha um estômago sensível, sendo propenso a sentir náuseas. O lugar da janela ajudava em seu equilíbrio. Eis que, em cinco minutos de viagem, o rosto dele assumiu uma cor de picles azedo.

– Olhe para o horizonte, *Schatz* – aconselhou Anna. – Respire fundo, devagar.

Aquilo parecia surtir efeito.

Anna se sentou ao lado de Victor, no corredor, de frente para Bruno, que, assim como Charles, sempre pegava o lugar voltado para a frente. Ursula se sentou na fileira do outro lado e fechou ligeiramente os olhos, como se rezasse. O presente de Daniela estava em seu colo. Também no colo, Bruno segurava Polly Jean.

A pergunta nunca tinha sido feita. Nem por Bruno, nem por Ursula ou Daniela, por Hans, Margrith, Edith, nem pela doutora Messerli, por Claudia Zwygart ou pelo carteiro, pelo caixa da mercearia,

tampouco por Mary ou Archie, por ninguém que Anna conhecesse, fosse casualmente, fosse alguém mais próximo, antigos ou novos conhecidos. Ninguém nunca perguntara. E, caso tivessem perguntado, Anna teria mentido.

Mas não existe motivo para perguntarem. Ela sempre se prendia a isso.

Contudo, os fatos estavam esculpidos no rosto de Polly Jean, um belíssimo rosto de alabastro. Qualquer um que quisesse desafiar a ficção poderia tê-lo feito, e a verdade era que a menina não se parecia em nada com Bruno.

Polly Jean não era uma Benz.

– Anna, quem é Stephen?

Era a terceira vez que a doutora Messerli fazia essa pergunta.

Um homem que eu nunca poderia ter amado, mas amei, pensou Anna, porém não disse nada. A doutora não perguntou mais.

O tempo pregava cada peça. Uma frente fria tinha chegado a Zurique na noite anterior, deixando Dietlikon chuvosa e com muito vento. Porém, no caminho para Mumpf, o céu ficou límpido. A família Benz vencia a natureza.

Tratava-se de uma história que ela só contara a si mesma, mas que havia repetido tanto, mas tanto, que já sabia de cor. A única coisa que mudava era o tom: às vezes o viés era compreensivo, noutras entrava em cena a teatralidade rançosa da histeria e havia, ainda, espaço para o sangue-frio imparcial de uma meretriz. Eventualmente, trazia-lhe consolo. Era frequente, no entanto, que lhe deixasse angustiada, que ferisse seu coração (tudo sempre feria seu coração). Mas fosse por meio das lágrimas lustrosas da dor, fosse pelas vidraças obscuras e cristalizadas da memória, Anna estava resignada a uma progressão de fatos inalteráveis.

– Não existem acidentes, Anna. Tudo está correlacionado. Tudo se

conecta. Cada detalhe implica uma consequência. Um instante produz o outro. E o seguinte. E o seguinte.

Anna fitou o marido. Bruno parecia ter deixado o ciúme de lado. As duas últimas semanas haviam transcorrido sem incidentes. Estavam se entendendo. Tinham ido juntos ao mercado, trabalhado juntos no quintal, saído para jantar em família e ido, inclusive, ao cinema, para assistir a um filme que os dois queriam ver. Não houve mais nenhuma menção a Archie. Contudo, o sujeito feliz e expansivo que se apresentou na casa dos Gilbert fora substituído pelo marido sóbrio e descontente que Anna conhecia tão bem.

E por que ele não deveria estar descontente? Anna repreendeu a si mesma. *Só porque ele não sabe o que estou fazendo não significa que eu não esteja fazendo.* Nas duas semanas anteriores, ela havia tentado recuar, afastar-se da cena, avaliar suas escolhas mais recentes e comparar custos e benefícios. Tinha sido por um triz. *Quem é Archie?*, perguntara Bruno. *Ninguém*, respondera Anna. Era verdade. Ela mal o conhecia. *Será que estou disposta a morrer por essa causa?*, questionou-se. *Não? Então não morra por isso, mulher.*

Mas será que tinha sido por um triz, mesmo? Se o incidente estivesse inscrito num mapa, a suspeita de Bruno estaria tão próxima do fato quanto um subúrbio está do centro de uma cidade. Quando Anna pensou dessa maneira, a possibilidade de estrago pareceu mínima.

Assim, ela oscilou entre consequência e escolha.

No fim, a bola caiu do lado *o que os olhos não veem o coração não sente. Na maior parte do tempo, sou uma boa esposa*, autoproclamou. *Todos estão em segurança, todos estão alimentados.*

Anna continuou se encontrando com Archie.

– Quando você era criança, o que queria ser quando crescesse? – perguntou certa vez a doutora Messerli.

– Amada, protegida, amparada – respondeu Anna em tom de lamento. Ela sabia que a pergunta não tinha sido essa.

A doutora tentou uma nova abordagem:

- Que faculdade você cursou? – Anna corou. Não queria falar.
- Me diga.
- Economia doméstica – sussurrou ela.

Tudo acontecera havia quase dois anos. Era uma quarta-feira, a quatro dias do Natal. Anna tinha pegado o trem para ir ao centro da cidade. Uma viagem a contragosto, talvez a penúltima antes de terminar as compras, tarefa na qual não estava muito empenhada.

Em Zurique, as semanas que precedem o Weihnachten até que são bem toleráveis. As ruas ficam apinhadas de consumidores cujos casacos elegantes e de cores vivas parecem ainda mais elegantes e vivos em contraste com a paisagem cinzenta e opaca típica de dezembro numa cidade como aquela, onde não costuma nevar nessa época do ano. Homens de pele escura tiram castanhas torradas de dentro de tambores sujos de torrefação e as despejam em saquinhos de papel. Um pavilhão sazonal onde se ensina a fazer velas é montado perto da Bürkliplatz Quaibrücke. E, durante certo tempo, quem passasse pela Bahnhofstrasse depois do pôr do sol poderia ter o prazer de passear sob o brilho de luzes piscantes cor de champanhe e de um trecho de um quilômetro repleto de lâmpadas cilíndricas com dois metros de comprimento. As luzes pendiam de cabos esticados entre os prédios e por sobre as catenárias que alimentavam os bondes elétricos da cidade. Era tudo controlado por softwares que faziam variar a cintilação de acordo com os níveis de atividade humana na rua logo abaixo. O arranjo era moderno; bem moderno, na verdade. Havia tanta gente que odiava aquilo, que a cidade acabou retomando uma disposição mais tradicional. Mas os meninos de Anna adoravam as luzes. Até Victor – que se entediava facilmente e, para sua idade, ficava logo exaurido – se permitia desfrutar daquele encanto, daquele fascínio infantil.

Anna tinha passado o dia cruzando a pé as ruas do centro, de uma ponta à outra, e os enfeites das festas de fim de ano – por mais graciosos que fossem em pequenas doses – começaram a parecer excessivos e desnecessários. Mesmo assim, ela prosseguiu com as compras. Na livraria especializada Piz Buch und Berg, encontrou os

presentes de Bruno: mapas em grande escala, detalhados, com várias trilhas pelos Cantões de Graubünden e de St. Gallen e um guia com sugestões de trilhas para a parte suíça do monte Jura. Na Manor da Bahnhofstrasse, Anna precisou encarar uma multidão agressiva até achar um *twinsset* simples que funcionaria bem como lembrancinha para Edith.

O dia tinha começado com certo desgosto. Logo pela manhã, Bruno a deixara de mau humor por algum motivo que Anna acabou conseguindo esquecer. Mas a sensação, fosse qual fosse, estava cravada em sua pele, feito dentes. Depois de ser picada ela cozinhava lentamente, em fogo brando, qual um cozido que passa o dia inteiro no fogão. Sentia-se sozinha e isolada. Onde quer que fosse, Anna se sentia sozinha e isolada.

– Uma mulher solitária é uma mulher perigosa – disse a doutora Messerli num tom de voz ao mesmo tempo sério e sincero. – Uma mulher solitária é uma mulher entediada. E mulheres entediadas agem por impulso.

Anna desviou o olhar: de Bruno, passou a observar a janela. A paisagem do Cantão de Argóvia ganhou um aspecto nebuloso por conta das marcas de dedos no vidro e da velocidade do trem. Victor e Charles discutiam porque os dois queriam segurar o mesmo super-herói. Anna, incauta, esquecera de trazer mais um, igual. Bruno ameaçou tirar o brinquedo da mão deles, caso não chegassem a um acordo. Ursula caiu no sono no meio do caminho. Mal se ouvia seu ronco ofegante e fraco por sobre o ruído natural do trem. Os meninos começaram a rir; Anna fez um gesto mandando que se calassem.

– Minha mãe dorme muito – disse Bruno, revirando os olhos, num gesto de censura.

Era um filho dedicado, mas às vezes se mostrava bem crítico, não apenas em relação a Anna, mas em relação a todas as mulheres de sua vida, entre elas Ursula e Daniela (apesar de Anna ser seu alvo preferido).

Anna franziu o rosto para o marido.

– Não fique revirando os olhos. Ela é sua mãe.

Ursula não tinha culpa de roncar. Já era uma mulher de idade.

– Ela não é tão velha assim – ponderou Bruno, e Anna teve de concordar.

Ursula faria 67 anos no aniversário seguinte. Fora mãe muito cedo, com apenas 23 anos. Quando chegara à idade de Anna, Bruno já era um adolescente desaforado. Anna, por sua vez, estaria com cinquenta e muitos anos antes de todos os seus filhos saírem de casa. Só de pensar nisso, ficava esgotada. *O humor da minha mãe também oscila*, Bruno reclamara, mas Anna só conhecia um estado de humor da sogra: o humor ácido, o temperamento mordaz, a cara fechada quando a nora fazia qualquer coisa que ela não aprovava, o silêncio que devolvia quando Anna falava o que ela não queria ouvir. Fazia muitos anos que Anna desistira de tentar lhe agradar.

– Existe alguma diferença entre destino e sina? – Anna estava nervosa, mais inquieta que o normal. A doutora Messerli perguntou se ela entendia o conceito de sincronicidade. – Não, acho que não.

– Os acontecimentos nem sempre obedecem a regras de tempo e espaço. Às vezes, só de pensarmos numa amiga ela nos telefona, depois de vários meses sem fazer contato. Ou talvez um homem esteja pensando se larga ou não a mulher e, no instante seguinte, ao ligar o rádio, ouve um anúncio de apartamentos. Nenhuma coincidência é obra do acaso. A sincronicidade é a manifestação externa de uma realidade interna.

Com os olhos, Anna demonstrou estar confusa.

Se naquele dia Anna tivesse deixado de lado uma única parada, ou caso qualquer uma de suas compras nas lojas ou na rua tivesse demorado um minuto a mais ou a menos, o que aconteceu não teria acontecido. Ela estava a ponto de desistir e voltar para casa. Sentia fome, frio, e havia praticamente terminado de comprar o que precisava. Só faltava o presente da sogra. Como Ursula gostava de fazer tricô, Anna pensara em lhe comprar algunsovelos de lã.

Atravessou o rio Limmat pela Rathausbrücke e caminhou em direção ao armário do Neumarkt.

No trajeto para Mumpf, a família Benz permaneceu em silêncio. Cada um ficou confinado no armário dos próprios pensamentos. Anna folheava uma revista feminina em alemão que havia comprado num quiosque da estação de trem de Oerlikon. Passou os olhos pela seção de horóscopo. Como havia nascido em 22 de outubro, era do signo de Libra, e em menos de um mês faria 38 anos. *Floresta, perigo, fogo, experimento*. Ela conhecia a maioria das palavras do horóscopo. Entendeu a essência do que estava escrito. O texto terminava com um alerta: *Gib acht*.

Tome cuidado.

Antes de a doutora Messerli sugerir as aulas de alemão, havia recomendado que Anna começasse a escrever um diário.

– Você não precisa trazê-lo para as nossas sessões e não vou pedir que compartilhe seus escritos comigo, se não for o seu desejo. Pense nele como uma conversa particular, interna. Mas seja totalmente honesta. Você precisa confessar tudo a si mesma.

Anna gostou da ideia e aceitou o conselho da doutora. Logo depois da sessão daquele dia, foi até uma papelaria de luxo perto do consultório e comprou um diário de páginas não pautadas e lombada reta, com capa em tecido verde. Quase dava pena de usar, de tão bonito.

Fez a primeira anotação durante o trajeto no trem, de volta para casa. *Confesse tudo, Anna. Não se esquive*. As frases eram difusas, desconexas: *Todas as coisas das quais eu fujo acabam me alcançando. Minhas orações não têm poder. Eu as carrego nas costas. Não posso apoiá-las no chão. Perdi um ano de sono para a insônia. A mesmice total se arrasta. Meu rosto é como uma chave para um diário. Há algo que ele deveria abrir. Careço de vigor, de energia. Estou em dívida com minha ironia peculiar: para sobreviver, me autodestruo. Mas a lógica do coração segue suas próprias*

regras. Sinto falta dele apenas porque sinto.

Anna leu o que havia escrito e fez uma careta. Tentaria de novo, com certeza. Provavelmente. *Talvez*. No meio-tempo, pegou a caneta e riscou a página toda com um X rancoroso.

– Archie, o que você quer dessa história?

Era quarta-feira, na semana seguinte ao jantar em Uster. Anna estava deitada de costas, na cama de Archie, o cobertor até o queixo. Tinha que ir para casa, mas o quarto estava gelado, e ela, nua. Sair da cama significava ter que encarar esses dois fatos.

– O que você quer dizer?

Anna não achava a pergunta complicada.

– Quero dizer que não temos um relacionamento.

– Mas acabamos de ter relações – retrucou ele, dando-lhe uma piscadela.

Ela estava determinada.

– Que tipo de homem tem um caso com uma mulher casada? – Não era uma acusação; ela queria mesmo saber.

– Isso é irrelevante. – Anna piscou, discordando. Ele balançou a cabeça em uma negativa. – Existe mais gente que trai do que gente que não trai.

Anna fechou a cara.

– Não pode ser verdade.

– E o que dizer de uma mulher casada? – indagou ele, invertendo a pergunta. – Por que ela faz isso? Que tipo de mulher ela é?

– Uma mulher solitária. Uma mulher entediada – respondeu ela, com autoridade.

Archie balançou a cabeça, discordando.

– Não, não é isso.

– Como você sabe? – Anna ficou se perguntando se ele já tinha feito aquilo antes.

– Mulheres entediadas participam de associações, tornam-se voluntárias. Mulheres entristecidas é que têm casos.

Essa declaração é reducionista, pensou Anna, mas não teve

vontade de contra-argumentar.

– Você acha que estou triste?

– Eu soube no momento em que te vi. – Anna quis saber como isso era possível. – Um homem é capaz de sentir cheiro de tristeza numa mulher.

– E você sentiu esse cheiro em mim.

Anna ficou ofendida por ele ter usado a palavra “cheiro”. Como se a tristeza pudesse ser disfarçada sob um manto de rosas. Como se o desespero pudesse ser lavado com sabão.

– Senti.

– E se aproveitou disso.

Anna estava perturbada, fascinada, e sentindo mais alguma coisa que não sabia nomear. *Culpa? Sensação de ter sido descoberta? De ter sido pega em flagrante?* Enfim, algo do gênero.

– E respondi a isso – emendou Archie.

– Tem diferença?

– Você está triste ou não?

Agora era a vez de Anna.

– Isso é irrelevante – mentiu ela, mudando de posição na cama. Ficaram em silêncio por um ou dois minutos. – O que você gosta em mim?

Archie riu.

– Então é esse tipo de conversa que a gente vai ter, é? – Anna balançou a cabeça, e ele amoleceu. – Você é complicada. Impossível de decifrar.

Como a senha de um cofre. Mas não é verdade.

– Obrigada. É, acho que sim.

– De nada.

Os dois se recostaram e ficaram olhando para o teto.

– Por que você disse sim?

Agora era a vez de Anna rir.

– O que mais eu teria dito?

O InterRegio chegou à estação de Frick às 10h56. Eles teriam de esperar oito minutos pelo S-Bahn que ia para Mumpf. Os Benz

desceram do trem, feito um rebanho, trocaram de plataforma e se reuniram em volta de um banco vazio enquanto aguardavam a próxima composição. A pressão atmosférica tinha caído, e o tempo estava mudando. Todos se sentiam cansados e ainda nem era a hora do almoço.

No mês anterior, uma cova enorme com ossos de dinossauro fora descoberta em Frick, por um paleontólogo amador. Ele encontrou mais de cem esqueletos totalmente intactos. Fósséis de plateossauros com 200 milhões de anos. Em certos dias, Anna sentia inveja da extinção dos dinossauros. Um cometa não desviava de sua trajetória. Um belo desastre, fadado a acontecer, de fato acontecera.

Os oito minutos passaram depressa, e às 11h05 os Benz já estavam dentro do S-Bahn rumo a Mumpf.

O armarinho estava tomado de lindas cores e fios delicados. Tudo cheirava a lavanda e canela, cardamomo e noz-moscada. *Adorável*, pensou Anna. E de fato era. Além de relaxante. Tranquilizador. Ela permaneceu quarenta minutos dentro da loja, escolhendo novelos de lã exótica e passando cada um deles no rosto, aos suspiros, antes de devolvê-los às respectivas prateleiras, tudo sob o olhar magnânimo da dona do lugar. A experiência tátil serviu-lhe de consolo, e o nervosismo que havia enegrecido seu humor começou a se dissipar. Por fim, escolheu novelos de seda pintada a mão, de alpaca e *cashmere* – artigos de luxo que Ursula com certeza adoraria, mas que jamais compraria para si. Anna saiu da loja se sentindo feliz: pelo menos dessa vez a sogra gostaria do presente.

Poderia pegar o ônibus 33, direto para a Hauptbahnhof; era esse o seu plano. O ponto de ônibus fica no extremo leste do Neumarkt. Portanto, ao sair da loja, Anna virou imediatamente à direita. Carregada de sacolas, não estava prestando muita atenção para onde ia, porque, além de tudo, tinha puxado o gorro para baixo, o que atrapalhava sua visão. Portanto, não percebeu que havia um homem parado no meio da calçada, com a cara enterrada num mapa de Zurique. E ele, tão absorvido pelo zigue-zague bidimensional de ruas impresso no papel frágil e difícil de manusear,

não reparou que Anna vinha em sua direção.

A sincronicidade muitas vezes se disfarça de coincidência. Algo como estar no lugar certo, na hora certa. Como um incidente do tipo *e-então-de repente*. Naquele caso, era uma reunião dessas três coisas, que se transformavam num clichê tão açucarado quanto um gatinho usando um laço amarelo no pescoço. A previsibilidade banal daquilo era uma das provas às quais Anna se agarrava para lidar com as consequências. *Está vendo? Como não pode acontecer de verdade? Coisas desse tipo não acontecem só nos filmes.*

Ela não estava prestando atenção.

Não estava prestando atenção e deu de cara com o sujeito.

– *Eggscusi!* – exclamou Anna, desculpando-se. Usara uma das poucas palavras suíças que conhecia.

O homem se recompôs e fez um gesto delicado, sinalizando que não era preciso se desculpar. Um gesto simples e encantador. E então ele também pediu desculpas, mas em inglês. Em seguida, soltou uma risada nervosa e perguntou a Anna, num alemão terrível, se ela sabia onde ficava a região de Lindenhof e, caso soubesse, se poderia lhe mostrar no mapa. Ele tinha o cabelo escuro e a pele clara, e era uns quinze centímetros mais alto do que ela. O mapa que tentava dobrar se recusava a ser dobrado. Ele tremia em meio à névoa, uma vez que usava apenas um casaco leve, de cor cinza. Seu dente esquerdo da frente era ligeiramente lascado, e tinha uma pinta no canto externo do olho, também do lado esquerdo. Anna reparava nessas coisas. Interpretou o sotaque dele como sendo do meio-oeste dos Estados Unidos, por conta da regularidade fonética. O coração dela sofreu um baque.

É possível se apaixonar à primeira vista? Anna não sabia dizer. Porém, sob o comando de um olhar lançado casualmente em sua direção, tornou-se testemunha, vítima e escrava, fazendo extinguir todos os seus mitos. E os momentos de sua vida desde então, os que importaram e os que apenas pareceram importar, somaram-se ao total desse instante intenso, desse único instante. No curto e abrupto espaço de tempo de uma pulsação, soube que nada do que já havia dito ou feito, e nada do que ainda diria ou faria de novo, traria em si nem metade do caráter trágico daquela situação.

No trem de Frick para Mumpf, Anna ficou olhando a paisagem pela janela.

Gostaria de nunca ter conhecido esse homem.

7

O esconderijo mais seguro para um segredo é a céu aberto. Faça um esforço mediano para manter uma atitude calma e impassível, que, independentemente do segredo, todo mundo aceitará você pelo que aparenta ser. Basta pensar no nazista que foge para a América do Sul e leva uma vida tranquila, de acordo com as normas, passando os dias que lhe restam numa atitude sóbria e irrepreensível. Acorda de manhã, levanta-se da cama e sai para passear. Envia cartas pelo correio, anda de ônibus, compra peras no mercado. Almoça num restaurante ao ar livre. Toma um café preto e sempre lê primeiro os placares dos jogos. Quando passa uma mulher bonita, ergue o chapéu.

Ninguém sabe que, setenta anos antes, seu coturno quebrou as costelas de um rabino em Varsóvia ou que o relógio de bolso que ele usa foi tomado das mãos carcomidas de um estribeiro cigano, dentro dos portões de Treblinka.

Portanto, não diga nada. Não vacile. Represente seu papel, seja qual for o segredo em jogo. Atroz ou banal, incomensurável ou mundano. O método serve tanto para um guarda quanto para uma mulher adúltera. Se não ficar divulgando por aí, não há necessidade de esconder nada.

Agindo exatamente dessa forma, suas mentiras graúdas e sombrias tornam-se pequenas e alvas.

– Anna, você sabe alguma coisa sobre alquimia?

– A crença de que metais comuns podem ser transformados em ouro?

A doutora fez que sim.

– Isso. Na Europa medieval, alguns homens acreditavam nessa

possibilidade. Passavam a vida inteira fazendo experimentos. É claro que não tiveram sucesso, mas as premissas que usaram serviram de base para outros estudos científicos. Principalmente para a Química.

– Sei.

– Jung estudou a alquimia sob o ponto de vista de um filósofo, comparando-a com a análise. As pessoas atingem a individuação por meio de um processo similar. Elas transformam a matéria escura do inconsciente em consciência. O ouro da alma, caso queira pensar assim.

Anna tinha parado de ouvir quando a doutora disse “Química”.

David aguardava a família Benz na plataforma da estação. Beijou Ursula e Anna no rosto (uma, duas, três vezes, como era o costume), apertou a mão de Bruno com firmeza, bagunçou o cabelo dos meninos e pegou Polly Jean dos braços do pai, fazendo uma baita festa antes de entregá-la a Anna. Depois seguiram todos para o carro, para percorrer o brevíssimo trajeto até a casa de David e Daniela. Foram bem apertados. Victor se sentou no colo de Bruno, e Charles, no de Ursula. Seria um percurso de apenas um quilômetro e meio; David prometeu dirigir com cuidado.

O casal já morava junto desde quando Daniela tinha dezenove anos. Na época em que o relacionamento deles começou, David estava na casa dos quarenta. Tinha idade suficiente para ser o pai dela e ainda estava casado com a mãe de seus filhos. Porém, agora já fazia duas décadas que os dois viviam juntos. Pareciam estar no caminho certo.

David era um sujeito cheio de rugas, alvo e de cabelo grosso e grisalho, que raramente era visto sem um cachimbo tipo *calabash* entre os lábios. Anna gostava dele. Assim como Ursula, ele tinha sido professor; por mais de trinta anos, lecionou Estudos Sociais para o ensino médio. David era gentil, agradável e possuía uma postura maleável, difícil de encontrar nos suíços, o que fazia sentido: ele não era suíço, e sim francês.

Em menos de cinco minutos, chegaram à casa deles.

O homem procurava o Lindenhof, bairro mais antigo de Zurique, onde, num passado remoto, existira uma estância aduaneira romana. Agora o lugar é um parque que, na maioria dos dias (mesmo em dias de tempo ruim, como aquele), fica atulhado de velhos senhores jogando xadrez de jardim com *Schachfiguren* do tamanho de crianças pequenas, sobre tabuleiros pintados no chão, e de turistas apreciando a vista. É possível ver toda a Altstadt de Zurique a partir da praça.

Quando Anna respondeu em inglês, uma sensação de alívio completo drenou a tensão do rosto dele.

– Minha nossa, você fala inglês. Graças a Deus. Meu alemão é péssimo.

Anna abriu um sorriso meigo e bem-humorado.

– Eu percebi.

Ele sorriu em resposta.

– Tive que reunir muita coragem pra pedir essa informação.

Foi a vez de Anna retribuir o sorriso.

Assim começou o caso amoroso entre Anna Benz e Stephen Nicodemus.

– Para começar – disse Anna, pegando o mapa da mão dele e virando-o –, o mapa está de cabeça para baixo. O Lindenhof fica do outro lado do rio.

Uma expressão doce e constrangida se espalhou pelo rosto de Stephen. Anna o examinou de perto. Ao mesmo tempo, era e não era atraente. Mas não foi pela aparência dele que Anna caiu de amores imediatamente (se é que alguém poderia chamar aquilo de amor; dois anos depois do ocorrido, ela já não tinha mais certeza se um dia fora amor). Foi pela voz. Uma voz firme, baixa, vigorosa e com certa urgência. Ele falava num tom íntimo, de confiança. Suas palavras tinham uma textura carnal. Anna indicou onde ficava o Lindenhof com a maior calma do mundo. Queria esticar ao máximo o encontro, antes que as fibras daquele tecido se rompessem. Inclinou-se na direção dele, respirando o mesmo ar, tamborilou os dedos e arqueou as costas sob o olhar dele, gestos que se veria repetindo mais cedo do que os dois poderiam imaginar, vestindo, no entanto, menos roupas. Anna pescou uma caneta e um recibo

dentro da bolsa e anotou as paradas do *tram* que ele precisaria saber e as baldeações que teria de fazer. Entregou o papel a ele e, por alguns segundos, ambos ficaram parados no frio, tremendo e embaraçados. Embora estivessem vestidos dos pés à cabeça, pareciam estranhamente despídos um diante do outro, sem saber o que dizer em seguida. Falaram quase juntos:

– Bom, acho que vou para casa.

– Você não gostaria de tomar um café?

Trocaram risadas meio sem jeito, e o silêncio constrangedor voltou a se instalar. Anna desfez o momento de timidez.

Gostaria, sim, disse ela. *Vamos lá.*

David os guiou pela casa e em seguida até o terraço dos fundos, onde estavam os demais convidados. Ursula pôs o presente de Daniela sobre a mesa da sala de jantar, e Anna pendurou sua bolsa e a sacola com as coisas de Polly Jean nas costas de uma cadeira. Depois seguiu David e Bruno para a área externa. Ursula parou na cozinha antes de se juntar ao grupo.

Daniela e seus amigos estavam sentados em bancos ao redor de uma enorme mesa de piquenique, feita em mogno, que por sua vez recebia a sombra de um imenso guarda-sol. Todos bebiam cervejas europeias – Feldschlösschen, Hürlimann, Eichhof – e quase todos fumavam cigarros também europeus – Parisienne, Davidoff, Gitanes. O rádio estava sintonizado numa estação de rock da Basileia. Daniela ocupava um lugar perto do centro da mesa e contava uma história. Anna não conseguiu decifrar os detalhes, mas o tom de voz da cunhada sugeria uma narrativa pervertida e galhofeira. Ao falar, Daniela gesticulava os braços, com um copo de cerveja pela metade na mão esquerda e, na direita, a ponta de uma echarpe vermelha de plumas que uma das amigas lhe trouxera. Interrompeu a história com a própria gargalhada. Estava se divertindo de verdade, feliz e contente. Por um momento, Anna invejou aquela felicidade. Puxou Polly mais para cima dos quadris e fechou o casaco que vestia, como para se proteger do ferrão de uma alegria que lhe era estranha. Bruno interrompeu o discurso da irmã para lhe dar um beijo de

parabéns. Ela pôs a cerveja de lado, levantou-se e cumprimentou a família. Parecia genuinamente feliz por estarem ali.

– Anna, que bom ver você! – exclamou ela num inglês tão correto quanto o do irmão, porém com sotaque mais carregado. – Você está linda, e a Polly está enorme!

Tirou Polly dos braços da mãe. Ela amava a sobrinha e ficaria segurando a menina pelo resto da tarde se Anna permitisse. Daniela trabalhava na Basileia, para uma empresa de comércio justo. Era gentil, atenciosa, engraçada, autêntica, fácil de se gostar e versátil; enfim, uma pessoa admirável. Tivessem se conhecido em qualquer outro contexto, talvez as duas viessem a ser amigas. Mas não era o caso. Elas eram cunhadas. Tinham uma relação amigável, mas não chegavam a ser exatamente amigas.

Daniela se virou para os outros convidados, que acenaram e gesticularam para Anna educadamente. Anna olhou ao redor. Bruno a abandonara em troca de cerveja, e Victor e Charles haviam corrido para o celeiro, preferindo a companhia de Rudi – o são-bernardo de David, de dez anos de idade – à dos adultos.

Com Polly nos braços de Daniela, Anna não sabia o que fazer com as mãos. Ficou se sentindo pouco à vontade, como uma adolescente sem par num baile de formatura. Aproximou-se de Bruno, mas ele estava envolvido numa conversa com outro convidado, um sujeito que ela já vira antes, mas cujo nome não conseguia lembrar. Era loiro, forte e apenas uns três a cinco centímetros mais alto do que ela. Quando percebeu a presença de Anna, o sujeito abriu a roda e convidou-a a participar da conversa, fazendo um gesto com a mão aberta. Interrompeu Bruno no meio da frase, apontou para a cerveja e ergueu a fronte.

– *Willst du?* – Foi o que pareceu ter dito. Falava suíço-alemão. Anna queria cerveja?

Foi gentil, muito gentil de sua parte perguntar.

Anna fez que não, aproximando-se um pouco mais. Não gostava muito de cerveja. O homem loiro acenou em resposta e sorriu, indicando que Bruno continuasse.

Anna levou Stephen a um bistrô próximo, o Kantorei. Sentaram-se em incômodas cadeiras rangentes de madeira, cujas pernas estavam bambas. Anna pediu um destilado, e Stephen, cerveja. Então começaram a conversar. Ele era cientista do MIT e estava num breve período sabático, com uma nomeação para o ETH, o Instituto Federal Suíço de Tecnologia, uma das melhores escolas do mundo. Einstein havia estudado lá. Excluindo os bancos e os negócios do setor financeiro, o ETH é a instituição mais prestigiosa de Zurique. Stephen tinha sublocado um apartamento em Wipkingen, um bairro ao norte da cidade, homônimo à estação de trem do distrito. Anna descobriu que ele era termoquímico. Pirológico. Estudava combustão, e era especialista em fogo.

Nos meses difíceis que se seguiram ao envolvimento entre os dois, Anna teve tempo suficiente para pensar nas implicações simbólicas do trabalho de Stephen e no efeito que ele lhe causara. Concluiu que o fogo é maravilhosamente cruel. Que a fusão só ocorre a uma temperatura específica. Que o sangue, na verdade, pode ferver. Que a dissolução de um caso amoroso é uma reação entrópica, sendo inflamável a desordem à qual ela tende. Que o coração irá arder. E arder, e arder, e arder. Que o ponto mais quente de uma chama comum nem sempre pode ser visto.

A doutora Messerli abriu um livro e apontou para uma série de desenhos relacionados, que representavam um casal fazendo amor num chafariz. Na primeira imagem, eles estão debaixo de chuva. Na seguinte, seus corpos se fundiam, e o casal – agora uma coisa só – está de pé.

– O resultado da união de opostos. Rei e rainha deitados num banho de mercúrio. Encaram as verdades cruas e nuas um do outro. A união psicosssexual é um símbolo da tomada de consciência.

– E o que isso tem a ver comigo? – perguntou Anna, aparentando estar confusa.

– Veja bem, o ser morre e leva o corpo consigo. Só que ele volta. A transcendência foi alcançada, mas a determinado custo. O custo é a morte.

- A morte simbólica?
- Sim, é claro.

Anna se afastou e ficou observando o marido interagir com os amigos. Era estranho vê-lo assim, simpático e íntimo daquela gente, relaxado em meio a velhos camaradas. Como se tivesse se livrado de vinte anos quase num passe de mágica. Imaginou-o jovem, libertino e malandro, com um sorriso extravagante, brindando com uma caneca de cerveja, as mãos voando pelo ar enquanto contava uma história, narrava uma partida de futebol ou falava de alguma garota. Esse era Bruno aos 24 anos. Ela estaria com 18. Caso tivessem se conhecido duas décadas antes, um teria espantado o outro. Anna, com sua solidão carente, e Bruno, com a autoconfiança irradiada exatamente pela postura que seu corpo parecia recordar bem ali, no terraço de Daniela.

Bruno deu o último gole na cerveja, virou-se para o amigo loiro e perguntou se ele queria mais uma. Chamou-o de Karl. Karl fez que sim, *Jo gärn*. Quando passou de raspão por Anna, Bruno inclinou a cabeça e perguntou a ela também. Os olhos dele estavam mais amáveis do que vinte minutos antes. *É a cerveja*, pensou Anna. Os olhos dele sempre ficavam mais ternos quando começava a beber. *Água, por favor*. Bruno fez que sim, confirmando, e saiu para buscar as bebidas.

Tinha chamado o sujeito loiro de Karl. Agora Anna estava lembrada. Era Karl Trötzmüller, amigo de infância de Bruno e Daniela. Ficou envergonhada por não ter se lembrado do nome dele logo de pronto. Ele já era de casa. Anna culpou o clima por essa sua distração.

- Como vai, Anna? É gostoso falar com você. Você é muito bonita.
- Karl falava um inglês bastante estranho e extremamente desleixado. Por “gostoso”, queria dizer “bom”, e por “é”, pretendia falar “está”.

Eram erros esquisitos os dele, mas a bem da verdade Karl também era esquisito. Aparentemente inofensivo, mas sem dúvida peculiar.

Até mesmo seu nome era um tanto excêntrico. *Tem muito trema*, comentou Bruno certa vez, sarcástico. *Parece ter sido inventado. Não é suíço*. Tremas à parte, Bruno tinha razão: não era um nome especificamente suíço. Mas era o nome de Karl, e caía-lhe bem.

Anna ficou examinando a própria roupa. Usava um vestido outonal evasê, cor de ferrugem, meia-calça amarela canelada e um sapato preto, estilo boneca. Preferia o toque dos vestidos em seu corpo. Achava que as calças limitavam muito os movimentos. As mulheres suíças, havia reparado, não costumavam usar vestidos, optando mais pela praticidade das calças. No dia seguinte, esse vestido que ela estava usando voltaria para o armário e lá ficaria até a primavera. Como fazia frio, Anna complementou o traje com o único agasalho que conseguiu alcançar enquanto saíam de casa às pressas: um cardigã vermelho e felpudo. Acabou arruinando um visual que antes estava cheio de estilo.

– Estou parecendo um centro de mesa de um jantar de Ação de Graças – disse ela para Karl, que riu e fez um movimento evasivo com as mãos.

– Bom, não sei nada disso – respondeu ele, confundindo “saber” com “entender”. – A gente não comemora Ação de Graças em d’Schweez – concluiu, usando a pronúncia nativa para o nome do país.

Ele esboçou um sorriso indecoroso e tinha adotado uma postura quase imoral, com as mãos nos bolsos, os pés bem firmes no chão e os quadris à frente, numa espécie de flerte. *Isso é um flerte?*, pensou Anna. *Ele está me olhando de cima a baixo?* Sim, Karl a olhava enquanto conversavam. *Mas é isso que as pessoas fazem; elas olham umas para as outras enquanto falam*, reiterou Anna para si mesma. *Nem todo mundo é como você, que se comporta de modo aleatório em termos morais*.

Bruno voltou com as cervejas e com a água da esposa. Ele e Karl – *esses dois sem-vergonha* – retomaram a conversa de onde haviam parado. Anna não prestava muita atenção, até ouvir o nome de Tim; daí imaginou que Bruno devia estar contando sobre o jantar na casa dos Gilbert. Ele falava rápido, num Schwiizerdütsch apressado. Anna nem se deu ao trabalho de tentar entender. Karl intuiu a frustração

dela e perguntou a Bruno se não seria melhor falarem em inglês. Bruno tomou um longo gole de cerveja, fez que não e respondeu, em suíço-alemão:

– Ela está fazendo aula, precisa praticar. Já está mais do que na hora de aprender esta maldita língua.

Isso Anna conseguiu entender. Ele sorria ao dizer essas palavras, um sorriso verdadeiro. Os gestos de Bruno eram sempre verdadeiros. Ele falava a sério cada sílaba que pronunciava.

Anna e Stephen continuaram conversando depois de uma, duas, três rodadas de bebida. Ela ligou para Ursula e contou uma mentira. Disse que as lojas estavam lotadas e que tudo o que precisava fazer estava demorando o dobro do tempo que havia planejado. Será que Ursula se incomodaria de dar uma olhada em Victor depois da escola? Será que poderia buscar Charles na *Kinderkrippe*? *Será que? Será que...?* Claro que Ursula poderia fazer tudo aquilo, mas não ficou nem um pouco contente.

Àquela altura, Anna estava livre da irritação que vinha carregando. Seu coração mudou mais uma vez de centro de gravidade, elevando-se acima de sua cabeça, feito um balão a gás. Reconheceu o absurdo daquela sensação. Pouco importava. Naquele instante, estava inebriada. Um vento poderia soprar e carregá-la pelos ares. Implorou para que o relógio corresse mais devagar. Implorou que o relógio parasse.

– Em alemão, a gente constrói a voz passiva com o verbo *werden*. “Tornar-se.” Portanto, a bicicleta *se torna* roubada, caso queiram pensar assim. Ou a mulher *se tornou* triste.

Ou o corpo se tornaria devastado. E o coração se tornará partido. De certa forma, assim fazia mais sentido para Anna. O verbo “ser” é estático. “Tornar-se” sugere movimento. Um deslocamento paradoxal rumo a uma entrega completa. Seja como for, não é algo que o sujeito faz. É algo que fazem para ele. “Passividade” e “paixão” começam da mesma maneira. A diferença está em como

terminam.

Os relógios não param. Por fim, muito a contragosto, Anna abandonou as bebidas, a frivolidade e a companhia de Stephen. Era hora de ir para casa. Anotou seu telefone num guardanapo e implorou a ele, com uma piscadela, que não o perdesse. Caminhando para a estação de trem, feliz, o rosto dela corou. *Sim, sim, é claro. Um flerte e nada mais. Não vou confiar no desejo para me dizer a verdade. É raro isso acontecer. Ele não vai ligar, realmente não deve ligar.* Contudo, conforme seu trem de volta para casa passou pelo pátio de manobra, pegando o lado oeste da Hauptbahnhof, Anna sentiu a mão tremer. Atribuiu aquilo ao frio, afinal de contas, estavam no inverno. Mas o tremor voltou a se repetir, e ela percebeu que vinha do celular. Tinha recebido uma mensagem: *O que você vai fazer amanhã?* Não respondeu. Logo em seguida, chegou mais uma: *Venha me ver.* Quando o trem começou a desacelerar, perto da Bahnhof Dietlikon, apitou a última mensagem: *Amanhã. Dez horas. Nürnbergstrasse 12.* Anna foi forçada a dar uma resposta; não havia outra coisa a fazer. Ela disse a si mesma, convencendo-se, que não havia outra coisa a fazer. Respondeu apenas com um *ok*.

Nem tentou fingir que não tinha intenção de transar com ele.

8

A festa de Daniela foi um evento comum, prosaico. Às duas da tarde, serviram *cervelat*, a salsicha grossa e curta, conhecida, geralmente, como a salsicha nacional da Suíça. Às três, foi a vez de comerem o bolo à base de creme de baunilha feito por Eva, uma prima distante dos irmãos Benz que morava nas redondezas. Às quatro, Daniela abriu os presentes que tinha ganhado. Quando deu cinco horas, Anna estava com dor de cabeça. Ao checar o celular, viu que recebera uma mensagem de Archie. *Amanhã depois da aula?* Sua resposta foi: *Talvez.*

Um dia depois de conhecer Stephen Nicodemus, Anna deixou Charles na *Kinderkrippe* e disse a Ursula, com quem cruzou na rua, na volta dos correios, que ainda precisava fazer umas compras na cidade, mas que estaria em casa a tempo de pegar Charles e de encontrar Victor depois da escola. Ursula fez que sim e continuou andando. Anna ficou com raiva de si mesma por dar tanta explicação. Dali a algumas semanas, aprenderia que o segredo para contar mentiras é simplesmente não contá-las: *Omita, Anna, omita. Quanto menos detalhes, mais as pessoas acreditarão em você.* Chegando à estação, ela embarcou no trem de sempre. Porém, em vez de ir até a Hauptbahnhof, saltou em Wipkingen, uma estação antes. De Oerlikon, a estação imediatamente anterior, até Wipkingen, o trajeto era curto, de apenas dois quilômetros, sendo três quartos dele passados dentro de um túnel estreito e escuro. Os túneis deixavam Anna apreensiva. É verdade que ela encontrava serenidade ao andar de trem, mas isso acontecia apenas a céu aberto. Dentro de túneis, só conseguia pensar na terra que havia por cima. *E se o chão desabar? E se eu ficar soterrada sob os escombros? Como deve ser a sensação de ser enterrada debaixo da*

terra? Vou saber, quando estiver morta? Nessas ocasiões, fazia de tudo para se distrair. Pensava na topografia que havia por cima, talvez com um mapa da cidade nas mãos, traçando o caminho do trem. No S3, pensava nas montanhas de Zürichberg, no Dolderbahn, nas instalações da Fifa e nos descampados entre Gockhausen e Tobelhof. No trem em que estava, o S8, ficava imaginando as casas por sob as quais passavam, as pessoas que moravam nessas casas. Quem estaria cozinhando, dormindo, brigando ou transando. Quem estaria sentado numa sacada sentindo pena de si mesmo. Quem estaria partindo o coração de alguém. Quem estaria de coração partido por alguém. Por mais piegas que fosse, isso a perturbava menos do que a alternativa. *É através de um túnel que se chega ao mundo, pensou Anna. E será assim também que se parte dele?* Ela não sabia, embora muita gente mencionasse um túnel de luz. Estava inclinada a aceitar isso como um fato.

Bastou caminhar um pouco e logo chegou à Nürnbergstrasse. Stephen estava sentado num banco em frente ao prédio onde morava, esperando por ela. Levou-a para o seu apartamento, no primeiro andar.

Anna nunca tinha se importado muito com preliminares. Não era o tipo de mulher que precisava passar por meia hora de esfregação, toques e acrobacias mirabolantes para que seu corpo se retesasse e a barragem que continha o prazer acabasse rebentando. Seus desejos eram simples. *Enfie lá dentro, depois tire. Repita o maior tempo possível.*

Aquela foi a primeira traição de Anna.

Eles transaram com tanta intensidade, que depois nenhum dos dois conseguia andar.

A doutora Messerli apontou para a imagem de um chafariz de três pés emoldurado pelas estrelas, pelo sol e pela lua, e um dragão de duas cabeças. Colunas de fumaça subiam pelos dois lados.

– O fogo – disse ela – é o primeiro ato de transformação. E, em alquimia, ele está sempre associado à libido.

Anna comeu demais. Seu estômago doía, e ela estava impaciente. Queria ir embora, mas ainda ficariam por lá por pelo menos mais duas horas.

Levantou-se da mesa, alongou os braços acima da cabeça e olhou ao redor.

– Alguém quer dar uma volta?

Bruno soltou um grunhido. A bebida estava fazendo efeito, e ele foi ficando cansado e mal-humorado. Anna entendeu o grunhido como um *não*. Ursula não tinha interesse. Os meninos estavam em outro canto. Daniela precisava fazer sala para os convidados. Até Polly Jean estava impossibilitada: dormira na cama de David e Daniela. Anna deu de ombros e foi andar sozinha.

Tinha acabado de sair, quando a cunhada chamou por ela, perguntando se não queria levar um guarda-chuva. Anna fez que não. A chuva tinha parecido inevitável o dia inteiro. Mesmo assim, fora evitada. Ela arriscaria. Mais uns passos à frente, e ouviu novamente gritarem seu nome. Virou-se. Era Karl Trötz Müller cruzando o jardim, depressa, para encontrá-la.

– Quero ir com você – declarou ele.

Bruno olhou rapidamente para eles, mas logo se virou, retomando a conversa em que estava envolvido. Anna não precisava da permissão do marido. Mas, ao que parecia, havia obtido.

Karl conseguiu alcançá-la, e os dois começaram a trilhar o caminho que levava aos bosques de Mumpf.

– Pense num balde, Anna. O seu coração é um balde com um furo no fundo. Ele vaza. Você não consegue mantê-lo cheio.

Anna fez que sim, de modo um tanto enigmático. Um pardal pousou no peitoril externo da janela, mas voou quase no mesmo instante.

– Eu tenho um furo.

– Com o tempo, esse furo vai aumentando. Passa do tamanho de uma moeda de um franco para o de uma ameixa pequena, depois para o de uma maçã e, em seguida, para o do punho de um homem. Por fim, o furo fica tão grande que o balde não tem mais

fundo. Por isso se torna imprestável.

– Eu tenho um coração imprestável – disse Anna, numa declaração vazia.

– Não, Anna – retrucou a doutora, balançando a cabeça. – Só estou dizendo que você não pode tratar um ferimento grave apenas com iodo e curativos. Conserte o furo. É a única coisa a fazer.

Em janeiro, fevereiro e na primeira metade de março de 2006, Anna passou todos os momentos livres nos braços de Stephen Nicodemus. Eram braços rígidos e habilidosos – fortes, não, mas eram *dele*. E ela tinha caído de amores por ele. Ou estava vivenciando uma espécie de amor.

Na maior parte do tempo, os dois conversavam sobre questões científicas e teóricas. Foi assim que começaram a flertar. Foi basicamente assim que terminaram tudo. Anna assumiu o desafio de lhe fazer perguntas que ninguém fizera antes. *Por que o fogo é quente? O fogo é frio em alguma situação? Por que a lã não queima? Uma chama tem peso? Tem massa? Existe alguma coisa que seja totalmente resistente ao fogo? O fogo também pode pegar fogo? O fogo pode congelar?*

Ela transformou em fetiche tudo relacionado a fogo. Passava a palma da mão pelas chamas das velas que acendia na sala. Levantava as grades do fogão e ficava olhando a chama piloto. Sonhava com explosões, com casas pegando fogo. Acordava no meio da noite suando, extasiada. *Qual seria a sensação de riscar um último fósforo e jogá-lo no meio desta cama?* Anna sabia que talvez estivesse beirando os limiares da razão.

Stephen tentou lhe explicar seu trabalho. *A pirologia é uma ciência aplicada, com usos práticos em diversos campos*, disse ele. *Aplique essa sua ciência em mim, professor*, provocou ela, atirando-se na cama, com as pernas abertas.

– Sistemas diferentes dão nomes diferentes aos estágios alquímicos – disse a doutora. – Mas o passo seguinte à queima é a dissolução em água. *Solutio*. O banho em água dos elementos calcificados. Por

exemplo, a água das lágrimas.

A casa de David e Daniela ficava ao lado de uma área verde. Anna e Karl penetraram na mata sob uma abóbada de folhagem e um dossel de árvores. Cruzaram com uma mulher masculinizada que passeava com seu *rottweiler*.

– *Grüezi mitenand* – cumprimentou ela no dialeto local.

Os dois cumprimentaram-na em resposta. Foi a única pessoa por quem passaram. Anna ficou pensando se não deveriam ter levado um guarda-chuva. Começou a chover logo depois que entraram na mata.

Seguiram em silêncio, um atrás do outro, por três ou quatro minutos. Karl era um homem robusto, musculoso e ligeiramente atarracado. Tinha as pernas um pouco arqueadas, algo quase imperceptível. Seu cabelo loiro era castigado pelo sol, suas mãos eram calejadas, e tinha um rosto corado e simpático. Trabalhava para o Cantão de Argóvia como *Holzfäller*, lenhador. Os dois trocaram a mais fiada das conversas. Ele falou sobre Willi, seu filho de treze anos que morava em Berna com a mãe. Karl e ela eram divorciados. Falou também sobre as férias que tinham tirado no ano anterior, na Califórnia. Contou a Anna uma piada que ouvira num programa de televisão e perguntou se ela sentia falta dos Estados Unidos. Declamou em voz alta o nome de plantas e árvores: *Bergulme. Elsbeere. Hagebuche. Efeu. Olmo. Sorveira. Cárpino. Hera*. Anna continuava passando mal. Seu estômago latejava, causando-lhe náuseas, como se o corpo intuísse algo inevitável lhe invadindo.

Em meados de março de 2006, Anna se deitou no chão do apartamento de Stephen, na Nürnbergstrasse, implorando a ele, aos prantos: *Me leva, me leva, me leva com você*. Foi o pior dia de sua vida. Nunca se sentira tão mal.

Não, Anna. Não dá, é impossível. Ele foi paciente, mas havia certa irritação em sua voz. Não queria ser cruel. Ela se agarrou às possibilidades de mantê-lo para si. *Eu vou, de qualquer maneira*.

Você não pode me impedir.

Era verdade. Ele não poderia impedi-la. Se Anna tivesse encontrado a coragem necessária para ir atrás de Stephen, nos Estados Unidos, acabaria se vangloriando, provando sua capacidade e cumprindo a promessa de segui-lo. Mas não encontrou tal coragem. Nem sequer tinha conta em banco.

Bruno? Oi, é que... Bom, eu preciso de uma passagem só de ida para Boston. A única coisa que a fez rir naquele dia foi imaginar essa ligação. Não. Precisava ser Stephen o responsável. Era *ele* quem tinha de fazer aquilo, para que valesse, para que fosse real. *Ele* tinha que pegá-la e arrastá-la para onde fosse. Ela precisava ter a oportunidade de dizer *Não tive escolha.*

Mas Stephen não fez isso, e Anna não o seguiu até Boston.

Durante três meses inteiros, haviam estado juntos quase todos os dias, por pelo menos uma hora. Encontravam-se no apartamento dele. Encontravam-se no bosque e saíam para caminhar. Encontravam-se perto do ETH para almoçar, tomar um café, beber alguma coisa ou transar apressadamente, arrebatados, atrás da porta fechada do escritório dele. Mas o inevitável logo "inevitou-se": Stephen foi embora. Voltou para casa e não retornou mais.

Estou me sentindo uma merda, usada.

Anna só podia recorrer ao conforto das lágrimas. Escondeu-as da melhor maneira que sabia: chorava apenas à noite, só quando caminhava, quando ninguém teria chance de questioná-las. Mas eram rios de lágrimas.

Passava os dias censurando-se. *Pelo amor de Deus, Anna. Você está sofrendo tanto assim por uma história de três meses?* Tentava ser racional. Tentava se concentrar na família. Tentava sentir culpa, mas tudo o que sentia era uma tristeza implacável.

Porém, o verdadeiro sofrimento nunca é um desperdício. E todo sofrimento é verdadeiro. Isso era muito mais do que Anna estava pronta para admitir. Estendia-se para além da urgência de seu coração despedaçado. Mas ela só se daria conta disso muito tempo depois.

Lá pela metade de abril, Anna bolou um plano. Era egoísta e irreversível. *Estranho, mas parece bem razoável e sensato,* pensou

ela. Bruno tinha uma arma, uma Luger da época da Segunda Guerra. Semiautomática. Bem leve, sob medida para a mão de uma mulher. Com bloqueio de alternância. Uma arma de mira metálica, que os nazistas carregavam na cintura. *Numa noite qualquer, vou entrar na mata e não vou mais sair.* Anna conseguiu tomar coragem por duas vezes. Por duas vezes, foi até a mata. Por duas vezes, sua coragem falhou, e ela voltou de lá ilesa. Nas duas ocasiões, suas mãos tremeram tanto que ela não conseguiu sequer pegar na arma. A ironia era evidente: *Tenho medo demais da pressão do gatilho para morrer.*

Antes de reunir a determinação para tentar de novo (e, depois da segunda tentativa, soube que não haveria outra), Anna reparou que sua menstruação estava atrasada. Bruno queria mais um filho. Ela, não. Contudo, a culpa da traição e o estresse do rompimento estavam tomando conta dela. O bebê poderia absolvê-la. Poderia ser seu prêmio de consolação. Seu único consolo.

Após caminharem por quinze minutos, Karl e Anna chegaram a uma *Waldhütte*, uma das centenas de cabanas de uso gratuito espalhadas pelos bosques suíços. Essa *Waldhütte* específica era mais rústica do que a maioria. O pequeno casebre de três paredes abrigava dois bancos e uma espécie de lareira, que parecia ter sido usada naquela manhã. As paredes internas estavam preenchidas, de cima a baixo, por inscrições de grafite. Embora fossem detalhistas no quesito limpeza e ordem, os suíços pareciam, na opinião de Anna, um tanto desleixados quando se tratava de grafite. As inscrições estavam por toda parte. Ela apontou para um garrancho enigmático na parede envernizada, feita com uma pilha de lenhas.

– O que está escrito ali? – perguntou a Karl.

Não que estivesse muito interessada na resposta, mas aquela conversa despretensiosa era um terreno seguro, exatamente o que buscava. Karl se aproximou, apoiando a mão no cóccix dela, e sussurrou:

– Diz que eu quero te beijar, Anna.

Antes que pudesse responder de uma maneira ou de outra, ele já tinha virado o corpo dela, para ficarem frente a frente, deixando-a entre seu tórax e a parede. Começou a beijá-la. Sua boca estava com gosto de *Weizenbier*, a inebriante bebida de trigo que ele tinha tomado o dia inteiro.

– Não, Karl. Não – protestou ela.

– Sim – Karl sussurrou em seu ouvido.

Aquele *sim* foi o suficiente. O lado passivo de Anna se rendeu. *Vou deixar que ele me possua*. Era como entregar uma carteira aberta na mão do bandido.

Anna pensou um bocado de coisas ao mesmo tempo: *Devia parar por aqui. Devia me sentir envergonhada. Violada. Devia me sentir mal por causa do Bruno. Devia me sentir mal por não me sentir mal. Que horas são? Cadê os meus filhos? Está chovendo, e eu estou no meio da mata. É o aniversário da Daniela e estou deixando esse homem me possuir*. Karl a beijou de novo. Quando ela retribuiu o beijo, esses pensamentos voaram para longe, feito passarinhos.

Foi uma transa rápida e intensa. Karl começou desenrolando a meia-calça de Anna e tirando sua calcinha. Ela chutou para longe o sapato do pé direito e sacudiu a perna, livrando-se por completo da meia-calça de náilon. Enroscou a panturrilha em volta da bunda dele, atraindo-o para si. Ele já tinha afrouxado o cinto e tirava a calça e a cueca. Seu pau estava duro e molhado. Bastou isso para que Anna também ficasse molhada. *Vai, mete lá dentro*. Ela falou tão baixo que sua voz só pôde ser ouvida pelo ar em torno dos próprios lábios.

Reviraram as roupas um do outro até atingirem a pele. Houve um único momento em que Anna se desesperou; pensou ter escutado o barulho de passos na trilha.

– São só árvores – disse Karl, e estava certo.

Então ela fechou os olhos e abriu mais as coxas. Ele aceitou o convite e penetrou-a mais fundo.

Nesse instante, algo aconteceu. Anna sentiu uma alteração. Um lapso límbico. Um deslocamento. Uma sensação extraordinária começou a se mover sob sua pele, querendo escapar. *Mais forte, Karl. Mais. Agora*. Ele obedeceu. Cada investida liberava uma outra

coisa. Uma preocupação, um medo, um enigma, um desespero, uma tristeza – independentemente do que fosse, tudo veio abaixo, em sequência. *Mary, que implora pela amiga que eu não quero ser. Archie, que consegue sentir o cheiro da minha tristeza. Victor, a quem às vezes eu não amo tanto assim. Stephen, aquele que vou amar até morrer. Ursula, que devia apenas calar a porra da boca. A doutora Messerli, para quem eu já contei coisas demais. Polly, que, não fosse aquela quarta-feira, nem existiria. Hans. Margrith. Edith. Otto. Roland. Alexis. Meus falecidos pais. Minha idade. Meu rosto. Meus seios. Bruno. Fiz de tudo por você, só não comi vidro. Apenas olhe para mim! Me ame, do jeito que for!* Anna começou a chorar. Karl parou e olhou para ela, que o acertou com o punho fechado. *Continua, continua!* Ele foi em frente. Anna tropeçou naquela ladainha mais uma vez. Quanto mais força ele imprimia, mais verdadeiros se tornavam seus pensamentos. Cada afirmação dava espaço a uma nova catarse. Era o momento mais sincero que vivenciava após anos e anos. Deixou-se ser invadida pelas constatações. Deitou-se sobre elas. Sou uma rainha num maldito banho de mercúrio. Recordou o que a doutora havia dito: *O ser morre e leva o corpo consigo. O custo da transcendência é a morte.*

Anna se entregou a um orgasmo silencioso e inesperado. Ao gozar, Karl estremeceu e grunhiu. Ela o apertou, depois se deixou trepidar em torno dele e por fim permitiu que ele escorregasse para fora de seu corpo, feito um dedo cheio de sabão deslizando por um anel apertado.

Recuperou o fôlego enquanto se vestia. Karl fechou o zíper de sua calça jeans e entregou a Anna o sapato dela.

– Eu estava com necessidade de fazer isso há muito tempo. – Ele queria dizer “vontade”. Anna não acreditou, mas pouco importava. – Vamos repetir.

Ela assentiu de forma automática. *Ok.*

Anna não contou a Stephen sobre Polly Jean. Na verdade, nunca mais chegou a entrar em contato com ele.

Às 19h15, os Benz já estavam no caminho de volta para Dietlikon. Os meninos, Polly e Ursula adormeceram depois da baldeação em Frick. Só chegariam em casa depois das nove. No trem, Anna ficou observando um cadete do Exército Suíço falando ao celular, e imaginou quem estaria do outro lado da linha. *A mãe dele? O pai? A namorada? Será que hoje também é o aniversário de sua irmã?* Ela estava com a filha adormecida nos braços. Victor tinha recostado a cabeça em seu ombro. Anna foi invadida por uma onda de ternura pelo filho mais velho, quando, com o nariz colado à cabeça dele, percebeu que estava com o cheiro do cachorro de David. Charles também tinha adormecido. Tivera uma tarde difícil. Enquanto Anna estava em seu passeio, ele caiu do galho de uma árvore que tentava escalar, cortando a palma da mão. Quando a mãe chegou, o menino uivava de dor no banheiro e lutava contra o pai, que tentava lavar o corte. Anna assumiu o comando.

– Tenho que lavar isso, *Schatz* – disse ela numa voz suave. Ele sacudiu a cabeça. – Sei que dói, então fecha os olhos. Vai ser bem rápido, tá?

Charles deu uma fungadinha e estendeu a mão, fechando os olhos. Anna lavou e secou o corte, depois passou um pouco de pomada e fez um curativo com gaze e esparadrapo, tudo em menos de um minuto. Quando perguntou ao filho como foi que ele caiu, ele disse que não conseguia se lembrar. Ela fez uma cara bem séria e brigou com ele por não prestar a devida atenção. Depois, abraçou-o com força.

Anna olhou para Bruno, sentado na fileira à frente. Tinha um ar inexpressivo e parecia embriagado. Apesar do dia nublado, estava queimado de sol.

– O que você está achando das sessões com a psicóloga? Vocês falam sobre o quê? – perguntou ele, sonolento, quando estavam quase na metade do caminho. Era a primeira vez que perguntava sobre isso desde quando ela começara o tratamento.

Quer saber se falamos dele, pensou Anna.

– A gente fala sobre como eu poderia seguir uma trajetória que me forçasse a participar mais ativamente do mundo à minha volta – respondeu ela, citando a doutora Messerli.

A resposta pareceu satisfazê-lo. Ele bocejou e apontou para a perna da esposa.

– Sua meia-calça está rasgada.

Anna olhou para baixo. Na canela direita havia um furo do tamanho de uma moeda de dez centavos, e logo abaixo o fio estava puxado. Devia ter se rasgado ao esbarrar na unha do pé, quando ela se vestira.

– Nem tinha reparado – respondeu Anna, o que não era mentira.

Anna passou a gravidez inteira reconciliando-se consigo mesma. *Esta será sua música de despedida*, pensou. O adeus que ele não ofereceu. A única parte dele que valeria a pena guardar. O desânimo a deixava doente. O enjoo matinal a fazia chorar. Das outras vezes em que engravidara, também fora assim, por isso as lágrimas diárias não eram surpresa para ninguém.

Anna contou à doutora Messerli que sonhara com uma cabana devastada pelo fogo, no meio de um bosque desconhecido. Perguntou o que ela achava que isso significava.

Anna, qual é o seu parecer?

Menos de meia hora depois de chegarem em casa, Anna já estava na cama. Apressou os meninos no banho e pôs Polly no berço. Bruno já dormia quando ela entrou no quarto. Tirou a roupa no maior silêncio possível, vestiu uma camisola fina de algodão e se deitou. O marido rolou para perto dela, abraçando-a. O gesto já tinha virado um hábito. Anna se encolheu e ficou de cara com a parede.

Como é que me tornei alguém tão sem princípios?

No dia seguinte, começaria o segundo mês do curso de alemão: Iniciantes Avançados II.

Ei, Bruno, Bruno, sussurrou silenciosamente, enquanto esperava o sono chegar. *Você também é responsável por essa confusão toda.*

Um mês antes do nascimento de Polly Jean, Anna saiu de casa no

meio da noite e caminhou colina acima, até chegar ao banco onde sempre se sentava para chorar.

À noite, ao ar gelado de outono, às estrelas, aos trens distantes, à mata atrás de si e aos habitantes adormecidos da cidade a seus pés, confessou:

Sou apaixonada por ele. Apaixonada. Apaixonada.

Assim como as pessoas que sentem dor e têm paixão por opiáceos.

Outubro

9

– Cometer um erro uma vez é descuido. Cometer o mesmo erro duas vezes? Uma aberração. Um tropeço. Mas três vezes? – A doutora Messerli balançou a cabeça. – O que quer que tenha sido feito, foi feito com determinado fim. Sua vontade está em ação. Você implora por um resultado, uma repercussão. – Anna segurava a mão esquerda com a direita, as duas apoiadas no colo. – Foi estabelecido um precedente. Você terá o que quer. E não é preciso ir atrás desses erros. Por ora, são eles que vêm atrás de você.

Se o mês de setembro terminou bastante incerto, outubro começou bem tranquilo. Costuma ser assim. Os meses começam sempre do começo. Os quadros-negros estão lavados, limpos, em branco. O trabalho manteve Bruno ocupado e distraído. Victor e Charles estavam envolvidos com a escola. Todo dia de manhã, Ursula vinha até a casa deles, na Rosenweg, para cuidar de Polly Jean, e Anna tinha começado o segundo período do curso de alemão.

A maioria dos alunos de setembro continuou inscrita para as aulas de outubro. O restante do grupo foi composto por alunos que vinham de outras turmas. O alemão de todo mundo tinha melhorado, inclusive o de Anna. Especialmente o de Anna. Ficou mais fácil encarar as lições de Roland, que começaram a fazer mais sentido. O clima na sala de aula em Oerlikon era cordial e amigável, enquanto os dias de outono ficavam cada vez mais escuros.

Como previu acertadamente a doutora Messerli, a consequência de Anna ter iniciado as aulas foi que ela passou a se acostumar a falar alemão em voz alta. E a consequência dessa consequência foi que começou a se sentir menos deslocada, talvez até de certa forma confortável em sua rotina, o que nunca lhe acontecera antes. Num dia, falou com as mães na praça. Noutra, bateu papo com a caixa do

Coop. Era algo absolutamente inédito. A atendente retribuiu com um sorriso forçado e efetivo.

Contudo, Anna não estava cem por cento à vontade. No mesmo mercado, em outro dia, pesou por engano as peras usando o código da banana, e uma outra atendente – uma mulher gorda e agressiva, de corte estilo joãozinho – logo se pôs a bufar, levantando-se de seu banco para ir até a balança pesar as peras de novo, fazendo um grande escarcéu. Anna se sentiu como uma criança levando bronca; parecia ter sessenta centímetros de altura. O nervosismo a acompanhou até em casa, e ela não falou mais uma palavra de alemão o dia inteiro.

Bruno percebeu a melhora progressiva na fala da esposa, em sua desenvoltura e em sua atitude geral.

– Estou impressionado – comentou ele. – Mas isso não é Schwiizerdütsch. – O comentário foi negativo e indelicado, mas não deixava de ser verdade. Em termos de suíço-alemão, ela estava no mesmo nível de quando tinha começado a estudar. – Seja como for, já é um começo.

Ele acrescentou que pagaria com prazer por mais aulas. Tantas quantas fossem necessárias para mantê-la feliz. E Anna estava, talvez, em seu momento mais feliz depois de muito tempo (se “feliz” fosse mesmo a palavra certa para descrevê-la, o que lhe trazia dúvidas). As aulas eram o eixo em torno do qual sua vida – pública, privada e secreta – girava.

– Está vendo? – ressaltou a doutora Messerli, animada. – O que você precisava, esse tempo todo, era apenas de uma maneira de ganhar mais fluência na fala, de se sentir mais à vontade com suas próprias fraquezas.

Era um lapso de magnitude freudiana.

Foi em torno do início de outubro que a relação entre Anna e Mary começou a se estreitar, transformando-se numa amizade genuína e inequívoca. Aconteceu sem alarde, em torno de xícaras de café

tomadas na *Kantine* da Migros Klubschule. Anna nunca tivera muitos amigos íntimos, nem mesmo antes de mudar de país. Mas agora tinha alguém com quem poderia desfrutar de um almoço um pouco mais tarde, assistir a um filme ou sentar num parque e conversar sobre o que amigas próximas costumam conversar (ainda não haviam feito nada disso, mas pouco importava; o que lhe trazia paz era saber que *poderiam* fazer um bocado de coisas). Anna estava encantada com a tendência de Mary a ser solidária e atenciosa. Tinha esquecido que as pessoas podiam ser verdadeiramente gentis.

Mas existem coisas da minha vida que ela nunca vai saber, ponderou Anna. *Nunca seremos realmente próximas.* A psicologia de Anna demandava reserva. Ela mantinha Mary a uma distância curta, mas evidente. Contudo, Mary parecia nem perceber e continuava solidária e alegre, mesmo que Anna se mostrasse distante. Porém, Mary não era educada o tempo todo. Um dia, depois da aula, deixou a bolsa cair no chão, do lado de fora da Bahnhof Oerlikon, e sua carteira, sua maquiagem e tudo o que tinha guardado lá dentro acabou se espalhando pela rua. Seu pó compacto se quebrou e o álbum de fotos que ela nunca largava aterrisou numa poça de óleo. *Merda!* Mary, aquela pessoa contida, de comportamento dócil, praguejou tão alto que um porteiro do Swissôtel, localizado no outro lado da rua, ficou olhando para entender o que tinha acontecido. Ninguém consegue ser equilibrado o tempo todo, disso Anna sabia. Contudo, não podia ousar abrir a boca. *Existem alguns fardos que mesmo as melhores amigas não devem compartilhar.* Sob esse aspecto, andava mais solitária do que nunca.

Anna levou outro sonho para a sessão com a doutora Messerli:

Eu desço uma escadaria e entro num dédalo de passagens escuras. O lugar é abafado e agourento. Cada passo à frente me faz afundar ainda mais para dentro da terra. Estou apreensiva. Quanto mais longe vou, pior me sinto. Nunca chego ao fim do labirinto e nunca encontro o caminho de volta.

– O que é, afinal? – perguntou a doutora.

– O que é o quê?

– É um *dédalo* ou um labirinto? Não são a mesma coisa. O *dédalo* tem entrada e saída. É um quebra-cabeça a ser resolvido. Num labirinto, o lugar para entrar é o mesmo para sair. Um labirinto nos conduz pelo seu interior.

Já havia passado uma semana no mês de outubro e só então Anna acompanhou Archie até a casa dele. O intervalo não foi nada planejado. Uma série de obrigações e obstáculos se interpuseram no caminho dos dois. Primeiro foi Mary, que implorou a Anna para ir com ela de trem até Üetliberg. Anna explicou que, com aquele céu encoberto, não conseguiriam ver muita coisa e que ficar debaixo de chuva a quase quinhentos metros do Vale do Limmatt era uma boa maneira de pegar um baita resfriado. Mas Mary estava decidida, e a amiga acabou cedendo e foi com ela. Um dia depois, Anna ficou em casa com Charles, que estava com febre.

– Eu quero *você*, não a vovó – murmurou o menino.

Anna não podia recusar um pedido daqueles. Na quarta-feira, Charles já estava se sentindo bem e foi à escola, mas, no meio da aula de alemão, Anna começou a se sentir zozza, por isso foi embora depois do primeiro intervalo. (“Será que foi porque eu fiz *você* ir comigo até Üetliberg?”, perguntou Mary, aflita.) No dia seguinte, ela teve de voltar correndo para casa para que Ursula pudesse chegar a Schaffhausen a tempo de encontrar uma amiga que vinha dos Estados Unidos. No outro dia, foi Archie quem não pôde se encontrar com ela; Glenn tinha uma consulta médica e precisava que o sócio tomasse conta da loja. Não é que as coisas entre eles tivessem esfriado. Estavam apenas cozinhando em banho-maria.

Porém, depois da aula da segunda terça-feira de outubro, Anna foi com Archie até o apartamento dele. Após um beijo ardente na soleira da porta, com potencial de estilhaçar vidros, ele a levou para a cama e os dois transaram como adolescentes vorazes, o ar pegando fogo, com uma carga erótica explosiva. Ela chupou o pau dele, e Archie também a chupou, até ela gozar. Ele a empurrou sobre a cama e ficou por cima, feito um cobertor. Anna mal podia

respirar. Mas tudo bem. Era o preço que pagava por se sentir segura e submissa. Um músculo de sua alma foi massageado; uma rachadura específica em seu muro das lamentações foi remendada.

Contudo, a grande questão sobre rachaduras de parede é que elas acontecem quando há um movimento nas fundações. As placas concretas se tornam abstratas. A partir da primeira rachadura, outras se espalham. *Isto? Isto é falha minha*, pensou Anna ao sentir oscilar o chão a seus pés. E ela queria dizer “falha” em todos os sentidos.

Duas horas depois, ciente de não estar agindo certo, Anna desceu do trem na plataforma 3, em Kloten, cidade do outro lado dos bosques ao norte de Dietlikon, e cruzou a estação até chegar ao Hotel Allegra, onde Karl Trötzmüller a esperava. Ela havia recebido um SMS enquanto Archie estava no banheiro. *Vem pra cá, Anna*, dizia a mensagem, junto com o endereço.

Estou traindo o cara com quem estou traindo o meu marido, pensou ela. *A cada dia minha decência diminui mais um pouco.*

Era frequente Anna se entristecer com o fluxo das coisas. Como as folhas rodopiantes de outono, que primeiro se vestiam de vermelho e depois secavam, ganhando uma tonalidade marrom, tostada. Como as flores da primavera, escondidas o inverno inteiro, que na sequência se espatifavam no chão de modo inesperado. Bruno dizia que ela estava louca. *Todo mundo gosta da primavera, Anna. Deixa de bobagem.* Mas não era a primavera (nem o outono, ou o inverno) que a deixava perturbada. Era o caráter volátil das estações. Como uma se transformava em outra, depois outra, depois mais outra. Tratava-se de um empreendimento instável, no qual não conseguia confiar. E a mudança é sempre uma ocasião para o pânico, Anna tentou esclarecer. Inclusive as mudanças com as quais ela já deveria estar acostumada, como o nascer ou o pôr do sol. O pôr do sol, em especial. *Me diga, Bruno, em qual cultura o pôr do sol não é um prenúncio de escuridão?* Bruno revirava os olhos e abandonava o debate. Assim, ao mesmo tempo em que outubro começou fácil, Anna foi, gradualmente, ficando mais apreensiva com o

encurtamento dos dias.

Ela só voltou de Klotten depois de quatro e meia da tarde. Tinha demorado mais porque resolvera tomar uma ducha.

– Eu só queria que você tivesse mais consideração e parasse de ficar perambulando pela cidade. Não sou a mãe deles, você sabe disso.

Ursula estava irritada. Foi embora tão depressa que acabou esquecendo o casaco. Os meninos estavam no quintal, e Polly Jean, na sala, dentro de seu cercadinho, com o pé de um tigre de pelúcia na boca. A casa estava tão quieta que Anna podia ouvir o tique-taque dos relógios.

Ficou pensativa depois da aula de alemão daquele dia. A língua alemã, assim como a mulher, também tem seus humores. Às vezes, era condicional, imperativa, indicativa ou subjuntiva. Hipotética, exigente, factual e ávida. Melancólica, mandona, rude e solícita. Saudosa, intrometida, deprimida e suplicante. Anna tentou fazer uma lista com todos os estados de ânimo que já vivenciara, mas lhe faltaram palavras antes que metade de seus sentimentos fossem nomeados.

Ao tirar a filha do cercadinho, pegando-a no colo, ponderou que nos próximos dias deveria voltar para casa imediatamente depois da aula. Polly começou a chorar.

– Silêncio – pediu Anna. – Preciso abraçar alguém.

Sentou-se na cadeira de balanço e encostou a filha junto ao peito, com uma manta. Por exaustão, compaixão e talvez até tédio – ou os três sentimentos ao mesmo tempo –, também chorou.

– Anna, o que você acha que vai encontrar no centro do labirinto?

A catástrofe a impulsionava por um caminho sinuoso. Ela sabia que, independentemente do que encontrasse, não seria agradável. Foi mais ou menos o que respondeu.

– A psicanálise não é uma terapia – retrucou a doutora Messerli. – O objetivo de grande parte das terapias é fazer com que a pessoa se sinta melhor. A psicanálise quer que o paciente se torne uma pessoa melhor. Não é a mesma coisa. A análise raramente é agradável.

Pense num osso que é colocado no lugar de forma inadequada. É preciso quebrá-lo de novo para consertá-lo. A dor que vem em seguida costuma ser maior do que o trauma inicial. É verdade que a jornada não é fácil, Anna, e não era mesmo para ser.

Usando uma lógica um tanto truncada, Anna era capaz de justificar o fato de ter um caso: *É o que me faz bem neste momento. Me distrai das coisas que me jogam para baixo. Bruno vem me ignorando há muitos anos. Será que não posso ter algo que pertença totalmente a mim? Não importa se Bruno não sabe. Não vai durar para sempre, é só por um tempo. Um tempo. Só por um breve tempo.* Ela era inteligente e conseguia rodopiar em torno de uma dezena de argumentos.

Contudo, apesar de sua inteligência, sabia que não era possível justificar dois casos ao mesmo tempo. Deixar acontecer? Sucumbir a eles? Render-se? Entregar-se? Sim, sim, sim e sim. Mas ela não conseguia se absolver ou se eximir. Então não o fez. Em vez disso, pôs todos os escrúpulos de lado e empregou o seu melhor para não se importar. Uma tarefa que foi facilitada pelo próprio caso em si.

Quando Anna se entregou, nos bosques de Mumpf, uma compaixão estranha e improvável a agarrou pela garganta. *É inútil fugir dos meus impulsos.* A epifania foi afiada como uma faca. Saiu cortando as amarras de seus pulsos. *Minhas culpas são inegáveis e não podem ser minimizadas. Tenho que senti-las. São minhas.* E foi o que decidiu fazer. Apropriar-se daquilo. Experimentar. O sexo deixou tudo às claras. *Posso não ser tão passiva quanto acho que sou. O ônibus é meu. Sou eu que vou guiá-lo, caramba!* Assim, quanto pior ela se tornava, melhor se tornava. Continuava triste. Continuava inquieta. Continuava sendo ela mesma, sob a ameaça iminente de ficar presa nos escombros de suas escolhas equivocadas quando seu abrigo temporário desmoronasse. Porém, a partir dessa terrível percepção, Anna conseguiu reunir forças. Foi o que ditou o estado de ânimo de outubro. O que pôs as engrenagens para funcionar de improviso. E, enquanto estivessem funcionando – por

mais arriscado que fosse –, ela não deixaria de aproveitar.

No dia seguinte, Anna foi da aula direto para casa. Estava cansada, com dor e enfraquecida, além de ter prometido a Ursula que faria isso. Archie não escondeu a decepção.

– Ah, que besteira, a gente se encontra ainda esta semana – soprou no ouvido dele, junto à máquina de café na *Kantine*. Ele franziu as sobrancelhas e ficou se lamentando, da mesma forma que os filhos dela faziam quando eram contrariados, o que acabou com a paciência de Anna. – Meu Deus, Archie, esquece isso.

Ela esfregou as têmporas ao falar. Ele saiu sem responder, pagou pelo café, pegou um jornal que alguém tinha deixado no balcão e se sentou a uma mesa no canto, de costas. Anna sentiu-se culpada. Não era sua intenção magoá-lo. Mary se aproximou dela.

– O que houve, querida? Está com dor de cabeça? Acho que tenho uma aspirina – ofereceu, vasculhando a bolsa.

– Só preciso de um café – respondeu Anna, cortando-a.

– Então é pra já!

No caminho de volta para casa, Anna parou no Coop da Bahnhofstrasse de Dietlikon. No trem, tinha feito uma lista de compras. *Eier. Milch. Brot. Pfirsiche. Müsli. Die Fernsehzeitschrift. Ovos. Leite. Pão. Pêssego. Granola. O guia da TV.* Conteve uma risada de desprezo. Parecia a lista de compras de uma senhora de idade. Fazia sentido. Naquele dia, sentia-se como se tivesse quinze, vinte anos a mais do que sua idade verdadeira. Terminou as compras o mais rápido que pôde.

Cinco minutos depois, na fila para pagar, escutou alguém chamando seu nome, mais atrás.

– *Grüezi*, senhora Benz. – Era sua vizinha, Margrith.

– *Grüezi*, senhora Tschäppät.

Margrith exibiu um sorriso estranho, mas que não chegava a ser frio. Perguntou por Bruno, pelas crianças e por Ursula. Anna contou que estavam todos bem e em seguida perguntou à vizinha o que ela e Hans tinham planejado para o restante da estação. Era o tipo de diálogo ideal para um momento como aquele. Anna nunca sabia o

que conversar com estranhos. E os suíços eram sempre gente estranha. A conversa seguiu educada e superficial, exatamente como devem ser as conversas em filas de mercado.

Margrith continuou falando, mesmo quando Anna se virou para pagar.

– Ah – disse ela, despretensiosamente, enquanto Anna inseria o cartão no leitor –, acho que eu vi você ontem – acrescentou, fazendo uma pausa. – Sim. Em Kloten. Você estava caminhando para os trens. – Anna digitou a senha do cartão sem olhar para cima. – Eu tenho uma irmã em Kloten, você sabe.

– Ah, claro – respondeu ela, embora não soubesse que a vizinha tinha uma irmã. – E como ela está?

– Ela está bem, obrigada por perguntar. Você tem alguma amiga em Kloten?

– Não. Acho que você se confundiu, Margrith. Não era eu – respondeu Anna, com firmeza e calma. *Das war nicht ich.* Manteve uma expressão neutra e tentou se lembrar se Karl a acompanhara na saída do hotel. Não, não acompanhara.

– Ah, bom – retorquiu Margrith, rindo do erro que certamente cometera. – Mas parecia sua sócia!

Anna empacotou as compras e sorriu para a vizinha, antes de se despedirem. Saiu do Coop e levou três minutos para chegar à Rosenweg, um trajeto que toma geralmente cinco minutos.

10

A história dos *doppelgängers* é fenomenológica. Eles raramente aparecem no mesmo lugar onde sua verdadeira metade se encontra. O mais comum é que apareçam quando alguém está muito doente, ou correndo grande perigo. Acredita-se que em épocas de muita angústia o espírito das pessoas pode determinar sua própria bilocação. Se a família ou os amigos de alguém veem um *doppelgänger*, é sinal de má sorte.

É um presságio de morte enxergar o próprio eu.

Anna completaria 38 anos em menos de duas semanas.

Detestava fazer aniversário. Sentia-se deprimida. Sempre que havia comemorado a data, junto à alegria do momento surgia um tremendo golpe de decepção, como um martelo arremessado contra uma escultura de vidro.

Não era a ideia de ficar mais velha que a enchia de medo. Envelhecer é consequência natural de estar vivo, Anna sabia, e a alternativa a esse fato era macabra.

Agora, pense: A cada ano, todos têm um dia de morte também, só não se sabe que dia é esse.

Anna fez Bruno prometer que não armaria nada, o que não foi difícil para ele: não tinha nenhum plano em mente. Quanto a ela, decidiu que só pensaria no aniversário quando ele chegasse, nem um minuto antes sequer.

– A tristeza que não encontra alívio nas lágrimas acaba fazendo outros órgãos chorarem – declarou a doutora Messerli.

Anna anotou isso no diário. *É verdade, de muitas e muitas maneiras.*

Era sábado, e Anna e Bruno tinham sido convidados para um coquetel na casa de Edith e Otto Hammer, em Erlenbach. Bruno levou as crianças para a casa de Ursula, enquanto a esposa se arrumava. Ela não estava animada. Não queria ir, mas os Hammer contavam com eles, e Bruno prometeu que não voltariam tarde.

Anna cultivava o hábito de se vestir bem. Tinha roupas elegantes e uma excelente noção de moda. Sentia-se segura em seus trajes mais bonitos, e, mesmo que não fosse feliz o tempo todo, pelo menos podia se imaginar relativa e ocasionalmente inabalável. Naquele dia, escolheu um vestido preto e justo, de mangas bem curtas, que descia ligeiramente pelos ombros, com detalhes dourados na bainha. Por cima, jogou um xale preto de lã e prendeu o cabelo no alto da cabeça, de modo informal, usando uma presilha salpicada de *strass*. Primeiro, olhou-se no espelho do banheiro, e em seguida no do quarto. Cada espelho a tratava de modo diferente. No do quarto, parecia magra, porém pálida. Já no do banheiro, estava com um aspecto saudável, mas seus braços pareciam mais grossos, e o rosto, inchado. Nenhum dos rostos era o seu, e ainda assim ambos eram. *Você não é meu doppelgänger*, disse ela aos dois reflexos. Pegou a soma deles e dividiu pela metade. Estava apresentável.

Bruno e Anna entraram no carro. O rádio estava sintonizado numa estação de hip-hop. Ela achava graça em ver como os suíços amavam *black music*. Depois das aulas e nos fins de semana de tempo bom, um grupo de adolescentes se reunia no pátio da igreja, em frente à casa deles. Vestiam-se com roupas típicas da juventude urbana: calças bem folgadas, tênis brancos e de cadarços amplos, além de bonés de basquete enterrados na cabeça, virados para o lado. Ouviam música no volume mais alto possível, batendo a cabeça contra paredes imaginárias, enquanto bebiam Red Bull e vodca, fumavam cigarros e cantavam juntos as músicas de rap cujas letras talvez não entendessem por completo. Anna nunca falou com eles. Davam-lhe medo. Bruno deixou o rádio sintonizado nessa estação, e ela tentou se entregar à batida e à vibração da música.

Agora, quando Anna pensava em Stephen, quase sempre era de passagem, uma noção transitória que viajava em sua mente de um lado a outro, como um pedestre atravessando a rua. Às vezes, pensava nele enquanto transava (não importando com quem). Às vezes, acontecia durante suas caminhadas pela mata. Noutros momentos, era quando o trem parava na estação de Wipkingen, quando o noticiário relatava algum incêndio florestal, quando ela tomava o número 33 para Neumarkt ou enquanto penteava o cabelo de Polly Jean. A lembrança surgia nos *trams* do centro da cidade, quando sentia o odor do sabonete ou da colônia dele, ou então se ouvia algum homem falando com o mesmo timbre de voz. Anna rapidamente se virava, examinando todos os rostos, mas Stephen nunca estava lá. Isso não acontecia com frequência, mas acontecia o suficiente.

- Qual é a diferença entre amor e desejo?
- Me diga você – respondeu a doutora Messerli.
- O desejo não tem cura. O amor tem.
- Anna, o desejo não é uma doença.
- Não?

Edith Hammer raramente dava festas despreziosas. Embora não fosse discreto, o coquetel era no mínimo modesto. Menos de vinte convidados circulavam pelos cômodos da casa dos Hammer na Costa Dourada. Não era uma ocasião especial. Não era aniversário de ninguém, nem de casamento; não estavam celebrando nada. A festa acabou acontecendo simplesmente porque Edith assim queria. Otto sempre mimava a esposa: *O desejo dela é uma ordem*. Porém, apesar da aura de satisfação, o casal não era totalmente feliz. O temperamento de Otto se inflamava mais, e com mais frequência, do que o de Bruno. Edith era perdulária e, no geral, cruel em suas palavras. As filhas, delinquentes, viviam grande parte do ano num internato em Lausanne. Além disso, os Hammer bebiam muito.

No entanto, juntos formavam um belo e refinado casal, e Edith era uma das duas únicas amigas de Anna. Por mais impaciente e

impiedosa que ela fosse, Anna não tinha muita escolha a não ser mantê-la por perto.

Assim que Bruno e Anna passaram pela porta, foram arrancados da companhia um do outro, sendo conduzidos para a enorme sala de estar, Anna por Edith, e Bruno por Otto. Os convidados estavam segregados. Os homens se reuniam perto do bar, e as mulheres, junto à cozinha. A Suíça é, sem dúvida, um país moderno, mas os papéis de gênero fazem aparições ocasionais. Em alguns cantões, as mulheres só conseguiram o direito ao voto na década de 1970. Quando isso parou de lhe causar espanto, Anna concluiu que já estava no país havia bastante tempo.

A doutora Messerli já repisara tanto a questão, que a conversa acabou virando lugar-comum: Anna não se importava de perpetuar o estereótipo da mulher frágil e submissa? Exceto pela maneira como se vestia, pela linguagem que usava e pelo celular na bolsa, havia pouca coisa que a diferenciava de uma mulher que vivera cinquenta, setenta, cem anos antes? Elas também não dirigiam nem tinham conta em banco. Será que Anna não entendia que poderia ser o que quisesse? Será que não acreditava ter a responsabilidade de ser *alguma coisa*?

A resposta dela nunca mudava. *Eu entendo o seu ponto. Talvez você tenha razão.*

Naquela noite, Edith estava uma simpatia. Movimentava-se pela sala numa alegria que Anna jamais vira, enquanto distribuía taças de vinho e passava adiante potes de azeitona, amendoim e ervilhas cobertas de *wasabi*, aperitivos que Anna poderia jurar serem comuns demais para o gosto da anfitriã. Anna ficou perto de mulheres que só conhecia de vista. Eram esposas dos colegas bancários de Bruno. Elas acenaram e sorriram, abrindo o círculo para incluí-la, mas prosseguiram na conversa em *Schwiizerdütsch*.

Anna talvez entendesse cinco por cento de tudo o que ouvia. Era ótimo que seu alemão tivesse melhorado consideravelmente, mas isso pouco lhe servia no meio de uma panelinha de *Schweizerin*. Ela também respondeu com acenos e sorrisos. Ficava mais fácil assim.

Avistou Bruno do outro lado da sala. O marido fazia gestos exagerados com os braços, e os homens ao redor riam enquanto ele

contava uma história, exatamente como tinham feito os convidados na festa de Daniela. Um cigarro vacilava na ponta de seus lábios. Anna não gostava que ele fumasse, mas Bruno só fumava em festas. Portanto, quando o fazia, costumava ser um sinal de que estava se divertindo. *Bom, vou aceitar, o cigarro e tudo o mais*, contemporizou Anna.

Ela morria de vontade de ligar para Stephen, mas nunca o fez. *O que eu falaria, além de oi? Contaria a ele sobre Polly Jean? Confessaria que sinto saudade? Imploraria para que voltasse?* Ficava imaginando diferentes roteiros. *O que aconteceria? Causaria algum mal?* Anna sabia as respostas.

Foi tomada pelo desejo de falar com ele, mas era especialista em afugentar desejos. Ainda assim, guardava no celular o número do escritório de Stephen no MIT, armazenando-o sob o nome de Cindy, uma prima com quem perdera o contato havia muito tempo. Tinha conseguido descobrir o número dele logo antes de sua partida. Por meio de alguns golpes patéticos no teclado numérico, poderia se reconectar com aquela voz inoportuna e ubíqua.

Porém, nunca ligou.

Naquela semana, Archie e Anna tinham transado duas vezes. Havia caído no padrão que os amantes sem compromisso não conseguem evitar. Era inegável a atração que sentiam um pelo outro, mas afeto não estava em discussão. Não estavam apaixonados. Isso não existia nem como hipótese. Os encontros entre os dois não tinham se tornado menos intensos, mas sim um pouco menos frequentes.

Quantas vezes já fizemos isso? Anna não tinha contado. *São necessárias quantas dessas indiscrições para se configurar uma relação?* A pergunta era irrelevante. *Uma coisa é sentir atração por alguém, outra coisa é amar. Não era o caso nem com Archie, nem com Karl.* Algumas mulheres colecionam colheres. Anna colecionava amantes.

Roland explicou que em alemão o condicional é usado para mostrar a relação de dependência de uma ação ou conjunto de eventos em relação a outra ação. É um cenário do tipo *se isso, então aquilo*.

– *Zum Beispiel* – disse ele, exemplificando –, se amanhã eu estiver doente, então não vou à escola. Ou, se o tempo estiver bom, então iremos ao parque.

Anna não encontrou muito alívio nessas palavras. *Se eu for pega... então estarei ferrada*.

Ela voltou os olhos para o grupo de mulheres que se reuniam na companhia umas das outras. Eram jovens. Os maridos exibiam a beleza delas como elegantes relógios de pulso, verdadeiras joias.

Edith tinha apoiado a bandeja de comida e se juntado novamente ao grupo.

– Anna – chamou ela, apontando para um canto mais reservado da sala.

Anna fez sinal com o queixo e se afastou, literalmente tirando o corpo fora de uma conversa da qual nem fazia parte.

Edith fez um gesto com as mãos, apressando-a. Estava agitada.

– Vem cá!

Anna se aproximou ainda mais. Já estava muito perto, no limite de distância que gostaria de estar.

Edith, sempre inconfundível, estava tomada naquela noite por um excessivo senso de urgência e uma certa vertigem.

– Seja discreta, mas dá uma viradinha e olha... Não, ainda não! Olha pra esquerda.

Anna balançou a cabeça diante daquele comportamento típico de adolescente, mas foi em frente. Fez uma pausa e, em seguida, virou-se, olhando por cima do ombro.

– É para procurar o quê?

– É sério, Anna. Olha de novo!

Ela olhou mais uma vez. Viu Bruno e Otto no sofá. Perto do sofá, estava Andreas, um funcionário do banco subordinado a eles dois. E, ao lado de Andreas, um homem que ela não conhecia. Era mais

loiro, mais baixo e mais novo que os outros. Usava um blazer bem cortado, jeans escuro e um óculos estiloso. Jogou a cabeça para trás, rindo, e Anna notou um espaço entre seus dentes e uma covinha no queixo. Era bonito, de fato, e devia ter uns 25 anos, se tanto.

– Quem é? Trabalha na sucursal? O que é que ele faz?

– Ah, não sei o que ele faz – respondeu Edith, enxotando a pergunta com as mãos, como se fosse uma mosca. – Alguma coisa ligada ao banco. – Anna fechou a cara. – O nome dele é Niklas Flimm.

– Flynn?

– Não, caramba. Presta atenção. *Flimmmmm* – disse ela, prolongando a letra *m*. – Ele é *austríaco* – complementou, enfatizando sua origem, como se, assim, o que fosse dizer depois carregasse mais peso, mais significado. – A gente está trepando há um mês!

Ao pensar em seus relacionamentos amorosos, Anna chegou à conclusão de que todos eles haviam começado com sexo logo no primeiro encontro, não importando quem fosse o homem. Bruno. Archie. Stephen. Vince, seu namorado de faculdade. Eles tinham se conhecido no dia de orientações e boas-vindas promovido pela universidade. Na mesma noite, o rapaz expulsou o sujeito com quem dividia o dormitório e pôde sentir as mãos de Anna dentro de sua calça. Quanto a Karl, verdade que ela o conhecera antes daquele dia em Mumpf, mas, até a festa de Daniela, os dois nunca tinham conversado de verdade. Cometer um erro uma vez é descuido. Mas três vezes, quatro, uma dezena de vezes? *Nossa, você está procurando sarna pra se coçar!*

– Há um mês! – repetiu Edith.

– Hum... – disse Anna num tom de voz pragmático. Histórias de traição não a surpreendiam mais. Edith abriu um sorriso meio áspero. *Ela quer que eu fale mais alguma coisa*, pensou Anna, por isso procurou algo relevante para dizer. – Como é que... isso

aconteceu? – perguntou, gaguejando na palavra “aconteceu”. Não sabia mais o que falar. – Você e o Otto estão em crise?

Edith soltou uma risada indiferente.

– Ah, não. A gente está bem. O que os olhos não veem o coração não sente. E dá uma olhada na minha pele! Há anos que não fica tão boa!

Anna não negou a afirmação, embora não conseguisse entender o que isso tinha a ver com a história.

– Bom, e como ele é?

Edith encarou a amiga como se dissesse *você só pode estar brincando*.

– Anna, espia só! Ele é lindo. E jovem! Não é um encanto? – Niklas desviou o olhar momentaneamente da conversa e percebeu que as duas o encaravam. Ergueu ao mesmo tempo a sobancelha e a taça de vinho em direção a elas. – É excitante, não acha?

É, pensou Anna. O adultério é como uma explosão.

– Temos que arranjar um pra você, Anna.

– Um amante?

Edith revirou os olhos.

– Não... Um cacto, porra. É, um amante, lógico – completou com um sorriso arrogante. – Vai te dar uma animada!

É exatamente o que não aconteceria, pensou Anna. Mesmo frágil, ela às vezes era bem lúcida.

– Você ama esse Niklas? – perguntou à anfitriã, na sinceridade mais provinciana possível.

Edith desatou a rir, meio embriagada.

– Claro que não! – Aquilo soou pitoresco e enigmático, como algo que Mary diria. – Não tem nada a ver com amor!

O dever de casa de Anna, das aulas de alemão, consistia geralmente em exercícios de vocabulário, conjugação de verbos, prática de declinação e na escrita de muitas, muitas e muitas sentenças.

O amor é uma sentença, pensou ela. *Uma sentença de morte.*

11

Após brincar por um tempo com o colarinho de sua camisa, Edith olhou à sua volta e se afastou de Anna, com uma batidinha no ombro da amiga.

– Vou cuidar dos outros convidados! – declarou, e saiu dali, esvoaçante, deixando Anna sozinha num canto vazio da sala.

Os Hammer tinham providenciado dois aquecedores para o terraço, mas não havia ninguém do lado de fora. Anna cruzou a sala da forma mais discreta que conseguiu, escapando pela porta dos fundos.

Meu Deus, como sou boa nessa arte de ficar sozinha. Era verdade. Quando criança, Anna preferia passar a maior parte do tempo a sós. Um dia, seus pais acabaram levando-a a um psicólogo. Não parecia saudável aquele afastamento todo em uma garota que aparentava ser, fora isso, absolutamente normal. *Ela está deprimida, doutor? Vai ficar bem?* A preocupação deles era legítima. Em casa, Anna se isolava. Todos os dias ficava recolhida no quarto, de porta trancada, lendo, ouvindo rádio, escrevendo no diário ou apenas contemplando a rua, sentada no parapeito. *O que é que você está fazendo aí, trancada e sozinha?*, perguntavam seus pais. *Estou estudando, é o que costumava responder. E sonhando*, pensava, mas não dizia. *E imaginando quem eu serei daqui a vinte anos.* O psicólogo fez umas trinta perguntas e no final disse aos pais de Anna que ela estava bem.

– É a puberdade – concluiu ele. – Vai passar.

Então cobrou duzentos dólares dos pais da menina. Porém, a solidão de Anna não desapareceu. Após a morte dos pais e até conhecer Bruno, quatro anos depois, ela morou sozinha.

Enquanto perambulava pelo jardim dos Hammer, Anna continuou bebericando da mesma taça de vinho que estava tomando dentro da

casa. O frio de meados de outubro definia o ar daquela noite. As nuvens escondiam as estrelas, e a escuridão era opressiva e fragmentada. Ela contemplava o céu quando ouviu um homem tossir. Foi pega de surpresa.

– Oh! – exclamou, virando-se no susto.

– *Hallo*, Anna. – Era Niklas Flimm.

– Olá.

Ela se incomodava ao ouvir alguém chamando-a pelo primeiro nome, sem que antes tivessem sido apresentados. Era uma vantagem injusta. Para algumas tribos indígenas, o nome contém mais do que a identidade do indivíduo; trata-se do receptáculo do espírito. Niklas não recebera esse direito. A ira de Anna tinha sido despertada.

– Eu sou o Niklas.

– Eu sei.

O sujeito falava um inglês anasalado e num tom de voz alto. Era mais bonito de perto do que de longe, e poderia passar fácil por um modelo. *Bola dentro, Edith*, pensou Anna.

– Edith comentou que você é casada com Bruno...

– Exatamente – respondeu ela com um sorriso afetado.

O inglês dele era rudimentar. Seu “Edith” foi pronunciado de uma maneira muito estranha, e ele omitia os artigos ao falar, com a mesma frequência com que Karl confundia o vocabulário. Anna ficou apenas olhando, sem saber mais o que dizer. Para ela, era difícil vencer o sotaque austríaco. Ao ouvi-lo, evitava o olho no olho, concentrando-se na testa dele.

A conversa entre os dois foi um tédio só. Niklas falou sobre Viena, sobre esqui, e confessou que às vezes não entendia os suíços. Anna manteve uma expressão neutra ao se lembrar de uma piada sobre os austríacos, que ouvira Bruno contar. Tinha esquecido o começo da piada. Deslizou o polegar pela borda da taça de vinho, imaginando que horas seriam e quanto tempo Bruno ainda planejava ficar.

Na semana anterior à festa de Edith, Anna e Mary tinham levado os filhos ao Greifensee, segundo maior lago do Cantão de Zurique. A margem do lago ficava a cerca de quinhentos metros de distância da casa dos Gilbert. Os três meninos levaram suas bicicletas. Mary e Anna seguiram atrás deles, sendo que Anna empurrava o carrinho de Polly. Alexis tinha ficado em casa.

– Como você conheceu o Tim?

Mary corou.

– A gente se conheceu nos últimos anos da escola.

Anna não ficou surpresa.

– Você nunca saiu com outra pessoa?

– Não – respondeu Mary, balançando a cabeça. – Com mais ninguém. Só com o Tim.

Aquela confissão parecia envergonhá-la. *Só com o Tim*. Anna se concentrou no caminho à frente. Claro que tinha se envolvido com outros homens antes de Bruno. Namoradinhos de faculdade, rapazes com quem saíra por alguns meses e depois dera o pé na bunda ou, ao contrário, de quem levava o pé na bunda. Amigos com quem, sob diferentes circunstâncias, acabara tendo encontros menos circunstanciais. Mas depois viera Bruno. Mary mudou o foco da conversa.

– E como você e o Bruno se conheceram? Como foi que se apaixonaram? – perguntou ela, prolongando a palavra, como se fosse uma colegial.

– Numa festa – disse Anna, respondendo à primeira pergunta. Era verdade, mas apenas o lado mais suave dela. Os dois tinham se conhecido na festa de um amigo em comum, e naquela mesma noite, embriagados, trocaram carícias apimentadas. Mesmo agora, apesar de diferenças ao mesmo tempo insignificantes e consideráveis, o desejo sobre o qual haviam firmado as bases de seu amor ainda se fazia sentir logo sob a superfície da pele deles. A segunda pergunta exigia certos rodeios. Mary esperou que Anna continuasse. – Bom, ele é bonito, responsável... – continuou, esquivando-se da pergunta pela forma reticente com que falou. Mary assentiu vigorosamente. – E – prosseguiu Anna, dando um suspiro de resignação – aqui estamos nós.

– Simples assim? – indagou Mary. Anna piscou algumas vezes. – Como foi que ele te pediu em casamento?

– Num pomar, em Washington. – Elas deram mais uns passos à frente. – A gente estava viajando.

– Que romântico!

Deveria ter sido, pensou Anna. Para qualquer outro casal, teria sido. Uns meses depois de se conhecerem, decidiram morar juntos. Passados mais alguns meses, quando estavam de férias, passeando por um pomar de maçãs perto de Wenatchee, Bruno virou-se para ela e disse:

– Acredito que você seria uma boa esposa para mim. Acho que quero me casar com você.

Foi um comentário impulsivo e direto. A ideia passou pela cabeça dele, que logo a repetiu em voz alta, da mesma forma como poderia ter dito que estava a fim de ver um filme. Não houve aliança. Montes de maçãs maduras e rotundas olhavam para eles, do alto. *Concordo*, pensou Anna. *Eu seria uma boa esposa. Seria, no geral, uma boa esposa.* E ela amava Bruno. Estava apaixonada por ele, vivenciando uma espécie de amor. Ao entender isso, sentiu confiança suficiente para nomear como amor aquele sentimento. O sexo era bom, e naquela época isso tinha tanta importância quanto qualquer outra coisa. Ela disse sim, e eles se casaram dois meses depois.

Anna sentiu o roçar da grama seca debaixo de seu sapato. Polly Jean estava agitada.

– Charles! – gritou ela. – Você está muito longe, pode voltar!

Charles não ouviu, nem se virou. Anna gritou, então, para Victor, pedindo que alcançasse o irmão. Assim que alcançou, Charles olhou para trás e acenou.

– Ele sempre faz isso.

– Sai em disparada?

– Não. Fica distraído.

– Ah, vive no mundo da lua! Só podia ser seu filho! – disse Mary, dando uma risadinha.

O pedido de Bruno pode ter sido um tanto direto, porém Anna aceitou sem hesitar. A atmosfera no pomar era de paz, e o céu

parecia promissor. As maçãs apresentavam a possibilidade do prazer. Ela se lembrava de todas: *Eva, golden delicious, Anna, condessa, Catarina, granny smith, fuji, galaxy* e *gala*. Com nomes tão improváveis, cada uma prenunciava um curioso potencial de felicidade. *Sim, Bruno, serei sua esposa*. Os dois seguiram de mãos dadas até o carro. No fim do caminho, Anna parou e pegou uma pedra preta e perolada, em meio a uma pilha de pedras desbotadas e sem brilho. Limpou-a na camisa, guardando-a no bolso. Desde então, não se desvencilhava dela. A pedra vivia chacoalhando em sua bolsinha de moedas, dividindo espaço com os trocados que recebia.

Um dia, quando Stephen estava no banheiro, Anna surrupiou um lenço azul, de linho, que ele guardava na gaveta de meias. Estava bordado com iniciais que não eram dele. Talvez tivesse sido de seu avô. Ela se sentiu mal, mas só por alguns instantes. Assim como a pedra, carregava o lenço na bolsinha desde o dia em que o pegara.

Acredito que você seria uma boa esposa para mim, dissera Bruno.

Mas não foi por isso que Anna aceitou o pedido.

Ela aceitou porque não conseguia vislumbrar um homem que lhe fosse mais adequado do que ele.

– Em geral, os homens não traem por se sentirem sozinhos ou por almejamem vínculos afetivos. Para eles, o motivo costuma ser apenas o desafio da sedução. – Anna tinha contado à doutora Messerli sobre Edith e Niklas.

– E quanto às mulheres?

A doutora olhou direto nos olhos dela, com compaixão.

– Estou preocupada com você, Anna.

A conversa com Niklas seguiu em frente, ainda que penosa. Ele morava na Suíça fazia menos de seis meses. Bombardeou Anna de perguntas. Quis saber sobre passeios de um dia saindo de Zurique, sobre lojas especializadas que vendessem comida, sobre algum lugar onde poderia comprar uma *mountain bike*. Era um sujeito falastrão e curioso. Anna estava nervosa. Ele era novo demais para Edith.

Demais, mesmo. E trabalhava para Otto. Quanto descaramento. Ela foi tomada por um lampejo inesperado de retidão, que se avolumou em sua garganta. *Nossa, que hipócrita que eu sou.*

Porém, mesmo os hipócritas têm momentos de clareza, ponderou. Conseguia conviver com a hipocrisia. Era da clareza que não conseguia se esquivar.

Para finalizar o passeio daquele dia, Anna e Mary levaram as crianças a um café perto da *Schiffstation*, em frente ao Castelo de Greifensee, uma construção do século XII. Pediram refrigerante sabor laranja para os meninos e café para elas duas. Anna tirou da bolsa um potinho com biscoitos em formato de bichos e pôs dois deles na bandeja que se acoplava ao carrinho de Polly. Polly pegou os biscoitos e começou a batê-los contra o plástico, esmigalhando tudo em pequenos pedaços.

– Não, Polly.

Anna pegou mais dois biscoitos e pôs um deles perto da boca da filha. Polly segurou o biscoito com sua mão gorducha e ficou empurrando-o contra os lábios, como se fosse comer, mas em seguida despedaçou-o, como os outros, na bandeja.

– Desisto – disse ela, entregando à filha o outro biscoito.

Às vezes, era o que Anna acabava fazendo: simplesmente desistia.

Mary se mostrou compreensiva.

– Ah, de vez em quando eles são assim, mesmo. Geniosos. Acho que principalmente as meninas.

Anna teria que pensar antes de responder se concordava ou não. Quando as bebidas chegaram, ela começou a procurar a carteira.

– Não, não, deixa que eu pago – interrompeu Mary, e ela recuou.

Mary usava uma bolsa grande e pouco prática. Quando pôs a mão lá dentro, em busca da carteira, acabou derrubando tudo, fazendo alguns objetos voarem longe, incluindo um frasquinho de álcool gel, que foi parar no colo dela, e um livro em brochura, que caiu no chão.

– *Beijos proibidos?* – Anna achou graça.

– É só uma bobagem pra ler no trem – argumentou Mary, envergonhada.

Anna escolheu uma página que estava com o canto dobrado e começou a ler um parágrafo em voz alta:

– Com seus dedos teimosos, ela procurava a carne sob a camisa dele. O prazer de seu parceiro era evidente. “Quero você”, ronronou ela, aproximando-se ainda mais e pressionando os quadris contra a virilha dele. Graças à protuberância no meio de suas pernas, ele conseguiu fazer com que ela suspirasse; ela sabia que muito em breve ele estaria por cima de seu corpo, penetrando-a e gemendo na agonia do desejo...

Com força, Mary arrancou o livro da mão dela.

– Anna, as crianças!

As crianças estavam absortas, sendo crianças. Não tinham ouvido nada.

– *Protuberância?* Por que é que você está lendo isso?

Mary pôs o livro de volta na bolsa, deixando escapar um suspiro.

– Ora, porque sim. Você sabe...

Anna balançou a cabeça de uma forma que queria dizer, ao mesmo tempo, sim e não. Mary tentou se explicar, para se livrar do constrangimento.

– Às vezes, penso que não queria ter me acomodado. Tão cedo, quero dizer. – A confissão a envergonhava. – Perdi todas as chances de ser mais... mais carnal. – Anna sentiu pena da amiga. Mary pendurou a bolsa nas costas da cadeira. – Mas não importa, porque o fato é que eu me *acomodei* e *sou* extremamente feliz. *Não trocaria* a minha vida por nenhuma outra. Por isso leio esse tipo de coisa. É um pequeno prazer a que me dou o direito, diante de... bom, sei lá.

Anna sabia sobre o que ela estava falando.

– Sinto muito, Mary.

Mary fingiu não ouvir.

– E, de qualquer forma, esses livros são cheios de asneiras.

– Como assim?

– Todos têm finais felizes. A heroína consegue tudo o que quer. Um emprego incrível. Muito sucesso. Fama, dinheiro. Sempre é uma mulher linda, e seu parceiro é o cara com quem ela sonhou a vida

inteira. Uma vida perfeita, sem tirar nem pôr.

Era evidente a melancolia na voz de Mary.

– Uau. Até parece que a realidade é assim...

Enquanto balbuciava alguma coisa, Polly Jean chutou o carrinho, espalhando migalhas de biscoito para todo lado.

– Eu sei disso, claro.

Mary soprou o café e em seguida tomou um gole. Anna bebeu o dela ainda quente. Queimou a língua, mas fingiu que nada aconteceu.

Como não tinha mais o que fazer nem com as mãos nem com a boca, quando Niklas Flimm perguntou se ela queria mais um drinque, Anna aceitou. Meio minuto depois, ela segurava uma nova taça de vinho. Aquela segunda taça acabou se convertendo numa terceira. E três taças de vinho emendaram numa dose de uísque, fazendo com que ficasse bêbada.

Ela e Niklas continuavam no terraço. Bruno estava dentro da casa, bebendo e contando histórias para os amigos. De vez em quando, Edith olhava pela porta de vidro dos fundos. Anna achava que era para se certificar de que Niklas não queria levá-la para a cama também. Por meio de linguagem corporal, Anna tentou tranquilizar a amiga, demonstrando que aquilo não era possível. O assunto entre eles dois estava se esgotando.

– Quer dizer que você e Edith são muito amigas?

Quando Anna se embebedava, sua diplomacia e elegância eram as primeiras habilidades sociais a desaparecerem. Em geral, acabavam substituídas pela mesma sinceridade errante característica de Edith. Ela abriu um sorriso descuidado e hesitante.

– O que eu ouvi dizer é que Edith é muito amiga *sua*!

A bebida a deixara indomável.

Niklas sorriu, estreitando ligeiramente os olhos.

– Ela te contou...

A voz dele estava serena. Não se sentia desmoralizado, tampouco abalado.

– Não se preocupe. – Ela foi logo acrescentando. – Vou guardar o segredo de vocês, pode deixar.

– Não estou preocupado.

Depois disso, Anna não tinha o que dizer. Continuaram ali mais um minuto, em silêncio.

– Bom, vou entrar – disse ela. – Foi bom conversar com você.

Suas palavras saíram meio gaguejantes. A bebida tinha mesmo lhe subido à cabeça. Ela deixou Niklas sozinho no terraço.

Mesmo bêbada, Anna conseguiu andar em linha reta. Estava andando bem. Melhor do que o normal, na verdade. O álcool havia lhe conferido segurança. A cada passo, seus quadris produziam um gíngado, de um lado para o outro, feito o pêndulo de um relógio, e ela ficou imaginando quem a estaria observando, se é que alguém estava. No banheiro dos Hammer, passou um *gloss* nos lábios e enrolou com os dedos os fios de cabelo que tinham se soltado da presilha. Olhou fundo nos próprios olhos, tal como faria um amante. *Estou cheia de brilho e de más intenções.* Em algum momento entre o uísque e o vinho, uma luz se acendera.

Ao sair do banheiro, foi para perto de Bruno e pôs a mão no ombro dele. Bruno olhou para cima, viu que era Anna e voltou a atenção para a conversa. Ela se sentou no braço da cadeira em que ele estava, inclinou-se um pouco e sussurrou em seu ouvido:

– Vamos pra casa trepar.

Bruno olhou mais uma vez para ela.

– Acho que você está bêbada – respondeu, zombeteiro.

Anna abriu um sorriso discreto.

– Estou, mesmo. Mas dane-se. Vamos pra casa trepar.

Muitos segundos se passaram enquanto Bruno considerava a proposta da esposa. Fixou os olhos nos dela. Quanto tempo fazia? Um mês? Dois? Anna tinha transado tanto nos últimos tempos, que não conseguia se lembrar. O consentimento de Bruno foi silencioso.

– Vamos – repetiu ela.

– Anna, você conhece a palavra em alemão *Sehnsucht*? – Anna fez que não. – Significa uma saudade inconsolável. É aquele buraco no

peito por meio do qual vaza toda a esperança. – Ela foi tomada por uma onda de pavor, e a doutora logo percebeu. – Anna, é só uma sensação de desespero, mas não quer dizer que seja verdadeiramente assim – disse, consolando a paciente.

Não?, Anna respondeu em silêncio.

Bruno e Anna se despediram apressadamente de Edith, Otto e dos demais convidados, e logo pegaram o carro para voltar pra casa. Anna deslizou a mão pela coxa do marido, subindo em direção à virilha dele. Bruno soltou um gemido forte e excitado. Ela mordeu sua orelha, lambendo o lóbulo. *Quero que você meta na minha boca*, disse ela. *Quero que meta na minha boca e depois enfie seu pau no meu rabo*. Bruno manteve os olhos no caminho à frente, mas ao mesmo tempo aumentou a velocidade. *Quero que esfregue sua cara na minha boceta. Quero que chupe o meu clitóris até ele ficar todo carnudo, que nem uma cereja*. Quando chegaram em casa, ele estacionou o carro às pressas, parando de um jeito totalmente torto. Isso era algo que nunca fazia, tão controlado e certinho que era. Os dois começaram a tirar a roupa antes mesmo de entrarem em casa. Os casacos foram abandonados no vestibulo. Anna jogou longe o sapato e o vestido, ainda na entrada. A camisa de Bruno caiu pelo corredor. Ele pegou a esposa pelo braço, acima do cotovelo, empurrando-a de forma agressiva na direção do quarto.

Sobre o colchão, havia roupas recém-lavadas e dobradas. Bruno lançou tudo no chão e jogou Anna na cama, sem cerimônia. Anna desfez o penteado, arremessando a presilha contra a mesinha de cabeceira, onde ela quicou antes de resvalar para o assoalho. Pôs a mão na meia-calça, com o intuito de tirá-la, e no fecho do sutiã – estava excitada demais para decidir o que fazer primeiro. *Para*, ordenou Bruno. *Eu vou tirar a sua roupa*. Anna obedeceu, sem hesitar, enquanto ele se livrava ao mesmo tempo da calça e da cueca.

Meu Deus, como ele é bonito! Anna se permitiu esse breve êxtase. *Eu tinha esquecido que ele era tão bonito assim*. Mesmo para um suíço, Bruno era alto; numa postura relaxada, passava de um metro

e noventa. Seus olhos eram da cor de avelã – marrom-amarelados, como a pedra preciosa olho de tigre. Tinha um peitoral largo e bonito, macio e aveludado. Tanto o cabelo quanto os pelos do corpo eram de um castanho rústico, de solo recém-revolvido. Os antebraços exibiam muitas veias, e eram fortes como os de um carpinteiro. O nariz, mais ariano do que alemânico, era reto feito uma corda esticada, da ponte à ponta. Tinha as feições de um aristocrata; em termos físicos, era herdeiro de uma outra era. Ah, e o pau dele. Anna adorava o pau dele. De todos os paus que já vira na vida, de relacionamentos do passado e do presente, o de Bruno era o maior. Ereto, ficava quase do tamanho de uma faca de jantar e da grossura de um relógio masculino de bolso. Perfeito. De absoluta precisão. Era obsceno, agressivo, e num minuto a rasgaria ao meio. Anna nunca tinha conseguido enfiar mais do que a metade dele na boca. Seus orgasmos eram ao mesmo tempo dolorosos e divinos.

Bruno afastou as pernas dela. Anna, ainda bêbada, só queria ficar deitada, permitindo-lhe dominá-la. Seus joelhos caíram, abertos, quando Bruno montou no meio deles, penetrando-a e em seguida enfiando seu pau e tirando, com o máximo de vigor que conseguia. Depois de dois, três, quatro minutos nessa posição, saiu totalmente de dentro dela, pondo-a de barriga para baixo. Puxou-a para a beirada da cama, erguendo sua pélvis, ajoelhou-se no chão e afastou as pernas dela para os lados antes de enterrar a língua lá dentro. Anna gemeu, suspirou e ficou esfregando os quadris na cara dele, mas não gozou. Bruno a empurrou para o centro da cama e forçou os joelhos dela para baixo. Anna começou a se levantar, porém ele logo gritou *Não*, e com a mão esquerda empurrou os ombros dela também para baixo, ao mesmo tempo em que, com a direita, ajeitava o pau para penetrá-la de novo. Ela se deixou levar pelo êxtase da impotência total. De todos os homens com quem se relacionara, era apenas com Bruno que isso podia se realizar por completo. De todos os seus homens, Bruno era o mais ameaçador. Ele enfiava o pau com tanta força, que ela sentia como se fosse se partir ao meio. Anna rosnou. Bruno pôs a mão esquerda no cóccix dela e, com a direita, envolveu-a, alcançando seu clitóris com os dedos. Ficou brincando com ele, esfregando-o e beliscando.

– Vou gozar – disse ela numa voz estridente, usando a própria mão e tirando a dele.

Bruno segurou os quadris dela, metendo lá dentro com mais força do que nunca. O orgasmo de Anna desencadeou o dele. Os dois se retesaram, e em seguida liberaram o que havia para liberar, chamando primeiro o nome um do outro e depois o de Deus, antes de desabarem num grito único de satisfação.

Assim que terminou, Bruno soltou o peso de seu corpo sobre o de Anna, pressionando-a contra o colchão. Ficaram assim até o pau dele parar de pulsar e amolecer o suficiente para tombar sozinho. Quando isso aconteceu, ele rolou para o lado dela, deitando-se de costas. Anna virou a cabeça para olhar para ele. Bruno, totalmente sem energia, esticou o corpo todo, coroando o movimento com um frêmito. Sob a luz turva porém irrefutável da lua, Anna viu o que parecia ser um sorriso cruzar o rosto dele.

– Bruno, qual é o propósito da dor?

– Isso é o quê? Conversa de travesseiro? – disse ele, bocejando. – Vai dormir, Anna. – Ela perguntou de novo. Queria saber. Bruno respirou fundo algumas vezes, antes de falar. Anna pensou que já estivesse dormindo. – A dor é a prova da vida – respondeu ele com espontaneidade. – É esse o propósito.

Foi uma resposta mais satisfatória do que a da doutora Messerli.

– Bruno – pressionou ela –, você me ama?

A resposta dele veio num ronco.

12

O sentimento de decepção pós-análise costuma ser palpável. Assim como nos momentos pós-sexo, nos sentimos cansados, esgotados e, por um tempo, aliviados de que tudo acabou. Deixamos o consultório do analista cientes, ao mesmo tempo, de nossa singularidade e de nossa solidão. Somos nós que vivemos aprisionados à nossa pele. Ninguém consegue o resplendor que deseja. Todo mundo morre sozinho. A análise é um processo, e o processo é uma procissão vagarosa. Um cortejo.

Anna, qual é o seu parecer?, tinha perguntado a doutora Messerli.

Anna balançou a cabeça. Não queria dar nenhum palpite. A sessão estava quase no fim. Levantou-se, esfregou o pescoço e se esticou toda, em várias direções.

– Minha coluna está doendo; estou tensa. É só isso.

Anna se curvou para recolher suas coisas e ir embora. A doutora se levantou, acompanhando-a até a porta.

– Até mesmo os ombros mais graciosos só aguentam até certo ponto.

Anna continuava bêbada. Não conseguia dormir. Bruno nunca tinha tido esse problema. Pegava no sono com facilidade. Ao dormir, morria para o mundo. Transar fazia isso com ele. Quanto a Anna, o sexo costumava deixá-la inquieta e insegura. *A consequência do sexo é sempre a dúvida*, pensou. Quanto mais intimidade, mais dúvida. Quando Bruno apagou, ela ficou sozinha. O ruído branco da apreensão era o que a mantinha acordada.

Anna se levantou, pôs uma calça jeans, um suéter e uma bota. Não se preocupou em vestir calcinha nem meia. Encontrou seu casaco na entrada, onde havia se despido uma hora antes, e o vestiu por cima da roupa. *Aonde é que eu posso ir?*

Independentemente de onde estivesse, sentia-se presa. Mesmo no fim de uma noite como aquela.

Em meio à escuridão, percorreu o caminho familiar atrás da casa. Passou por um celeiro decadente e pelas unidades dos fundos de um conjunto de apartamentos. Uma luz com sensor de movimento se acendeu. Aquela claridade repentina a assustou, como sempre acontecia. Olhou por sobre o campo de girassóis, para as casas mais novas, ao sul da Loorenstrasse. A maioria estava totalmente no escuro, mas uma janela aqui e ali mantinha-se ligeiramente iluminada. *Aonde é que estou indo?* Anna não tinha para onde ir nem motivo algum para fazê-lo. *Todo lugar para onde vou é um não lugar.* Era verdade. Mas o próprio tédio a enfadou, então ela o pôs de lado.

O céu estava tão límpido que brilhava. Anna subiu a colina e se sentou no banco que ficava numa curva do caminho. O seu banco. Uma das coisas que lhe eram mais familiares em toda a Suíça. Ficou contemplando as constelações de outono e desejou saber o nome delas. Acima de si, pendia a lua. *Não tenho nada a dizer sobre a lua,* comentou consigo mesma, e, ao dizer que não tinha nada a dizer, de certa forma disse alguma coisa. Observou as luzes piscantes e vermelhas de três aviões em diferentes altitudes reverberarem pelo espaço escuro e salpicado de estrelas. Anna estava acostumada com aviões. Eles moravam a apenas alguns quilômetros de distância do aeroporto de Zurique. Ela sempre procurava alguma movimentação no céu. Nos anos 1970, a dez quilômetros dali, na cidade de Büllach, um homem chamado Billy Meier disse a todo mundo, jurando por Deus, que havia recebido a visita de alienígenas em discos voadores. Ele guardava centenas de fotos que provavam tal acontecimento. Anna vira essas fotos na internet. A imagem era familiar: um terreno vazio, rural, com um disco metálico equilibrado de tal forma que brincava com a nossa percepção, preso a alguns fios que, embora invisíveis, com certeza deviam existir. Após passar nove anos refletindo sobre as palavras “alienígena” e “alienado”, Anna se afeiçoou à história de Billy Meier. E, quase seis anos antes, em Bassersdorf, a cidade imediatamente ao norte de Dietlikon, um voo da Crossair caiu a quatro quilômetros da pista de pouso. Erro do

piloto. Anna se lembrava daquela noite. Tinha ouvido um barulho assustador e foi logo para fora de casa ver o que era. Não conseguiu enxergar nada na escuridão. Bruno leu sobre o acidente no jornal do dia seguinte. Havia algumas celebridades dentro do avião, embora nem Anna nem Bruno tenham reconhecido nenhum daqueles nomes. Assim, ela ficou examinando o céu acima de sua cabeça, procurando algum sinal. Não encontrou nada.

A brisa fazia tudo parecer mais solitário do que de fato era. Anna pegou seu celular, que havia deixado dentro do bolso antes de sair de casa. Abriu o aparelho e apertou o mesmo botão duas vezes.

Certa vez, depois de uma manhã dolorosamente agradável de sexo, e conforme o sol penetrava pelas frestas da persiana, atingindo o corpo deles, Anna se virou para Stephen:

– Me fala um pouco sobre combustão humana espontânea.

Ele riu, beijou-a na testa e se pôs de pé.

– Isso não existe. As pessoas não saem pegando fogo por aí.

– Mas eu já vi umas imagens.

– Não existe nada de espontâneo nisso – retrucou ele, balançando a cabeça. – Sempre tem um catalisador. Cigarro na cama, instalações elétricas com problema, faíscas desgarradas, raios. Alguma coisa. Não é mágica, Anna. É química. As coisas não explodem do nada.

Anna sabia que aquilo não era totalmente verdadeiro. Seu coração havia explodido dentro do peito quando eles se conheceram. Ou foi essa a sensação. Faria qualquer coisa por ele. Atearia fogo às vestes, caso lhe pedisse. Ou, pelo menos, era o que dizia a si mesma.

Vestiu-se e foi para casa.

No início do mês, Anna recebera um cartão pelo correio. Tinha sido enviado por Mary. Do lado de fora, uma joaninha em close. Dentro, estava escrito o seguinte: *Não há nenhum motivo especial para eu te mandar este cartão; queria apenas dizer que você é uma pessoa incrível, muito querida, e que eu adoro a nossa amizade. Tenha um*

ótimo dia, Anna!!!

O telefone tocou uma, duas, três vezes. No quarto toque, Archie atendeu.

– Alô?

Aquele “alô” a surpreendeu.

– Sou eu. – Anna fez uma pausa e depois acrescentou, meio envergonhada: – É a Anna.

A ligação ficou entrecortada. Ele disse alguma coisa que Anna não conseguiu entender direito, e ela pediu que repetisse. Continuava impossível de entender. Ele estava em algum lugar com mais gente. Talvez num bar. Anna não conseguia decifrar de quem eram aquelas vozes. Deu alguns passos para a frente. *Fala comigo, Archie. Estou bêbada, e com frio, sozinha, com tesão, aqui no escuro, bêbada, sozinha, o Bruno está dormindo, fala comigo, fala comigo, por favor, por favor.* Sabia muito bem que ele não lhe devia isso. Mas tinha o direito de pedir, não tinha? *Fala comigo, por favor.*

Houve uma pausa, e Anna ouviu Archie se afastar e pedir às pessoas ao redor que falassem mais baixo. Ela não conseguiu distinguir respostas individuais, mas reconheceu uma risada alta e estridente, de mulher.

– Desculpa – disse Archie. – Está um barulho danado aqui. – Anna fez que sim, como se do outro lado da linha ele conseguisse ver o gesto. – Olha – prosseguiu ele, pigarreando –, posso te ligar mais tarde?

– Você está no meio de um encontro amoroso? – O tom de voz dela era acusatório. Tinha sido essa a intenção.

Archie fingiu não ouvir.

– Posso te ligar amanhã? Agora não dá pra falar.

– Não – respondeu Anna, lembrando a ele que no dia seguinte estaria com Bruno e as crianças e que, se não se falassem naquele instante, só poderiam se falar de novo na segunda-feira.

– Então a gente se fala na segunda, certo?

– Tudo bem – disse ela, mas na verdade não estava tudo bem. Encerrou logo a ligação, antes que Archie o fizesse. Foi tomada por

um ciúme imediato e injusto. Lágrimas intensas jorraram de seus olhos, transbordando e descendo pelo rosto. *Que merda, Anna.* Em seu peito, ouviu a voz desencarnada e intrometida da doutora Messerli: *Seu lado histriônico te paralisa.*

Sim, sim, disse ela em voz alta para a voz interior. *Ele é insignificante. Não é nada, ninguém.* Mas, de todo modo, seu coração estava ferido.

Ela abriu mais uma vez o telefone, e, no breu iluminado apenas pela tela cinza e brilhosa, percorreu a agenda de telefones até encontrar o nome de Karl. O SMS foi simples. *Wo bist?* Ela recebeu uma resposta quase imediata. *Basel. Amanhã em Klotten. No hotel?* O pai de Karl morava num asilo de lá. Por isso ele ia a Klotten com tanta frequência. E sempre ficava no mesmo hotel. *Não é caro?*, tinha perguntado Anna. Era caro, dissera Karl, mas a irmã de um dos caras com quem ele cortava árvore era gerente do lugar e sempre encontrava para ele um quarto na baixa estação, dando-lhe um desconto. Na maioria das vezes, o desconto era um *Não se preocupe com isso.* Anna presumiu que ele pagava a irmã do amigo de outras maneiras. Talvez trepasse com ela também.

Combinado, respondeu Anna. *Me manda uma mensagem. Vou te encontrar a hora que for.*

– Incêndios criminosos e piromania não são a mesma coisa – esclareceu Stephen. – Provocar incêndios premeditados é um crime, cometido, em geral, com o objetivo de fraudar contratos de seguro.

Em muitos casos, Stephen testemunhava como especialista em tribunais penais. Era convidado a depor, e os advogados lhe perguntavam sobre o comportamento do fogo. Como agia sob pressão. Que tipo de coisa desencadeava um incêndio.

– A piromania, por outro lado, é uma doença. Eu não sou psiquiatra, então tudo o que sei é que o piromaniaco incendia as coisas por impulso. Está além de seu bom senso. Mas também são casos raros. É uma coisa que ele não consegue evitar.

– Os piromaniacos são sempre homens?

– Na maioria dos casos, sim. Quase todos os incendiários, inclusive

os que provocam incêndios criminosos, são do sexo masculino.

– E quanto aos pirologistas?

Stephen abriu um sorriso.

– Ah, a maioria dos pirologistas são homens que sabem canalizar sua impulsividade em caminhos potencialmente orgásmicos.

Depois dessa resposta, ele enfiou a cabeça debaixo do cobertor onde os dois estavam deitados e começou a chupar o mamilo de Anna, ao mesmo tempo em que subia as mãos entre as coxas dela. Anna ronronou. Aquela foi uma tarde bem agradável.

Anna acordou de ressaca. Sua cabeça girava, os olhos latejavam, e ela sentia um enorme desconforto no estômago. Eram sete da manhã. As crianças estavam na casa de Ursula, e Bruno continuava dormindo. Ela tomou uma aspirina, bebeu um litro de água e duas xícaras de café. Após a primeira xícara, já se sentia melhor. Aos poucos, a manhã foi ganhando foco.

Tinha deixado o celular no bolso do casaco quando voltou do passeio noturno. Ao pegar o aparelho de novo, a luz que indicava nova mensagem estava piscando. Era um recado de Karl. Ela franziu o rosto. As lembranças da noite anterior foram surgindo devagar. O sexo. O banco. Archie. Karl. Anna corou ao recordar sua luta frenética para evitar ficar sozinha.

Quando acordou – sem ressaca –, 45 minutos depois, Bruno estava num ótimo humor. Passou por ela a caminho do banheiro e tascou-lhe um beijo na bunda. Em alguns minutos, já estava na cozinha preparando o café da manhã, aos assobios, enquanto fritava ovos e bacon para os dois. Anna ficou impressionada. *De onde surgiu esse homem? Quanto tempo vai ficar aqui?* Afastou esses pensamentos da cabeça. Melhor nem saber. Como acontece com as mágicas, uma vez descoberto o truque, o feitiço se dissolve.

Feito recém-casados, eles ficaram flertando durante a refeição. Bruno percorreu com as mãos a parte externa das coxas da esposa, de cima a baixo. Ela lambeu manteiga dos polegares dele. Ficou corada quando, ao se inclinar para beijá-lo, sentiu seu cheiro no rosto do marido. Foi o que bastou. Já comera o suficiente. Estava

pronta para transar de novo. Estava pronta para permitir que o marido a possuísse mais uma vez. Esboçou mentalmente uma mensagem de SMS para Karl: *Mudança de planos*. Não precisaria dizer mais nada. Bruno mordeu seu lábio inferior e, em seguida, com a ponta da língua, desenhou pequenos círculos na ponta da língua dela.

Anna estava louca de desejo. Bruno abriu um sorriso natural, mas perplexo.

– No que você está pensando? – perguntou ele, com seu inglês de sempre, cheio de sotaque.

Pensando?, pensou Anna. *Não estou pensando. Estou flutuando!*

Bruno usava uma calça de pijama flanelada e uma camiseta branca surrada. Anna estava só de robe. Aderira à nudez e à resignação depois do passeio da noite anterior. Ficou de pé, alcançou os ombros do marido e enroscou a perna direita na cintura dele, sentando-se em seu colo e pressionando o peito contra o corpo dele. Deu-lhe um beijo, e depois outro. Pôs-se a rebolar. Seu robe se abriu. Era o corpo dela clamando pelos dedos dele. Anna sentiu o pau de Bruno começando a dar sinal de vida.

Ele a beijou em resposta, mas foi um beijo carinhoso e delicado. Depois balançou a cabeça.

– Agora, não. A gente faz isso mais tarde, *jo?* – Anna amarrou a cara. – Não faz cara feia – disse ele, piscando e dando uns tapinhas na coxa da esposa, como se dissesse *Agora levanta daí, tá?*, e com isso ela se levantou. Bruno ficou de pé, alongou o corpo e bocejou. Depois esfregou as mãos no cabelo dela, bagunçando-o, como se ela fosse um de seus filhos. Tomou às pressas o último gole de café. – Bom, e que tal lavar a louça, já que eu preparei tudo?

Em seguida, foi para o escritório e fechou a porta. Anna afundou na cadeira. Ao ouvir o som da porta do escritório se fechando, algo dentro dela também se fechou. Uma porta fechada fazia com que se lembrasse de tudo o que detestava em sua vida. E agora detestava duas vezes mais do que no dia anterior. As pequenas férias que tivera do desgosto só contribuíram para que a desolação ficasse ainda mais severa.

Anna lavou a louça, depois se vestiu e foi buscar as crianças.

– Vocês se divertiram? – perguntou Ursula.

Ela contou à sogra, num tom de voz gentil, que a festa tinha sido excelente, que era ótimo sair um pouco de casa para poder aproveitar uma noite agradabilíssima. Se usasse um bom número de adjetivos e superlativos, certamente se convenceria de que tudo fora perfeito.

– Mas você sai de casa todos os dias.

Anna percebeu o tom de acusação. Ficou parada na porta, com Polly Jean agarrada em seu quadril. Os meninos passaram correndo por ela e dispararam pela rua, em direção à casa deles.

– Ursula, você está querendo me dizer alguma coisa?

– Não – recuou ela. – O fato é que quase todos os dias você sai de casa. Essa é que é a verdade. Só isso.

Naquela tarde, Anna informou a Bruno que sairia para um longo passeio de bicicleta.

– Duas horas. Talvez mais. – Ele estava acessando alguns arquivos no computador e organizando alguns papéis no escritório. Ela pediu que ficasse de olho nas crianças. Bruno resmungou. – Polly está tirando uma soneca lá em cima – disse ela, enquanto amarrava o sapato. Ele resmungou de novo.

Anna voltou para casa mais de três horas depois.

– Foi uma ótima pedalada – anunciou ela, na direção do escritório. Bruno resmungou mais uma vez.

Anna se sentiu um pouco estranha e meio adolescente na aula de alemão de segunda-feira. Não tinha mandado nenhuma mensagem para Archie desde a famigerada ligação, e ele também não tentara se comunicar. Ela sabia que aquela raiva era uma grande bobagem, mas mesmo uma ferida leve pode doer quando um dedo a cutuca. Na primeira hora de aula, nem sequer olhou na direção dele; ficou prestando atenção ao que Roland dizia sobre as partículas em alemão, aqueles termos idiomáticos que servem de termômetro emocional das frases. *É? Jura? Claro! Sério? Bem.* Archie ficou encarando Anna, que não o encarava. Mary estava sentada entre os dois, sem ter ideia da tensão no ar. No intervalo, ele puxou Anna

para um canto da *Kantine* antes de entrarem na fila.

– Não precisava ficar chateada comigo.

– Eu não estava chateada, estava bêbada – corrigiu ela, o que não era mentira.

– Saí com o Glenn e a mulher dele, além de uns amigos.

– Não sabia que o seu irmão era casado. – Havia muita coisa da vida de Archie que ela não sabia.

Ele pigarreou.

– O Glenn não sabe sobre você. – Anna o encarou de um jeito ao qual não tinha o direito. Archie acabou se entregando. – Foi um encontro arranjado. Terminou com um abraço. Talvez ela quisesse alguma coisa a mais. – Ele não precisava ter entrado nesses detalhes.

– Ah, é? E você, queria o quê? – Anna estava cansada de si mesma. Não tinha o direito de sentir ciúmes.

Archie suspirou de leve.

– Eu não queria ter ido, de verdade. Se não posso estar com você, prefiro ficar em casa sozinho, juro.

Ela não deveria, mas acabou ficando satisfeita com a resposta. De qualquer modo, não podia admitir o que não sabia explicar.

– Vamos pegar um café.

Anna amou Stephen, ou pensava ter amado. Anna acreditava que ainda o amava, embora não tivesse certeza. Mas ela amava Polly Jean, e de certa forma era o mesmo que amar Stephen.

Depois do intervalo, o grupo voltou para a sala, e Roland pulou da explicação sobre as partículas para uma revisão dos quatro casos em alemão, começando pelo acusativo. *Que nome*, pensou Anna. *Acusativo*. Era como ter um dedo ossudo apontado em sua direção (da mesma forma como tudo e todos pareciam fazer nos últimos tempos). Copiou a tabela que Roland escreveu no quadro e tentou reunir alguma empatia por si mesma.

Não passo de uma série de escolhas ruins e mal executadas. Era uma acusação que não podia objetar.

Depois da aula, e como já era costume, ela foi com Archie até o apartamento dele em Niederdorf. Conversaram sobre amenidades ao longo de todo o caminho. Ao chegar lá, nem perderam tempo se beijando. Entregaram-se a um sexo banal e cotidiano. Era o equivalente, em termos sexuais, a um dar de ombros.

Não devo nada de mim a esse homem, pensou ela.

13

É possível viver várias vidas ao mesmo tempo.

Na verdade, é impossível que não seja assim.

Às vezes, essas vidas se sobrepõem e interagem. É um trabalho árduo viver todas elas, o que requer um nível de energia que uma única vida não exige.

Às vezes, essas vidas vivem em paz dentro da casa que habitam, o corpo.

Às vezes, não. Às vezes, elas resmungam, discutem, sobem as escadas com raiva, gritam das janelas e não levam o lixo para fora.

Noutras vezes, essas vidas, essas várias vidas, todas elas, entregam-se, por sua vez, a outras vidas. E tais vidas, como coelhos ou roedores, multiplicam-se, fazendo filhos. E as vidas desses filhos fazem nascer outros filhos.

É nesse momento que a mulher deixa de conduzir a própria vida. É nesse momento que as vidas começam a conduzi-la.

Um dia antes de seu aniversário, num domingo, Anna foi acordada de surpresa, com os dois filhos bem perto dela, observando-a. Charles lhe estendeu um vaso de flores já meio murchas, provavelmente compradas na véspera, e Victor lhe ofereceu uma bandeja com torradas, geleia e café. Bruno estava atrás deles, segurando Polly Jean no colo.

– O que é isso? – perguntou ela, sentando-se na cama.

– É pro seu aniversário, mamãe – adiantou-se Charles.

– Nossa!

Victor interveio com toda a segurança:

– Mas o seu aniversário é só amanhã.

Anna conteve uma careta. Victor era sempre o estraga-prazeres. Ele estendeu a bandeja, e ela a pegou de sua mão.

– Obrigada! – disse, chamando os filhos para lhes dar um beijo. – Adorei o carinho!

Charles sorriu e beijou a mãe, antes de pôr as flores na mesinha de cabeceira. Victor recebeu o beijo, passivo, e ficou arrastando os pés. Anna olhou para Bruno. Ele disse que tinha sido tudo ideia dos meninos, e em seguida pôs a mão no bolso da calça, tirando de lá uma caixinha.

– Pra você, Anna!

Ela pegou a caixa. Era uma caixinha de joia, quadrada e sem embrulho. O minúsculo fecho fez um clique assim que ela o abriu. Ali dentro, preso à fenda de uma almofadinha, estava um anel de ouro adornado, com três pedras diferentes: granada, diamante e topázio amarelo. Eram as pedras zodiacais correspondentes ao nascimento de cada um dos filhos. Um anel de mãe. Anna pôs a joia no dedo da mão direita. Coube certinho. Ela olhou para Bruno e Polly, e depois para os filhos, e disse-lhes a verdade, num tom de voz sério e cadenciado:

– É o melhor presente que eu já ganhei.

– Você gostou? – perguntou Bruno, a voz contida, mas não em um tom indelicado.

– Amei.

– Que bom. Parabéns. Aproveite o seu café da manhã. – Ele se abaixou, beijando-a de leve nos lábios. Anna não conteve as lágrimas que brotaram.

Anna escrevera algumas cartas para Stephen, porém nunca chegara a enviá-las, e todas elas, exceto uma, foram escritas nas semanas logo depois de ele ter ido embora. Ela escondeu tudo dentro de um álbum de recortes da época de escola (o depósito mais apropriado para a melancolia), guardado no fundo de uma caixa, que, por sua vez, ficava debaixo de uma pilha com algumas outras caixas, num canto escuro do sótão, onde Bruno jamais o encontraria. De vez em quando, ela tirava as cartas lá de dentro e ficava sentada no piso do sótão, relendo-as durante horas, tomada de emoção. Eram piegas e exageradas, e ela se lembrava dos lugares onde havia escrito cada

uma delas. Em Platzspitz: *Chamavam isso aqui de Parque das Agulhas. Onde os viciados arranjavam droga. Estou viciada em você, e fico tremendo no chão na sua ausência.* Havia uma que tinha sido escrita num banco que dava para o rio Sihl, o rio turvo que deságua no Limmat: *Marrom como os seus olhos, marrom como a ferida em meu peito. Escuro e cheio de sedimentos, e triste, muito triste.* O dia estava chuvoso. Um homem de chapéu verde passou por Anna, cambaleante, e, a alguns metros de distância, começou a urinar. Outra carta começava assim: *Estou te escrevendo do Lindenhof, exatamente o lugar que você procurava no dia em que a gente se conheceu.* Havia mais uma, que começava na estação de Wipkingen: *A sua estação, Stephen. Você se lembra?* Ela levou algumas semanas escrevendo-a. Finalizou a carta às margens do Zürichsee, em Seefeld, no cais de Riesbach, junto às enormes esculturas abstratas. Anna recordava cada incidente, cada lugar, praticamente todos os movimentos da caneta, as roupas que vestia, o clima, as vezes em que o tempo virou de repente, os momentos em que se manteve estável, a sensação do clima contra sua pele.

Fazia pelo menos cinco meses que não lia as cartas. Talvez seis. A última vez em que as leu foi a primeira em que se sentiu constrangida.

Numa manhã da semana anterior, Anna chegou à aula de alemão sentindo dor de estômago. A sensação era de que tinha comido pedra ou engolido areia de uma ampulheta. Fez suas anotações em silêncio e sem floreios. Roland comentava sobre os pronomes e locuções pronominais indefinidos. *Algo. Alguém. Ninguém. Todos. Seja quem for. Tudo. Suficiente. E: nada.*

Nada, nada, nada.

Mary sabia que o aniversário de Anna estava chegando. No intervalo, ofereceu-se para dar uma festa em sua casa e preparar um bolo para a amiga. Que sabor ela preferia, aliás?

– Não, Mary, não faz nada. Por favor. Eu te peço.

Mary pareceu meio desconcertada, mas desistiu. Deixou o assunto morrer.

Eles passaram o restante da aula aos pares, simulando telefonar uns para os outros.

– Sabe qual é a sensação? – Anna falou depressa, sem parar para respirar. – É como ter tanto sentimento dentro do corpo, que você *se transforma* nesse sentimento. E, ao se transformar no sentimento, ele não está mais *em* você. Ele *é* você. E o sentimento é de desespero. Quase não me lembro da época em que não morava aqui. Mas até o meu jeito de andar me denuncia como norteamericana. Eu me esqueci de como pensar em dólares, porém, mal consigo entender como contar em francos, e meu marido trabalha num banco, caramba! – Anna pensava numa avalanche de coisas ao mesmo tempo. – Será que estou no inferno? Devo estar no inferno. Não sei o que mais você quer que eu diga. Eu consigo cozinhar, comprar, ler, fazer contas simples, chorar e foder. E consigo, também, foder com tudo. Sou capaz de amar? O que isso significa? O que isso importa? Será que eu importo? Tudo o que faço é cometer erros.

A doutora Messerli avançou até a ponta da cadeira e gesticulou para que Anna continuasse falando. Tinha certeza de que estavam perto de alguma descoberta.

É, Anna tinha pedido que Mary não fizesse nada para seu aniversário, mas Mary, a querida Mary, não lhe deu ouvidos, sugerindo, então, que apenas saíssem para um passeio, em vez de darem uma festa. As duas famílias. Uma pequena comemoração de nada, mas ainda assim uma comemoração.

– Além disso – completou Mary –, é algo que a gente faria em algum dia desses.

Anna acabou cedendo, como sempre fazia.

Os Benz tinham combinado de encontrar os Gilbert às 11h15, na estação de Stadelhofen. De lá, pegariam o trem e, em meia hora, estariam em Rapperswil, onde dariam uma volta e depois entrariam num barco que os levaria de volta a Zurique. O passeio duraria a

tarde toda, com o barco parando várias vezes para subirem passageiros e descerem outros tantos. Mary tinha levado uma cesta com sanduíches, cervejas, refrigerantes e biscoitos para desfrutarem pelo caminho. Depois do passeio, quando voltassem a Zurique, os Gilbert iriam até a casa dos Benz para beber um pouco, jantar qualquer coisinha e comer um pedaço de bolo. Ursula ficou em casa com Polly Jean.

Rapperswil é uma cidade pitoresca, na extremidade leste do lago, a cerca de trinta quilômetros de Zurique. Assentadas sobre os vestígios da Idade do Bronze, suas ruelas robustas datam de épocas medievais. Há um castelo por lá, e a cidade é palco do Circo Knie, o maior da Suíça. Anna nunca tinha estado nesse circo.

No trem, as duas famílias passaram o tempo jogando conversa fora. Mary comentou sobre se tornar voluntária na escola de Max e Alexis, enquanto Bruno e Tim falavam sobre esqui. Anna dividiu a atenção entre as duas conversas. Max e Charles entretinham os adultos contando piadas bobas: *Por que a roda do trem é de ferro e não de borracha? Porque, se fosse de borracha, apagaria os trilhos.* Anna sorriu para o filho do meio.

– Que garoto esperto – disse ela, e Charles logo abriu um sorriso orgulhoso e satisfeito.

Victor ficou sentado sozinho, jogando um videogame portátil. Alexis tinha levado um livro. Anna tentou conversar um pouco com ela, sem muito sucesso. Perguntou-lhe sobre a escola, sobre o Canadá, se ela gostava ou não da Suíça, se estava curtindo a leitura. Alexis respondeu de forma educada, porém sucinta. Anna a deixou em paz, já que ela não queria conversa, e mais uma vez sentiu diante de si um lampejo de familiaridade, e seu coração, invisivelmente, alcançou o coração da menina. Anna não disse mais nada.

Às vezes, Anna imaginava se em alguns momentos Stephen pensava nela. *Será que ele me esqueceu completamente? Será que nunca invado os pensamentos dele? Feito uma música que ele não consegue tirar da cabeça?* Pensar nisso nunca lhe fazia bem.

Evitava-o grande parte do tempo.

Quando não conseguia evitar, apoiava-se na ideia de que alguns meses antes ele podia ter se dado conta do terrível erro que cometera, mas estava muito tímido, envergonhado ou receoso, por isso não havia voltado para ela. *É possível*, pensava Anna. Ela compreendia aquela situação intransponível de se sentir aprisionada, capturada e incapaz de agir. Anna tinha habitado a casa de sua própria fatalidade por anos e anos. Talvez o mesmo acontecesse com Stephen. Ela escolheu acreditar que era esse o motivo para ele nunca ter lhe telefonado nem escrito.

Não era tola, claro, mas havia alguns momentos em que esquecia que não era tola e que esquecia estar fingindo.

– Qual é a diferença entre uma ilusão e uma alucinação?

A doutora Messerli parecia frustrada; o som que emitiu lembrava o clique de um relé fechando um circuito.

– As alucinações são sensoriais. A pessoa vê, ouve ou sente o cheiro de coisas que não existem fora de sua própria experiência. Uma ilusão, por sua vez, é uma crença falsa. Uma convicção que a pessoa carrega, obstinadamente, apesar de fortes evidências contrárias. – Anna fez um resumo para si mesma. Nunca ouvira a voz de Deus nem sentira o cheiro de um imaginário vaso de rosas. – Um hipocondríaco, por exemplo, convence a si mesmo de que está morrendo, embora todos os exames provem que está com a saúde perfeita. Outro indivíduo é capaz de jurar de pés juntos que o governo o persegue. Um terceiro talvez acredite piamente que o objeto de seu amor mais fervoroso retribua essa afeição profunda, embora não seja o caso.

– Entendi. – Ali chegaram um pouco mais perto do cerne da questão.

– Você está tendo alucinações, Anna?

– Não.

Dessa vez, foi a doutora quem respondeu com um *Entendi*.

O sol cintilava qual uma canção, enquanto o barco resvalava sobre

águas prateadas e reluzentes. Anna vestia mais de uma camada de roupa, mas o vento não parava de soprar e, apesar da luz do sol, ela começou a tremer de frio. Bruno percebeu, puxando-a para junto de si. Era esse o Bruno por quem se apaixonara, por quem nutria uma espécie de amor. Estar com os Gilbert trazia esse lado dele à tona. Aquela desenvoltura, incrível e natural, os dois pareciam nunca encontrar quando ficavam a sós. Anna havia esquecido que era possível ser tão feliz. A felicidade percorria seu corpo da cabeça à boca, da garganta ao peito, descendo pela barriga, até chegar à trava de segurança de sua pélvis, onde ela costumava arquivar os ressentimentos contra o mundo.

Encarou aquele dia como de fato era: um presente. No presente. Não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira tão feliz. No barco, não havia ninguém de cara amarrada. Alexis pôs o livro de lado quando Victor cedeu a vez para ela no jogo. Ambos estavam tratando bem os irmãos mais novos. Charles e Max corriam pelo barco, fingindo ser piratas. As crianças tomaram refrigerante, e os adultos ficaram na cerveja; todos comeram batatas chips com sabor de páprica. Bruno roubou um beijo, depois outro. Anna permitiu uma vez, depois mais uma. Todos gargalhavam e sorriam. Todos curtiam o lago. *É injusto eu me sentir tão feliz. Não mereço. Trata-se de um perdão ao qual não faço jus.* Anna teve um lampejo de entendimento. *É isso que eles querem dizer quando falam sobre o tal estado de graça.* Agradeceu a Deus em voz alta, mesmo sem estar convicta de sua fé. Percebeu que Mary tinha checado o relógio quatro vezes num intervalo de trinta minutos. *A viagem de barco leva duas horas,* disse Anna, ao que Mary respondeu com um *Ah, sim, é mesmo.*

A cada *Schiffstation*, algumas pessoas entravam e outras desembarcavam. Os Benz e os Gilbert brincavam de adivinhar quem eram. Chegaram à conclusão de que o homem jovem e alto, de cabeça raspada, e sua companheira, de cabelo preto-azulado, estavam no quinto encontro, e que o casal mais velho, a bombordo, era de turistas ingleses comemorando quarenta anos de casados; a mulher de trinta e poucos anos fumando um cigarro perto da proa tentava curar seu coração partido abusando da solidão e da névoa

do mar. Ou pelo menos foi a conclusão a que Anna chegou.

Ao fim do passeio, os rostos queimados de sol e ardendo por conta do vento, as duas famílias pegaram o *tram* de Bürkliplatz até a Hauptbahnhof e depois o trem para a estação de Dietlikon. Era perto de seis da tarde, e escurecia. Havia bolo e champanhe esperando por eles.

Anna mal conseguia acreditar que o dia fora tão agradável e divertido. Não era essa sua expectativa. Tinha esquecido que isso era possível, se é que algum dia soubera de verdade.

Ainda estava envolvida na experiência leve e alegre daquele dia, quando eles subiram a Hintergasse, passando pela praça, e dobraram a esquina na Rosenweg. À direita, o estacionamento da igreja estava repleto de carros. Se Anna tivesse percebido isso – algo que não ocorreu –, teria presumido que a igreja estava realizando alguma missa noturna. Passaram pelo pequeno pátio e caminharam em direção à casa, subindo os degraus e abrindo a porta.

A casa estava escura. Bruno acendeu a luz e, após uma pausa de meio segundo, umas vinte e poucas pessoas começaram a gritar: *Surpresa!*

Meu Deus, pensou Anna. *Que droga, eles prepararam uma festa pra mim.*

Era evidente quem tinha arquitetado a surpresa. Antes que Anna pudesse ver os convidados, antes que pudesse registrar direito o rosto das pessoas que tinham aparecido em sua casa sem ser convidadas pessoalmente, Mary dominou seu campo de visão. Ficou saltitando e batendo palmas, como aquele palhaço que salta da caixa quando um botão é acionado.

– Ficou surpresa? Ficou? Você fazia alguma ideia? Nossa, olha a sua cara de espanto!

Claro, claro, disse Anna, tranquilizando a amiga. *Uma baita surpresa.* Abraçou Mary de forma automática, agradecendo-a, e pôs-se a examinar, em silêncio, a situação. *Tudo bem, Anna, você é capaz de lidar com isso. Foi um dia muito, muito bom. Posso lidar com isso. Posso agradecer, inclusive.*

Ela analisou a sala. Ursula estava lá, assim como Daniela e David,

Margrith, Hans e a filha deles, Suzanne, com o marido Guido, nenhum dos quais Anna conhecia muito bem, mas que, até o ano anterior, tinham morado no casebre atrás do celeiro de Hans, com as três filhinhas, que também haviam comparecido à festa. Monika e Beat, vizinhos de Bruno e Anna, estavam lá, bem como Edith e Otto. A maioria dos alunos da aula de alemão também estava presente, incluindo Nancy e Ed, o casal australiano com o qual ela raramente falava, a senhora francesa que sempre fumava nos intervalos e os asiáticos, que só conviviam entre si e que, a bem da verdade, nunca haviam trocado uma palavra sequer com a aniversariante. Além deles, Roland, Archie e Karl.

Um rosto visto fora de contexto atrapalha tudo. E a maioria dos paranoicos tem razão de serem como são.

14

É verdade: um rosto visto fora de contexto atrapalha tudo. Um sopro momentâneo de desorientação. Um desarranjo transitório. A percepção pessoal é posta em xeque. É como estar num bar quando entram pela porta um padre e um rabino. *Isso é uma piada?*, você se pergunta. A resposta é sim. A resposta é não. A resposta é sim e não.

Isso é uma piada?, Anna perguntou a si mesma. Quase todos os presentes em sua casa naquela noite estavam apartados de seu contexto. Anna ficou com a postura cambaleante conforme o chão a seus pés tentava se mover, e ela lutava contra a investida de um desmaio literal. Mary estava radiante e orgulhosa, ainda com a impressão de que, quando Anna dissera *Não faz nada pro meu aniversário*, o que queria mesmo dizer era *Organize uma festa-surpresa pra mim*. O rubor subiu do peito de Anna para o seu rosto.

– Eu sei que você disse que não queria confusão nem nada, mas não deu trabalho nenhum! – Mary ficou esperando uma resposta. Anna abriu um sorriso débil e diplomático. – E eu queria organizar a festa! Você é a minha melhor amiga!

Mary puxou Anna para o meio da sala e pôs uma coroa de papel em sua cabeça. Era cor-de-rosa e brilhante, feita para uma criança. Anna se livrou imediatamente dela. Bruno cumprimentou os homens que conhecia, e em pouco tempo ele, Guido, Otto, Beat, David e Karl estavam com cervejas na mão, a caminho da porta. Ao passarem por Anna, cada um deles lhe desejou parabéns, dando-lhe um rápido abraço e os três beijinhos costumeiros na bochecha. Quando chegou a vez de Karl, Anna sussurrou em seu ouvido:

– O que é que você está fazendo aqui?

– Ela convidou a Daniela e o David, e eles me convidaram.

Bruno conduziu o grupo para a parte externa da casa, e as

crianças foram atrás. Edith se pôs ao lado de Anna, oferecendo-lhe uma taça de vinho espumante.

– Está extraordinário, Anna – comentou, sorrindo.

Anna estava inclinada a concordar. Tomou o espumante em dois goles apressados e devolveu a taça para a amiga, com uma expressão no rosto que dizia *Agora pegue pra mim uma bebida de verdade*. Edith deu sua risada típica e foi até a cozinha. Logo depois, voltou com um copo de uísque. Anna sorveu um pequeno gole. A bebida era suave e tinha traços de turfa.

– De onde veio isso?

Nem era preciso perguntar.

– Foi ele que trouxe – respondeu Edith, indicando o outro lado da sala, onde estava Archie, junto a Roland e Ed.

Anna começou a falar, mas logo mudou de ideia e ficou quieta. Edith também abriu a boca, só que foi interrompida pela chegada de Mary. Anna apresentou as duas. Enquanto Mary foi efusiva, Edith se mostrou reservada. Nada surpreendente, mas, naquele momento, Anna não estava com cabeça para arbitrar personalidades em disputa. Pediu licença, sob o pretexto de que queria trocar a roupa que havia usado o dia inteiro, no passeio de barco, e foi para o quarto, fechando a porta e deixando as duas a sós, para descobrirem por si mesmas que tinham pouquíssima coisa em comum.

Anna vestiu um suéter mais elegante e conferiu como estava seu rosto – continuava ruborizado. *Vou pôr a culpa no uísque*, pensou, e depois, reexaminando-se: *Será o suficiente*. Uma batida na porta a assustou.

– Quem é?

– É o Archie.

– Não é possível! – Anna foi bufando até a porta, abriu-a rápido e o puxou para dentro.

– Anna... – começou Archie, mas ela ergueu a mão.

– O que é que você está fazendo aqui?

– A Mary me convidou. – Naquele momento, Mary era o centro de todos os problemas. – Seria esquisito se eu não viesse.

– É mesmo, Archie? Vai lá falar isso pro meu marido suíço, aquele

homem alto, e pros amiguinhos suíços dele, todos fortes e se embebedando no meu quintal suíço.

Anna não conseguia parar de repetir a palavra “suíço”, embora não soubesse por quê. Estava furiosa. Tinha trabalhado arduamente para manter em segredo sua vida secreta, ou suas vidas secretas.

– Tenho que voltar – declarou ela, abrindo a porta e esbarrando nele ao seguir para o corredor.

Será que os meus segredos só fazem sentido para mim?, perguntou-se, lembrando-se depois que, para início de conversa, ela era a única pessoa que conhecia tais segredos.

A festa começou a ficar mais animada. Os convidados bebiam e comiam e, embora a atmosfera fosse um pouco forçada e enfadonha, as conversas se tornaram mais descontraídas, e as pessoas, relaxadas. Anna permaneceu a sós por alguns instantes, soltou um suspiro profundo e então criou coragem para ter disposição de interagir. Ao entrar na saleta, deu de cara com Edith.

– Está tudo bem, Anna? – perguntou a amiga com cinismo.

– Tudo tranquilo.

– Sabe de uma coisa? – comentou Edith, inclinando-se. – Andei examinando a fauna daqui. – Anna fez uma careta. – Aposto que tem pelo menos um cara que a gente podia arranjar pra você.

– Edith! Faça-me o favor! – Anna lembrou à amiga que era uma mulher casada.

– Claro. Você tem razão. Mas e que tal esse Roland? – Anna respondeu com o olhar, como se dissesse *você só pode estar brincando*. – Tudo bem, então. E quanto ao sujeito escocês? Não foi ele que eu acabei de ver saindo do seu quarto? – Os olhos de Edith foram muito expressivos.

– Já chega, Edith – disse Anna num tom de voz áspero.

– Meu Deus, relaxe um pouco. Essa Mary já te fez mal, de tão pudica.

– Não se trata de pudor. É uma questão de compostura.

– Rá, rá! – O riso de Edith saiu forçado. – Confie em mim, Anna. Eu entendo do riscado. – Anna olhou para ela e concluiu que devia estar mesmo certa. – Já a Mary... – sugeriu Edith, reticente e com afetação, encarando de novo a amiga. Nem precisava terminar o

pensamento.

– Não seja má com ela.

– Minha nossa, Anna! Que coisa chata.

– Olha, tenho que cuidar dos convidados.

Edith abriu um sorriso arrogante.

– Tudo bem, fazer o quê? – Ela esbarrou em Anna para chegar ao corredor, tirou o telefone celular do bolso e começou a escrever para Niklas, como supôs a amiga.

– Qual é a diferença entre uma obsessão e uma compulsão?

Quando criança, Anna tinha mania de contar tudo quanto era coisa. Pedras no caminho. Toques de telefone. Palavras nas frases. Frases nos parágrafos. Toda ação precisava ser ordenada. Cada pensamento era medido e distribuído. Ela era muito meticulosa e estava sempre de prontidão. Tratava-se de um acerto legítimo: as atividades de contar, ordenar e classificar ajudavam-na a conter seus medos. O psiquiatra chegou à conclusão de que isso, assim como a depressão de Anna, era uma fase. E era. Não foi em frente. Ela se livrou daquele hábito apegando-se a outros.

– A obsessão é uma defesa contra o fato de se sentir fora de controle. A compulsão é a falha nessa defesa.

No fim de uma das aulas de alemão, Anna pediu que Roland traduzisse umas inscrições em grafite que ela tinha visto rabiscadas nas costas de um assento no trem. É raro ver esse tipo de coisa nos trens suíços. Ela havia copiado a frase no verso do caderno.

– *Was fuer ae huere Schweinerei...* O que quer dizer?

Roland fechou a cara, embaralhou sua papelada e se dirigiu à porta.

– O significado não é lá muito bonito. – Anna ficou parada, aguardando uma resposta. Roland deu um suspiro, cedendo à pressão. – Quer dizer “que confusão do cacete”.

Todo mundo deixa escapar uma pista. No pôquer, a regra usada como fundamento para entender essas pistas involuntárias é: uma mão fraca implica ação forte e uma mão forte implica ação fraca. Ele fica se mexendo? Olha de modo demasiado furtivo para sua pilha de fichas? Encara as próprias cartas com muita concentração? Lança suas apostas da mesma forma que um *chef* larga uma batata quente? Olha ou não olha nos olhos dos outros jogadores?

É claro que existem outros tipos de pista. Seu filho diz *Mamãe, me dá uma pista*, você se senta ao lado dele e começam a brincar de jogos de adivinhação. Existem também as narrativas infantis, brincadeiras em que, possivelmente pela primeira vez na vida, as crianças são convidadas a expor um aspecto particular de si mesmas, ainda sem ter ideia das consequências que a exposição – de suas pistas – é capaz de trazer. Certa vez, no segundo ano, Anna levou sua boneca preferida à escola. Tinha a cabeça, os pés e as mãos de porcelana, e o cabelo era humano, preto e perfeito. Dera-lhe o nome de Frieda e, embora não a amasse da mesma forma que as outras meninas amavam as suas, ninando-as, fingindo dar-lhes o que comer e brigando quando se comportavam mal, nutria um certo sentimento pela boneca. Era fascinada pelas curvas do rosto de Frieda, pela maciez de seu cabelo e pelo vestido rendado e cor-de-rosa que ela usava. Tratava-se de um interesse distante, científico, mas ainda assim era algo profundamente encantador. Quando, naquele dia, durante o recreio, Anna deixou a boneca cair no chão, sem querer, e um menino chamado Walter – também sem querer – pisou na mão direita de Frieda, quebrando-a em pedacinhos irreparáveis, Anna experimentou o tipo de perda que as garotas costumam sentir quando suas bonecas se quebram, passando o restante do dia às lágrimas. Chegando em casa, colocou Frieda na estante e nunca mais brincou com ela ou voltou a tocá-la. Amava a boneca mais do que pensava.

Ah, sim, e existem ainda as pistas de rolamento, por onde circulam os carros nas cidades, as pistas de corrida, as pistas de dança, as pistas de pouso e decolagem de aviões e as pistas que são, na verdade, pegadas, rastros.

Ele nunca disse que não a amava.
Mas também nunca disse que amava.

Archie, Mary, Nancy, Roland e Ed estavam reunidos perto da comida. Archie tinha virado as costas para Anna, satisfazendo o desejo dela de extrema discricão. Do lado de fora da casa, Bruno e os amigos estavam na rua, contemplando o carro novo de Guido. Bruno balançava Polly no quadril. Daniela se inclinou para fazer cócegas na sobrinha, e a menina se acabou de tanto rir e gargalhar.

A festa prosseguiu em sua monotonia. Assim como acontecera na festa de Edith, os convidados se dividiram em dois grupos, embora dessa vez fosse a geografia, e não o gênero, o fator de divisão: os amigos de Bruno, todos nativos, ficaram do lado de fora da casa, enquanto Anna e seus conhecidos estrangeiros permaneceram dentro. *Muito emblemático*, pensou ela. *Eles têm liberdade total para se movimentar ao ar livre pelo próprio mundo do qual fazem parte. Nós estamos trancados numa caixa de alteridades. Há uma linha bem demarcada. Até toleram a nossa presença, mas nunca nos acolherão de fato.*

Mary anunciou que tinha trazido jogos de tabuleiro. Do lugar que havia assumido no sofá, Edith soltou um gemido. Anna lhe lançou um olhar de repreensão, mas ela nem chegou a tirar os olhos do celular. Nancy se mostrou solidária, dizendo que estava disposta a jogar, caso outras pessoas também estivessem. Mary pôs todas as opções sobre a mesinha de centro. *Jogo da vida. Risco. Cilada. Cara a cara.* Até mesmo os jogos de tabuleiro apontavam o dedo para Anna. Ela atraiu o olhar de Archie e, sem emitir som algum, sussurrou entre os lábios *Por favor, vai embora.* Diante do pedido, ele piscou e respondeu *Já vou*, também em silêncio. Em resposta, Anna se retirou para a cozinha.

Um minuto depois, Mary foi atrás dela.

– Te achei! Você está perdendo! Se eu não soubesse das coisas, podia achar que está tentando evitar sua própria festa.

– Mary, eu avisei que não queria festa.

Anna abriu a geladeira. Um bolo enorme, em camadas, ocupava um espaço tão grande que as prateleiras superiores e todas as coisas que estavam sobre elas tiveram de ser retiradas para que ele coubesse lá dentro. *Cadê o meu molho de salada? E a minha mostarda? Quero saber onde foi parar a minha mostarda.* Ela bateu a porta da geladeira com força, o que fez o aparelho chacoalhar e emitir um barulho dramático.

– Você está chateada? – perguntou Mary, com certo tremor na voz.

Anna não queria magoá-la. Sua única alternativa foi engolir a afronta.

– Não, Mary, de jeito nenhum. Foi uma surpresa boa. Obrigada.

– Você é boa em quê? – perguntou a doutora certa tarde.

Anna vasculhou a memória, tentando se lembrar da última vez em que lhe tinham feito essa pergunta, se é que houvera alguma vez. Deu uma resposta catecúmena, nascida da repetição e da prática.

– Não sei.

As duas mulheres entenderam que aquilo significava *Eu preferia não falar sobre esse assunto.*

A doutora pressionou:

– Não vou te livrar dessa – disse, cruzando as pernas e os braços e reclinando-se na cadeira, pronta para a longa espera envolvida em qualquer conversa com Anna que requisitasse certa persuasão inicial. Com as janelas fechadas, o consultório estava úmido e abafado. A doutora redirecionou a pergunta. – Tudo bem. Vamos tentar de outra forma. O que é que você *gosta* de fazer? Se é boa ou não, não me importa.

Eu gosto de trepar, seria sua resposta de bate-pronto, mas manteve o segredo para si. Em vez disso, semicerrou os olhos, mordeu o lábio e tentou pensar em outras atividades além de trepar, enquanto a doutora aguardava sua resposta.

– Quando eu era *mais nova*... – disse Anna, fazendo uma pausa para a ênfase, como se fosse fundamental a distinção entre um *antes* e um *agora* – ... gostava de costurar.

A doutora juntou uma mão contra a outra, batendo palma uma única vez.

– Até que enfim uma revelação! – O tom jocoso soou arrogante. – E você era boa nisso?

Fazia anos que não costurava. Da última vez em que pegou a máquina – *Onde é que estava mesmo, aliás? No sótão? No porão?* –, Victor era bebê, e ela ainda tinha a determinação necessária para cultivar alguma atividade doméstica. Contou isso à doutora.

– E por que você parou? – Anna murmurou qualquer coisa no sentido de falta de tempo e energia. – Mas o que te impede de voltar a costurar agora?

A resposta permaneceu a mesma.

– Tempo. Energia. – Estava desprovida de ambas as coisas. Todas as suas horas livres eram oferecidas livremente a seus homens. Não guardava ânimo algum para si.

(Anna nunca havia pensado na correlação, mas, ao investigarem essa parte de seu passado, os paralelos ficaram evidentes, e a correspondência, nítida: *Troquei a costura de bainhas pela costura de relacionamentos*. Ela sorriu por dentro. Havia um toque de comédia naquilo. E também de clareza. *Viés. Padrão. Emenda*. Podia apenas ter dito à doutora que era boa em palavras cruzadas, o que não deixava de ser verdade. Porém, essa confissão teria trazido à tona uma outra: que seus momentos mais espirituosos eram também os mais dissimulados, e geralmente serviam-lhe da mesma forma como a tinta serve ao polvo. Cortinas de fumaça, escondia-se atrás delas. *Dardo. Beira. Rolo*. Naqueles dias, as *agulhas* tinham sido substituídas por *fagulhas*. *Pregas* haviam virado *pleitos*. Mas Anna se assustou com tais pensamentos. Não eram réplicas sagazes nem coincidências. Era a realidade, a realidade nua e crua, e os fatos se alinhavam à perfeição.)

– Você aprendeu a costurar com a sua mãe?

A pergunta da doutora trouxe Anna de volta ao presente. Como ela nada respondeu, a doutora perguntou de novo. Dessa vez, uma lembrança obscurecida foi convocada. Anna era criança. Devia ter seis ou sete anos. Não saberia dizer. A tarde em questão tinha sido tão nebulosa quanto a recordação que agora emergia. No ponto do

dia em que estavam, quando a luz penetrou pela janela, atingindo o quarto de forma oblíqua, a poeira do ar e as partículas em suspensão pareceram tão lúdicas e graciosas quanto minúsculos flocos de neve. A mãe de Anna estava sentada à máquina de costura, uma Singer agora obsoleta que ela, por sua vez, herdara quando a mãe tinha morrido. Confeccionava almofadas para o sofá usando uma espécie de veludo que Anna jamais vira ou veria igual, de tão bonito – era macio feito uma penugem, da cor de vinho da Borgonha ainda no barril. Anna, por sua vez, estava sentada no chão, toda compenetrada ao pé da mãe, cuidando de seu urso de pelúcia, prendendo uns retalhos roxos e leves no corpo do bicho com alfinetes de segurança. Um tempo depois, a mãe pegou a filha no colo e juntas começaram a costurar as sobras de tecido numa saia bem pequena, as mãos de Anna por cima do tecido, e as mãos de sua mãe por cima das dela, guiando-as pelo movimento do pistão. Quando chegou do trabalho, o pai de Anna beijou as duas e perguntou como haviam passado o dia. Um prato estava sendo assado no forno e, no ar, ouvia-se o murmúrio constante e suave da antiga Singer e a melodia incompreensível que a mãe de Anna gostava de cantarolar. Tinha sido uma tarde agradável. Contudo, o aspecto factual daquele dia há muito que se dissipara. Em seu lugar, uma melancolia transmutada. Caso insistisse muito nela, Anna seria devorada pelo desespero. É claro que aprendera a costurar com a mãe, o que a deixava tão triste quanto quase todo o resto. Um bom marido. Uma filha querida. Uma esposa fiel. Que lar feliz!

– Você pode me contar um pouco mais?

Anna podia, mas não o fez.

– Anna, eu nunca te perguntei? Onde foi que você morou quando criança?

Ela já havia perguntado, mas Anna se esquivara. Passou os dedos pelo cabelo, despenteando-o, como se isso pudesse enxotar as lembranças.

– E isso tem importância?

– É claro que tem.

Foi uma das poucas vezes em que Anna discordou abertamente da doutora, frente a frente com ela e em voz alta. Grande parte das

demais controvérsias assumiram a forma de mentiras.

– Não, não tem importância.

Onde você esteve nunca é tão relevante quanto onde você está. Anna acreditava piamente nisso.

Para alívio de Anna, ninguém quis jogar jogo algum, portanto a sugestão foi esquecida, e a festa continuou se arrastando. Archie ainda não fora embora. Ela ficou pensando se Bruno sabia que ele estava lá. Tinha certeza de que o marido se lembrava daquele nome. Quinze minutos depois, todos se reuniram na sala para cantar parabéns. Ursula trouxe o bolo. Anna estava um tanto envergonhada, um tanto enfurecida. *Por favor, Archie, vai embora. Vai embora, Karl, por favor. Vai todo mundo embora, pelo amor de Deus.* Não conseguia respirar. Havia gente demais ali dentro. Archie se manteve distante de Bruno, o que era uma bênção. Anna comeu metade de um pedaço de bolo e foi para o lado de fora da casa. Tinha ido a mais festas nas três semanas anteriores do que no ano inteiro. Estava cansada de ficar observando as pessoas paradas em volta dos cômodos, conversando.

David, de pé na entrada da garagem, fumava seu cachimbo. Anna se frustrou. Queria ficar sozinha por apenas um minuto. Depois do pôr do sol, a temperatura baixou rapidamente, e Bruno e seus amigos não voltaram à parte externa da casa após o bolo ter sido servido. Ele os levou, em vez disso, até o porão, por algum motivo que não parecia convincente (para lhes mostrar algo que Anna não sabia bem o que era. Não prestara muita atenção quando o marido lhe contara). Dava para ouvi-los e ver as silhuetas através do vidro temperado da janela do porão. Anna conhecia o marido. Seu motivo era transparente e totalmente suíço: não estava com vontade de interagir com desconhecidos.

– Desculpa. Eu não queria interromper.

Anna desviou os olhos, voltando a observar a janela do porão, nivelada ao chão, e pensou na doutora Messerli e nos labirintos e nos dédalos, no simbolismo dos murmúrios das sombras subterrâneas. David deu de ombros, delicadamente, como se

dissesse *A casa é sua, eu sou convidado, você não está interrompendo nada.* Anna devolveu o gesto de ombros e se sentou nos degraus da varanda. Não queria conversa. Não tinha nada a dizer.

Enquanto fumava, David ficou andando de um lado a outro e assobiando uma melodia pavorosa que Anna já ouvira antes, mas não conseguia identificar. Quando ele começou a falar, o assunto não dizia respeito a nada nem ninguém.

– Nós, franceses, somos especialistas em muitas coisas. Comida e filosofia. Vinho. Desejo – comentou, dando uma piscadela. Anna abriu um leve sorriso. – Mas os melhores amantes costumam ser os piores mentirosos, Anna. É uma lei universal.

David deu um aceno único de cabeça, sagaz, e não falou mais nada.

Anna anotou um sonho que teve, mas não compartilhou com a doutora Messerli: *Estou num quarto totalmente escuro. Meu andar é atrapalhado, estou insegura quanto ao chão onde piso. Com os braços à frente, procuro algo em que possa me apoiar. Toco numa parede, que cede diante da pressão de minhas mãos. É como a parede de um castelo inflável, daqueles que se alugam para festas infantis. Só que, quanto mais eu a empurro, mais ela cede, até que acabo rompendo-a. Do outro lado desse quarto escuro, existe um outro mundo, novo e iluminado, externo. Estou no Zürichsee. A água é de um azul intenso. É a água mais azul que já vi. À margem do lago, há nadadores, velejadores e gente tomando sol. O céu também é de um azul estonteante. Saí da escuridão absoluta para a luminosidade total. Penetrei num mundo sagrado. É maravilhoso. Estou maravilhada. Contudo, não é o meu mundo. Não pertencço a esse lugar. Estava mais segura na escuridão. Mas a parede foi rompida, e a escuridão desapareceu. Não posso retornar àquela segurança. Estou aprisionada à consciência dessa luz.*

15

A vontade de Anna era faltar a aula de alemão na segunda-feira. Não queria ver ninguém. Poderia dizer que tinha planejado um dia livre para si, uma ida ao *spa*, o que fosse. Era seu aniversário, podia fazer o que bem entendesse. Porém, não planejara nada, e a perspectiva de ficar em casa sozinha a deprimia mais do que a ansiedade provocada pela ideia de encarar a sala de aula. Além de tudo, Mary a fizera prometer que almoçariam juntas. Ficaria frustrada se Anna cancelasse o compromisso. Assim, ela acabou indo para Oerlikon.

Não tinha dormido. Rolou na cama a noite inteira, com os eventos daquele dia girando em sua cabeça, feito roupas numa secadora. Fora um dia revelador. *Passei raspando pela felicidade e gostei da sensação. Quero vivenciá-la de novo.* Quando os últimos convidados foram embora, Bruno levou os Gilbert de carro para casa. Da janela da cozinha, Anna acenou para eles, despedindo-se. Os meninos estavam no andar de cima, brincando em silêncio, e Polly dormia fazia uma hora. Bruno não voltaria antes de uns 45 minutos. A casa era toda sua. Havia muito espaço e tempo para pensar.

Tinha ouvido as palavras de David. Era perigoso manter segredos. E não vinha mantendo os seus muito bem. Pôs-se a repassar uma lista mental. Edith fizera insinuações. David dera indiretas. A voz de Ursula, muitas vezes, indicava suspeita. Margrith, inclusive, a vira em Kloten. Antes, Anna achava que agia com estratégia e cautela. Quase sentia orgulho de sua discrição. *É esse o problema*, pensou. Podia ouvir a voz fantasmagórica da doutora Messerli: *A húbris é que mata as heroínas.*

Não precisava caminhar colina acima nem chorar em seu banco para entender a situação. *Chega de traições*, pensou, *nunca mais.* Quando Bruno voltou para casa, eles transaram. Foi um sexo

divertido, agradável e prazeroso. Gozaram juntos, em silêncio e com delicadeza. Era uma maneira digna e ritualística de começar de novo, concluiu ela. *Chega. Nunca mais.*

Passou a noite toda bolando uma estratégia. Deixaria de lado a passividade; seria mais ativa a partir de então. Começaria a se envolver por completo no dia a dia da vida doméstica. Não estava em seus planos enlatar figos ou fazer bordados em ponto cruz (embora tivesse passado uma boa meia hora de sua insônia pensando em redecorar o quarto), mas se comprometeu com o seguinte: *À minha família, me doarei por inteiro. Meu tempo, meus talentos, minha atenção. Desviarei o foco do sexo, por meio do qual desviei o foco da tristeza em minha vida, pelo simples fato de viver com plenitude. Que ideia cíclica! Que ideia... junguiana!* A doutora Messerli ficaria emocionada de ver a reviravolta no interior da paciente. *Talvez tenha chegado a hora de contar tudo a ela.* Anna primeiro chegou a essa conclusão, depois recuou, em seguida se aproximou com cautela mais uma vez. O ciclo se repetiu a noite inteira.

Ela chegou cedo ao curso e ficou esperando por Archie do lado de fora da sala. Assim que ele chegou, ela o puxou para um canto.

– Preciso conversar com você. – Sua ideia era ser o menos formal possível, mas não havia privacidade no corredor do lado de fora da sala, e, embora não fosse falar muita coisa, preferia não chamar atenção. Archie ficou esperando que ela continuasse, mas Anna balançou a cabeça. – Aqui, não. – Ela esfregou as têmporas e se pôs a pensar. – A Mary vai me levar para almoçar no zoológico. Me encontre lá em frente, às 13h30.

O drama estava armado. Ela não queria que fosse assim. Ou pelo menos achava que não queria, o que não era, de modo algum, a mesma coisa.

Muito menos dramático foi o desenredar de seu enredamento com Karl. Anna tinha enviado a ele um SMS enquanto Bruno levava os Gilbert para casa: *Sinto muito. Precisamos parar. Bruno. As crianças. Enfim, muita coisa. Certo?* Na verdade, ela não sentia muito, e o “certo?” sarcástico no fim da mensagem só serviu para suavizar o golpe. A resposta não demorou nem um minuto para chegar. *Jo. Eu*

sei. “Eu sei” era muito forçado, até mesmo para Karl. Anna por fim percebeu que o que ele queria escrever, na verdade, era *Eu entendo*.

Anna e Stephen raramente marcavam encontros que não fossem para transar. Porém, certa vez se encontraram no Friedhof Fluntern, perto do zoológico. Foi ela quem havia sugerido. James Joyce estava enterrado naquele cemitério. Era um ponto turístico de Zurique que ela ainda não conhecia.

Estavam em meados de janeiro, e uma neve fraca tinha caído na noite anterior. Anna acabara de deixar Charles na *Kinderkrippe* quando deu de cara com Ursula no meio da rua (isso parecia acontecer com tanta frequência!). Disse à sogra que estava a caminho da biblioteca do centro, para devolver uns livros. Se Ursula desconfiava do que Anna tanto fazia na cidade, nunca a pôs contra a parede. De todo modo, Anna tinha várias cartas na manga: Fui me encontrar com Edith. Ou: Fui comprar uns temperos na lojinha especializada. Ou: Queria muito ver um filme que só estava passando lá. Mentiras tão frágeis quanto porcelana, mas úteis em situações de apuro.

Stephen se mostrou indiferente.

– Por que não? – respondeu, como se tanto fizesse uma coisa ou outra e não tivesse opinião. Anna só percebeu que não gostava desse hábito quando o caso entre eles acabou.

O Friedhof Fluntern fica numa área arborizada junto à Zürichberg, a montanha localizada exatamente entre Dietlikon e a cidade. Se pudesse subir numa árvore, Anna teria conseguido ver sua casa.

Os dois seguiram em silêncio até a sepultura. Anna tinha lido Joyce na faculdade, embora não pudesse dizer muito sobre ele além de “um famoso escritor irlandês”. Era fácil encontrar a sepultura. Junto a ela havia uma estátua do autor em pose reflexiva. Havia neve em seu colo. A mulher e o filho estavam enterrados logo ao lado.

– Ei – disse ela, a voz cheia de malícia. – A gente podia fazer aqui.

Stephen a encarou e depois voltou os olhos para a sepultura de Joyce.

– Acho que é um dos comentários mais inadequados que já ouvi. –

Em seguida, ele apertou mais o casaco em volta do corpo. – Vamos, está frio. – Anna o seguiu, arrastando os pés pela neve.

Mary tinha feito uma reserva para duas pessoas, às 12h15, no Altes Klösterli, um tradicional restaurante suíço, a uma distância tão curta do zoológico que era possível ouvir o som dos elefantes. A primeira ida de Anna sozinha a Zurique tinha sido um passeio ao zoológico. Era sua terceira ou quarta semana no país. Aos poucos, a vida doméstica começava a entrar nos eixos. Ela havia encontrado uma obstetra que falava inglês. Ursula estava sendo muito prestativa; tinha levado a nora para fazer compras, tinha lhe mostrado a cidade e pintado junto com ela o quarto do bebê. Naqueles primeiros dias, Anna era só suspiros. Seus olhos brilhavam diante do que viam. Todos os caminhos guardavam possibilidades.

Já tinha estado na cidade antes, junto com Bruno, que a levava para um passeio apressado. No fim, dera à esposa um mapa e um bilhete de transporte, dizendo que dali em diante precisava se virar sozinha (profecia mais verdadeira jamais seria dita!).

– Vai explorar a cidade! – incentivou ele.

Anna não tinha muito o hábito de explorar nada. Contudo, as coisas estavam correndo tão bem, que a felicidade parecia possível, plausível. E, se há um momento em que é preciso ultrapassar as próprias fronteiras, esse momento é quando, literalmente, já foram ultrapassadas algumas delas. Ela aceitou o desafio. Para onde ir? O que fazer? Olhar as vitrines da Bahnhofstrasse? Ir ao museu de arte? Ao museu do canivete? Do relógio? Para o primeiro passeio sozinha, optou pela ida ao zoológico.

O dia estava bonito, porém muito quente. Grávida, Anna perambulou devagar pelos jardins, tirou fotos dos bichos, relaxou por um tempo no café e bebeu uma limonada e depois outra. Foi invadida por uma onda de autossatisfação. Fez planos de parar, no caminho de casa, e comprar pêssegos para fazer uma torta. Pensou também mais adiante, na noite, e veio à sua mente uma caixa que ainda não abrisse, onde estava guardada uma camisola preta de

seda. Só não tinha certeza se ainda cabia nela ou não, por conta do aumento de peso da gravidez. Porém, a autossatisfação é um sentimento perigoso. Anna estava feliz demais consigo mesma. Saindo do zoológico, pegou o ônibus certo, mas na direção errada, o que só foi perceber uns seis pontos adiante. Saltou do ônibus num cruzamento perigoso e teve que andar alguns quarteirões até encontrar o ponto do *tram*. Quando o *tram* chegou, ela errou mais uma vez a direção. Acabou descendo na Bahnhof Wiedikon, onde, ao vê-la chorar, uma mulher (cujo vocabulário limitado de inglês infelizmente correspondia ao alemão igualmente inadequado de Anna) se sentou ao lado dela e, juntas, tentaram encontrar uma maneira de ela voltar para casa. Ir para casa era a parte fácil; o S8 passava por Wiedikon. Ela só precisava entrar no trem certo e seguir todo o trajeto até Dietlikon. Era impressionante como tinha conseguido chegar tão longe e de modo tão involuntário. A esperteza que Anna havia se permitido sentir se dissipou num instante.

Era o começo do fim de sua confiança.

Em quatro ocasiões desde que Stephen partira, Anna pegou o S8 para Wipkingen, desembarcou e andou até o apartamento dele, na Nürnbergstrasse, como se nada tivesse mudado. A primeira vez em que fez isso foi um dia depois de ele ter ido embora. Foi até a porta, tocou a campainha e, como ninguém atendeu, fingiu que era porque ele estava no mercado ou no laboratório. Nas outras vezes, ficou em frente ao prédio, simulando uma ligação telefônica ou checando o relógio, como se tivesse marcado um encontro com alguém. Qualquer coisa que legitimasse sua espera. Dava lentas voltas pelo quarteirão. Fechava os olhos, imaginando que estava no mês anterior, oito meses antes, um ano antes. Na véspera. Na última vez em que fora até lá, Polly Jean estava com sete meses. O que havia incentivado a viagem? Anna não conseguia se lembrar direito. *A casa era um barulho só. Bruno estava me tratando com frieza. Ursula tinha brigado comigo por alguma coisa que eu fiz. Eu queria retornar à cena do crime. Queria retornar.* Deixou os filhos com a avó e foi

com Polly Jean até a cidade. Passou com ela, de carrinho, pelo apartamento de Stephen. *Foi aqui que inventamos você, Polly Jean.* Entregou-se àquele momento nostálgico, pequeno deleite em seu passado estagnado e inalterável.

O almoço com Mary foi cordial e agradável. As duas conversaram sobre amenidades, o que agradou Anna, pois não estava com cabeça para nada muito profundo. Mary falou sobre Rapperswil, sobre a festa de Anna, sobre a aula de alemão daquele dia e elogiou o anel da amiga. Comeram *Gschnätzlets mit Rösti*, um prato tradicional de Zurique à base de vitela em pedaços e batata. Mary nunca tinha provado a iguaria, enquanto Anna já cansara de comer aquilo. Achava comum, costumeiro, trivial.

Assim que chegou a sobremesa, Mary deu a Anna um presente de aniversário.

– Ah, Mary, não precisava. De verdade.

Às vezes, aquela generosidade toda a exasperava. Nunca sabia como responder.

– Nós somos amigas. Quase irmãs. Claro que precisava – retrucou Mary.

Anna abriu a caixinha reluzente amarrada por uma fita de gorgorão vermelho-maçã. Lá dentro, uma dezena de lenços bordados com as iniciais dela. A própria Mary é quem tinha bordado. O primeiro lenço da pilha era azul-bebê. Anna percorreu a letra A com o polegar e a letra B com o indicador. Suspirou de forma tão profunda que pareceu um soluço.

– Está tudo bem, Anna?

Anna levou o lenço ao nariz. Cheirava a lavanda. Fechou os olhos e fez que sim com a cabeça, suspirando mais uma vez.

– É que eu fazia esse tipo de coisa.

– Sério? Você costurava? – Mary achou curioso, como se Anna estivesse brincando, zombando dela. – Parece algo tão distante da sua natureza. Eu jamais poderia imaginar.

Anna abriu os olhos. Entendia por que passava tal impressão.

– Sério, é verdade. Eu costuro. Quer dizer, sei costurar. Mas não costuro mais.

Mary abriu um sorriso de triunfo, sem ser pedante. Quando Anna quis entender o porquê daquela postura, ela abriu outro sorriso, sincero.

– O que foi?

– Eu adoro quando consigo ver algum aspecto seu que você procura esconder.

Anna fingiu não escutar e pôs o lenço azul-bebê de volta sobre a pilha de outros lenços. Mudou de assunto.

– São bonitos demais pra se tirar da caixa.

– Bobagem! De que adianta um objeto útil que não pode ser usado?

– Narcisismo não é vaidade, Anna. Todos somos narcisistas, até certo grau. Um pouco de narcisismo é saudável. Porém, se está fora de equilíbrio, o que um dia foi um nível apropriado de autoconfiança torna-se grandioso, patológico e destrutivo. Você tem pouca consideração pelos que estão à sua volta. Faz o que dá na telha, com um abandono libertino. Aí o tédio se instala. Uma mulher entediada é uma mulher perigosa.

– Você já disse isso antes.

A doutora fez que sim.

– E aí? – perguntou ela, impaciente.

– E aí que existem leis que não podem ser revogadas. Desfechos impossíveis de consertar. O narcisista só enxerga isso tarde demais.

– Agora vamos rever os tempos verbais – disse Roland, e a turma chiou em uníssono. Não era a primeira vez que ele dava aquela aula.

– *Zu viel Fehler!*

Tenho visto muitos erros, disse o professor. Anna se sentiu ligeiramente ofendida, embora soubesse que havia um ponto crítico no ato de cometer erros, quando os tropeços deixavam de ser instrutivos e se tornavam habituais. Uma abordagem do tipo aleatória, válida para a linguagem, o amor e a vida. Uma passividade

inabalável posta em ação.

Mas os erros são pessoais, pensou ela. Intransferíveis. Pertencem só a você e a mais ninguém. Ao pensar dessa maneira – uma escolha consciente de sua parte –, sentiu-se nobre. Como se o fato de admitir uma falha ou reivindicá-la – mesmo que apenas diante do espelho, a sós e em silêncio – fosse, por si só, uma absolvição.

Para Roland, ela disse: *Ohne Fehler, ohne Herz.* Nada de erros, nada de coração. Somos marcados por nossos tropeços. Somos feitos de nossos tropeços. Anna queria que isso fosse verdade. E, se quisesse muito, talvez a ideia, de fato, se tornasse real.

Havia alguns dias em que a dor singela das lembranças corroía o entendimento de Anna quanto a sua história pessoal. Nessas ocasiões, só queria voltar aos momentos que haviam precedido o primeiro encontro com Stephen Nicodemus. *Tudo seria tão diferente se eu simplesmente tivesse ido para casa.* Noutros dias, era essa espécie de dor que a amarrava à felicidade. Apenas a desesperança lhe era irrestrita. Um consolo vulnerável, mas ainda assim um consolo. A única coisa que raramente sentia era culpa. O amor suplantava a culpa, assim como a pedra sempre ganhava da tesoura naquele joguinho infantil, em que se usam as mãos.

– Isso é básico, gente. Presente: o que acontece agora. Futuro: o que vai acontecer. Passado simples: o que aconteceu. Presente perfeito: o que aconteceu no passado, mas tem relação com o presente.

Contudo, com que frequência o passado é mesmo simples? E será que o presente alguma vez é perfeito? Anna parou de prestar atenção. Não confiava naquelas regras.

Anna acompanhou Mary até o ponto do ônibus, explicando a ela que, todos os anos, dava uma caminhada, sozinha, no dia de seu aniversário, durante a qual refletia sobre o ano anterior e reavaliava suas prioridades. Dessa vez, faria um passeio pela Zürichberg, contou à amiga.

– Talvez eu até vá andando para casa – complementou, apontando na direção de Dietlikon.

Era uma mentira aceitável. Sempre teve vontade de voltar a pé para casa passando pela Zürichberg, mas nunca o fizera. Se não tivesse combinado de se encontrar com Archie naquele dia, talvez completasse o passeio. Mary a abraçou mais uma vez e jogou-lhe beijinhos ridículos da janela, conforme o ônibus partia. Anna acenou com a cabeça e se pôs a andar rumo ao zoológico. Encontrou-se com Archie na bilheteria. Ele pagou as duas entradas.

– Vamos dar uma volta? – sugeriu ele. – Quero ver os bichos.

– Claro – respondeu ela, querendo dizer *Tanto faz*.

Os dois formavam um casal melancólico. Anna sabia que dali a pouco diria para Archie que os momentos divertidos compartilhados por eles tinham chegado ao fim, e Archie, por sua vez, suspeitava que ouviria exatamente aquilo. Puseram-se a caminhar pelos habitats e pelas exposições, sem mostras de afeto e sem muita conversa para além de um *Olha isso*, ou um *Hum-hum*. Mal dava para ver os tigres, que dormiam atrás de umas pedras. Os pandas estavam tímidos e nem sequer deram as caras. Já os macacos queriam ser vistos: berravam dentro das jaulas, sacudindo as grades.

– É, você odeia a Suíça. E... – disse a doutora Messerli, fazendo uma pausa proposital – ... também ama a Suíça. Ama e odeia. O que não sente é apatia, indiferença. Seus sentimentos são ambíguos.

Anna já pensara sobre isso antes, nas noites em que tudo o que conseguia fazer era vagar pelas ruas adormecidas de Dietlikon ou subir a colina atrás de sua casa para se sentar no banco onde costumava ir para chorar. Tinha refletido sobre esses sentimentos ambíguos muitas e muitas vezes. Por fim, chegou a um diagnóstico: sofria de uma doença que ela mesma inventara. Síndrome da Suíça. Feito a síndrome de Estocolmo. *Só que minha afeição não se dirige aos sequestradores e sim ao cativo onde estou presa. Meu laço é com a prisão, e não com o carcereiro.*

Anna tinha total certeza. A questão era a paisagem. A geografia. Os campos, os córregos, os lagos, as florestas. E as montanhas. Em dias muito límpidos, quando o tempo estava bom, caminhando-se

pela Bahnhofstrasse de Dietlikon, na direção sul, era possível ver os contornos congelados dos Alpes, coroados de neve, contra um horizonte de um azul ofuscante, a oitenta quilômetros de distância. Nesses dias específicos, havia algo mágico na atmosfera que tornava os Alpes tangíveis, aproximando-os. O caráter mutável dessas montanhas fazia Anna lembrar de si mesma. E não era apenas à paisagem natural que ela se ligava emocionalmente. Era às ruas de pedra da parte antiga de Zurique, aos campanários de certas igrejas, às torres de outras. E também aos trens, os trens, malditos trens. Podia pegar o trem para qualquer destino que desejasse.

Porém, quando se perguntava *Para onde?*, sua única resposta era impossível, sem lógica: *Quero ir para casa*. Aparentemente, já estava em casa.

– Pra onde o fogo vai quando se apaga? – perguntou Anna.

Stephen balançou a cabeça, dando uma resposta vaga:

– Pra lugar nenhum, Anna. Apenas se apaga. A gente já falou sobre isso antes.

Verdade, já haviam discutido aquele ponto, mas Anna continuava insatisfeita com a resposta. *Por que é que uma hora o fogo tem que se apagar?* Recusava-se a aceitar aquilo. Não se convencera nem quando ele dera a resposta, nem naquele momento – quase dois anos depois –, ao se lembrar da resposta dada por ele.

Na semana anterior, Nancy tinha convidado Mary e Anna para almoçar em sua casa depois da aula. Nancy morava em Oerlikon, bem perto da Migros Klubschule. Exceto durante os intervalos de vinte minutos e tirando uma ou duas palavras trocadas em sala, Anna e ela nunca haviam se falado. Mas Mary e Nancy eram amigas.

– Vem comigo, Anna. A Nancy é uma pessoa *incrível*.

Nancy era alta e magra, e tinha o cabelo louro típico dos nórdicos. Estilosa, agia com cordialidade e generosidade, e seu apartamento, de certo modo, combinava com essas características: era moderno, simples, esparso, organizado e arejado. Aos 41 anos, ela não tinha marido nem filhos e estava desempregada. Quando Anna perguntou

como aquilo era possível (Zurique é uma cidade extremamente cara), Nancy disse que isso não era problema e, em seguida, com certa discrição e um tanto incomodada, confessou às duas que sua família era dona de fazendas na África, de plantação de chá. Embora tivesse trabalhado durante anos como jornalista, em veículos de mídia impressa, não tinha essa necessidade.

– Não fiquem achando que sou uma herdeira mimadinha, filhinha de papai. Já ralei muito, e sempre me sustentei sozinha.

Era o que Anna imaginava. Nancy tinha trabalhado em todo o continente, cobrindo a parte de política internacional, em geral em cidades estranhas e exóticas que os norte-americanos nunca se lembram de listar quando lhes perguntam sobre as capitais europeias: *Talin, Sófia, Kishinev, Skopje e Vaduz*. Nancy não era apenas uma pessoa agradável: também era uma aventureira. E não era uma questão de ter *aceitado* as tarefas; na verdade, tinha *se voluntariado* para cada uma delas. Envolvia algum lugar onde ela nunca tinha estado? Era para lá que queria ir.

– Mas, então, o que você está fazendo aqui? – Anna não queria que a pergunta soasse como uma acusação.

– Ouvi falar que era uma cidade de primeira linha. Um lugar bacana – explicou Nancy, dando de ombros. – Queria ver com meus próprios olhos. Não precisava ir para nenhum outro lugar.

– E quanto tempo vai ficar?

– Faz apenas quatro meses que cheguei, e não tenho planos de ir embora. Estou gostando.

– Sério? – Anna não esperava por isso.

– Sério. Você não gosta?

Anna não respondeu.

Mary começou a bajular a amiga, com sua adulação característica: sem conteúdo e repetitiva.

– Você é demais, Nancy. Eu te admiro muito, de verdade. Essa coisa de simplesmente arrumar as malas e partir pra onde quiser, pra fazer o que estiver a fim. Eu queria conseguir fazer isso. Realmente te admiro.

– Não tem nada para admirar. Só estou vivendo a vida.

– Mesmo assim – retrucou Mary. – Você é tão destemida. Lugares

estranhos me metem medo. Fico ansiosa só de pegar o ônibus de Schwerzenbach para Dübendorf! – explicou ela, aos suspiros. Achava difícil se afastar até mesmo do quintal de casa. Por isso tinha sido tão ruim se mudar do Canadá; foi o que confessou a Anna tempos antes.

Nancy a consolou, de uma forma que podia ser interpretada como empatia ou censura.

– Mary, cada um com seus medos. Mas não quero ficar assistindo à minha vida passar. Quero passar por ela ativamente, sabe? Tem alguma coisa que desejo fazer? Vou lá e faço. Tem alguma coisa que eu quero? Corro atrás. E consigo. Se acredito em alguma ideia, defendo-a até o fim. Se não for nada disso? Tudo bem, deixo rolar.

– É por isso que você nunca se casou?

– Com certeza – respondeu num tom de voz superficial, levantando-se para recolher os pratos vazios. Anna e Mary ficaram em silêncio. Nancy balançou a cabeça. – Só quero esclarecer uma coisa. Minha vida não é mais louvável do que a vida de vocês. – Mary fez cara de quem não entendeu. Anna olhou para Nancy com uma expressão neutra, esperando que ela prosseguisse. – Somos mulheres modernas, num mundo moderno. Nossas necessidades são atendidas, assim como muitos de nossos desejos. – Mary fez que sim. Nancy continuou. – Nós temos direitos e também os meios para exercê-los. Nossa vida nos pertence e, até onde sei, só recebemos uma chance e nada mais. Devemos fazer alguma coisa com isso. Se pudermos, se conseguirmos. É uma distorção quando uma mulher se perde. Só isso.

Uma distorção perder-se de si mesma. Estava aí uma verdade que Anna não podia refutar.

Nancy levou os pratos para a cozinha e voltou com café e biscoitos. Passaram a sobremesa inteira fofocando sobre os alunos da turma de alemão.

– Continuo achando que o Archie tem uma quedinha por você, Anna – disparou Mary, dando risada.

– Tenho *certeza* disso – acrescentou Nancy. Anna pediu que as duas parassem. Sim, eram amigos, mas nada além disso.

– Meus Deus, Anna, não! – Mary quase engasgou bebendo água. –

Não foi isso que eu quis dizer! Jamais insinuaria algo desse tipo!

Claro que não insinuaria, pensou Anna. Só tinha boas intenções. A bondade de Mary fez Anna parecer ainda pior. Ela, que nunca sentia vergonha, acabou sentindo. Foi uma sensação estranha e recursiva.

– Mas qual é a história dele, afinal? – perguntou Nancy. Tanto ela quanto Mary se viraram para Anna, aguardando uma resposta. Se alguém sabia de alguma coisa ali, esse alguém era ela.

Anna vasculhou o cérebro, pensando no que dizer, mas não conseguia se sair com nenhum detalhe que não fosse de ordem sexual. *Ele gosta quando fico por cima. Gosta de morder, de falar sacanagem. Adora sentir meu cheiro... devo contar isso a elas? Enfia a cara entre as minhas pernas e respira fundo, como se eu fosse um buquê de rosas.* Mas quando é que fazia aniversário? O que estudou na faculdade? Tinha feito faculdade? Já foi casado? Tinha filhos? Os pais estavam vivos? Tinha alguma alergia? Ela sabia que ele não tinha nenhuma cicatriz visível. Era tudo o que sabia sobre ele? *Pense um pouco, Anna. Não é possível.*

– Ele tem um irmão.

Foi o melhor que conseguiu.

Archie tentou segurar a mão de Anna. Ele nunca fizera isso antes, e ela ficou espantada com o gesto, mas acabou permitindo, ainda que não empregasse nisso vigor algum. Logo em seguida, ela se desvencilhou. Não parecia adequado, e a palma da mão dele estava úmida.

Vagaram pelo zoológico por uns quinze minutos sem trocar uma palavra.

Na reserva de floresta tropical, observaram lagartos dormindo em árvores e tiveram de se esquivar dos pássaros que voavam livremente pelas trilhas. Anna leu todos os letreiros, mas não reconheceu o nome daqueles animais exóticos nem em alemão, nem em inglês. No habitat da África do Sul, os dois se recostaram num corrimão e viram uma cabra-da-montanha presidir uma reunião de babuínos em cima de pedras pontiagudas de tonalidade clara. O

maior de todos os babuínos, um macho, ficou de pé, virou-se para encarar Anna e Archie e exibiu seu pênis ereto e vermelho enquanto assobiava e sorria com desdém.

– Já chega, Archie. Hora de conversar.

Anna não conseguia se lembrar da última vez em que terminara um relacionamento com alguém. *Pôr fim num caso é a mesma coisa que terminar uma relação?* Chegou à conclusão de que eram coisas parecidas. Começou a falar:

– Archie, quero terminar com você.

Ele olhou para além dos babuínos.

– Então é isso.

Anna não esperava que ele fosse ficar devastado, o que não parecia mesmo ser o caso.

– É. É isso. – Ele não perguntou por quê, mas ela estava disposta a falar se perguntasse. – Preciso ir, Archie – disse, levando a sacola de livros ao ombro. Vinha carregando aquele peso desde o início. Olhou mais uma vez nos olhos dele e virou-se para ir embora.

Archie agarrou-a pela cintura, puxando-a para perto.

– Não sem um beijo de despedida – declarou, aproximando os lábios dos dela e segurando-a com firmeza, mesmo sob protestos.

Anna lutou um pouco contra a boca e os braços dele, mas acabou cedendo, uma vez que não havia mal algum num beijo de despedida, e ela estava muito fraca emocionalmente para conseguir se impor. Assim, no meio do jardim zoológico de Zurique, em seu aniversário de 38 anos, permitiu que o escocês explorasse sua boca usando a língua e seus seios usando as mãos, pelo que seria sua última manifestação de passividade.

Demonstrações públicas de afeto sempre chamam a atenção. Archie e Anna passavam fácil por um casal. Eram os únicos adultos em todo o zoológico que não estavam acompanhados de crianças em carrinhos ou de alunos de escolas em passeios de turma, como o grupo que se dirigia ao habitat sul-africano enquanto eles trocavam aquele último beijo. As crianças são iguais em qualquer parte do mundo. Numa certa idade, só de ver duas pessoas se beijando, começam a soltar risadas e gritinhos, apontando os dedos na direção dos beijoqueiros. Foi exatamente o que aconteceu com os

dois. Mesmo assim, continuaram se beijando. Era um momento decisivo. Anna permitiu que o momento guardasse seu peso. Um último beijo, pensou, não é qualquer coisa.

O beijo se encaminhava para o fim. Anna estava prestes a encerrá-lo. Tomou fôlego, lambeu os lábios e fez um ou dois movimentos de retirada antes de enfim se desvencilhar da boca dele.

– Bom – disse ela –, acho que é isso.

Mas não era.

Uma vozinha fina se fez distinguir em meio ao coro de crianças berrando.

– Mamãe?

Anna virou-se bruscamente. Era Charles.

Ela se esquecera. Tinha sido planejado havia algumas semanas. Anna estava tão envolvida em sua vida secreta e particular, que não se lembrara.

Era o dia em que a turma de Charles tinha um passeio marcado ao zoológico.

Ela fora pega.

16

– É muito comum que o subconsciente crie cenários intencionais para nos forçar a encarar certas questões que vêm sendo ignoradas. Os sonhos podem se tornar mais ruidosos e violentos. Podemos ficar mais esquecidos ou vulneráveis a acidentes. A psique fará o que for necessário para chamar nossa atenção. Inclusive sabotar nossa consciência, se for preciso.

– Como assim?

– Pense num abscesso. Se não for tratada, a ferida aumenta, provocando dor, e acaba se rompendo.

– Isso é nojento.

– Verdade. As infecções são nojentas. E isso é uma infecção, só que da alma.

Anna não soube de imediato o que fazer, por isso nada fez. Precisava manter a calma. Não voltou a olhar para Archie, o que nem foi necessário.

– Dá o fora daqui – disse ela, em meio ao sorriso que havia forçado no rosto, para encarar Charles. Em seguida, aproximou-se do filho: – Oi, *Shatz*, meu amor! – Estava com a voz vacilante enquanto se agachava para abraçá-lo. Puxou-o para bem perto, bloqueando com o corpo seu campo de visão, de modo que ele não visse Archie indo embora.

A professora de Charles parecia ter captado o que a turma acabara de interromper. A senhorita Kopp era jovem, esperta e europeia. Sabia a diferença entre o senhor Benz e o homem que Anna estava beijando. Seus olhos demonstraram extrema compaixão.

– Por que você está aqui, mamãe? E quem era ele?

Anna ignorou a segunda pergunta.

– Estou aqui para te levar pra casa, *Schatz* – respondeu, virando-

se para a senhorita Kopp em busca de confirmação. – Tudo bem, não é? – A professora fez que sim num gesto quase imperceptível.

Naquele momento, as crianças já tinham desviado a atenção de Anna e Archie para o babuíno com ereção. Berravam, às gargalhadas, até que a professora os acalmou e conduziu para o habitat dos pinguins. Estava quase na hora de serem alimentados, e o guarda do jardim zoológico havia prometido às crianças que poderiam assistir ao espetáculo. Charles parecia perplexo.

– Você quer um *Eis*?

O cérebro de Anna pôs-se a trabalhar intensamente, buscando formas de distraí-lo de tudo o que acabara de ver. Charles adorava sorvete e tomava um todos os dias se a mãe permitisse.

– Verde? – indagou ele.

– Claro! – respondeu Anna, forçando um sorriso.

Seu sabor favorito era pistache. Charles deu pulos de felicidade, e Anna o pegou pela mão esquerda, para ir embora, enquanto com a direita ele acenava um adeus na direção dos amigos, que àquela altura estavam totalmente concentrados nos pinguins. Dali a pouco veriam os bichos sendo alimentados.

Anna e Charles pegaram o ônibus e depois o trem para Stadelhofen. Numa loja da Mövenpick próxima à estação, ela comprou para o filho um copinho de sorvete de pistache, que ele comeu na própria loja. Anna não parou de falar um minuto, sem dar espaço para que o filho abrisse a boca. Obediente que era, Charles se entregou à tagarelice da mãe. Anna dava graças a Deus por ele ser um menino tão dócil.

Assim que ele acabou de tomar o sorvete, ela sugeriu que fossem observar os trens. Charles abriu um sorriso, e Anna deu a mão para ele, levando-o da Mövenpick para a estação de trem. Chegando lá, subiram as escadas e ficaram na passagem, uma espécie de galeria, de onde era possível ver os trilhos de trem a céu aberto da Stadelhofen. Do alto, observaram alguns trens chegando e outros partindo, entre eles o S5 a caminho de Uster, o trem que Mary mais costumava pegar. O passeio acima dos trilhos era sustentado por estruturas angulares de aço, dispostas em intervalos constantes ao longo de todo o percurso. Anna pensou no efeito Jonas. *É como*

sofrer tortura na barriga de uma baleia. Charles respondeu com muita animação quando a mãe lhe perguntou sobre os bichos que tinha visto naquele dia. Divagou um bom tempo sobre os leões, os ursos-negros, os flamingos e os hipopótamos, mas logo em seguida a pergunta iminente reapareceu:

– Quem era ele?

– Ele quem, Charles?

– O homem que você estava beijando. Eu vi você beijando um homem.

Anna fingiu surpresa e tentou brincar com ele.

– Sério? Que estranho! Acho que você está inventando, Charles. Eu não estava beijando ninguém.

Não chegava a ser cem por cento mentira. Tinha sido Archie quem a beijara. Anna se sentiu péssima por se aproveitar da lógica infantil em termos de exatidão.

Charles não aceitou a resposta.

– Mas eu vi! – insistiu, demonstrando estar chateado.

Anna assumiu uma postura mais rígida.

– Charles. – A voz dela foi firme e séria. Era um tom de voz que nunca usava com ele e, portanto, ao qual não estava acostumado. O menino ficou visivelmente tenso. – Charles, você não viu nada. – Os olhos dele se arregalaram, e ele tentou desviar o olhar. – Me escuta. – Anna estalou os dedos, atraindo de volta a atenção do filho. – Está me ouvindo? Já falei que você não viu nada, e você não vai falar pra ninguém que viu. Estamos entendidos? – Charles não respondeu. Anna segurou o rosto dele com as duas mãos e virou-o para ficarem cara a cara. Já tinha visto mães nervosas fazerem o mesmo. Sua voz soou estridente. – Estamos entendidos? – Charles piscou algumas vezes. As palavras de Anna foram ao mesmo tempo exaltadas e suaves. – Ouça a sua mãe. Vou repetir uma última vez que você cometeu um erro. Não me faça falar isso de novo. – Charles choramingou. – Você não vai contar pra ninguém. Nem pro papai, nem pro Victor, pro Max ou pra vovó. Se você contar, vou ficar muito, muito brava – ameaçou ela, acenando com a cabeça para demonstrar a seriedade da ameaça. – Vou dizer pra eles que você está mentindo, e eles também vão ficar muito bravos. Eu que sou a

mãe. Vão acreditar é em mim. – Charles começou a chorar. Anna balançou a cabeça. – Charles, estou falando sério. Você tem que ficar calado, a não ser que queira que uma coisa muito ruim aconteça. Não é pra comentar nada que me viu no zoológico. E não conta pra ninguém que a gente veio ver os trens.

A estratégia de Anna pareceu ter dado certo. Charles estava sério e apavorado. Fungou, estremeceu e por fim acabou soltando um *tudo bem* quase inaudível. Ela ficou satisfeita. Não precisava dar muita explicação. Deixou que ele imaginasse por conta própria as coisas ruins que poderiam acontecer. Conhecia o filho. Sabia que ele não falaria uma única palavra sobre o assunto. Ela jamais tinha sido tão cruel na vida.

– Vem cá. Vamos pra casa.

Anna ficou de pé, pendurou a bolsa no ombro e limpou as mãos na coxa. Envolveu o filho com o braço e apertou-o contra o quadril, de um jeito protetor e carinhoso. O gesto pareceu confortá-lo. Juntos cruzaram a ponte que conduzia às escadas para chegarem à plataforma.

Tinham acabado de cruzar a metade do caminho, quando Anna se sobressaltou com uma lembrança.

– Espera um pouco, vem aqui. – Ela parou, ficou de joelhos, segurou as mãos de Charles e virou-o, para que ficassem frente a frente. – Você se lembra daquela primeira vez em que a gente foi na casa da tia Mary? Quando você conheceu o Max? – Charles parecia hesitante. Aquilo era uma pegadinha? Assim como o beijo que ele não tinha visto, será que aquela deveria ser uma lembrança que não recordava? – Pode me contar, tudo bem. Você se lembra? – Cauteloso, ele fez que sim. – Então, lembra também que, quando vocês desceram a escada, o Max disse pra todo mundo que você tinha contado um segredo pra ele? – Charles fez que sim, mais uma vez, olhando para baixo. – Isso, meu amor. Agora conta pra mamãe que segredo era aquele. – Anna estava paranoica, com medo de que o segredo do filho envolvesse seus próprios segredos. – Conta pra mim.

– Eu falei pro Max que achava a Marlies Zwygart bonita – respondeu ele, os pés se arrastando no chão. Ficou com o rosto todo

corado de vergonha. O anel de Anna se apertou mais no dedo. Nunca se sentira tão mal na vida.

Os cinco verbos mais usados em alemão são todos irregulares. A conjugação deles não segue um padrão: *ter, ter que, querer, ir, ser. Posse. Obrigação. Desejo. Fuga. Existência.* Todos conceituais e irregulares. Esses verbos são o clímax da insuficiência. A vida é perda. Perda frequente e habitual. E a perda também não segue um padrão. Só sobrevivemos a elas porque já estamos escolados na arte da sobrevivência.

Naquela noite, Anna ficou observando Charles bem de perto. Na noite seguinte, também. E o mesmo se deu na outra noite. Ficou de olho nele, com atenção redobrada, até ter certeza de que o filho não havia comentado com ninguém – e de que não comentaria – o que acontecera no zoológico. Na terceira noite, começou a relaxar. Ele nunca havia desobedecido suas ordens; por que dessa vez seria diferente? Não havia motivos para pensar assim.

O que mais eu podia ter feito?, pensou Anna, tentando racionalizar.

Depois que as crianças dormiram, ela bateu à porta do escritório de Bruno.

– Vai sair pra dar uma volta? – perguntou ele, sem tirar os olhos do computador.

– Não.

A suposição fazia sentido. Àquela hora da noite, era exatamente por esse motivo que Anna costumava bater à porta do marido. Ela sentiu um aperto no coração: Bruno achava que ela só o procurava no escritório para lhe comunicar sobre suas saídas noturnas. Sentiu o coração mais apertado ainda quando se deu conta de que, na maioria das vezes, ele estava certo.

– Você está precisando de alguma coisa?

Ele tinha sido interrompido. Assistia a alguns vídeos na internet da Schweizer Luftwaffe, a Força Aérea Suíça. À tarde, de dentro de casa, os Benz tinham ouvido o som ímpar de jatos supersônicos

cortando o céu. Um show aéreo? Treinamento de voo? Manobras de rotina? Não ficou claro. O barulho foi ensurdecedor, e a família toda saiu de casa para ver. Polly Jean não gostou nem um pouco. Anna segurou a filha no colo, bem agarrada a ela, e cobriu seus ouvidos. Victor e Charles a princípio ficaram fascinados, mas depois se assustaram. *Como voam rápido! Estão muito perto um do outro!* Charles pegou a mão de Anna, e, quando um dos aviões executou uma rotação logo acima da casa, Victor se agarrou às pernas da mãe. Aquilo era inédito, e, diante dos problemas da semana, Anna achava ótimo qualquer pedido de consolo.

Anna não se sentiu à vontade com os aviões. O barulho incomodava seus ouvidos, e ela ficou apavorada ao ver que voavam tão perto do solo. *Estão a um passo de se chocarem contra um sócio qualquer,* pensou. Bruno, por sua vez, ficou maravilhado. Não conseguia desviar os olhos do espetáculo. Quando garoto, era tão fascinado por aviões quanto Charles era por trens. Passados dez minutos, Anna, Polly e os meninos voltaram para dentro de casa. Bruno ficou do lado de fora o tempo todo, os olhos arregalados, observando tudo com tamanha atenção que alguém poderia supor que ele acreditava ser o responsável por manter os jatos no ar, graças apenas a sua vigilância.

O volume do computador estava praticamente no máximo. Ele tinha renunciado à própria norma de não fazer muito barulho. O mesmo estrondo implacável que assustara Anna mais cedo se fazia presente agora, dentro do escritório.

– Você acredita em Deus? – perguntou ela, contemplando as prateleiras. Os livros do marido estavam organizados por ordem alfabética e por assunto.

– Hã? – Ele deu uma pausa no vídeo e se virou para a esposa. – Por que essa pergunta?

Anna apontou para o monitor.

– Eu estava pensando nesses aviões de hoje – disse ela, passando a olhar a parede onde estavam afixados vários desenhos dos meninos, colados por uma substância que não deixaria marcas quando fossem retirados dali. Victor gostava de desenhar animais, e Charles, trens, é claro.

– Não entendi.

Anna tampouco sabia se tinha entendido. A ideia lhe parecera muito lúcida um instante antes. Agora, falando em voz alta, as palavras soaram insignificantes e desajeitadas. Parecia uma desequilibrada.

– Aquele barulho todo que fizeram – continuou ela, buscando a explicação mais clara possível. – A sensação era de que rasgavam o céu. – Bruno fez uma careta, perturbado. Anna deixou de lado qualquer tentativa de soar lógica e racional. – O que você acha que existe do outro lado do céu?

– Anna, o céu não tem outro lado.

– Não, quer dizer... Bruno, você acredita em Deus?

– Claro que acredito.

– Sério? – Não sabia que resposta esperar dele. Qualquer uma a teria surpreendido.

– Você não acredita?

Anna deu de ombros, e essa foi sua resposta. Bruno também deu de ombros.

– Se Deus não existe, qual é o sentido de todas as coisas? Sem Deus, o que mais importa? – Anna não sabia; foi o que disse. – Sem Deus, *nada* importa. Só que as coisas têm importância, Anna – declarou ele num tom de voz que deixava clara a intenção de educá-la.

– Você acredita em destino? Em salvação? Acha que podemos nos salvar?

Bruno balançou a cabeça como se dissesse *Por que cargas d'água a gente está falando sobre isso?*

– O meu pai acreditava que somos seres imperfeitos, vivendo num mundo imperfeito. Eu também acredito nisso. Mas não significa que não exista um deus. Significa apenas que não somos esse deus. – Bruno limpou a garganta. – Bom, isso é tudo?

– É.

Ele voltou a olhar para o computador.

– Aproveita o passeio – disse, apesar de Anna ter falado que não iria sair. Ela não o corrigiu.

– Na maioria das vezes, os incêndios residenciais podem ser evitados – declarou Stephen, embora Anna já o soubesse. – Mas, sob certas circunstâncias, há muita chance de acontecerem.

– Por exemplo? – perguntou ela, entrando no jogo.

– Fumar na cama, claro. Cozinhar. Deixar velas acesas sem supervisão.

– Falando assim, você parece um bombeiro, e não um cientista.

Stephen deu de ombros.

– Fogo é fogo.

Verdade, pensou Anna. E nunca é algo seguro.

– Um indivíduo pode ser muito consciente e, ainda assim, fazer péssimas escolhas. A consciência não vem acompanhada de uma ética automática.

Elas discutiam o sonho mais recente de Anna, que começava no mercado, onde uma parte considerável de sua vida se desenrolava. Sua cesta estava cheia, mas, chegando na fila para pagar, ela se deu conta de que não tinha levado dinheiro. Disse à moça do caixa que devolveria os produtos às prateleiras, mas, quando começou a percorrer os corredores, foi enfiando nos bolsos o máximo de comida que conseguia. Sabia que aquilo não era certo, mas não se importava. Na saída do mercado, abordou um homem que vinha entrando e contou a ele o que acabara de fazer; estava orgulhosa. Ele ficou chocado e ameaçou chamar a polícia. Anna disse que lhe retribuiria com sexo oral caso desistisse da ameaça. Os dois foram para os fundos do mercado. Do outro lado da rua ficava uma escola. Anna se ajoelhou e cumpriu o prometido, enquanto os alunos observavam tudo da janela de uma das salas. Para evitar que comentassem com alguém o que haviam testemunhado, Anna levantou a blusa e lhes mostrou os seios, de onde vazava leite. O sonho terminou no ponto de ônibus. Ela não se lembrava se tinha entrado no ônibus certo ou não.

– Tudo o que você faz nesse sonho é cometer alguma espécie de crime: roubo, adultério, exibicionismo...

Anna a interrompeu.

– Você não pode julgar alguém a sério com base no que a pessoa faz enquanto dorme. Não consigo controlar os meus sonhos.

– Anna, isso não é uma verdade absoluta. O que a gente sonha é o que a gente é.

Anna franziu o rosto. Não estava gostando nem um pouco daquela conversa.

A doutora Messerli não botou panos quentes.

– Você está ciente de cada uma das consequências. Mesmo assim, comete os estragos. O sonho é enfático: você está perdendo o controle.

17

Com intervalo de poucas semanas, e às vezes menos do que isso, os Benz recebiam pela caixa de correio avisos impressos em página branca com bordas pretas. Eram notas de falecimento. *Ein Bestattungsanzeige*. O carteiro as entregava junto com a correspondência, sempre que algum morador de Dietlikon morria. Era uma cortesia de cidade pequena, e não uma prática tipicamente suíça. Os anúncios começavam com o nome do falecido e, logo abaixo, vinham as datas de nascimento e morte. No fim, informações sobre o enterro.

Anna guardava numa caixa de sapato, em seu armário, todos os anúncios que eles recebiam. No período de nove anos, tinha reunido pelo menos trezentos deles. Quando Bruno encontrou a caixa de sapato, ameaçou jogá-la fora.

– Essa sua fixação pela morte não é nada saudável – disse à esposa.

– Nem se atreva – declarou ela, categórica, o que não era comum à sua personalidade. – Eu guardo esses anúncios porque alguém tem que fazer isso. O pior que pode acontecer a uma pessoa é ela ser esquecida.

– Não é a pior coisa, Anna.

– Não encosta nessa caixa. Estou te avisando.

Anna evitou as aulas de alemão por dois dias. Estava com medo de olhar nos olhos de Archie.

Sentia raiva de si mesma, mas estava furiosa com ele também. Sabia que sua indignação não era razoável (*Ou era? Foi Archie quem se precipitou, dando-lhe um beijo sem que ela pedisse. Foi ele quem apareceu na festa. E também foi ele quem deu o primeiro passo*

para que começassem a se encontrar), mas a arrogância servia ao propósito de mantê-la firme na tarefa de se comportar bem. O rancor era a arma secreta de seu arsenal. Quando Mary ligou na terça-feira à tarde, Anna deu uma desculpa convincente: disse que a exaustão por conta da festa havia chegado com um dia de atraso e que ela precisava descansar. Mary se ofereceu para ir até lá com algumas anotações da aula, mas Anna disse que não se preocupasse, e ficou, então, em casa, brincando com a filha. Resolveu cozinhar depois de mais de um ano e preparou, para o jantar, o prato preferido de Bruno. Era uma tentativa de expiação, ainda que mínima.

Em algum momento durante o anoitecer do segundo dia seguido em casa, Anna começou a se sentir inquieta, entediada e solitária. *Nossa, Anna, é sério?* Estava agitada, querendo encontrar caminhos para a absolvição. Primeiro, pôs a culpa no pôr do sol e, depois, nos defeitos essenciais de sua personalidade. A fragilidade que vinha tentando emendar. Afinal de contas, não se tratava apenas de sexo.

Em geral, isso era verdade, sabia ela.

Não é que sentisse falta deles. Não sentia nem um pouco (*Quem são eles, aliás, para que eu sinta falta?*). Anna lera em algum lugar que se gasta muito mais tempo para abandonar um hábito do que para criá-lo. No caso da heroína, o vício pode surgir em apenas três dias. *Sou viciada?* Não queria usar aquela palavra. Seus homens eram tão somente a personificação de certos desejos aos quais ela não gostaria mais de renunciar. *É apenas um aperto de mão, de verdade. Uma saudação informal feita com partes do corpo alternadas.* Anna seria capaz de viver sem os favores desses homens específicos. O caso com Archie não somava nem dois meses, e o relacionamento com Karl quase não passara de um flerte. Porém, a natureza dos hábitos é exatamente esta: eles são habituais. Morrem a muito custo, se é que um dia morrem.

Anna foi lavar roupa, desviando o foco da agitação que experimentava.

Na quinta-feira, ela voltou a frequentar o curso de alemão. No fim das contas, tinha pagado pelas aulas, e, até a segunda-feira anterior, vinha gostando bastante. Ursula foi para sua casa, e ela seguiu rumo a Oerlikon. Encheu-se de coragem para enfrentar Archie, mas ficou aliviada ao ver que ele tinha faltado.

Roland deu uma aula sobre comparativos. *Este é mais* não sei o quê do que *aquele*. *Aquele é menos* alguma coisa do que *este*. *Este e aquele* são exatamente iguais a *aquele e este*.

O tempo acabou antes que ele conseguisse introduzir os superlativos, a declaração do que é *mais do que todos*.

Bem como vários outros, esse era um conceito que Anna já conhecia.

Na sexta, Anna despertou muito antes do amanhecer. O relógio marcava 4h13. Ela olhou para o lado direito. Bruno dormia, claro. Levantou-se, pôs uma roupa e saiu do quarto na ponta dos pés. Deixou a casa no maior silêncio possível. Era experiente nisso. Precisava ser.

O frio de outubro, ainda antes do nascer do sol, era cortante. Anna virou a gola do casaco para cima, pôs as mãos nos bolsos e encarou o vento que vinha na direção contrária, enquanto a seu redor a cidade de Dietlikon dormia com tranquilidade, imperturbável. Não tinha um destino definido; seguiria seus pés para onde quisessem levá-la. Primeiro, foram em direção à igreja, depois, desceram a Riedenerstrasse, passando pela rotatória, até chegarem ao cemitério.

Anna não tinha o costume de ir ao cemitério, especialmente naquelas horas escuras e terríveis de insônia. O passeio daquela manhã não fora premeditado. Mas há momentos para se falar com os mortos, momentos em que os mortos querem falar. Nessas raras ocasiões, os mortos fazem com que cheguemos a eles. Nossa vontade é irrelevante. Anna não sabia dizer se era esse o caso, mas o fato é que estava no cemitério, portanto tudo indicava que sim. Apesar do portão fechado, conseguiu se embrenhar por uma cerca esparsa. Não pretendia ficar muito tempo. *Não sou um espírito; sou*

uma visitante.

Caminhou devagar pelas fileiras de sepulturas, tentando manter a sobriedade. Porém, acabou sendo tomada de preocupação e cansaço, o que, somados, acabavam passando por solenidade. Bom, teria de servir. Para Anna, tudo sempre tinha de servir.

Em frente ao portão do cemitério ficava uma seção à parte, para as sepulturas das crianças. À luz do dia, era impossível passar por ali sem desabar. Na escuridão, entretanto, estar naquele espaço, diante delas, significava desfrutar de uma experiência suportável, quase bela. *São bebês dormindo no berço*, imaginou Anna. *Estão apenas dormindo*. Uns meses antes, a neta de uma amiga de Ursula tinha se afogado na piscina comunitária de Dietlikon. Chamava-se Gaby e fora enterrada ali. Estava escuro demais para Anna ler os nomes; não sabia qual era a sepultura da menina.

Anna cometeu o erro de encontrar Edith para um café depois da aula de alemão. Em geral, era um erro encontrá-la para tomar café, porque ela na verdade não tomava café, e sim uísque, o que sempre a deixava agitada. Encontrou a amiga na extremidade sul da Bahnhofstrasse, no Café Münz, um bar e *lounge* perto da filial de Zurique do Banco Nacional da Suíça. O BNS foi o banco que guardou o ouro nazista durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Em seu primeiro ano no país, Anna foi perseguida pela ideia de que, embaixo das ruas por onde passava, os banqueiros – conhecidos como gnomos de Zurique – circulavam pelos cofres subterrâneos, fuçando os tesouros de judeus mortos havia muito tempo. Ela envolveu Bruno na história, retroativamente, até que ele acabou proibindo-a de tocar outra vez no assunto.

Anna pediu um café com creme, e Edith, contrariando a si mesma, escolheu uma cerveja. Anna arqueou uma das sobrancelhas.

– O Niklas está me dando aula de cerveja – explicou ela, como se cerveja fosse uma matéria escolar, feito álgebra ou educação cívica.
– Ainda não gosto, mas por ele experimento o que for.

Edith lhe deu uma piscadela, e Anna entendeu que aquele “o que for” significava mais que cerveja. Anna não queria conversar sobre

amantes. Na verdade, não queria conversar sobre nada. Porém, havia algumas horas a preencher, e, como não ia passá-las nem com Archie nem com Karl, precisava da companhia de outra pessoa, e Mary estava ocupada naquele dia. *Entregue-se a um amante, e em breve é capaz de estar com vinte*, pensou Anna. *Eles são como aqueles salgadinhos. Impossível parar no primeiro.*

Edith não parou de tagarelar um minuto sequer. Com seu egocentrismo característico, ficou pulando de assunto em assunto, feito um sapo saltando de uma ninfeia a outra. Primeiro falou de Niklas, depois de Otto, das gêmeas, da viagem que planejavam para Ticino e de um vestido de gala que havia comprado pouco tempo antes. Anna não sabia que ela ia a uma festa importante.

– Mas eu não vou. É que o vestido era um espetáculo; não consegui resistir. Vou usá-lo qualquer dia desses.

Anna terminou o café e pediu mais um. Tinha pouca coisa a acrescentar, e só o fazia caso fosse solicitada. Edith passou da cerveja para o vinho. Não estavam sozinhas no café. Atrás delas, um casal desfrutava de um almoço fora de hora. No balcão, um sujeito alto e esquelético, usando terno, fumava e bebia uma cerveja. Sentada junto à janela perto da rua, uma jovem de *piercing* no nariz e grossa cabeleira loura presa num rabo de cavalo baixo comia as últimas folhas de salada de seu prato, enquanto folheava uma revista sem prestar muita atenção.

Anna observava a garota de rabo de cavalo, quando Edith fez algo talvez inédito.

– Tudo bem, Anna. Você está distraída. Parece que nem está aqui. O que é que está havendo? – Ela nunca havia demonstrado nenhuma preocupação verdadeira com a amiga, o que pegou Anna desprevenida. – Quer conversar sobre alguma coisa?

Anna não sabia o que dizer. Ficou olhando para o pote vazio de creme, no pires, e para a colherzinha logo ao lado, como se fossem de repente se levantar e dar uma voltinha na mesa.

– Edith, o que é que o Otto faz no banco?

Edith piscou.

– É isso que vem te perturbando?

Anna deu de ombros.

– Talvez. De certa forma...

Edith engoliu o vinho de uma só vez e liberou um suspiro vigoroso.

– E eu sei lá! Conta dinheiro? Por que você quer saber?

– Estou falando especificamente. O que é que ele faz especificamente?

– Você sabe o que o Bruno faz?

– Não, não sei – respondeu Anna, balançando a cabeça. Sua voz ficou mais baixa e sóbria. – Edith, acho que a gente devia saber o que eles fazem. – Naqueles anos todos, Anna nunca pedira ao marido que lhe explicasse. Ele cuidava do dinheiro dos outros, era isso. E isso era tudo o que ela sabia. – A gente devia se preocupar o mínimo que fosse com eles, pra pelo menos saber o que fazem.

Anna tomou sem pressa um gole do café, com muito cuidado, e com o mesmo tanto de reflexão apoiou a xícara sobre a mesa.

– Anna, você está com um parafuso a menos. Não estou entendendo qual é o problema. – Edith, de fato, não entendia. Ficara atordoada com aquela conversa. – A única coisa que a gente tem que saber é que eles botam dinheiro dentro de casa – declarou, tomando mais um gole da bebida. – Eles tomam conta da gente. Além disso, nada mais importa.

Roland divergira, veemente. Alguém tinha sugerido que o *Schwiizerdütsch* era apenas um dialeto do alemão, e não uma língua independente. O professor foi enérgico. *Nei! Nei! Nei!*, gritou, enfatizando cada *não!* ao bater com seu bloco de anotações sobre a mesa.

– A Suíça não é uma colônia alemã! Nós não vivemos sob a *Bundesflagge!* O *Schwiizerdütsch* é nosso. Não foram eles que nos deram; nós é que o criamos! – Roland continuou, fazendo um comentário abrangente e filosófico. – Um indivíduo é definido pela língua que fala, e essa língua diz ao mundo quem ele é.

Anna refletiu sobre o assunto. Todo mundo nasce imerso numa língua materna. A maioria das pessoas que ela conhecia dominava por completo uma segunda língua (e, segundo a ladainha de Roland, uma terceira): *Bruno, Ursula, Daniela, a doutora Messerli*. Até

mesmo os filhos de Anna. Com ela, falavam inglês, mas entre eles e com o pai, quando Anna não estava (e às vezes até mesmo quando estava presente, embora tivesse lhes pedido, com a devida seriedade, que não o fizessem), migravam para o Schwiizerdütsch. Isso acabava com ela. Por mais que tivesse um bom nível de alemão, jamais dominaria o Schwiizerdütsch como um nativo de Dietlikon. Nunca compartilharia desse vínculo oral com os filhos. Simplesmente não aconteceria.

Anna não discordava de Roland. Ele tinha dito a mais pura verdade: a língua em que nascemos imersos (ou, como no caso dela, em que não nascemos) determina nossa identidade mais básica. Porém, Roland não fora em frente. Havia mais. Nossa língua materna nos situa na sociedade, mas é a segunda língua que revela nossa personalidade. *Pense nos erros*, disse Anna a si mesma. *Os erros que a pessoa comete nos dizem tudo o que precisamos saber.* Afinal de contas, ninguém é capaz de mudar a própria natureza. Se fulano se comporta de tal maneira numa situação A, por que seria esperado que se comportasse de modo diferente numa situação B? Karl, por exemplo. Na fala, confundia os significados primários e secundários das palavras e de seus sinônimos. Era um hábito proveniente de certo descuido. Ele tratava as palavras como se elas fossem intercambiáveis. Esta aqui, aquela lá – uma palavra, uma mulher. Tanto fazia uma quanto outra. Não que agisse com malícia... mas o que estaria *por trás* daquilo? Era muito difícil decifrar. E quanto a Mary? Sua tendência era tropeçar até nas frases mais simples. Atordoava-se à toa. Queria muito falar corretamente. Quando abria a boca, pronunciava tudo com muita calma e sem floreios. O inglês de Niklas era inespecífico. Anna não o conhecia o suficiente para dizer o que aquilo poderia significar. Edith simplesmente não falava nada de alemão, o que demonstrava seu total descaso. Nancy sempre tentava construir frases além de suas possibilidades. Quando queria falar alguma coisa, falava. Se saísse errado, ela entortava a sintaxe e contornava o obstáculo, como se estivesse dirigindo e tivesse que desviar de uma torre de concreto. Sempre dava um jeito de ultrapassar os problemas. O alemão de Archie era o alemão típico dos homens que se envolviam em

casos com mulheres tristes. Era terrível em termos de possessivos. Pouco importava o que pertencia a quem. Tudo era de uso livre.

E o que falar de Anna? Quais eram suas tendências? Nada muito misterioso. Era tudo uma questão de verbos. Suas conjugações eram desleixadas, e ela não se preocupava com o posicionamento. Confundia os tempos e os modos e se apoiava muito na voz passiva. Teve que rir diante dessas conclusões. *Sou tão óbvia!* De fato era, era mesmo. Óbvia, desleixada e triste.

Anna estava no quinto mês de gestação quando Polly Jean começou a chutar. Chutava forte, muito mais forte do que os meninos tinham chutado, e com bastante frequência. Não dava descanso para a mãe. Batucava as paredes do útero feito um louco esmurrando uma porta acolchoada. A gravidez toda foi complicada. O enjoo matinal de Anna se arrastou por meses a fio. Seu rosto ora ficava ressecado, descamando, ora ficava oleoso e cheio de espinhas. A tristeza a exauria. Em suas caminhadas, mirava o oeste e punha-se a falar em voz alta, na direção de Boston. *Eu te amo. Eu te odeio. Morro de saudades. Nunca mais quero te ver.* Pronunciava tudo isso com convicção. O caminho do meio lutava contra os extremos.

Uma tristeza hiperbólica a consumia. Exceto em raros momentos.

Ceder não estava nos planos de Anna. Foi a troco de nada. A troco de tudo. Do clima. Do aceno que Charles lhe ofereceu ao sair de casa para ir à escola. Do meio aceno que Victor lhe retribuiu, uma concessão que o filho raramente fazia. Foi consequência da intolerância de Bruno quando ela lhe ofereceu iogurte em vez de queijo *quark*. Tinha confundido os potes no mercado, o que era fácil de acontecer. Foi consequência da rabugice de Ursula e da pele enrugada que adquirira, graças ao gesto de franzir o rosto durante anos e anos. Foi por conta do dever de casa de alemão que Anna deixou de fazer na noite anterior. Foi por ficar se perguntando por que ainda se importava com as aulas de alemão. Por saber que Mary ficaria decepcionada se ela abandonasse o curso, e a decorrência disso foi um longo e resignado suspiro. Foi decorrência de todos os

aborrecimentos daquela manhã, cuja soma resultou numa frustração tão ameaçadora que qualquer um com um pingo de bom senso sairia correndo para bem longe, e o mais rápido possível. Contudo, Anna não fugiu. Assim que a sensação apareceu – esse desânimo profundo –, ela a abraçou, como faria com uma amiga há muito sumida (o que, de certa forma, era o caso), reunindo os vários dramas em volta dos ombros, bem colados um ao outro, enrolando-se numa colcha familiar de carências inefáveis e inconsoláveis. Quando Karl respondeu ao seu SMS impulsivo, ela já largara mão das rédeas da própria vontade. Era uma quarta-feira, último dia de outubro. Anna estava a caminho de Oerlikon quando chegou a mensagem. Naquele Halloween, festa que a maioria dos suíços não comemorava, Anna vinha pensando mais uma vez em fantasmas.

Ela mudou de trem em Oerlikon e pegou o S7 para Kloten. Nem pensou duas vezes. Ainda que tivesse pensado, iria de qualquer forma.

Anna bateu à porta e Karl a abriu. Ele começou a falar, mas ela fez um gesto para que se calasse.

– Não. Não fala nada – pediu, empurrando-o. A porta se fechou.

Ela forçou o rosto contra o dele e os dois começaram a se beijar. Foi um beijo descuidado e sem sentido. Não havia mistério algum. Anna se livrou do casaco, jogou a bolsa num canto e passou o suéter pela cabeça de forma brusca, arrancando o brinco junto. Jogou Karl na cama com tanta força que ele se surpreendeu. Anna estava úmida de abandono.

– Você já ouviu falar da Teufelsbrücke? – Anna respondeu que não. A doutora Messerli começou a lhe contar a história. – Existe um desfiladeiro, no Cantão de Uri, extremamente íngreme: é a Garganta de Schöllenen. As paredes são escarpadas e abruptas. – Anna fez que sim; conseguia entender. Naqueles dias, para onde quer que olhasse via um precipício. – Há uma ponte que cruza o desfiladeiro e o rio que passa embaixo.

– A Teufelsbrücke, Ponte do Diabo?

– *Genau*. Foi construída na Idade Média. A paisagem é tão

irregular, e a construção da ponte é algo tão fabuloso que, na época, acreditava-se que apenas mãos humanas não seriam capazes de construir uma estrutura daquelas. Assim, reza a lenda que foi o Diabo quem a construiu. – A doutora continuou, feito uma contadora de histórias profissional, ajustando a entonação e o ritmo da fala para causar efeitos dramáticos. – Só que o Diabo não trabalha com favores. Ele sempre exige um pagamento em troca. Nesse caso, sua reivindicação era a alma do primeiro homem que cruzasse a ponte. – *Até que parece justo*, pensou Anna. – Ninguém se apresentou, claro. Quem se candidataria a um sacrifício daqueles? – Anna tinha uma resposta, mas não disse nada. – Os cidadãos de Uri decidiram, então, enganar o Diabo, enviando-lhe uma cabra. O Diabo ficou furioso. Não! Uma cabra não servia! Tinha chegado ao seu limite. Pegou a maior pedra que encontrou e se encaminhou para a Garganta de Schöllenen. Daria uma lição naquela gente. Ele é quem tinha construído a ponte; caberia a ele destruí-la.

– Mas ele não destruiu.

A doutora Messerli fez que não.

– A caminho da ponte, ele cruzou com uma senhora que usava um crucifixo. O Diabo ficou tão assustado com a cruz, que deixou a enorme pedra cair e acabou fugindo. O povo de Uri nunca mais ouviu falar dele. Conseguiram manter a ponte intacta. E também as próprias almas.

– Você está dizendo, então, que o bem vence o mal.

A doutora balançou a cabeça.

– O que estou dizendo é que as nossas partes mais tenebrosas estabelecem uma ponte entre a consciência e o inconsciente. É a função mais importante da matéria escura. Mas ouça bem: você não deve sua alma à escuridão.

– Não tenho planos de me desfazer dela.

– Não é uma questão de planejamento. A gente até planeja, só que o Diabo ri dos nossos planos.

Anna despertou de um sono opressivo e errático, o único sono possível quando se está num quarto de hotel, na tarde do último dia

de outubro, ao lado de um sujeito que não representa nada em nossa vida. Ela se esticou um pouco e ajustou o foco de visão. Olhou para o relógio. Eram 16h15. *Merda, merda, merda.* Karl gemeu, sentando-se na cama.

– Tem alguma coisa imoral? – perguntou ele.

Anna supôs que ele quisesse dizer “errada”, mas pouco importava. Naquele caso, estava certo, de uma maneira ou de outra. Ela se vestiu às pressas, calçou o sapato e pegou a bolsa com a intenção de sair do mesmo modo que havia entrado: sem alarde. A caminho da porta, tirou o celular da bolsa para checar as mensagens. A luzinha vermelha estava piscando. Havia 32 ligações perdidas.

Uma mão invisível perfurou seu coração, usando uma espada invisível. *Não.* Anna deixou a bolsa cair.

– Está tudo bem? – perguntou Karl, enquanto fechava a calça jeans.

Ela não respondeu. Começou a percorrer a lista. Ursula tinha ligado. Depois, Bruno. Em seguida, Ursula, Ursula, Bruno, Mary, Bruno e Daniela. A lista de ligações perdidas parecia não ter fim.

– Pus o telefone no silencioso – disse mais para si mesma. Havia lhe deixado algumas mensagens. Sua mão tremia. Os dedos não conseguiam encontrar os botões. Mas acabaram encontrando. Tinham que encontrar. Anna ouviu a última primeiro. Era Bruno. Estava aos soluços, com a voz furiosa. *Anna. Vem pra casa, por favor. Você tem que vir pra casa. Agora, Anna. Vem pra casa agora.*

– Preciso ir – declarou ela, enquanto apanhava a bolsa. Disparou pelo corredor e desceu as escadas às pressas, dando de cara com o entardecer. O mais rápido seria pegar um táxi. Atravessou a rua correndo, até a estação de Kloten, e se lançou no primeiro táxi que viu. *Dietlikon.* Estava sem fôlego, ofegante. *Die. Tli. Kon.* O motorista parecia não entender. *Dietlikon!*, gritou Anna, chutando as costas do banco dele. O rapaz então se deu conta. Engatou a marcha e foi entrando na rua sem nem olhar para os lados.

Novembro

18

As lágrimas são molhadas, mas não são água. Ao mesmo tempo em que são líquidas e potáveis, é possível congelá-las e também, como se diz, afogar-se nelas. Mas não se trata de água. São uma mistura química de gordura, açúcar, sal, anticorpos, minerais e pelo menos uma dezena de outras substâncias presentes no corpo; para o restante dessa digressão, iremos supor que sejam humanas.

Há três tipos de lágrimas.

Aquelas que servem apenas para umedecer os olhos são chamadas de lágrimas basais; elas lubrificam as pálpebras da mesma forma que o óleo faz com uma dobradiça. As lágrimas conhecidas como reflexivas surgem quando ocorre uma irritação no olho, causada por partículas estranhas ao corpo, como poeira ou cebola. Embora também possam surgir quando alguém boceja ou tosse, as lágrimas reflexivas têm a função específica de lavar e limpar. Seu objetivo é a ablução.

As lágrimas decorrentes de alguma dor são as emocionais, que nem precisam ser analisadas.

Há três tipos de luto.

O primeiro é o antecipatório. É o luto dos hospitais. Um luto prognóstico. Aquele que surge quando alguém leva o cachorro ao veterinário pela última vez. O luto da família de um presidiário que se encontra no corredor da morte. Está vendo aquela dor à distância? *Ela está se aproximando*. Um luto para o qual é possível, de certa forma, preparar-se. Você encerra todos os assuntos. Faz um ajuste de contas. Diz adeus mais de uma vez. A angústia persegue as câmaras do seu coração, e você se fortalece para conseguir lidar com a presença iminente de uma ausência eterna. Esse tipo de luto é um instrumento de tortura. Aperta, estica e esmaga.

O luto que emerge após uma perda abrupta remete a uma

punhalada. É o segundo tipo de luto. A dor é lancinante e sempre uma surpresa. Nunca percebemos quando está vindo. É um luto que não aceita ataduras. O ferimento é mortal, mas mesmo assim não morremos, o que caracteriza sua agonia insuportável.

Contudo, o luto não equivale a uma simples tristeza. A tristeza requer que se sente com ela, para abraçá-la e ouvi-la. O luto é uma jornada. Precisa progredir por determinados estágios. Com uma mochila cheia de pedras, você caminha por uma floresta escura e inexplorada, a mata fechada à altura das pernas e lobos em seu encalço.

O luto que nunca progride é chamado de luto complicado. Não abranda, não é aceito, e nunca – nunca – adormece. É o luto possessivo. Ilusório. Histérico. Por mais que se corra, ele é mais rápido. É o tipo de luto que sai à sua caça para derrubá-lo.

É o luto que devora.

Ele não estava prestando atenção.

Não estava prestando atenção e foi para o meio da rua.

Charles e Victor brincavam de quê? Polícia e ladrão? Pique-pega? Estátua? Anna achava que as crianças não brincavam mais dessas coisas. Talvez estivessem apenas correndo um atrás do outro, em círculos. Metade do tempo, os dois irmãos brincavam juntos sem problema algum. *Pode ter sido numa dessas metades*, pensou Anna. Como se isso fizesse muita diferença, ou qualquer diferença.

Não fazia.

Ele não estava prestando atenção.

Pelo relato de todos, foi um acidente. Terrível e incomensurável? Com certeza. Mas totalmente fortuito. Ursula e Margrith testemunharam o desenrolar de toda a tragédia. As duas estavam em frente ao galpão onde Hans guardava os tratores, a uns seis metros de distância. Margrith segurava Polly Jean no colo. Ursula tinha acabado de recolher as últimas verduras do jardim e as trouxera para dividir com Margrith. Estava com uma cesta de nabos e batatas apoiada na dobra do braço. Tudo aconteceu num piscar de olhos. Charles correu para a rua e quase na mesma hora foi atingido

por um carro. Seu pequeno corpo foi ao chão. *Ele correu pra cima do carro! Veio pra cima do carro!* O motorista era um homem de trinta e poucos anos. *Veio na minha direção! Não consegui parar!*

Victor também viu o acidente. Pelo resto da vida se lembraria, com perfeição de detalhes, do cantar dos pneus ao tentarem uma parada brusca, do pânico incomparável e incrédulo nos olhos do motorista, e do fato absurdo de uma única batata ter caído da cesta de sua avó e rolado para junto de Charles, tão perto de sua cabeça que precisou ser chutada para longe.

Foi um acidente. O motorista, que se chamava Peter Oesch, não tinha bebido, vinha guiando com atenção e não estava correndo. Charles avançou para o meio da rua. *Ele simplesmente entrou correndo na minha frente! Eu não estava dirigindo rápido!* Era verdade. Peter não estava correndo. Mas não foi o impacto o que o matou. Assim que Charles apareceu no meio da rua, Peter pisou com tudo no freio, desviando bruscamente, a ponto de evitar que o carro atingisse a cabeça do menino. Mesmo assim, atingiu-o de lado, quebrando sua perna e seu quadril. Foi isso. Se ficasse por aí, Charles teria sobrevivido. Mas, ao cair, fraturou o crânio. Por mais improvável que fosse, não era uma fratura impossível. Sua cabecinha atingiu o chão no ângulo exato, e com força e velocidade suficientes, para rachá-la. Um apostador nunca teria feito essa aposta. A chance de acontecer era de um para mil. Mas aconteceu. Ele teve uma fratura exposta, uma artéria dilacerada. Os paramédicos não conseguiram conter a hemorragia. Charles morreu rápido, embora não imediatamente.

Anna dormia no Hotel Allegra quando o filho morreu.

19

Em alemão, o verbo *sterben* significa “morrer”. É um verbo irregular. Faz sentido; nenhuma morte é igual a outra. O particípio de *sterben* ganha uma vogal diferente no meio da palavra: uma letra *e* comum e esperada se transforma num *o* boquiaberto, surpreso. O passado composto de *sterben* é formado com o verbo *sein*, “ser”. *Er ist gestorben. Du bist gestorben. Ich bin gestorben.* Ele, você e eu. O ser presente torna-se passado.

Porque a morte é uma condição permanente, definitiva. Um “para sempre”. As pessoas estão mortas e nunca “estarão” outra coisa.

O táxi chegou ao destino, e Anna desceu do carro antes que ele parasse por completo. Saiu sem pagar. O motorista gritou para que ela voltasse, mas, quando viu a polícia, as mulheres reunidas chorando e o sujeito alto que saiu do meio da multidão para segurar a passageira que havia saltado do carro, adivinhou o resto da história. Deu meia-volta e foi embora. Anna esticou o pescoço para olhar além de Bruno e ver o ponto da rua em que os policiais estavam agrupados. Bruno bloqueou sua visão, embora já não houvesse mais nada a ser visto. Ela gritou, ofegante, uma dezena de perguntas. *Cadê o Victor? Cadê a Polly? Cadê o Charles?*

Nem precisou perguntar; sem que lhe falassem nada, sabia quem tinha sido ferido. Trata-se de um talento de mãe. *Ferido*, disse a si mesma. *Ele está ferido. Só isso. Está bem. Eu quero que ele esteja bem.* Porém, o mesmo talento materno dizia que ele não estava nada bem. Quando Bruno explicou o que havia acontecido, os gritos de Anna se desdobraram, sem transição, em uivos. Ela caiu de joelhos e seu corpo ficou entregue.

Margrith se prontificou a segurá-la, mas Bruno balançou a cabeça.

– Põe os braços em volta do meu pescoço, Anna. Só isso, tenta.

Ele a levantou e levou-a no colo para dentro de casa, feito um marido recém-casado que carrega a esposa porta adentro do primeiro lar em comum. Levou-a para o quarto, colocou-a na cama e sentou-se ao lado. Pegou suas mãos trêmulas e contou-lhe tudo. A cada detalhe, o corpo dela se contorcia mais. O nome do motorista. A hora da morte. A perna que foi quebrada no impacto. Com a mão direita, Bruno alisava o cabelo da esposa, enquanto esfregava as próprias lágrimas com a mão esquerda.

– A gente tentou ligar pra você.

Anna respondeu para o travesseiro sob sua cabeça.

– O celular ficou no silencioso. Esqueci de tirar.

Bruno não disse nada. Não havia motivos para responder.

Sonho que estou na Hauptbahnhof com duas grávidas, uma bem jovem e outra um pouco mais velha. As duas dão à luz no mesmo instante, mas o bebê da mulher mais velha acaba morrendo ou então já nasce morto. Ela dá de ombros e diz: "Tudo bem. Vou dar um jeito." Digo a ela que sinto muito, mas não sei mais o que falar. Quando me viro, a mais nova tinha desaparecido. Deixou um bilhete dizendo que precisava estar em casa antes que o marido ficasse preocupado. Esqueceu de levar o bebê. Fico muito abalada e começo a procurar por ela, mas a mulher mais velha me detém e faz com que eu lhe entregue a criança. "Está vendo?", diz ela. "Deu tudo certo." Respondo que tudo indica que sim.

Mary chegou vinte minutos depois e foi para o quarto de Anna e Bruno. As duas mulheres se olharam e começaram a chorar de desespero. Bruno se levantou, pondo-se de lado. Mary pegou o lugar dele na cama e alcançou a amiga, puxando-a para junto de seu corpo macio e maternal, balançando-a para frente e para trás enquanto chorava junto a seu cabelo, e Anna, por sua vez, chorava recostada em seu peito. Um policial se aproximou do batente e fez um gesto para que Bruno o acompanhasse. Mary fez um aceno de cabeça, como se dissesse *Está tudo bem. Eu tomo conta dela*. Olhou de novo para Anna e prosseguiu com o balanço.

– Calma, estou aqui. – Mary massageou as costas de Anna e alisou seu cabelo. Percebeu que a amiga estava só com um brinco. – Depois a gente acha o outro – sussurrou, ao que Anna se pôs a soluçar com ainda mais histeria.

– Eu tenho pavor da morte – declarou Anna.

– Por quê? – perguntou a doutora Messerli. – Pra que ter medo do inevitável?

Mas o medo se deve, exatamente, a esse caráter inevitável, pensou Anna.

– Você acredita em Deus?

– Acredito numa benevolência em torno da qual gira o universo.

Anna fez uma careta.

– E no paraíso? Você acredita no paraíso?

A doutora evitou a pergunta.

– Ninguém sabe o que acontece depois da morte. Os mortos raramente voltam.

– Eu tenho medo da morte – repetiu Anna.

– A morte é transformação. Só isso. – Não era bem essa a resposta concreta pela qual ela ansiava. – A morte é a maneira que a alma tem de se transformar em algo novo. Todos os seres vivos morrem. É assim que é.

– Mesmo assim, tenho medo.

Nos segundos seguintes, doutora e paciente ficaram se olhando com seriedade, uma esperando que a outra falasse primeiro. Foi a doutora Messerli quem interrompeu o silêncio.

– Morte significa mudança. Nada mais que isso. Metamorfose. É a migração de um estado de consciência para outro. Anna, é como entrar em um quarto diferente na sua casa. Pensar nesses termos ajuda, de alguma maneira? – Não ajudava. A doutora suspirou. – Olha, só sei de uma coisa: quando chega a nossa vez de morrer, a minha, a sua, a de qualquer um; quando é a nossa vez de abandonar uma vida e alcançar outra, não temos escolha a não ser nos lançar voluntariamente nos braços maternos da transfiguração. Não é um fim; é apenas um começo.

Anna nem quis saber de planejar o funeral. Estava completamente debilitada e não seria de muita utilidade. O cerimonial aconteceu três dias depois do acidente. Era um sábado, e a igreja – a mesma onde o avô de Charles tinha sido pastor – estava lotada. Muita gente compareceu. Todos os amigos dos Benz, a família, os homens e as mulheres do trabalho de Bruno, os alunos do curso de alemão de Anna, membros da igreja, gente da cidade e amigas de Ursula – pessoas que Anna nem conhecia, que nunca havia encontrado –, todos estavam presentes. A professora de Charles, a senhorita Kopp, também apareceu. Anna não aguentava encará-la, e a professora foi tão gentil que evitou os olhares diretos. *Obrigada*, disse Anna a si mesma. Archie foi até lá, mas saiu antes do final. Quando se virou, antes de a cerimônia começar, para dar uma olhada na igreja, Anna o tinha visto sentado numa fileira do fundo. Estava de cabeça baixa, fingindo ler o papel impresso com a liturgia. Ela sentiu o estômago azedar. Prometeu nunca mais pôr os olhos nele. E nunca mais pôs. Karl também estava lá, claro. Era amigo da família. O fato de vê-lo não provocou efeito algum em Anna. Ao olhar para ele, não conseguiu sentir nada. A ausência total de qualquer sentimento chegava a ser cruel. Os pais da maioria dos colegas de turma de Charles foram à igreja, embora muitos tenham deixado os filhos em casa. Tim e Mary também estavam sozinhos. Anna entendia. Assim como eles, não teria levado Charles a um ritual daquele tipo, mesmo que fosse de um amigo próximo. *Ele é muito novo, muito sensível*, pensou ela, no presente. Ainda não começara a pensar nele no passado.

O pastor conduziu a cerimônia em suíço-alemão. Os sinos começaram a tocar.

A cremação tinha sido de manhã. Anna se apoiou em Bruno e Ursula para conseguir ficar de pé enquanto chorava num dos lenços que havia ganhado de Mary como presente de aniversário.

A urna de Charles foi enterrada na seção de crianças do cemitério.

Era tudo o que Anna se lembrava. Depois da cerimônia, Bruno, Ursula e os demais presentes foram até a *Kirchgemeindehaus* para um almoço leve, um café e mais lágrimas. Anna não os acompanhou. Mary a levou para casa, ajudou-a a tirar a roupa e se

deitar na cama. *Não vai embora, por favor*, pediu Anna, quando a amiga se encaminhou para a porta do quarto. Mary balançou a cabeça e disse que não ia embora, claro que não; voltaria num instante. Minutos depois, estava de volta, trazendo uma bandeja de comida, mas Anna não estava com vontade de comer nada. Mary pediu que ela tentasse comer um pouquinho, lembrando, delicadamente, que Victor e Polly precisariam da mãe e que para ficar forte ela não podia passar fome. Anna deu duas mordidas no sanduíche e tomou apenas um gole do chá. Mary levou a bandeja embora e em seguida voltou ao quarto. Sentou-se numa cadeira de balanço junto à cama e manteve-se ao lado de Anna pelo resto do dia.

Victor e Polly vão precisar de você, Anna. Nos dias logo após a morte de Charles, Anna pegou-se esquecendo que tinha outros dois filhos. Monika, vizinha deles, tomou conta de Polly Jean durante vários dias, para alívio imediato de Bruno, Anna e Ursula. Porém, não podiam resguardar Victor daquela experiência. Ele dividia o quarto com o irmão. Dividia os brinquedos e os pais. Seu mau humor característico fora substituído por uma expressão facial vazia e confusa, revelando uma tristeza que existia para além de um nível consolável. Na igreja, ele ficou sentado entre Anna e Bruno. Não deixaram que participasse da cremação. Victor não precisava ver aquilo. Anna também não precisava.

Na véspera da cremação, os Benz receberam, pela caixa de correio, o *Bestattungsanzeige* de Charles. Anna o encontrou na gaveta da mesinha de cabeceira do marido. Estava em busca de um analgésico; de tanto chorar, tinha ficado com enxaqueca. No inverno anterior, Bruno havia escorregado no gelo, dando um mau jeito nas costas. Anna acreditava que encontraria ali pelo menos um comprimido.

A nota de falecimento estava por cima de uma miscelânea de outras coisas: um desenho que Charles fizera na escola, uma foto de Anna segurando Polly Jean no colo, o cartão que a mãe dele lhe enviara no aniversário anterior. Bruno tinha dobrado o papel com

muito cuidado, quatro vezes. Ao abri-lo, ela não conseguiu passar do nome do filho. O sentimento era mais próximo de constrangimento do que de dor. *Eu não devia estar vendo isso*. Devolveu a nota de falecimento para o seu lugar, dentro da gaveta, onde o marido mantinha seus pertences pessoais.

Bruno jamais perguntou onde ela estava no dia em que Charles morreu.

20

Por duas vezes no ano anterior, quando estava no centro da cidade, Anna tinha sido abordada por uma mulher (mulheres diferentes, em cada caso) munida de uma prancheta, perguntando-lhe em suíço-alemão se ela estava com um tempinho disponível. As duas mulheres trabalhavam com pesquisa de mercado e procuravam gente comum para participar de testes de produto. Nas duas ocasiões, Anna havia concordado em colaborar com os testes (o que mais ela teria feito?) e acabou seguindo as pesquisadoras até a sala de conferências de um hotel próximo. No primeiro teste, teve de provar e avaliar alguns tipos de café. *É amargo? Você consegue descrever o aroma? Diria que é um café encorpado? Descreveria este aqui como "intenso"?* Ainda não começara as aulas de alemão, portanto, teve de se esforçar pelos vinte minutos seguintes, junto com a pesquisadora, de modo a conseguirem se comunicar. A mulher usava as mãos para fazer mímica das perguntas, ao que Anna respondia com piscadelas e acenos. Como recompensa pela chateação, ela ganhou um pote de café instantâneo e uma sacola grande, cheia de minichocolates sortidos. Empurrou o pote para o fundo da despensa, mas – ao longo dos três dias seguintes – comeu todos os chocolates sozinha. *Por que eu deveria dividir com alguém? Fui eu que participei do teste.* Era a sua recompensa por se abrir à experimentação. Às vezes, ela experimentava. Às vezes, experimentava com muito, muito empenho.

A segunda abordagem (exatamente na mesma esquina da mesma rua) ocorreu depois de ela já ter concluído o primeiro mês do curso de alemão. Dessa vez, o teste fluiu com muito mais tranquilidade. Anna sorria durante o processo, gaguejando apenas em poucas frases e pouquíssimas palavras. Naquele dia, teve de experimentar picles, e no fim recebeu um pote de minicebolas em conserva, o

que, assim como o café instantâneo, foi parar no fundo da despensa. Não houve chocolates, mas tudo bem. Sua recompensa foi a serenidade e suavidade na fala.

Anna relatou essa história para a doutora Messerli alguns dias depois do segundo teste, mais bem-sucedido. A doutora perguntou o que ela achava que aquilo queria dizer.

Anna disse que talvez significasse que as coisas estavam melhorando.

Uma semana e meia depois do acidente, Victor voltou à escola, e Bruno retornou ao banco. O que mais poderiam fazer? Bruno mergulhou no trabalho como forma de encarar o luto. No banco, mantinha-se concentrado e ocupado, esbanjando eficiência. Em casa, preenchia as horas extras com afazeres domésticos e pequenos reparos. Pintou o porão e substituiu as tábuas podres do depósito. Comprou uma máquina de lavar louça e ele mesmo a instalou. Fazia-lhe bem manter as mãos ocupadas.

Na véspera de Bruno voltar ao escritório, o casal tentou transar. Foi um fracasso. Ele ficou deitado por trás de Anna, na cama, e entrelaçou os braços em volta dela, puxando-a para perto de sua ereção. Enterrou o rosto em seu cabelo e firmou o corpo vacilante contra as costas da esposa, belas e frágeis, penetrando-a suavemente, mas com vontade.

– Anna, por favor. Eu preciso de você. Preciso ficar com você.

Contudo, ela não parava de chorar, o que acabou fazendo-o chorar também. Ele rolou para o lado, e ela se encolheu toda. Bruno ficou olhando para o teto durante uma hora, como se ele pudesse se mover a qualquer instante. Os dois acabaram caindo num sono agitado.

Anna passava a maior parte das horas na cama. O tempo congelou, e a casa ganhou um manto de tédio. Nem havia se preocupado em pedir o reembolso das aulas de alemão, mas não tinha a menor intenção de retornar. Parecia sem sentido e até uma insulta à memória do filho. Como se pudesse se concentrar. O luto consumia-lhe cada minuto. Anna estava sempre enjoada. Só comia

sopa e torrada, e acabou emagrecendo. Nas caminhadas, tinha alucinações com pássaros. Negros e erráticos, seguiam-na morro acima e, depois, morro abaixo. Mantinham-se distantes de sua visão, mas a cada dia o bando ficava maior e menos periférico.

Mary se ofereceu para sair do curso também, assim poderia ir à casa dos Benz todos os dias, para tomar conta de Anna e Polly Jean (era evidente que Monika não poderia cuidar da menina indefinidamente). Porém, Anna demoveu-a da ideia, ponderando que tudo o que a amiga aprendesse nas aulas poderia, no futuro, ensinar a ela, quando se sentisse bem, por mais que achasse que esse dia jamais chegaria. Além do mais, Ursula viria lhe fazer companhia; Anna não estaria sozinha. Mary aceitou o argumento e fez como a amiga sugeriu.

Quando Victor chegava da escola, levava seu lanche para a sala e se sentava no sofá junto com a mãe, para assistirem à televisão. Nenhum dos dois queria conversar. Victor regrediu. À noite, chupava o dedo, fazia xixi na cama uma ou duas vezes e assistia a alguns programas de TV voltados a crianças bem menores que ele. Eram desenhos dos quais Charles gostava. Programas infantis bobos, sobre tratores vermelhos, operários ou trens. Enquanto isso, recostava-se na mãe, hesitante. Anna fazia-lhe um cafuné.

Ele é tímido demais, por isso não pede que eu o console, pensou ela. Não é o Charles.

– Você acredita no inferno? – perguntou Anna.

– O que é isso? – Stephen puxou-a para mais perto. Era uma manhã especialmente gelada do início de fevereiro. Estavam agarrados debaixo de um edredom de solteiro.

– Nada, não. Tem a ver com fogo – respondeu ela, sorrindo, com uma voz suave, relaxada e feliz. Aquilo era tudo o que queria: ficar tão junto dele a ponto de se confundirem, feito a marcenaria de uma mesa em madeira cujas emendas não aparecem.

– Não penso muito nisso – comentou Stephen, após soltar um suspiro.

– No inferno?

- É.
- Você não é religioso.
- Não. Nem um pouco.
- E os seus pais?

Ele se esticou, deixando o corpo estremecer, e olhou para o relógio. Estava na hora de levantar.

– Meus avós eram gregos ortodoxos – disse, pondo-se de pé. Bocejou e vestiu uma calça de moletom o mais rápido que pôde.

– Você é grego? – Ela nunca havia pensado em lhe perguntar sobre suas origens.

– Cipriota.

– Ah, sim – retrucou ela, sem mais perguntas para o momento.

– Olha, tem uma questão sobre o fogo que você provavelmente não sabe – disse ele, voltando para a cama. Anna se sentou. – Já que você adora essas divagações... – completou ele, com um sorriso que foi a réplica perfeita daquele esboçado no dia em que se conheceram.

– Me conta. – Anna adorava quando ele entrava no jogo. Ela piscou os olhos, e assumiu uma voz cadenciada.

Stephen se sentou ao seu lado, na beira da cama.

– Bom, é que na Páscoa, em Jerusalém, há um padre que leva um par de velas para a igreja que dizem ter sido construída em cima do túmulo de Jesus. Isso acontece todos os anos.

– É um ritual ortodoxo?

Stephen fez que sim e continuou:

– Ele desce sozinho até a cripta, recita uma oração antiga e, quando sobe, as velas estão acesas.

– Entendi, mas qual é o milagre? – Anna se entregou ao relato com a alegria atenta de uma colegial.

– Antes de entrar na igreja, ele é revistado, para provar que não está escondendo nenhum fósforo ou isqueiro dentro da túnica. O túmulo também passa por uma revista. Assim, de onde vem o fogo? É esse o mistério.

– E de onde vem?

– Dizem que uma luz azul surge de uma nuvem que, por sua vez, materializa-se no ar, do nada. A luz e a nuvem meio que dançam em

torno uma da outra, até se juntarem numa coluna única e flutuante de fogo. – Stephen fez a mímica de como os elementos talvez se unissem.

– Quem diz isso?

– Os padres. E é com esse fogo que as velas são acesas. – Anna estava gostando daquela encenação. – Depois, o sacerdote compartilha a chama e as pessoas ficam boquiabertas. É conhecido como Fogo Sagrado, porque emana de Deus. – Stephen bocejou e levantou-se de novo. – Pelo menos, é o que dizem.

Anna ficou fascinada.

– E você viu tudo isso? Você acredita no milagre?

– Anna, não se faça de boba. Não tem milagre nenhum. Ele esconde um fósforo em algum lugar.

Ela jogou o corpo para a frente, relaxando a postura. Achava que ele fosse responder *Claro, claro que eu acredito*.

– Mas essa chama azul não é inusitada?

Stephen se curvou, beijando-lhe a nuca.

– O fogo assume várias cores. Tudo varia conforme a luz e o ambiente. E também pode ser influenciado por uma histeria coletiva.

– Quer dizer que você não acredita no inferno?

– Anna, eu não acredito nem no paraíso.

O mais perto que ela chegou de confessar tudo foi numa manhã de sábado, uma semana após o filho ter sido cremado. Mary tinha ido até sua casa, como vinha fazendo todos os dias desde o acidente. Levou um cozido, um bolinho de canela, um doce de chocolate e nozes e uma sacola com várias outras guloseimas e quitutes que, a seu ver, poderiam agradar a Anna, Bruno ou Victor.

– Mary, não precisa fazer isso – insistiu Anna, sabendo que não comeria nada. Mary fez um gesto para que ela não se preocupasse, e disse que fazia tudo aquilo com o maior prazer.

É dessa forma que ela sublima a própria dor, Anna percebeu por fim. Mary dava alguma utilidade a seu sofrimento. Sob esse ângulo, era tão prática quanto Bruno e Ursula. Porém, exibia uma ternura que faltava aos dois. *Será que é por ela ser canadense?*, pensou

Anna. *Não, é porque ela é a Mary.*

Mary chegou ao quarto trazendo canecas de chá e puxou uma cadeira para junto da cama. Disse a Anna que estava ali à sua disposição. Podiam conversar ou não. Ficaria apenas escutando ou compartilharia o silêncio com a amiga.

– O que você precisar, Anna.

Anna continuou deitada por alguns minutos, escutando os comentários neutros e irrelevantes que Mary fazia sobre Tim e os filhos. Ela disse ter falado com Nancy, que mandou um beijo e reforçou que Anna poderia contar com ela caso precisasse de qualquer coisa; não deveria hesitar em procurá-la. Anna agradeceu, e Mary disse que passaria o recado a Nancy. A conversa não avançou.

– Mary, qual é a pior coisa que você já fez na vida?

Mary pôs a caneca na mesinha de cabeceira e firmou os cotovelos nos joelhos, apoiando o queixo nas palmas da mão, como faria uma adolescente. Ficou pensando por alguns instantes.

– Sei lá. Sempre tentei manter uma reputação respeitável. Acho que sou chata, mesmo, não tem jeito – respondeu ela, desdenhando de si mesma.

– Não, Mary, você é uma pessoa maravilhosa.

Mary ficou vermelha de vergonha.

– Deixe-me pensar. Bom, talvez tenha sido quando eu... – Ela fez uma pausa, ajeitando-se na cadeira. – Ai, Anna, não quero falar disso! Por que é que você está querendo saber?

– Pra que eu possa me sentir melhor.

Mary não entendeu o que ela queria dizer, mas também não a forçou a lhe explicar.

– Está bem, Anna. Quer mesmo saber? Eu conto. Mas é segredo, de verdade. Você não pode contar pra ninguém. – Anna fez que sim.

– Na época da escola, durante o ensino médio, eu pus fogo no depósito que ficava atrás da casa da minha treinadora de vôlei.

– Mary! – Anna não sabia se ficava impressionada ou chocada.

Mary recuou, explicando-se.

– Não foi só eu. Foi o time inteiro. Todas nós pusemos fogo. E, pra começo de conversa, era um depósito velho, todo detonado.

Anna estava estarelecida.

– Mas por que vocês fizeram isso?

– Bom, as meninas do time, quase todas nós, tínhamos sido muito cruéis com uma outra garota. Muito cruéis, mesmo. Espalhamos umas fofocas sobre ela, tiramos todo o ar dos pneus da sua bicicleta e falamos pra ela que um menino por quem era apaixonada estava querendo marcar um encontro, o que não era verdade. Ah, e ainda cortamos o cabelo dela...

– Cortaram o *cabelo* dela?

Mary fez que sim, completamente envergonhada.

– Anna, a gente agiu com muita maldade, de propósito. Queríamos que ela ficasse arrasada. Ela acabou saindo do time. Mudou de escola, na verdade.

– Mas por que é que vocês fizeram isso?

Mary deu de ombros.

– Sei lá. Foi uma dessas decisões de adolescente, uma coisa aleatória, precipitada. Eu não decidi nada. Nem posso dizer que odiava a garota. – Mary baixou a cabeça. Anna seria capaz de dizer que a amiga passara anos e anos se sentindo mal por essa história toda. – Sinceramente, não sei como foi que ela virou nossa inimiga.

– E o que é que o depósito tem a ver com isso?

– Ah, a nossa treinadora descobriu tudo e fez a gente desistir da temporada. Acabou com o nosso recorde. Ficamos indignadas. Aí, numa noite, invadimos o terreno onde ela morava. Uma das meninas estava com a lata de gasolina e outra segurava o jornal. Eu acendi o fósforo e mandei brasa. Depois a gente fugiu.

– E não foram pegadas? Com certeza a treinadora suspeitou de vocês...

Mary balançou a cabeça.

– Não deixamos nenhuma pista, e ficamos de boca fechada. Não podíamos ser acusadas apenas com base em suspeitas. Não tinham como provar nada. – Anna assentiu com um gesto de cabeça. – Bom, é isso. A pior coisa que já fiz na vida.

– Mas você precisou pensar antes de responder à minha pergunta?

– Não, só que tento não ficar me torturando com essa história.

– E o que aconteceu depois?

– Bom, trocaram a treinadora do time. Ou seja, nos livramos dela também. No ano seguinte, ganhamos todos os jogos. Depois eu me formei – explicou ela, fazendo uma pausa. – Talvez *isso* tenha sido o pior de tudo. Temos botado ela pra fora. E a garota, coitada... – Mary balançou a cabeça. – Sabe que não consigo nem me lembrar do nome dela?

– É terrível, mesmo.

– Nunca contei pra ninguém, Anna. Nem pro Tim.

– Ele não era da mesma escola que você?

Mary fez que sim.

– É como eu te disse, a gente não abriu a boca. Éramos muito idiotas, inconsequentes. A garota não merecia o que a gente fez. E não acho que fôssemos pessoas más, individualmente. Só que agimos com muita crueldade. E uma crueldade alimentava outra. Não estávamos pensando racionalmente. Devíamos ter pensado, claro, mas não pensamos. Você entende?

– Mary, é tudo culpa minha.

Mary deslizou para a beirada da cadeira e alcançou o cobertor de Anna, alisando-o e envolvendo o corpo da amiga com ele, exatamente como fazia com os filhos ao colocá-los na cama, com um cuidado maternal.

– Do que você está falando, querida? É claro que não é culpa sua. Tenho certeza. – Anna não teve coragem de continuar. – Olha, você pode me contar o que for.

Anna sabia disso, mas mesmo assim teve certeza de que não contaria nada.

Karl foi à casa deles apenas uma vez depois de toda a tragédia. Ele, Bruno e Guido combinaram de ir juntos a um jogo do ZSC Lions. Bruno ainda não havia chegado do trabalho, e Ursula tinha saído para um passeio com Victor e Polly. Anna estava vestida com uma roupa surrada quando ele bateu timidamente à porta.

– *Hallo*, Anna. Como você está *tocando*?

Não conseguiu encará-lo. Ele podia adivinhar como ela se sentia, nem era preciso perguntar. Só que perguntas desse tipo eram

rotineiras. As respostas é que eram opcionais.

– Entre – disse ela, acompanhando-o até a sala. Anna estava assistindo a um programa de disputa entre equipes na televisão. *5 Gegen 5*. Cinco contra cinco. Era a versão suíça do programa norte-americano *Family Feud*.

Karl não sabia o que fazer com as mãos, então enfiou-as nos bolsos do casaco, o mais fundo que conseguiu, e em seguida olhou para Anna, tentando perceber alguma deixa. Ela deu de ombros e indicou-lhe uma cadeira, arrastando-se de volta para o seu lugar no sofá. Os dois passaram os cinco minutos seguintes – que pareceram uma eternidade – fingindo que nunca tinham se visto nus.

Anna não havia desligado a TV. Uma das equipes que participavam do programa era composta de membros de um coral de Burgdorf, e a outra era formada por um time feminino de *floorball* de Winterhur. Até onde ela conseguiu entender, a pergunta – feita em suíço-alemão – era a seguinte: “Qual sabor de sorvete você prefere?” A resposta mais comum, chocolate, já aparecera. Uma das mulheres do time de *floorball* disse “Morango!”. Era a penúltima da lista. Enquanto olhava para a televisão com olhos injetados, Anna ficou se perguntando se pistache estaria no quadro. Não estava.

– Nunca conte nada para o Bruno. Nunca mesmo, ouviu?

Karl assentiu num gesto solene e discreto. Os dois permaneceram sentados e imóveis. Lá fora, o sol se pôs tão rápido que foi quase audível.

Nas últimas páginas de seu caderno, Anna mantinha uma lista de frases e expressões possivelmente úteis em alemão. A lista não parava de crescer. *Boca de siri! Mil vezes obrigada! De nada. Ah, tem alguma pegadinha. Não me venha com desculpas! Preparar, apontar, fogo! Coisas boas vêm aos pares! Quem tem boca vai a Roma. Olho por olho, dente por dente... Foi por um triz. Onde fica a farmácia? Onde ficam os trens? Como você está? Estou bem! Estou ótima! Estou muito bem! Vou indo. Estou mal. Estou doente. Preciso de ajuda.*

Numa sessão anterior à morte de Charles, a doutora Messerli tentou explicar a Anna a diferença entre um motivo e uma desculpa. Destrinchou a questão em pequenas partes, bem à moda de sua paciente.

– Pode ser – disse Anna, concordando de maneira um tanto automática. Não estava prestando muita atenção.

A doutora franziu o rosto, mas seguiu em frente, para esclarecer seu argumento.

– Você está infeliz? Tudo bem. Tem razão de ficar triste de vez em quando. Os hábitos suíços ainda lhe escapam. Seu casamento é complicado; na verdade, todos os casamentos são, até os bons. Além disso, você tem poucos amigos e nenhum hobby. Seus filhos são pequenos, ainda demandam muita atenção. Tudo isso é difícil, mas, a cada motivo apresentado para justificar a sua tristeza, você também oferece uma desculpa logo em seguida, o que só serve para prolongar seu sofrimento. “É impossível mudar esse jeito intratável dos suíços”, você reclama. “Não consigo fazer com que o Bruno seja mais atencioso.” Anna, você já tentou simplesmente *pedir* a ele mais atenção? “Sou tímida demais, não consigo fazer amizade”, “tomar conta de um bebê me suga toda a energia”. Não há nada que você possa fazer para transformar sua vida? Essa é a maior desculpa de todas.

Anna não tinha como discordar. A doutora continuou a falar, amenizando o tom.

– Vamos trabalhar isso, Anna. Só isso, e será o suficiente. Você age como uma refugiada num gueto de guerra, quando, na verdade, todas as forças aliadas estão sob o seu comando. Não existe motivo para viver dessa forma. – Anna fez que sim, concordando. Não existia, mesmo, motivo algum. – Uma vida bem-sucedida. Quero que você se realize.

No estado semialerta em que estava, Anna entendeu “moralize”.

21

O primeiro aniversário de Polly Jean, no dia 29 de novembro, caiu numa quinta-feira. Anna não estava com a mínima vontade de comemorar. Qualquer movimento rumo à felicidade parecia indecente. Quando os meninos fizeram um ano, tiveram festas modestas. Jantares simples, e depois um bolinho em família. A preocupação de Anna era com o bolo. Ela seguia uma tradição: o filho que fazia aniversário, do alto de seu cadeirão, enfiava as mãos no bolo, até os cotovelos – um bolo que não dividiria com ninguém –, e ficava cheio de glacê no cabelo, com pedacinhos de bolo até pelo nariz, enquanto a mãe tirava fotos. Basicamente, era isto que ela queria: as fotos. Bruno achava ridículo aquele costume. *Faz uma bagunça danada e é um desperdício*, dizia ele. Contudo, em algum lugar do sótão havia um álbum de fotos que ninguém mais olhava, e, dentro, os registros dos dois meninos com a cara lambuzada de chocolate.

Foi Ursula quem procurou Anna uma semana antes do aniversário da neta. Ficaria feliz em fazer o bolo, disse, e ofereceu sua casa para realizar a festa. Foi uma proposta extremamente generosa. O semblante de Anna desabou diante daquele gesto de solidariedade, mas ela não disse nada. Ursula saiu do quarto de fininho, deixando a nora sozinha pelo restante da tarde.

Da mesma maneira que o filho, Ursula assumiu uma postura prática em relação ao luto. Mergulhou no tricô e se tornou voluntária de um programa de doações de roupa para crianças, organizado por uma associação feminina. Uma vez por semana, encontrava-se com as mesmas mulheres na *Kirchgemeindehaus* para trabalhar em outros projetos, alguns de caridade e outros criativos, como a oficina que aconteceria na semana seguinte, de artesanato para o Advento, da qual ela planejava participar. Ela ia todos os dias à Rosenweg

para cuidar de Polly Jean. Nesse período, pôs de lado a habitual falta de paciência com a nora e buscou formas práticas de ajudá-la nos afazeres diários. Era ela quem preparava quase sempre a comida do jantar, quem fazia grande parte das compras e das tarefas domésticas. Era sua maneira de ajudar. Nunca fora carinhosa com Anna. Tornar-se de repente íntima e efusiva daria a impressão de algo estranho e forçado.

O assunto do aniversário de Polly Jean surgiu novamente, à noite. Dessa vez, por iniciativa de Bruno. Ele foi afetuoso e delicado. Nas últimas semanas, vinha desviando de seu comportamento típico, na tentativa de tratar a esposa com a máxima compaixão.

– Você não vai querer tirar uma foto da Polly comendo o bolo? Ora, Anna... Se não tirar a foto, vai acabar se arrependendo. A foto dos meninos você guardou.

Não era preciso lembrá-la. Anna caiu no choro, e Bruno não conseguiu encontrar uma única palavra de consolo, embora tenha tentado várias. Ele suspirou, pondo-se de pé, e disse às paredes que iria subir para dar uma olhada em Victor. Foi o que fez.

Stephen fazia aniversário no dia primeiro de maio. Tinha completado 42 anos um mês depois de partir da Suíça. Naquele dia, e também no ano seguinte, Anna havia ido à cidade, ao Neumarkt, e se postara numa mesa do Kantorei, onde tinham tomado alguns drinques no dia em que se conheceram. Nas duas vezes, tinha ido até lá exclusivamente para chorar, mas acabou sem conseguir derramar uma lágrima. Em ambas as ocasiões, começou do início, repassando a si mesma toda a história. Parecia um ritual obrigatório, quase autodestrutivo.

Foi mesmo amor?, perguntava-se. Foi algo próximo do amor? Habitava as cercanias do amor?

É claro que foi amor. Uma espécie de amor, com Polly Jean como prova.

Desde a morte de Charles, Anna só tinha se encontrado uma vez

com a doutora Messerli. A doutora falou muito mais devagar do que costumava falar, e com entonações mais brandas. Suas frases foram cheias de pausas. Fez as perguntas indispensáveis: *Como é que você está segurando a barra, Anna? O que está fazendo para honrar a memória do seu filho? Como está interagindo com a sua família? Como está cuidando de si mesma? Aliás, você está cuidando de si?* Ela deu uma nova prescrição de tranquilizantes à paciente. Anna nunca chegou a preencher a primeira prescrição com as informações que faltavam.

– Os mortos vão para onde?

– Não sei – respondeu a doutora com sinceridade. Já haviam falado sobre o assunto antes.

– O que eles fazem?

– Também não sei, Anna.

– Vou vê-lo de novo? – perguntou ela em tom de desespero.

– Espero que sim – disse a doutora. Sua boa intenção era das mais verdadeiras.

No fim, só restava a ela a opção de aceitar fazer a festinha para Polly Jean. Ursula e Bruno insistiram. Tão maleável quanto uma roupa de algodão, Anna não tinha forças para contrariá-los. Os dois não planejaram nada de extravagante: a ideia era fazer um jantar de família na casa de Ursula. Só isso.

Daniela viria de Mumpf, e Mary também participaria da comemoração. Tim tinha um jogo, e Max e Alexis ficariam com a esposa de um colega do time dele. Max ainda não voltara a Dietlikon depois do acidente. Melhor assim; não entendia que a morte era para sempre.

Ursula preparou uma sopa de ervilha. Anna conseguiu tomar um pouco, recebendo em troca acenos de aprovação por parte de Bruno e Mary. Fingiu não notar. Ursula também fez dois bolos brancos, ambos decorados com glacê rosa-claro: um para a família e outro, menor, só para Polly Jean. Polly se lançou na destruição do bolo dando gritinhos animados. Havia pedaços do doce em seu cabelo e bolotas de glacê em seus cílios. Foi Bruno quem tirou as fotos. A

risada da aniversariante fez todo mundo rir junto. Até Anna abriu um sorriso, mas ficou envergonhada e tentou contê-lo. Mary pôs o braço em volta da amiga e, num sussurro, disse-lhe que não havia vergonha alguma na alegria.

– Anna, se o Charles estivesse aqui, também estaria rindo.

Até aquele momento, qualquer menção a Charles fazia Anna entrar num ciclo de choro e soluços. Porém, Mary usou um tom de voz suave, e sua crença genuína de que o filho da amiga, onde quer que estivesse, estava bem, sem dúvida feliz e em segurança – *é, Anna, no paraíso!* –, afastou o desespero de Anna.

– Tenho certeza, Anna. Tenho certeza de que ele está bem.

Mary nunca lhe dera motivos para que desconfiasse dela. Portanto, naquele momento, com a família à sua volta, Anna tentou imaginar o paraíso, imaginando também que Charles estivesse lá. *Onde você está? O que tem feito? Isso é possível? Ah, Schatz, meu amor! Consegue me ver? Sinto tanta saudade! Amo você mais do que tudo!*

Para espanto de Anna, a tentativa funcionou. Não havia harpas nem auréolas. Nenhum portão. Nesse paraíso, nem mesmo Deus estava presente. Muito mais do que um lugar, tratava-se de uma dimensão que existia para além das três dimensões tangíveis do mundo físico e fora da cronologia imaterial da quarta dimensão. Foi apenas um vislumbre, e em seguida um lampejo desse vislumbre, mas o que ela viu era uma vizinhança próxima à sua (mais próxima, inclusive, do que poderia imaginar), onde o tempo e a forma física não importavam mais, se é que algum dia tinham chegado a importar. E lá, nessa esfera, estava Charles. Ele não tinha rosto nem forma, mas ainda constituía um todo completo. A benevolência universal em que a doutora Messerli acreditava envolveu seu filho com a palma da mão. Uma palma de mão tépida. O calor era real. Isso ela conseguia aceitar; conseguia conviver com essa ideia.

Anna começou a sentir um pouco do nevoeiro pesado e escuro sair de cima de seus ombros e, com a permissão de Mary, abraçou aquela sensação. *Não vai ser ruim para sempre*, pensou ela, acalmando-se. *Não preciso me sentir mal eternamente*. Estava otimista, apesar de cautelosa. O estado de espírito é algo volátil. Tão

rápido quanto chega, é capaz de partir.

Polly Jean estava uma imundície só. Havia bolo até em sua orelha. Quando concluiu que já era o suficiente, Anna fez menção de pegar a filha e tirá-la dali, mas Ursula interveio:

– Pode deixar que eu dou um banho nela. Fique com os seus convidados.

– Ah, sim – retrucou Anna, torcendo para que suas palavras fossem traduzidas como um *Obrigada*.

Victor comeu dois pedaços de bolo e depois saiu correndo para a sala da avó, para assistir à televisão. Ele também parecia mais tranquilo. Bruno, Mary e Daniela tomavam café enquanto conversavam. Todas as interações evitavam os assuntos frívolos. Anna sentia-se melhor, o que era evidente. Ainda assim, todos continuavam cautelosos com o que diziam. Ninguém queria ver a disposição dela ir por água abaixo.

O assunto surgiu na maior inocência. Mary tinha comentado que achava Victor muito parecido com Bruno.

– São os olhos e o nariz, além do formato do rosto. Uma cópia sua, Bruno! – Mary riu diante do próprio comentário, que, por sinal, só ela achou perspicaz. Anna fez que sim, enquanto tomava um gole de café. Victor realmente era a cara do pai. *Também se comporta igualzinho a ele. Nos melhores e nos piores dias.* – Max e Tim não são nada parecidos. Bom, talvez os olhos tenham um pouco a ver. Todo mundo diz que ele puxou mais o lado da minha família. Mas escutem só isso... O meu bisavô, Alexander, teve dois filhos... – Mary, que já vinha falando em círculos, começou a contar uma história ainda mais tortuosa sobre a irmã gêmea de Alexander, uma gêmea não idêntica, e sobre a aparência de Alexis quando bebê.

Anna não estava prestando atenção. Vinha percorrendo as lembranças do primeiro aniversário de Charles. Num dia ameno de meados de abril, toda a família e os vizinhos sentaram-se sob as macieiras enquanto observavam os primeiros passos dele sem qualquer ajuda. Cambaleante, ele andou cerca de um metro e depois caiu na grama, rindo. Foi um dia agradável.

Mary continuou o falatório. Bruno ouvia atentamente, ou pelo menos fingia ouvir. Sorria nas pausas corretas e fazia comentários

apropriados quando os momentos permitiam, sustentando uma expressão de interesse conforme a convidada matraqueava sobre bebês e semelhanças de família. Não era segredo que Mary gostaria de ter um terceiro filho. Quando Anna perguntou por quê, ela admitiu que ter um bebê lhe traria uma ocupação. Anna riu, até perceber que a amiga não estava brincando, e pensou, então, que melhor seria arrumar um amante; eles davam menos trabalho.

– ... de todo modo, a semelhança era tão grande que as pessoas simplesmente presumiram que o bebê era dela! – Mary enfatizou o fim de sua sinuosa conversa pegando a xícara de café. – Falando nisso, de onde vêm esse cabelo preto que nem piche e esse narizinho tão delicado? Ela realmente não se parece com nenhum de vocês dois – concluiu, olhando para Anna e Bruno, que permaneceram um tempo em silêncio.

Anna gelou. Nunca fora preciso responder a essa pergunta, embora tivesse ensaiado diversas respostas ao longo de um ano. *Eu era assim quando bebê, meu cabelo só clareou quando entrei na escola. A mãe da minha mãe era italiana (ou espanhola). Ora, quando tanto a mãe quanto o pai carregam traços genéticos recessivos, é muito provável que aquilo que é latente nos pais se torne dominante nos filhos. Bem, o frei agostiniano Gregor Mendel, do século XIX, cruzou algumas mudas de ervilha...* Anna havia praticado essas e outras respostas. Porém, não fora o suficiente, pois, quando mais precisou delas, nenhuma lhe veio à mente. *Meu Deus! Não consigo me lembrar de nada.* Ganhou tempo ao pôr na boca um enorme pedaço de bolo. Evitou falar em voz alta, fingindo estar impossibilitada.

Até onde ela sabia, Bruno também nunca precisara responder a essa pergunta. Mas foi ele quem respondeu, sem hesitar ou se esquivar:

– Ela se parece com um tio do meu pai. O cabelo, mas não o nariz. O nariz dele era muito maior.

Bruno anunciou o tamanho do nariz do tio com a maestria de um comediante-escada.

– Que tio? – perguntou Anna. Nunca ouvira falar dessa história.

– Tio Rolf. – Bruno não tinha mais nada a acrescentar. Anna tentou

se lembrar se algum dia já vira uma foto desse tio.

– É sério, o Rolf tinha esse cabelo preto e grosso quando era mais novo, *jo?* – indagou Daniela com voz estridente. Anna não sabia dizer se a cunhada estava de fato se lembrando de um parente falecido ou se tentava, de alguma maneira, ajudar. Caso estivesse tentando ajudar, sua ajuda era em prol de Anna ou de Bruno? – Ele usava também um bigodão preto, todo eriçado – completou ela, às gargalhadas. – Lembro que costumava enrolar o tal bigode como se fosse um daqueles homens da Bavária!

– E, quando ele vinha nos visitar, dava cinquenta centavos para quem lustrasse suas botas – acrescentou Ursula, da cozinha. Ela havia acabado de trocar a roupa de Polly e tinha colocado a menina para dormir no quarto. Agora começava a lavar a louça. *Ela também está envolvida nisso?* Anna pegou outro pedaço de bolo, ainda maior, ganhando um momento de autocontrole e descendo daquele pedestal de irracionalidade. *Ninguém está envolvido em coisa nenhuma. Estão apenas conversando. Coma o seu bolo, Anna. Você não precisa dizer nada. Coma o seu bolo. Pegou o pedaço, agora coma.*

Bruno se levantou e levou sua xícara de café vazia para a cozinha.

– É isso, é daí que vem o cabelo da Polly. Do Rolf, claro. – A resposta satisfez Mary, que mudou de assunto.

Anna relaxou, mas só um pouco.

Dois anos antes de conhecer Stephen, num dia em que fora ao Coop de Dietlikon, Anna tinha esquecido de levar a lista de compras que havia preparado. Passara uma meia hora tentando se lembrar de suas anotações. *O que temos em casa? O que falta?* No carrinho de compras, pusera salame, alguns pães, um alho-poró, um pote de *pepperoncini* recheado e cinco latas de atum. Não estava sendo nada eficiente: procurava os itens conforme ia se lembrando, fora de ordem e de maneira errática. Sentia-se como num jogo de *pinball*, sendo arremessada de um corredor para outro. *Sucumbir* era apenas uma questão de tempo. *Moro no mercado*, Anna costumava pensar. *Sou a empregada contratada, a doméstica.* Isso tudo acontecera

alguns anos antes de começar a análise, portanto, a doutora Messerli ainda não estava por perto para rebater a autenticidade daquelas declarações e sugerir que, se Anna se sentia reprimida, aquele sentimento era uma construção sua e de mais ninguém. *Afinal de contas, essa é a vida que você escolheu para si mesma*, ela certamente teria dito em tom de censura. Contudo, Anna não tinha a doutora Messerli na época. O que tinha era dois filhos pequenos, um marido mal-humorado, uma sogra distante e, naquele dia específico, uma baita dor de cabeça. Anna se lembrou de que o açúcar tinha acabado, virou o carrinho e seguiu para o corredor de padaria/confeitaria, para pegar o açúcar que ela e Bruno usavam no café. Comprava sempre uma versão em cubos. Gostava dos cubos; sua arquitetura uniforme lhe agradava. *É a forma. Sempre sabemos onde estamos pisando*. Quando ia pegar a caixa de sempre, seus olhos recaíram sobre a opção logo ao lado. *Glückszucker*, dizia o pacote, e, em vez de quadrados geométricos, o açúcar vinha em formato de cada um dos naipes do baralho. Açúcar da sorte, era o significado. Açúcar da felicidade. Anna ficou animada. *Como nunca vi isso antes?* Imaginou que fossem amuletos ou talismãs. Minúsculos grãos, doces e mágicos, com o poder de evocar a sorte. Uma promessa boba, feita por uma substância que só servia para estragar os dentes. Mas era esse o açúcar que queria. Pegou uma caixa e a posicionou no carrinho, com cerimônia, configurando o lado sobrenatural daquelas compras. *E agora, o que mais?*, pensou, lembrando que Bruno tinha pedido que levasse queijo. Empurrou o carrinho na direção dos laticínios. *Cheguei a esse ponto? A estas concessões estúpidas?* Parecia que sim.

Assim que terminou a música do ABBA (era "Take a Chance on Me"? Anna não se lembrava, mas pensou que seria bom se tivesse sido), começou a tocar a abertura inimitável de "The Final Countdown", da banda Europe, com seu solo de teclado mundialmente famoso. A rede de mercados Coop não se cansava de repetir listas de músicas conhecidas e antigas, entre as quais inseriam pequenos anúncios de promoções e descontos especiais. A oferta daquela estação era um conjunto de facas. Anna guardava os adesivos do programa de fidelidade, mas raramente chegava a usá-

los. Em geral, acabava lembrando deles apenas depois de terem expirado (tendência que se repetia de muitas e muitas formas). Esses anúncios de alto-falante sempre terminavam com o slogan do mercado: *Coop – für mich und dich*. Para mim e para você. *Para nós*. Igual às palavras pronunciadas por um padre diante do pão e do vinho, citando Jesus Cristo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado. *Porém, nada é dado dessa forma*, pensou Anna. *Tudo tem seu preço*. Tudo sempre teve um preço. *Nós seguimos para Vênus!*, gemia o vocalista, a voz pairando no ar, estúpida e ridícula.

Estúpido e ridículo, refletiu Anna. *Como tentar imprimir um significado a cubos de açúcar*. Enquanto estava diante de uma fileira de queijos, manteigas, sobremesas embaladas individualmente e sucos que precisavam de refrigeração, continuava ouvindo os berros da música. *Tenho certeza que nós todos sentiremos muito a falta dela!*

Se eu fosse embora, alguém sentiria minha falta? Anna olhou para o carrinho de compras. Em cada embalagem havia três línguas diferentes impressas, e ela só entendia uma delas, ainda assim com bastante dificuldade. *Açúcar da sorte*. Experimentou um nó na garganta. *Merda*. Sentiu o baque. *Vou passar o resto da minha vida neste lugar. Nunca vou morar em outro canto*. Estava com um pedaço de Gruyère em uma das mãos e uma fatia de Appenzeller na outra. *Merda*. Sentiu novamente o baque. *É aqui que vou morrer*.

A música terminou, vindo outra na sequência. Um homem com o macacão laranja da companhia suíça de trens passou diante dela sem dizer uma palavra.

– A combustão só ocorre com a presença de oxigênio – disse Stephen. – O fogo é uma coisa viva, que precisa respirar.

– O fogo tem alma? – perguntou Anna.

– Vou embora daqui a uma semana – respondeu ele.

Daniela foi embora logo antes das sete. Anna não esperava a presença dela, e só quando levou a cunhada até a porta é que percebeu como se sentira feliz por ela ter feito aquele esforço. Era

uma viagem complicada, e ela só ficou em Dietlikon poucas horas. *Eu não teria feito isso*, pensou Anna, mas logo se lembrou de que tinha feito a mesma viagem dois meses antes. *Foi há dois meses?* O pensamento a surpreendeu. *Sim, só há dois meses.* Porém, ela tentou não se prender ao passado. Em vez disso, procurou se fixar no momento presente, forçando-se a entrar numa onda de gratidão. *As pessoas estão sendo muito gentis comigo. Elas sempre foram assim? Não sei por que estão sendo tão gentis.* Claro que sabia por quê. O que queria dizer era *As pessoas estão sendo muito gentis, só que eu não mereço.*

Ursula levou uma segunda garrafa de café até a mesa, e em seguida voltou para a cozinha. Anna não sabia o que pensar. As gentilezas da sogra nunca eram declaradas, e sua cordialidade e cortesia sempre vinham atenuadas por alguma situação imediata, que no caso era a tarefa de limpar tudo. Ali também havia gratidão, supôs Anna. Tentaria agradecer-lhe mais tarde. No dia seguinte, talvez. Anna só não sabia ao certo como. Mary fez menção de ajudar Ursula, mas Bruno garantiu que sua mãe daria conta da louça sozinha, então ela não saiu do lugar. Ao voltar para dentro de casa, após ter levado Daniela até a porta, Anna encontrou Mary beliscando uns pedaços de bolo com as mãos e jogando conversa fora com Bruno.

Mary ensaiava umas frases em alemão, mas penava em muitas delas. Bruno gentilmente corrigia seus erros, tentando persuadi-la a seguir em frente com as estruturas que ainda a confundiam.

– Droga, não consigo!

Porém, Bruno insistiu, afirmando que ela conseguiria, e os dois levaram aos tropeços talvez um parágrafo de cortesias penosas. Anna notou que, mesmo com um mês a mais de aulas, o alemão de Mary continuava pior que o dela. Notou, também, que aquele era um pensamento baixo de sua parte.

A conversa prosseguiu, em grande medida, num tom superficial. Bruno elogiou o progresso de Mary e, em seguida, como se estivesse brigando com ela, proibiu-a de falar inglês com ele dali em diante. *A partir de agora, só alemão! Nur Deutsch!* Mary corou. Fez um gesto com a mão, como se desistisse, e cortou para si mais um

pedaço de bolo.

– Eu não devia comer mais, não mesmo, mas está tão bom! – disse ela.

Anna só tinha comido os pedaços que enfiou na boca para evitar responder às perguntas de Mary. Não tinha certeza se conseguiria aguentar uma fatia inteira. Mas Mary tinha razão: o gosto realmente estava ótimo. Quando viu a amiga de olho no bolo, Mary perguntou:

– Quer que eu corte uma fatia pra você? – Anna não respondeu. – Tudo bem, vou cortar. – Mary pôs um pedaço num prato, empurrando-o na direção de Anna. – Com muita cobertura, porque a cobertura é a melhor parte! – complementou, piscando.

Hesitante, Anna pegou um garfo e provou um pedaço. Depois comeu mais um pouco. Nunca fora o tipo de pessoa que se automedicava com comida. *Não, isso ficava a cargo do sexo.* Se a comida fosse sua droga de preferência, estaria do tamanho de um balão. *Preciso muito ser consolada.* Naquele momento, no entanto, podia ver o motivo de tanta atração. A cobertura *era* a melhor parte. É possível esconder muita tristeza dentro de uma roseta de açúcar.

Mary e Bruno passaram a falar sobre Tim. Bruno perguntou se ele e Max não teriam interesse em visitar o museu dos transportes em Lucerna. Bruno havia prometido a Victor que o levaria. Por mais ambivalente que fosse em relação a Anna, ele sempre tinha sido extremamente atencioso e paternal com seus filhos. *Seus filhos,* pensou Anna. No mês anterior, Bruno fizera o que qualquer pai dedicado teria feito, concentrando todos os esforços sobressalentes para descobrir o que funcionaria melhor para distrair Victor do luto. Ninguém quer ver um filho sofrendo. Porém, tanto Bruno quanto Anna sabiam que não havia nada a fazer para impedir a dor dele. No máximo, conseguiriam aliviá-la, atenuá-la ou refreá-la durante um tempo. Assim, para deixar de lado a tristeza do menino, pondo-a em modo de espera, podiam sair juntos para comer uma pizza, jogar bola, visitar o museu dos transportes, ir a todos os jogos do ZSC Lions, além de poder prometer viagens de inverno a Zermatt, para esquiar, e planejar férias de verão no Bodensee, para nadar e passear de barco. Acontece que a dor é um cliente sem paciência. Não tardaria a exigir atenção.

– Ah, o Max adoraria, com certeza. Lá tem trens ou só aviões? Ou... Bom, o que é que tem pra se ver nesse museu? – perguntou Mary, sem conter a tagarelice. Anna não sabia se era o pedaço extra de bolo, a segunda xícara de café ou alguma outra coisa, mas o fato é que a amiga estava numa divagação sem fim. Das várias coisas que deixavam Anna nervosa (em geral e, também, naquele momento específico), o falatório de Mary era uma delas. Bruno confirmou: sim, a coleção do museu incluía trens. – Maravilha. Eles vão adorar a ideia, sem dúvida. Você conhece o Max. Ele ama trens! Igual ao Charles. – Assim que terminou de falar, Mary pensou se deveria ter dito aquilo ou não. Olhou para Anna, em busca de confirmação. Era tranquilo falar sobre Charles, ainda mais no presente?

– Sem problemas, Mary – disse Anna, inclinando a cabeça e olhando para o bolo, como se dali pudesse extrair determinação e força. – De verdade – enfatizou. Ergueu a cabeça e fez que sim. – Você tem razão. Onde quer que ele esteja, com certeza ainda gosta de trens.

A mesa respeitou um momento solene de recordação e em seguida pulou para um novo assunto. Mary se encarregou da conversa. Manteve um clima de entusiasmo tão grande que chegava a parecer frívolo. Em cinco minutos, ela e Bruno tinham saltado de Max e Victor para Tim e o time e, depois, para os planos dos Gilbert de passarem o Natal em Uster.

– É a primeira vez que a gente passa longe de casa! – comentou Mary num tom saudoso.

– Sua casa é onde está a sua família – disse Bruno, censurando-a ligeiramente, mas com firmeza.

Com um aceno de cabeça, Mary aceitou aquela bronca leve, indicando compreender.

Na véspera do aniversário de Polly Jean, Anna estava deitada na cama, acordada. Era noite, e ela vinha implorando ao sono que a roubasse por umas três horas seguidas, que fosse um sono pesado.

Mas não aconteceu. As ripas da persiana estavam abertas, apesar de a janela ter sido fechada. Não havia lua. As nuvens encobriam a luz das estrelas, e o ar estava sombrio.

Desde a morte de Charles, Anna terminava todos os dias aos prantos. Tinha aprendido a engolir as lágrimas, por mais terríveis que fossem. Queimavam sua garganta, e na sequência sempre vinha a náusea. Ela não vira o filho morto no chão, mas isso não a impediu de imaginar a cena. A cada nova visão, tudo parecia pior. Anna viu o sangue. Viu o quadril dele, quebrado e torcido numa direção improvável. Viu um buraco atrás de sua cabeça. Viu suas vértebras, seu cérebro. Empurrava essas imagens para longe, mas elas voltavam com ainda mais força, e os detalhes da cena se tornavam mais agressivos. Ela o viu no forno onde foi cremado. Viu sua pele ficar negra e arder. Viu suas cinzas.

Bruno? Anna cutucou o marido, que já estava dormindo antes de ela ir para a cama. *Bruno?* Ele se mexeu, mas quase na mesma hora ficou imóvel de novo. *Bruno, acorda. Vem me tocar. Eu quero as suas mãos.* Ela o cutucou de novo. Dessa vez, ele nem chegou a se mexer. *Acorda, acorda.* Anna deslizou a mão para dentro do cobertor. Subiu pelo braço dele, depois desceu pelo peito, passando pela barriga, e chegou ao cóis da calça. Passou o dedo por debaixo do elástico. Bruno ronronou, sem acordar. Ela permitiu que sua mão passeasse por ali. Afastou um pouco o pijama do marido, abaixando-o. Então recolheu o cobertor e enfiou a cabeça entre as pernas dele, pondo os lábios em volta de seu pau, que estava relaxado. Chupou-o como um bebê faz com o mamilo da mãe, como uma criança chupa o próprio dedo. *Acorda, Bruno. Vem transar comigo.* O pau dele ficou ligeiramente duro, mas logo parou de se avolumar. Nada iria acontecer. Ela puxou a calça do marido para cima e voltou para o seu lado da cama. Ao fechar os olhos, viu Charles fechar os próprios olhos uma última vez. Viu o último suspiro do filho.

Levantou-se, vestiu uma calça, um casaco de moletom, calçou o sapato e saiu de casa sem trancar a porta. *Minha colina, meu banco.* Eram quase duas da manhã.

Começou a berrar, a plenos pulmões. *Eu perdi tanto! Tanto!* Naquele mesmo dia, mais cedo, tinha entrado no quarto dos

meninos. As roupas de Charles continuavam no armário. Ela entrou para pegar a camiseta que ele havia usado um dia antes de morrer (ninguém a lavara ainda; Anna não permitiria). Levou a camiseta ao rosto, mas o cheiro dele havia praticamente sumido. Vasculhou o restante do armário e também a cômoda. Nada trazia seu cheiro. Era como perdê-lo mais uma vez. Nunca mais veria seu menino de novo.

Aquilo era demais. No topo da colina, esbravejou, sacudiu as mãos e bateu os pés no chão. *Putá merda!* Caiu de joelhos, enroscando-se toda na trilha gelada e cheia de pedras. *Dê um jeito nisso! Ponha um fim nessa situação!* Era uma reza, talvez destinada ao próprio ato de transar. *Acorda, Bruno!*, dizia, chorando, como se ele pudesse ouvi-la. *Preciso que você me toque.*

Anna se contorceu, agarrando a própria pele por debaixo do casaco; o chão era um travesseiro de pedras. *Mãos, eu preciso de mãos.* Naquele instante, Bruno estava impossibilitado. Archie e Karl eram possibilidades inviáveis. E Stephen tinha ido embora para sempre. Ela deslizou as mãos por dentro da camisa, alcançando o peito. Apertou os seios com muita força, a ponto de machucá-los. Então, beliscou os mamilos. *É isso, Anna. Isso aí.* Não tinha com quem contar, só consigo mesma. Pôs a mão direita por dentro da calça, na parte da frente. Seu objetivo era ficar molhada. *É isso. É isso.* Escorregou o dedo médio lá dentro e usou o polegar para massagear o clitóris. Na escuridão despudorada, tentou atingir o orgasmo.

Tratava-se de uma situação medonha, errada, e, mesmo no meio de uma noite encoberta e sem estrelas, Anna sentiu como se mil olhos a encarassem. *Nada é segredo perante Deus,* pensou ela. *Ele já sabe de tudo.*

Um cachorro latiu, e ela se levantou na mesma hora. *Que merda!* Olhou em todas as direções, mas não viu nada. O cachorro latiu de novo. *Preciso sair daqui.* Anna desceu a colina, aos berros por todo o caminho. *Que Deus se foda! Que o mundo todo se foda. Eu preciso é de mãos! Mãos!*

Em casa, não conseguia suportar o próprio quarto. *Não tenho para onde ir, só para baixo.* Foi o que fez. Desceu a escada do porão e foi

até a despensa subterrânea. O chão estava sujo, e as paredes cheiravam a maçã estragada. Encolheu-se num canto e adormeceu no chão. Era o mais longe que conseguia chegar do terrível Olho de Deus.

No quarto de Ursula, Polly Jean começou a chorar. Anna estava se levantando, quando sua sogra, rainha da noite na arte de intervir, disse a todos, mais uma vez, que ficassem onde estavam. Ela saiu da cozinha, passou pela sala de jantar e foi pegar a neta. Bruno e Anna acenaram com a cabeça, ao mesmo tempo, assim que ela passou, numa demonstração irrelevante de união conjugal. Logo em seguida, Ursula voltou trazendo Polly nos braços. A menina fungava. De novo, em unísono, Anna e Bruno estenderam os braços para pegá-la. Bruno estava mais perto, então Ursula entregou a menina a ele. Ele a sentou em seu colo, virando-a na direção da mesa. Ela parou de fungar assim que viu o bolo. Tentou alcançá-lo, mas o pai disse não, empurrando-o para que não ficasse a uma distância atingível. Polly choramingou e tentou alcançar o bolo outra vez, antes de desistir. Estava cansada demais para fazer drama, até mesmo por causa de um bolo. Bruno aproximou-a de seu corpo. Polly Jean bocejou, suspirou e logo fechou os olhos.

– Acho que ela só queria ficar perto da gente – disse Mary. – Não queria ficar sozinha, trancada naquele quarto sem graça!

Anna ficou olhando para o marido e a filha. Seu coração se estilhaçou. Nunca tinha sonhado em ser mãe. Mas era mãe. Uma espécie de mãe. E Bruno era pai. Não era o pai de Polly Jean, mas era. Bruno beijou a cabeça da filha. *Olha como ele gosta dela.* Não percebera isso antes? Anna não sabia ao certo se um dia chegara a pensar na questão. *Ninguém quer ficar trancado, sozinho, num quarto.* Mas ela queria. Tinha organizado a vida nesse sentido. *Um segredo só serve para isolar,* dissera a doutora Messerli. Na época, Anna discordou, mas a doutora estava certa.

Sozinha, sozinha.

Anna comeu mais um pedaço de bolo, tentando se reequilibrar.

Porém, a cada vez que a conversa desviava de rumo, o equilíbrio dela também se deslocava. Estava sem nenhum pedaço de bolo no prato quando retomaram o assunto que ela pensava já estar encerrado uma hora antes.

– Olha, realmente não consigo me conformar. A Polly não tem nada a ver com nenhum de vocês dois. Vocês têm certeza que não trouxeram o bebê errado da maternidade? – perguntou Mary em tom de gozação. Não fazia por mal.

Ela sorria ao falar. Aliás, Mary quase sempre sorria enquanto falava. Mesmo se tentasse, não conseguiria ser cruel; nem saberia por onde começar. Apesar disso, Anna sentiu uma acidez tomar conta de seu corpo. Quanto mais Mary falava, mais ela ficava enjoada. Bruno se retraiu, o que só foi notado pela esposa.

– Ela é linda demais, claro. Parece feita de porcelana, e ainda tem aquele cabelo de asa de graúna! – Enquanto isso, Bruno batucava na mesa com o polegar. – A genética prega cada peça!

Anna abriu um sorriso discreto, e Bruno nem chegou a sorrir. Porém, ele raramente sorria, ponderou a esposa. Não havia motivo para ficar imaginando coisas.

Quando Mary ficou sem assunto, a sala de jantar ganhou um manto de tédio, uma atmosfera sufocante. Ela segurou o prato na mão e comeu o último pedaço de sua segunda fatia de bolo.

– Nossa, que delícia!

Ursula havia voltado para a mesa no meio da falação de Mary. Não tinha nada a acrescentar; manteve-se como espectadora sem expressão. Polly Jean apresentou espasmos durante o sono, feito os cachorros quando sonham. Mary cantarolava uma música para si mesma enquanto lambia a cobertura que tinha grudado no garfo. Anna conseguia ouvir o programa que Victor assistia no outro cômodo. Ela olhou para Mary, para Ursula, para Polly Jean e para Bruno, para o teto e depois para o chão. Em seguida, ficou observando as próprias mãos, cujos dedos havia começado, inconscientemente, a estalar. *Não posso desfazer os erros que cometi.* Tinha tido apenas uma noite livre de lágrimas, mas elas voltaram. Velozes, caíam de seus olhos sem intervalo. Lágrimas redondas, frias e escorregadias, grandes o bastante para quicar na

mesa. Mary se esticou para afagar o ombro de Anna, mas ela se esquivou.

Polly não se parece com o Bruno. E daí? Isso nunca havia criado polêmica. Por que vir à tona naquela noite? Anna não conseguia pensar enquanto era observada. Estreitou os olhos, fechando-os depois, e vasculhou a escuridão em busca de uma resposta. Porém, não encontrou.

Só que por fim acabou encontrando uma.

Era um nome que ela nunca ouvira antes. Contudo, Bruno falou sem dificuldade, sem demora e sem rodeios. Sem hesitação. *Rolf*. Parecia uma resposta pronta, como se ele tivesse ensaiado. Como se tivesse pensado bastante no assunto.

Meu Deus, ele já gastou tempo pensando nisso.

Anna se levantou muito rápido e acabou ficando tonta. Afastou-se da mesa e tropeçou no próprio pé. Mary a segurou.

– Anna, não precisa sair da mesa. Não tem problema chorar na nossa frente – declarou Mary, pegando a mão dela. – Você quer que eu...?

– Não – retrucou Anna, cortando-a. Independentemente do que fosse, ela não estava interessada. – Eu preciso... sozinha. – Não conseguia nem mesmo completar uma frase. O olhar de Bruno era indecifrável. – Desculpa. – O pedido de desculpas foi involuntário e redundante. Anna deixou a sala, depois a casa, e saiu correndo na direção da Rosenweg.

22

Na entrada da casa, Anna permaneceu alguns segundos diante da escada, até se lembrar de como fazer para tirar o casaco. Quando finalmente recordou o processo de deixar os braços deslizarem pelas mangas, o casaco caiu no chão, mas ela não se preocupou em pegá-lo ou pendurá-lo no gancho. Bruno detestava esse tipo de desleixo. *Serve de mau exemplo pros meninos*, dizia ele. *Porém, não pode mais dizer isso*, pensou Anna. *Agora só temos um*. Ela continuou mais um tempo na entrada e em seguida foi para a cozinha, na esperança de não ter esquecido como se preparava um chá.

Acendeu a boca do fogão no máximo, encheu a chaleira de água, pondo-a sobre a chama, e vasculhou uma das prateleiras em busca de uma caneca. *É*. Anna se sentia um pouco melhor. *Ainda me lembro como se faz isso*. As lágrimas haviam parado de cair, mas seu rosto estava corado de vergonha. Ficava enfraquecida ao se desintegrar daquela maneira. *Será que eu devia voltar para a festa?* Decidiu que não. Certamente eles entendiam que seu coração estava ferido e frágil, e que doía quando pressionado, o que não era nada agradável de se ver. *Claro que entendem*. Em seu íntimo, queria que Bruno, Polly Jean e Victor demorassem mais um tempo na casa de Ursula. Queria ficar a sós com sua devastação. Mary também entenderia por que ela os havia abandonado. *Amanhã ligo pra ela*, pensou Anna, embora soubesse que o mais provável era que ela ligasse antes.

– Anna.

Não tinha ouvido Bruno entrar na cozinha. Nem ouvido quando ele chegou em casa. Assustada com a voz do marido, deixou a caneca cair no chão. A peça se quebrou em dois pedaços grandes e outros menores.

– Caramba, Bruno. – O coração dela tinha disparado. – Você me

deu um susto. – Anna nunca tinha sido muito tolerante com surpresas, e, agora, qualquer sobressalto vinha coberto por uma capa de terror. Agachou-se para apanhar os pedaços maiores da caneca. O gesto lhe roubou o último lampejo de energia. – E as crianças?

– Ficaram na avó.

– Ah, sim.

No último mês, Victor tinha passado mais noites na casa da avó do que no ano anterior inteiro. Claro que sim. Metade de seu quarto pertencia a um fantasma. Ainda não tinham tirado a cama de Charles, nem se desfeito de suas roupas. Não conseguiam. Victor também não estava pronto. De manhã, quando Bruno ia acordá-lo, encontrava o filho dormindo no colchão de Charles, com a cabeça sobre o travesseiro do irmão e o corpo debaixo dos cobertores e lençóis dele. Era assim que Victor consolava a si mesmo. O plano de Bruno era trocar o quarto dos meninos com o de Polly, mas ele ainda não o fizera. Era uma boa ideia, concordou Anna. Victor tinha pesadelos naquele quarto. Dormia melhor na casa de Ursula, e precisava muito dormir bem. Além disso, as noites que passava fora de casa aliviavam Anna do trauma de ter que vê-lo sofrer. Era um alívio egoísta que ela sabia não valer a pena compartilhar.

Anna foi até a lixeira com os pedaços da caneca na mão, mas se deteve para pensar se a cerâmica era um material reciclável ou não. Depois ponderou o motivo de não saber aquela resposta. Em seguida, concluiu que pouco importava e simplesmente jogou os cacos dentro da lixeira.

– Mary foi embora? – perguntou ela, preenchendo o ar de palavras e evitando, assim, o silêncio. Bruno percorreu toda a cozinha e se postou entre Anna e o fogão, os braços cruzados no peito. Fez que sim com a cabeça, mas de um modo estranho, excessivamente educado. Anna ficou exasperada. – Você está no meu caminho.

Bruno não se mexeu.

– Quanto tempo? – indagou ele de forma rude.

– Pro chá? Quanto tempo costuma levar? Uns dois minutos?

Ele virou a cabeça para a direita, para a esquerda e depois voltou ao centro.

– Quanto tempo? – A fala de Bruno foi cadenciada. Anna não respondeu. – Quem é, Anna?

– Quem é o quê?

O clima na cozinha era de tensão.

– Quero saber o nome dele.

Anna não estava preparada para aquilo.

– Não, Bruno... Só... não. – Ela estava com dor de cabeça. Fechou os olhos, esfregando as têmporas com as mãos, e tentou imaginar que nome ele queria saber. Havia muitas possibilidades.

É transcendental o momento em que se abrem as cortinas que vinham escondendo uma mentira. Quando as ripas da persiana são escancaradas à força e um lampejo de verdade invade o quarto. É possível sentir o ar sendo trincado. A luminosidade estilhaça os vidros da mentira. Não há escolha, senão confessar.

– Sim, agora. É o Archie?

Anna fez o que pôde para manter o controle.

– Isso já está cansando – disse ela, a voz afiada. – Eu não...

Bruno a interrompeu. Parecia perfurá-la com os olhos.

– Você está mentindo pra mim. Quem é? Me diz o nome. Agora.

Anna não conseguiu esboçar uma reação. Havia dois anos que sentia medo de ser descoberta. E agora era o que tinha acontecido. De certa forma. *Quanto ele sabe?* Não fazia ideia. *Como é que ele soube?* Não poderia perguntar. *E agora, como ficamos?* Precisaria esperar para descobrir. Anna se afastou da situação descartando as perguntas como quem arremessa sacos de areia e se escondendo atrás deles. *O que é que ele vai dizer em seguida? O que devo responder? Estamos terminando tudo? O que ele vai fazer?*

O que Bruno fez em seguida foi repetir o que tinha dito, em voz mais alta. Não estava gritando, mas nem precisava. Mesmo calma, sua voz sustentava um estrondo subjacente. Quando nervosa, estremecia com estardalhaço, detestavelmente tensa. Ele fez uma pausa para respirar depois de cada palavra: *Você. Está. Mentindo. Anna.* Um espartilho de medo cingiu o corpo dela, apequenando-a. Não sabia o que havia revelado sem querer.

Todo mundo deixa escapar uma pista.

– Para com isso, você está me assustando – disse ela, dando um

passo para trás. Mais um movimento desses, e não teria para onde ir. – Por favor, a gente conversa sobre isso amanhã. Não estou me sentindo bem – suplicou, sabendo que ele não aceitaria seu pedido.

Bruno tomou o lugar onde ela estava um minuto antes e depois deu mais um passo à frente, forçando-a contra a parede. Falou olhando nos olhos dela, cara a cara.

– Quando foi que começou? Há quanto tempo, Anna? O Victor também é um bastardinho?

Ela ficou em silêncio. Seus esforços se concentraram todos em evitar que tremesse. Bruno tentou agarrar sua mão, mas ela se esquivou. Repetiram o processo, até que ele conseguiu o que queria. Segurou o dedo em que ela usava o seu anel de mãe e tentou tirá-lo à força. Anna uivou de dor.

– E o Charles? Quem é o pai dele, porra?

Para, por favor, para com isso, por favor! Ela tentou falar, mas não conseguiu, então pensou o mais alto que pôde. *Bruno, você está me machucando! Para com isso! Por favor!*

Ele chegou tão perto dela, que poderia beijá-la. Naquela noite, seus olhos cor de avelã estavam marrons; suas pupilas, tão negras que quase brilhavam. Os olhos de Anna, por sua vez, cheios de lágrimas, perguntavam *Como?, Quem mais sabe?* e de novo *Como?* Bruno não oferecia muitas pistas.

– Você é uma péssima mentirosa. Já sei tudo sobre você.

Ele tentou mais uma vez puxar o anel, que acabou prendendo nas articulações. Na terceira tentativa, deu um puxão forte, torcendo o dedo dela. Enfim estava com o anel na mão. Anna berrou, tentando se desvencilhar, num momento de desespero. Percebeu o caráter cômico daquela tentativa. Sempre fora dominada pela força e pelo tamanho do marido. Aliás, esse foi um dos motivos pelos quais caiu de amores por ele. Uma espécie de amor. Uma espécie de amor, por uma espécie de Bruno. Ele segurou o anel bem próximo ao rosto dela. Os olhos de Anna pareciam infantis: não conseguiam se concentrar em um único foco. As três belas pedras fundiram-se, parecendo uma só. Ele sacudiu o anel diante dela.

– Isto aqui é lixo.

Dizer a verdade parecia a pior estratégia naquele momento. *Você*

está enganado!, berrava Anna. *Do que é que você está falando? Quem é bastardo?! A Polly é sua filha!* Ela escolheu muito mal as palavras, deixando Bruno fora de si. Ele se pôs novamente na frente dela. Bruno era suíço. Era controlado. Ele era mal-humorado, rude, distante e meticuloso, mas nunca tinha agido com violência de verdade. Com ciúme, podia ser amargo e frio. Com raiva, era grosseiro. Grosseiro, sim. Já agira com grosseria. Porém, ali na cozinha, estava enfurecido.

– Quem é? Quantos são? Me diz o nome deles.

– Não, não... – respondeu Anna, balançando a cabeça.

Tudo aconteceu muito rápido. Bruno a agarrou pelo cabelo. Ela tentou se desvencilhar, mas seu esforço foi em vão. Ele então a puxou para junto de si e quase no mesmo instante empurrou-a longe, lançando sua cabeça contra a parede da cozinha. Ela bateu em cheio na pedra, uma, duas vezes. Bruno gritou alguma coisa indecifrável. Finalmente havia levantado a voz. Anna não conseguia entender uma palavra, pois ele começou a falar suíço-alemão e inglês ao mesmo tempo. Ele a puxou para junto de si, uma última vez, sacudindo-a, deu-lhe um tapa no rosto e depois jogou-a no chão, como se tivesse algo repugnante nas mãos. Ao cair, Anna bateu com o queixo e a bochecha na quina da nova máquina de lavar louça, e em seguida atingiu o chão, o nariz sendo o primeiro a chegar. Bruno presenciou a queda, fungando e tentando conter as lágrimas. A cozinha, aliás, era só lágrimas. Ele murmurou algum xingamento que surgiu como um soluço, e limpou o nariz com as costas da mão. Saindo da cozinha, arremessou o anel sobre a cabeça dela. A joia caiu perto de seu rosto, emitindo um som vibrante e inesperado.

Anna pôs a mão no nariz. Estava sangrando e possivelmente quebrado. Doía demais para que ela apalpassse a suposta fratura. Tocou a parte de trás da cabeça, que também sangrava. Era uma dor que martelava, ameaçando a cegueira do sofrimento. Cogitou se levantar, mas logo descartou a possibilidade. Pegou o anel e tentou colocá-lo de volta no dedo inchado e sensibilizado pelo atrito. Não conseguiu passá-lo pela articulação, então deixou que caísse outra vez.

Não sabia como ficar de pé. Seus músculos haviam se esquecido dos movimentos necessários, da mesma maneira que seu cérebro tinha se esquecido, mais cedo, do passo a passo para se tirar um casaco. Resignou-se a ficar no chão, até que um pouco de força e um plano de ação claro se apresentassem. Passaram dois, três, cinco minutos. Então Bruno sabia. *Ai*, pensou ela. E não pensou mais nada. A chaleira se pôs a assobiar, indicando que a água fervia. Ela não se mexeu. No chão da cozinha, sem ter mais o que fazer, Anna caiu numa espécie de sono.

Duas semanas após a morte de Charles, Edith chegou a Dietlikon sem avisar, com um vasinho de violetas, uma garrafa de vinho e uma caixa de bombons. Era uma combinação esdrúxula de presentes. *Como se ela estivesse me pegando para um encontro romântico*, pensou Anna.

– Anna, você não está vestida? Já é quase uma da tarde!

Não, ela não estava vestida. Sentia a pele dolorida quando trocava de roupa. Sentia a cabeça latejar quando tinha de pegar algo no armário. Sentia o coração doer ao ter de se movimentar pelo mundo dos vivos como se nada tivesse acontecido. Como se nada tivesse mudado de forma tão radical. Edith seguiu para a sala, acompanhando Anna, que voltou para o mesmo canto do sofá onde tinha passado as duas semanas anteriores tentando se enfiar lá dentro. Pegou o cobertor que estava no chão e puxou-o até o queixo. Estava manchado, mas não sabia de quê.

– Não vai me oferecer nada pra beber? – perguntou Edith, fingindo estar magoada.

– Fique à vontade – respondeu Anna, e apontou para a cozinha.

Edith pôs os bombons e as flores na mesinha de centro e levou a garrafa de vinho e sua postura blasé para a cozinha. Anna tentou se sentir ofendida, o que de certo modo a distrairia. Contudo, não estava pronta para se distrair. Havia algumas dores que ainda precisava experimentar.

Edith voltou trazendo apenas uma taça de vinho.

– Ah, você também queria uma taça?

Anna fez que não, enquanto Edith se jogou na extremidade oposta do sofá, deixando escapar um suspiro prolongado, como se tivesse acabado de fazer um enorme esforço. Como se o fato de estar perto de Anna lhe exigisse demais. Depois, entabulou uma conversa das mais tolas.

– Desculpa por não ter estado presente.

– Sem problemas.

– É que levei as meninas a Paris. Tínhamos planejado com meses de antecedência – explicou numa voz que foi aos poucos se dissipando.

– Eu sei – retrucou Anna, a voz desprovida de afeto.

– Então, eu continuo me encontrando com o Niklas – comentou Edith, bebericando o vinho.

– Ah, continua?

– Continuo, sim – respondeu ela, limpando a garganta. – É de tirar o fôlego. – Anna retribuiu com uma série de piscadelas inusitadas, perguntando-se por quê, se era mesmo de tirar o fôlego, Edith comentava do caso com tamanha indiferença. – Tem toda uma artimanha, Anna. É como se eu fosse uma espiã! Tudo muito sigiloso. Eu adoro! E não é só sexo. Aliás, o sexo nem é o principal.

– Edith mordeu o lábio inferior. – O que me diz disso? – indagou, surpresa com a própria conclusão.

No caso de Anna, também não se tratava apenas de sexo.

– E onde vocês vão? – Anna fez a pergunta, mas na verdade não estava nem aí. As palavras só serviam para decorar o ambiente. Só isso.

– Pra transar? Sei lá. Muitos lugares. Pro apartamento dele. Pra algum hotel. Ou então lá pra casa, mas foi só uma vez. Aquela sensação de proibido, sabe? Também passamos um fim de semana no Bodensee, três semanas atrás.

– E o que é que você falou pro Otto?

– Eu disse que ia viajar com a Pauline.

– Quem é Pauline?

– Ninguém. Uma amiga imaginária, que eu inventei. Mas, se um dia o nome dela pipocar, o que não vai acontecer, saiba que eu a conheço de uma das associações das quais também finjo participar.

– Tudo bem. – Anna mordiscava uma unha. – E de onde eu conheço ela?

– Bobinha... – Edith simulou irritação. – Você não conhece. É uma amiga *minha*. Acabou de ouvir falar dela. E só um pouco.

Anna fez que sim.

A sala estava numa quietude só. Ouvia-se apenas o barulho do vinho sendo deglutido, do farfalhar da sarja, conforme Edith cruzava, descruzava e voltava a cruzar as pernas, e do sussurro do cobertor sob o qual Anna tiritava.

– O que você acha que aconteceria se o Otto descobrisse tudo?

– Se ele descobrisse? Nunca pensei nisso. Não está nos meus planos ser descoberta.

– Edith?

– Mmm-hum. – Ela passou a mensagem de um tédio crescente.

– O que você faria se uma das gêmeas morresse?

– Minha nossa, Anna, você está falando sério? – Anna deu de ombros, e Edith tomou mais um gole de vinho, assumindo uma expressão arrogante. – Bom, pelo menos eu tenho uma sobrando.

– Edith?

– O que é que foi agora?

– Você realmente não é uma amiga tão boa.

Edith olhou para sua taça de vinho.

– Eu sei disso – admitiu, sem escrúpulos nem culpa.

Pouco depois de começarem a se encontrar, Stephen tentou terminar tudo.

– Você está se rendendo a um acesso de ética agora? – perguntou Anna. Estava completamente nua naquele instante.

Stephen inclinou a cabeça e olhou para além dela enquanto abotoava a camisa, como se o ato de se vestir fosse um gesto de contrição.

– Só não tenho certeza se é uma boa ideia.

Claro que não é, pensou Anna, mas disse exatamente o contrário:

– Claro que é! – Stephen semicerrou os olhos e inclinou a cabeça. Aguardava uma explicação. Ela suspirou. – Você não gosta de mim?

– perguntou Anna, mas queria ter perguntado se ele não a amava.

– É lógico que eu gosto de você – disse ele, sem nenhuma afetação, da mesma forma que alguém diria que adora determinado sanduíche ou que acha lindo um modelo específico de sapato. *É, o gosto até que é bom. Devem servir, sim.* Qualquer mulher teria entendido aquilo como um sinal. Anna, no entanto, encarou como um desafio.

– Isso tudo é porque eu sou casada?

– Bem, você é casada, o que configura adultério.

– Que ótimo que nós dois somos adultos. Qual é o problema disso? – Ora, não era nada trivial, mas ela minimizou a questão. Não se importava. Seu casamento não importava mais. *Na verdade, estava começando a não importar mais, o que já era o suficiente.* Anna encontrou o argumento de que precisavam. – Eu não me preocuparia. Tecnicamente, não é você o adúltero. Eu é quem sou.

Ela encarou Stephen com uma expressão deliberadamente banal. Ficou esperando, mas ele não rebateu sua argumentação. Permaneceram sentados à beira da cama, num silêncio quase reverencial, durante cerca de um minuto. Em seguida, Anna se vestiu e foi embora.

No trem, a caminho de casa, repassou mentalmente o sexo daquele dia e se deu conta, em retrospecto, de que fora mais vacilante do que o habitual.

– Em alemão, quando a ação é feita por um sujeito e seu resultado recai sobre esse mesmo sujeito, exige-se a presença de um verbo reflexivo. O verbo reflexivo vem sempre acompanhado de um pronome pessoal no acusativo. Vestir-se. Barbear-se. Banhar-se. Resfriar-se. Deitar-se. Sentir-se bem, ou sentir-se mal. Apaixonar-se. Comportar-se. A pessoa é o objeto e também o instigador. Age para si mesma.

A chaleira já havia apitado muito tempo antes de Bruno voltar à cozinha, tirando-a do fogão, já vazia. Anna abriu os olhos e viu as botas dele se arrastarem perto de sua cabeça. Ela sentia os pés

quentes dentro do sapato. Tinham caído contra o aquecedor quando ela foi ao chão. Não sabia há quanto tempo estava dormindo.

Tentou reorganizar os pés para se levantar, mas faltavam-lhe músculos para isso. Emitiu um barulho que não podia ser traduzido em palavras. Bruno passou por cima dela e foi até a pia. Ligou a torneira e logo a desligou, quase no mesmo instante. Ela tentou se levantar mais uma vez.

– Para – ordenou ele, irritado. Passou por cima dela mais duas ou três vezes, movendo-se obstinadamente. Anna não sabia o que ele estava fazendo. Ouviu o barulho de uma gaveta sendo aberta e depois fechada, além da torneira sendo ligada e novamente desligada. Então Bruno se ajoelhou junto à cabeça dela. Anna se encolheu toda diante daquela aproximação. – Para com isso – repetiu ele, pondo a mão no rosto trêmulo dela, onde deixou um pano umedecido sobre o lugar machucado. – Segura aqui. – Anna fez o que ele disse. – Vamos.

Ele pôs as mãos debaixo dos braços dela e tentou girar seu corpo, um peso morto, para sentá-la. Anna soltou um gemido quando ele a recostou na mesma parede contra a qual a havia jogado.

– Está doendo? – Bruno segurou-a pelo maxilar e girou-o para conseguir enxergar melhor. Passou o dedo pelo nariz dela, que continuava sangrando.

– Está.

– Não me parece quebrado – disse ele numa declaração fria. – Põe os braços em volta do meu ombro. – Bruno pegou um dos braços dela e passou por cima de seu ombro. Anna fez o mesmo com o outro braço. – Fica em pé – ordenou ele, ao mesmo tempo em que fazia força para levantá-la. Pôs um dos braços em volta da cintura dela, segurando-a enquanto ela se firmava. A cozinha estremeceu, e ela deixou o pano cair. – Vem. – Anna não tinha escolha, a não ser segui-lo conforme a conduzia para fora da cozinha, em direção ao banheiro.

Bruno baixou o assento da privada e a pôs sentada.

– Você consegue se manter assim?

Anna fez que não, então ele a inclinou um pouco e, da mesma maneira que fez na cozinha, escorou-a na parede. Se não fosse a

dor nas costelas, ela teria rido. *Uma grande parte de mim tem sido tão frívola*, pensou ela. *Tão risível. Há, há.* Anna estava meio aérea e ensandecida. Deixou o peso cair contra a parede de azulejos verdes. Cismou com a arquitetura do banheiro, mas não tinha alternativa, senão confiar nela.

Bruno virou de costas, tampou o ralo da banheira e ligou a água. Anna perguntou de novo onde estavam as crianças; Bruno já havia respondido, mas ela esquecera. Ele não respondeu. Girou o corpo para ficar de frente para ela. Ergueu o pé esquerdo de Anna, tirou seu sapato e sua meia e depois pôs o pé de volta no chão. Repetiu o mesmo procedimento com o pé direito. Em seguida, ajudou-a a se levantar.

As pernas dela pareciam uma gelatina; pôs as mãos nos ombros dele, para conseguir apoio. Bruno abriu a calça jeans de Anna, baixou o zíper e puxou-a para baixo.

– Agora saia daí.

Foi um procedimento cansativo, que Anna conseguiu realizar sem cair. Em seguida, foi a vez de sua calcinha. Ela estava usando uma tanga preta com um laço de seda. Diante das circunstâncias, a lingerie parecia obscena. Entre a dor e o remorso, ou numa combinação das duas coisas, Anna começou a chorar de novo. O mais difícil de tirar foi o suéter, que esbarrou em seu nariz quando Bruno tentou puxá-lo pela cabeça.

– Calma – disse ele, mas sem a intenção de consolá-la.

Anna estava sem sutiã. Bruno ajudou-a a entrar na banheira com a mesma falta de cerimônia com que tinha tirado sua roupa.

– Já está bem quente?

– Não – respondeu ela, enquanto tentava alcançar a torneira. Bruno afastou sua mão e ele mesmo ajustou a temperatura.

– Melhor agora?

Ela fez que sim.

Ele molhou uma toalha de rosto, torceu-a e deu batidinhas leves no rosto de Anna, para limpar o sangue. Também repartiu o cabelo dela ao meio. Ela continuava sangrando no ponto em que sua cabeça havia atingido a parede.

– Vai ficar bom – disse ele, olhando para o chão.

Ele me machucou mais do que pretendia machucar, pensou Anna. Ela tentou tocar no ferimento, mas Bruno a deteve.

– Deita. – Ele a inclinou devagar, para dentro da água, que agora estava na temperatura ideal. Depois fechou a torneira e empurrou-a mais para baixo. – É melhor lavar seu cabelo – sugeriu, lendo os pensamentos dela.

Em torno da cabeça de Anna, a água ficou rosa. *É como se ele estivesse me batizando. Estou sendo lavada em sangue.* Não sabia se tinha sido batizada. Nunca havia perguntado aos pais, e eles nunca tinham dito nem que sim nem que não, o que a levava a crer que não era batizada. Eles dois, por sua vez, haviam batizado os três filhos, mas apenas por uma questão de costume e para agradar Ursula, que tinha feito pressão nesse sentido. Ele a levantou um pouco e passou xampu em sua cabeça, superficialmente. Enxaguou o cabelo dela usando um vaporizador pequeno. Anna se contraiu diante da pressão da água e da ardência provocada pelo sabonete.

– Você está bem – concluiu ele, conforme segurava o rosto dela com a mão e, assim como na cozinha, girava-o de um lado para o outro, aproveitando a luz forte do banheiro. – Vai ficar com uma ferida. – Anna piscou. Bruno alcançou uma toalha atrás de si, enrolou-a, fazendo um apoio para o pescoço, e depois ajudou-a mais uma vez a se recostar. Ele se levantou e ficou olhando para ela dentro da banheira. Anna fechou os olhos, tirou a toalha de rosto de dentro da água e a pôs sobre o rosto. A luz dentro do banheiro era tão forte que ela imaginou estarem visíveis todas as suas culpas. – Você vai ficar bem – reforçou ele, mais uma vez, deixando-a sozinha na banheira. Antes de sair, fechando a porta, baixou um pouco a intensidade da luz.

Era o mais perto de um pedido de desculpas que ela receberia.

Certa vez, a doutora Messerli tentou explicar a Anna o conceito de sombra, segundo Jung.

– No mundo físico, a sombra é a figura escura que se forma atrás de algo que recebe iluminação. Um lugar onde a luz, naquele momento, não está presente. Em análise, equiparamos consciência e

luz. Portanto, o inconsciente encontraria paralelos na escuridão. Em resumo, a sombra é formada pelo que a pessoa não sabe, conscientemente, sobre si mesma. Os aspectos negligenciados do self. São os lugares onde a consciência, em determinado momento, não está presente.

– As partes escuras, sombrias – complementou Anna, inclinando a cabeça.

A doutora pigarreou.

– As partes desconhecidas. A sombra não é algo inerentemente negativo. Mas é verdade que uma sombra negativa pode ser muito destrutiva. Raramente será experimentada como uma resposta consciente ou uma força racional. Trata-se de um reflexo inconsciente, que não conseguimos controlar. O que fica na sombra é o que nos controla. – A doutora prosseguiu em tom de aconselhamento, com calma e seriedade. – A consequência de não trabalhar na direção da consciência é o isolamento. Em vez de relacionamentos reais, teremos apenas os imaginados. Quanto menos encarnados estamos em nossa vida consciente, mais escura e densa será nossa sombra. Ninguém deseja sucumbir a uma sombra negativa. Ainda assim – disse ela, ponderando o resultado de cada declaração potencial –, o efeito de uma compulsão quase nunca é positivo. Que pessoa, em sua consciência, mergulharia num mar infestado de tubarões? Quem comeria vidro? Quem ficaria tremendo mesmo que pudesse facilmente se aquecer? Ninguém com um mínimo de consciência faria uma coisa dessas.

– Então a sombra é uma coisa ruim.

A doutora recuou.

– Não é exatamente ruim. O potencial destrutivo da sombra é inegável. Uma casa pode ser atingida por raios e acabar pegando fogo. Porém, graças à eletricidade, a mesma casa pode ser iluminada com um simples toque de interruptor. Pense numa vacina. No soro, há uma pequena amostra da doença. A luz precisa da escuridão. É a ordem do universo. O que derreteria na primavera se não tivéssemos de enfrentar o inverno? A consciência está condicionada contra sua ausência, escreveu Jung. Amputada a cauda da serpente, o poder de cura estará bem ali. – Anna fez que

sim, tentando entender. – O autoconhecimento começa nos aposentos escuros da sombra. Penetre nesses aposentos, Anna. Aborde a sombra, cara a cara. Faça suas perguntas, e ouça as respostas. Respeite-as. A sombra lhe contará tudo. Por que é que você odeia. Quem você ama. Como se curar. Como conviver com a tristeza. Como sofrer. Como viver e morrer.

Quando começou a fazer anotações num diário, a escrita de Anna era intencionalmente tosca. A doutora Messerli desafiara sua paciente a escrever assim, de forma automática e sem julgamento ou edição. Anna deveria permitir que seus pensamentos fluíssem com liberdade. Num raro momento de anuência, ela aceitou os conselhos da doutora e fez como ela havia aconselhado. Como resultado, frases apressadas e exageradas, numa caligrafia ilegível. Mas era para ser feito daquela maneira, tinham lhe dito, e é assim que tentaria fazer. Era bom ter um espaço onde podia deixar tudo mais solto. A página era seu único confidente. *Meu confidente de alma*, pensou ela. Após a morte de Charles, sua prosa desacelerou, e a lógica já antes abstrata tornou-se ainda mais nebulosa.

A bandeira suíça não passa de uma cruz branca nadando num mar vermelho. Não tenho para onde ir, a não ser para a loucura. É como tentar encontrar os óculos estando sem eles no rosto: impossível. Como os equívocos no preenchimento automático das mensagens de celular: errado, errado, errado. Como massagear um osso quebrado: só se faz porque é preciso. Uma bênção, uma maldição sobre mim. Mereço todas as dores.

Não quero saber de mais nada da minha vida.

Uma hora depois de ter deixado Anna a sós no banheiro, Bruno voltou para ajudá-la a sair dali. A água tinha esfriado. Anna desenrolara a toalha que estava sob sua cabeça, usando-a para se cobrir, um pouco por vergonha, um pouco por causa do frio. Ela havia passado aquela última hora escura tentando esvaziar a mente. Apesar de não ter tido muito sucesso, a tentativa preencheu o tempo, distraíndo-a da dor.

Não conseguia deduzir nada. *Já sei tudo sobre você.* Anna duvidava de que fosse verdade, mas não pediria maiores detalhes. Coisa que ele não daria, de qualquer modo. Era assim que sempre havia se comportado com os meninos. *Você sabe o que fez. Agora vá pro seu quarto.* Tentar entender fazia parte do castigo. O quanto Bruno realmente sabia? Anna teria que viver sem essa resposta.

Bruno era o único pai que Polly Jean conhecia. E ela, a única filha que ele tivera. O tempo todo ouviam-se casos de gente que cria filhos não biológicos. Ele a amava. Adorava. Era algo tão fora do comum? Faria qualquer coisa pela menina. Manteria todas as aparências. Por ela, engoliria a própria dor. E também por Victor e Charles.

Por Anna.

Mulher que ele amava. Que amava de verdade e profundamente.

Bruno ajudou-a a ficar de pé e enrolou-a numa toalha, secando seu corpo. Ela se sentiu como uma criança. Ele não foi nem carinhoso, nem frio, agindo de modo neutro. Tinha levado para o banheiro uma das camisolas de Anna – a preferida dela, o que não lhe passou despercebido – e a instruiu a levantar os braços para vesti-la. Através da porta aberta do banheiro, ele apontou na direção do quarto.

– Você consegue andar até lá sozinha? Pode deitar, que já vou.

Anna fez o que ele disse. Era a rainha da obediência.

Alguns instantes depois, ouviu o assobio agudo e etéreo da chaleira. *Estava preparando um chá e aí...* Deixou a mente divagar. Um minuto depois, Bruno estava na beira da cama, estendendo-lhe a xícara de chá que ela devia ter preparado duas horas antes. Pôs a xícara na mesinha de cabeceira, e Anna se sentou na cama, debilitada.

– Aqui, toma – disse ele, com a palma da mão aberta, segurando três comprimidos pequenos.

– Três? – Eram os comprimidos que a doutora Messerli havia receitado fazia pouco tempo. Anna só tomara alguns, e ainda assim nunca mais de um ao mesmo tempo. No entanto, pegou os comprimidos da mão dele, colocou tudo na boca e tomou um gole do chá. – Bruno...

Ele balançou a cabeça.

– A gente não vai falar sobre isso agora – interrompeu ele, e em seguida saiu do quarto, fechando a porta.

Anna pôs a xícara de volta sobre a mesinha e entregou o corpo à cama. *Me ajuda, me ajuda, por favor,* disse, chorando no travesseiro. Suas pálpebras estavam inchadas e doloridas. Ela repetiu o apelo até que os comprimidos começaram a abrandar sua determinação de permanecer acordada, e sua consciência se recolheu a um lugar solitário e íntimo, sem nome.

Adormeceu.

23

A cor da chama indica sua temperatura. As amarelas são as mais frias; já as mais quentes são brancas, chamadas de chamas ofuscantes. O fogo vermelho não é tão quente quanto o azul. O recorde de temperatura mais quente sobre a Terra foi de 3,6 bilhões de graus, registrado num laboratório. Como é possível? Isso é mais quente do que o núcleo do Sol. A cada ano, 2,5 milhões de norte-americanos relatam ferimentos por queimadura. Sati é o suicídio religioso de uma viúva hindu. A autoimolação é uma forma frequente de protesto. Todas as civilizações antigas tinham deuses do fogo: Pele, Hefesto, Vulcano, Héstita, Lúcifer, Brígida, o deus Gibil, da Mesopotâmia, a deusa aborígene Bila e Prometeu. O controle doméstico do fogo começou há cerca de 125 mil anos. Nenhum país moderno permite execuções por incineração. A combustão lenta, como o nome diz, é uma forma de combustão demorada, a baixas temperaturas e sem chama. Deus apareceu para Moisés numa sarça ardente. Uma substância intumescente se dilata ainda mais quando exposta ao calor. Maria, da história de João e Maria, empurrou a bruxa para dentro do forno, onde ela morreu. As cinzas são os vestígios sólidos do fogo. A incineração é o ato de produzir cinzas, e o fogo, caso se queira ser poético, é a mãe das cinzas. Sob raras condições, o fogo se transforma em tornado, um vórtice rodopiante em chamas. Quando uma pedra entra em atrito com o aço, produz faísca. A chama que tortura também purifica. Nem todos os tipos de fogo podem ser combatidos.

24

Anna despertou. Os três comprimidos que havia tomado na noite anterior perderam o efeito no mesmo instante. Como fatias de pão que pulam quando o cronômetro da torradeira desliga, seus olhos se abriram simultaneamente, e ela acordou.

O clima da casa era sossegado e sombrio. As tábuas do assoalho estavam mudas, e as paredes não respiravam. A casa na Rosenweg tinha sido tomada por uma aura de quietude, o que não era nada comum. Mesmo com as janelas fechadas, as manhãs costumavam ser barulhentas, com o cantar dos pássaros e o barulho dos carros e das pessoas zanzando pela rua. Porém, naquele dia, Anna não ouviu um pio sequer. Fazia um silêncio sóbrio. Imaginou que aquilo talvez fosse efeito colateral dos comprimidos.

Seus olhos primeiro encontraram o foco e, depois, o relógio. Eram quase sete da manhã, e os sinos logo ressoariam. *Vou continuar deitada até tocarem.* Sua cabeça latejava. Esperaria pelo sinos, e depois levantaria. *Que dia é hoje?* Era sexta-feira. Daria a si mesma o luxo de aguardar as badaladas.

Assim que tocaram, ela se pôs de pé. Seu caminhar era o de uma pessoa inválida, e a cada passo ela se retraía. Levou um minuto para se arrastar até o banheiro. O silêncio absoluto daquela manhã não passara de sua imaginação. Dietlikon estava tão movimentada quanto sempre fora. Um homem levando três cães pastores para passear cruzou pela casa no caminho, antes de subir a colina. O carteiro estava acordado e trabalhando. Desceu a Dorfstrasse acelerando sua motocicleta amarela. Era um sujeito de pele clara e vinte e tantos anos; tinha a cabeça raspada e uma boca enorme e estúpida. Nos primeiros meses em que havia trabalhado naquele trajeto, tivera a impressão de que Bruno e Anna eram irmãos, e não marido e mulher. Num inglês desajeitado, flertava com ela,

perguntava onde estaria no fim de semana, o que faria. Em seguida, detalhava os próprios planos e terminava a interação mencionando que seria muito bacana se eles se cruzassem sem querer numa noite qualquer. Bruno acabou esclarecendo tudo. *Por que você não disse a ele que eu era seu marido?*, perguntou a Anna. *Por que deixou que ele flertasse com você?* Ela respondeu que não tinha percebido que aquilo era um flerte. Desde então, o carteiro vinha mantendo uma distância apropriada, tipicamente suíça: agia com uma educação implacável e uma discrição que chegava a dar tédio. Era o carteiro deles fazia cinco anos. Anna descobriu seu nome uma vez, mas em seguida acabou esquecendo; sentia-se constrangida demais para perguntar de novo.

Ela se forçou a olhar o próprio rosto. A área entre a bochecha e o nariz havia começado a ganhar uma tonalidade roxa. A órbita do olho – o olho inteiro, desde a parte sob os cílios inferiores até acima da sobrancelha – tinha um tom amarelo-esverdeado pálido, pavoroso feito bile. Seu dedo estava em carne viva, onde Bruno o tinha torcido para arrancar o anel. Seus braços e pernas estavam doloridos, porém ilesos. Agora, o rosto... Carregaria aquelas marcas por um mês.

É o meu rosto, pensou ela. Isso era inegável. Aquela era ela. Ela era aquela. Estava diante do reflexo mais fiel que já tinha visto. Sua gêmea idêntica. Sua *doppelgänger*.

Olá, Anna, muito prazer.

Do escritório, Bruno chamou por ela. Como não teve resposta, foi até o banheiro. Fez bastante barulho ao se aproximar, num esforço de não assustá-la como na noite anterior (contudo, a bem da verdade, o que mais poderia ser derrubado, rachado ou quebrado?). Quando viu o rosto de Anna no espelho, seu semblante desabou. Ela não esboçou nenhuma reação.

– Põe uma roupa e vem aqui pra sala – disse ele, encostando de leve no ombro dela. Sua boca estava seca, e as palavras arranharam seus lábios quando foram pronunciadas.

– Está bem.

Bruno voltou para o escritório enquanto ela foi mancando do banheiro até o quarto.

O dia estava cinzento. Teria sido mais prático botar uma calça, mas Anna se achava mais bonita de saia, e o fato de se vestir bem costumava fazê-la sentir-se pelo menos um pouco melhor. *Quanta futilidade.* A questão não era irrelevante. É sensato medicar-se por meio de vaidades tolas? *É, sim,* pensou ela. Depois, ao pensar de novo, achou que não. *Um vestido, um homem, o que for. Eles te cobrem, você se esconde dentro deles.* Em seguida, Anna afastou essas ideias da mente e começou a vasculhar o armário. *Vou vestir o que me deixar confortável.*

Os detalhes nebulosos da noite anterior começaram a ganhar contornos mais nítidos, trazendo uma imagem para o foco. *Bruno me bateu,* pensou ela cruamente, como se apenas naquele momento tivesse se dado conta do fato. *Ele me bateu muito.* Anna se olhou no espelho do quarto para checar se alguma coisa tinha mudado no último minuto. *Ah, Anna, você bem que mereceu,* pensou ela. Sabia que havia algo equivocado em sua linha de raciocínio. Ninguém merece isso, claro. Mas... ela não era propriamente o caso exemplar de mulher que sofre violência doméstica. Não fora vitimada a ponto de acreditar que merecia o que havia acontecido. Concluía tudo por conta própria. Num mundo violento e complicado, pensou, era uma solução rápida e lúcida para um problema de ter e não ter. *Eu bem que mereci e colhi o que plantei.* Bruno nunca havia batido nela antes e jamais voltaria a bater. Não era um homem violento. Não havia padrão algum de maus-tratos. *Eu que arrumei isso pra mim. Eu, eu que provoquei isso tudo.* Seu rosto latejava. Ateve-se a esses pensamentos até escolher a roupa, pondo a anterior de lado e pegando a nova. *Só aguento até certo ponto.* Vestiu uma saia escura, uma blusa azul-marinho de gola alta e meia-calça cinza. Calçou uma sapatilha estilosa e olhou-se de novo no espelho. Exceto pelos hematomas, estava bonita.

Entrou na sala ajeitando o cabelo num coque informal. Tinha cogitado deixá-lo desgrenhado, mesmo, assim poderia se esconder melhor atrás dele. *Mas a troco de quê?,* ficou se perguntando. *Não tenho mais nada a ocultar.* Pela janela, Bruno observava Hans e Margrith, que estavam em frente ao celeiro deles, de papo com o

cuidador dos cães pastores, que a essa altura já havia voltado do passeio. Ele se virou assim que Anna entrou na sala. Limpando a garganta, disse:

– Você está bonita.

– Obrigada.

O clima era de gentileza e bondade. Os dois estavam nervosos, como se aquele fosse um primeiro encontro, rumo ao baile de formatura. Ele a elogiou e ela agradeceu. *Será que vai me dar um buquê de flores? Vamos chegar ao baile numa limusine?* Acontece que Bruno não era seu paquera; ele era seu marido, e ela, sua esposa, e o que Anna mais queria naquele momento era pedir desculpas, explicar-se e depois pedir desculpas novamente. Por tudo, tudo mesmo: pelos comentários sarcásticos ou pensamentos maldosos que tivera desde o momento em que desceu do avião no terminal E, nove anos antes. Por todo o rancor que nutrira nas vezes em que caminhou pela colina atrás da casa, no meio da noite. Pela solidão, pelos medos. Pelas mágoas insignificantes. Pela fobia social. Pelo desejo. Por tudo, tudo, absolutamente tudo. Por tudo o que era inevitável. Por todos os erros. O problema dos erros é que eles quase nunca aparentam ser erros no momento em que são cometidos. O sono fizera bem a ela. Estava preparada para dar nome aos bois. De que valia manter segredos, agora que tudo já tinha desmoronado? Anna estava no meio dos escombros, pronta para a reconstrução.

Bruno leu isso em sua postura.

– Não – interrompeu ele, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Foi um *não* triste e tranquilo. – Você tem que ir embora. – Anna ouviu, mas não ouviu. – Precisa ir agora.

Ele estava calmo e triste. No rosto vermelho, trazia uma expressão indecifrável. Parecia ter chorado a noite toda. Ela desviou o rosto. Junto à mesa estava uma malinha de mão que Anna só havia usado quando teve de se ausentar por um ou dois dias. Levava-a para o hospital quando os filhos nasceram. Fora isso, não tinha ido a nenhum outro lugar. O zíper da mala estava fechado. Bruno tinha arrumado tudo.

– Ah...

Bruno pegou a mala e a entregou à esposa. Estava leve. *Ele não quer que eu fique longe por muito tempo. É o que isto significa.* Ao longo de nove anos, Anna vinha lutando para chamar aquele lugar de casa. Naquela manhã, a última coisa que queria era sair dali. Ironia das ironias. Nenhum dos dois sabia o que dizer na sequência. A janela de oportunidade para Anna se desculpar tinha sido fechada, e parecia sem sentido pedir a ele que contasse o seu lado da história, desde as suspeitas iniciais até chegar aos fatos absolutos.

– Nosso assunto está... encerrado? – perguntou ela, quebrando a tensão do silêncio.

“Encerrado” não era a melhor palavra, mas foi a única que ela encontrou.

– Não sei – rebateu ele, sem mentir, a voz tomada de neutralidade.

– E as crianças?

Victor devia estar na escola; provavelmente tinha ido direto da casa de Ursula. Mas e Polly Jean?

Bruno balançou a cabeça.

– Eles não precisam ver o seu rosto.

– E pra onde eu vou?

Bruno suspirou, como se dissesse *isso é com você*. Foi uma reação franca, sem leviandade. Aquela franqueza paradoxal deixou Anna confusa. O momento estava sendo completamente conciliatório e humano. Esse era o Bruno que ela sempre quisera ter ao lado. Porém, teve de traí-lo para conseguir que essa faceta viesse à tona.

– Ah... – repetiu ela, com menos segurança.

Bruno limpou a garganta mais uma vez.

– Agora, Anna.

Ele caminhou até ela, pôs a mão em seu ombro e a acompanhou, com certa cerimônia, na direção da porta. Ajudou-a a vestir o casaco e entregou-lhe a bolsa. Depois, com cautela, segurou seu rosto arrebatado, aproximou-se e deu-lhe um beijo. Foi um beijo terno, importante, do qual transbordou tristeza. Anna não retribuiu; de certa maneira, não conseguiu retribuir.

– Tchau, Anna.

O adeus de Bruno caiu como um forte baque. Logo atrás, uma

porta de aço se fechou. Ele tinha dito que não sabia se o assunto dos dois estava encerrado, mas Anna sabia. Aquele beijo disse tudo.

Assunto encerrado.

Bruno entrou em casa e fechou a porta, sem trancá-la. Não olhou para trás.

Em alemão, os substantivos começam com letras capitais. Por quê? Não sei. É assim. Zurique não é a capital da Suíça, e sim Berna. Berna e terna são quase homófonas. Capital também quer dizer dinheiro. Bruno trabalha com dinheiro. Não dá para escrever Bruno sem usar um B capital. O alfabeto alemão tem uma letra a mais, chamada Eszett. Parece um B capital e às vezes substitui dois esses. Em 1945, a SS alemã foi banida, embora isso não tenha muito a ver com gramática. Ou será que tem? Afinal de contas, o que é a gramática senão uma lei dominante? Ordem após ordem, regra sobre regra. A Suíça é tão limpa, que chega a lavar dinheiro. A respeito das torres da Grossmünster, de Zurique, disse Wagner: parecem dois moedores de pimenta. Wagner foi embora de Zurique quando se apaixonou por uma mulher que não era sua esposa. Os nazistas adoravam Wagner. A polícia de Zurique carrega seus rifles como a Gestapo. A arma padrão do Exército suíço é o fuzil SIG SG 550. A bandeira de Dietlikon, seu brasão de armas, é uma estrela de seis pontas sobre um fundo azul. Se azul remete a mar, aproxima-se do verbo amar, que por sua vez traz à baila a família, e, por extensão, a cria.

Sinto saudade deles todos. De todos eles. De cada um.

Por um minuto, Anna ficou parada no meio da rua, atônita. Depois, tomou o caminho da Bahnhof. Os vizinhos tinham saído, o carteiro fora embora e ela não sabia para onde ir. Porém, qualquer deslocamento começa na estação de trem. Ela chegou à Bahnhof por volta de 7h45. Perdeu o S3 por questão de dois minutos. Teria de esperar seis minutos para a chegada do S8. Fazia menos de uma

hora que estava acordada. Aquilo tudo acontecera em menos tempo do que o ponteiro dos minutos leva para dar uma volta completa no relógio.

O tempo é engraçado. É volátil. Acelera e reduz sua velocidade. Retrocede e avança. Porém, os relógios suíços se vangloriam por possuírem a precisão mais inabalável do mundo. Uma correção incomparável. Exatidão. A exatidão é uma espécie de verdade. Mas a verdade não é absoluta. A verdade, assim como o tempo, é volátil. Ambos são conceitos *relativos*. Ambos são *dados*. Quando são 7h45 em Zurique, em Tóquio são 14h45. Cada cidade vive num horário próprio. *Gleich und nicht gleich*. Igual e diferente. A Terra gira num eixo terrestre. Tudo oscila. Ninguém está isento disso. Nada está isento. O planeta gira num ângulo inclinado. Portanto, cada dia dura o quanto dura. As horas são arbitrárias. Um minuto é capaz de durar mil anos. E um acontecimento pode ocorrer num instante.

Anna decidiu ir para a Hauptbahnhof no meio da agitação da manhã. Ficou perto das portas e tentou fixar o olhar na paisagem do lado de fora das janelas. Manteve o rosto inclinado para o chão; não queria exibi-lo. Não tinha posto um pingão de maquiagem. Os hematomas não estavam em seu auge, mas, se alguém a examinasse com mais atenção, acabaria notando-os. Contudo, o que há de mais garantido sobre uma cidade é que, ao penetrar nela, nos tornamos inescrutáveis.

Ela desceu do trem na plataforma 53 e andou quase quinhentos metros à beira do rio Sihl, até perceber que havia deixado no trem sua mala de mão e também a bolsa. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco. Só estava com o celular. *E agora?* Àquela altura, a mala e a bolsa já estavam na metade do caminho para Pfäffikon. *Devo comunicar isso a alguém? Quem? Onde?* Tudo parecia tão complicado. Mas que dia! Não conseguia raciocinar. Continuou tentando, até que algo dentro de si deu de ombros: *ah, deixa pra lá*, e então ela respirou fundo, de forma calculada, e continuou andando na direção sul, para a Löwenstrasse.

Anna começou a vagar pela Löwenstrasse sem nenhum propósito, até chegar ao ponto do *tram*. Sentou-se no último assento vago, e, quando uma senhora de idade apareceu ali, ela não se levantou para

oferecer o lugar. Não importava. Um *tram* chegou e foi embora, e a senhorinha sumiu tão rápido quanto tinha surgido. Anna tirou o celular do bolso e refletiu sobre as opções válidas; eram tão poucas. A alternativa mais óbvia e correta foi a que se apresentou primeiro. *Mary. Vou ligar pra Mary.* Foi o que ela fez. O telefone tocou, mas Mary não atendeu, e Anna desligou antes de deixar qualquer mensagem. *Detesto telefone. Não quero deixar mensagem. O que poderia dizer?* Naquela manhã, Anna não contava com o luxo da neurose. Ligou de novo. O telefone tocou mais quatro vezes e depois entrou na caixa postal. Pela segunda vez seguida, não deixou mensagem. *Deixa de ser idiota!*, brigou consigo mesma. Era tão raro ela pedir qualquer tipo de ajuda, que mal sabia como agir. *É isso que estou fazendo? Tentando pedir ajuda, sem sucesso?* Fechou o aparelho e o apertou contra a palma das mãos, como se apenas a postura de prece fosse fazê-lo tocar. Um minuto depois, o telefone vibrou, anunciando a chegada de um SMS. Anna evitou pensar que sua prece tivera alguma influência na história. *Ajudando Max c/as aulas. Ligo depois. Espero que esteja melhor. Sinto muito que está triste. Tô aqui se precisar. Beijos, M.*

Só que você não está aqui, Mary, pensou Anna. *Você está aí. E não atende o telefone.* Os pensamentos de Anna apiedaram-se de si mesmos. Tentou falar com Mary uma terceira e última vez, mas a ligação entrou direto na caixa postal. Mary tinha desligado o aparelho. Ela não deixou mensagem. De todo modo, ainda não havia pensado no quealaria. Pôs o telefone de volta dentro do bolso e se levantou. Uma senhora idosa, diferente da anterior, sorriu, agradecida, e acenou com um gesto de cabeça quando se sentou no assento que Anna tinha desocupado. *Ela acha que estou cedendo o meu lugar.* Não estava, mas acabou ganhando os créditos pela boa ação.

Anna já havia perambulado por Zurique muitas vezes. Uma coisa era estar a sós com a própria dor no meio da mata ou sentada em seu banco de sempre; outra coisa, completamente diferente, era vivenciar isso na cidade. Na mata, sua tristeza atingia um caráter cortante e irrefutável. Cada árvore, cada tronco caído, cada placa de *Wanderweg* ecoava, em voz alta, a mesma palavra melancólica:

sozinha, sozinho, sozinho. Na cidade, porém, a solidão de Anna era um objeto sem ponta, um martelo de borracha que lhe dava uma surra. Portanto, quando a solidão a atacava nas ruas densas do centro de Zurique, ela tentava se afastar, fugir. *Onde estou? Como faço para chegar em casa? Acho que estou com fome. Esqueci como se faz para comer. Qual é o meu nome?* Nesses momentos, distanciava-se de si mesma e ficava apartada da própria vontade do jeito mais abominável possível. Uma força (vinda de dentro? Vinda de fora? Anna jamais saberia) assumia o comando e conduzia o ônibus dela para onde bem entendesse. *Será que estou num dia desses?*, perguntou a si mesma. Achava que não. O vento fez com que uma parte de seu cabelo se desprendesse do prendedor. Ela não havia levado chapéu. Foi andando rumo à Bahnhofstrasse, com um objetivo desconhecido, sendo guiada apenas pela resignação e pela dor que sentia no rosto.

Apesar do gosto de Anna por coisas boas, o consumo explícito da Bahnhofstrasse nunca lhe atraía. O problema era o excesso; ela não conseguia ignorar. Porém, com o clima cinzento daquele dia, as vitrines das lojas brilhavam. Tudo era convidativo. Os óculos de marca exibidos na vitrine da Fielmann olharam para ela com benevolência, e os manequins brancos e sem graça na vitrine da Bally pareciam se curvar em sua direção, com gentileza e piedade. Na relojoaria Bayer, ela colou a testa no vidro e quase desmaiou (de verdade?) diante de um Cartier estilo *vintage* que custava vinte mil francos suíços. Nove anos na Suíça, e nunca tivera um relógio bacana. Antes de seguir em frente, Anna se permitiu sonhar por alguns instantes. Passou por lojas de chocolate e de brinquedo. Passou pela Dior e pela Burberry, pela livraria especializada em títulos em inglês e também por diversas lojas de lembrancinhas. Parou em frente a uma delas e fixou o olhar na vitrine. Cartões-postais, camisetas, artigos de vidro, mapas, relógios e canivetes suíços. Anna gostava de canivetes. Eram ferramentas úteis, lâminas de utilidade. Gostava dessa engenhosidade prática dos suíços. Mary tinha dito algo nesse sentido quando lhe presenteara com os lenços em seu aniversário: *De que adianta um objeto útil que não pode ser usado?* Os suíços não eram apenas mestres da precisão; eram também

Meisters da utilidade. É por isso que na Suíça os relógios são únicos, os canivetes são muito bem afiados, os chocolates são deliciosos e os bancos são tão eficientes. Anna estava perto da Paradeplatz, onde ficavam as sedes do UBS e do Credit Suisse. Era inevitável: ao pensar em banco, acabava pensando em Bruno. Contudo, ainda não estava preparada para pensar nele com a devida profundidade. Ele já sabia desde o princípio. Desde o princípio, já sabia. Anna não era capaz de entender, então nem tentou. Em vez disso, mudou o foco: dos canivetes na vitrine, passou a contemplar a própria vitrine. Viu seu rosto pelo vidro e refletiu sobre o próprio reflexo. Parecia de outro mundo e desfigurada. Podia ir para onde quisesse. Ir não era o problema. O problema era conseguir se sentir em casa no lugar para onde fosse. Essa vinha sendo a questão desde o início. Eram quase dez e meia da manhã. Já vagava sem rumo havia duas horas, mas não tinha ido longe.

Pense, Anna, pense, implorou a si mesma. Mary não estava disponível. Voltar para Dietlikon não era uma opção. *Talvez depois*. Agarrou-se à possibilidade de voltar. Se não podia ir para casa agora, tampouco podia ligar para Ursula. Àquela altura, Bruno com certeza já contara tudo para a mãe, ou, se não tudo, pelo menos uma versão dos fatos em que Anna, de qualquer maneira, se sairia mal. Poderia ligar para David e Daniela, mas essa era uma opção quase tão constrangedora quanto encarar a sogra. Ela abriu o telefone e começou a percorrer os nomes. Tanta gente de quem não era amiga. Todos os parentes distantes com quem não mantinha contato. Colegas de faculdade. Amantes.

No meio do processo, já sabia que ligar para Edith não era uma boa ideia, e, antes que Edith terminasse de dizer olá, Anna sentiu crescer a inutilidade daquele gesto. *Não vou pedir ajuda a ela de jeito nenhum, sem chance. Não vou deixar que me veja nesse estado*.

– Ah, desculpa, Edith. Liguei pra você sem querer.

– Não faça isso de novo, hein? – disse ela, brincando. – Mas você tem a chance de se redimir. Venha até o centro; já estou aqui. Você pode me pagar o almoço. – Anna fingiu cogitar a possibilidade antes de recusar. Por instinto, deu uma olhada ao redor. *Zurique é uma*

cidade grande, Anna. Você não vai esbarrar nela. – Faça como quiser! – Com isso, Edith desligou. A conversa durou menos de trinta segundos.

Você tem que ir embora, dissera Bruno. E ela tinha ido.

Anna cruzou a ponte na Bürkliplatz e caminhou na direção sul, à margem do Zürichsee. *Hoje vou ficar por aqui, mas amanhã à noite, quando ele começar a sentir minha falta, eu ligo. Vai querer fazer as pazes, vai se sentir mal. Já está se sentindo mal, na verdade. Posso ir para casa e a gente conversa.* Naquela manhã, Bruno estava calmo, calmíssimo. Ela ainda não conseguia identificar tal preocupação. Ir para casa era uma alternativa, apesar de ser a última da lista.

Anna era praticamente a única pessoa caminhando pelo Seefeldquai. A maioria dos moradores de Zurique estava no trabalho, e o turismo fora de temporada era bem fraco. Mas tudo bem, ela preferia assim. O lago, num tom cinza-escuro, parecia hostil. Apesar disso, trouxe-lhe alívio. Era a parte de Zurique que conhecia. Na maioria das vezes, é na familiaridade que se encontra conforto. O urso de pelúcia de uma criança. O par de sapatos preferido. Em tempos de tragédia, gravitamos em torno do que conhecemos ou do que sabemos fazer. No dia de um funeral, por exemplo, são as obrigações cotidianas de arrumar a cama, passar roupa e lavar a louça que prendem o enlutado ao momento físico, liberando-o temporariamente do território da dor. Naquele caso, o conforto vinha, em primeiro lugar, da hostilidade cinzenta do lago e, em segundo lugar, do hábito que Anna tinha de vagar a sós por trilhas desertas. Se não fosse assim, ela se sentiria ainda pior.

Margeou o lago até chegar ao Zürichhorn, o pequeno cais onde o Zürichsee começava de fato a se alargar. Sentou-se nos degraus. Porém, estavam frios demais, mesmo para ela, que vestia uma saia de lã. Levantou-se quase no mesmo instante. Em dias de céu claro, o contorno dos Alpes separa a terra do céu. *Eiger, Mönch, Jungfrau.* Indistintos, porém inegáveis. E, no Cantão de Uri, escondida atrás de um desfiladeiro sobre a Garganta de Schöllenen, ficava a Teufelsbrücke, a Ponte do Diabo. *Jungfrau.* Anna balançou a cabeça. *A gente até planeja, só que o Diabo ri dos nossos planos.* Era isso

que a doutora queria dizer. Tudo isso.

Ela se virou e voltou pelo mesmo caminho da ida; a cada passo, seu estômago dava voltas, contorcendo-se. Era disso que vinha tentando se esquivar ao longo do dia. Acreditava ser inevitável. Uma lembrança. Dezenas delas. Às vezes, felizes e terríveis ao mesmo tempo. Atingiam-lhe feito aves que mergulham na água. Impossível tentar resistir. Contudo, mesmo as piores lembranças eram melhores do que aquilo. Anna sentia-se impotente e completamente estúpida. Passou pelo Jardim Chinês. No verão, o lugar ficava apinhado de famílias, gente tomando sol e gente fazendo piquenique. Naquele dia, o jardim estava praticamente às moscas. Só havia um casal jovem, que se beijava próximo ao portão, as mãos dele debaixo do casaco dela, e as mãos dela na parte de trás da calça dele. Uma senhora bem velhinha passou de bicicleta por Anna, pela esquerda. Estava com uma saia escura, meia-calça grossa e sapatos funcionais. Escondera o cabelo sob um lenço vermelho e azul. Ao passar, fez soar a buzina da bicicleta. Anna achou divertido. Nos Estados Unidos, senhorinhas daquela idade não costumavam pedalar à beira dos lagos em dias cinzentos e horríveis. Porém, Anna jamais voltara aos Estados Unidos. Nem uma única vez sequer. Não tinha ninguém para visitar, nenhum lugar aonde ir.

– Em alemão, existem dois grupos básicos de verbos – disse Roland.
– O grupo dos fortes e o grupo dos fracos. Os verbos fracos são os verbos regulares, que seguem regras normais. Os verbos fortes são irregulares; não seguem um padrão. Lidamos com esses verbos fortes nos termos deles.

Como acontece com as pessoas, pensou Anna. Os mais fortes se destacam, enquanto os mais fracos são todos parecidos.

A última sessão de Anna com a doutora Messerli teria acontecido na véspera, mas ela acabara cancelando. *Não devia ter cancelado. Preciso dela. Ela sempre tenta me ajudar.* Ontem foi um século atrás. *O que eu teria lhe dito?* Teriam falado sobre o aniversário de

Polly Jean, sobre a tristeza que se abatia sobre ela, e ela teria perguntado se a doutora acreditava que um dia a dor desapareceria. A doutora a teria ouvido com compaixão e respondido da mesma forma de sempre: *Anna, qual é o seu parecer?* Anna checou as horas no celular: 13h15. A doutora estaria no consultório. Podia ir até lá. Podia dizer que era uma emergência, e a doutora a atenderia. Claro que atenderia. Ou não? *É mesmo uma emergência?* O contrário é que não era, disso Anna tinha certeza. Já havia passado da hora do almoço. Ela teria que se sair com alguma desculpa. A doutora saberia o que fazer. *É, é isso. Vou até lá.* Era uma decisão sensata e hábil.

Anna girou em círculos antes de conseguir se reorientar e seguir até o consultório da doutora Messerli. *Agora. Tenho que ir agora,* pensou, embora já estivesse a caminho. Quanto mais perto estava da Trittligasse, mais ela corria. Sentiu um nó apertar seu estômago, como uma jiboia atacando um porco. Foi uma advertência à qual não prestou atenção. Andou mais rápido ainda. *Agora. Preciso ir, agora.* O pânico começou a substituir a determinação que a guiara do Utoquai à Rämistrasse. Correu os últimos 250 metros até o consultório da doutora Messerli, parando apenas para se levantar do chão depois de ter tropeçado nos degraus de pedra na extremidade oeste da rua. Arranhou as palmas das mãos, e sua meia-calça se rasgou no joelho. Lembrou-se daquele dia em Mumpf, quando também desfiou a meia-calça, na *Waldhütte* onde ela e Karl transaram pela primeira vez. *Como foi que cheguei a este ponto?* Não precisava falar em voz alta. Cada átomo de seu corpo gemia. Seu rosto pulsava, sua alma vacilava e ela apresentava dificuldade para respirar.

Quando enfim chegou ao consultório, Anna estava em tal frenesi, que não teria passado num teste de sobriedade. Cambaleante, mal conseguia ficar de pé. Apertou a campainha uma vez, mas concluiu que era pouco, então continuou apertando, como se sua unha do pé estivesse sendo esmagada por um salto alto. Ao mesmo tempo, tirou o celular do bolso e tentou ligar para a doutora. Era muita falta de educação, ela sabia, tanto as ligações quanto tocar a campainha daquele jeito. A doutora estava no meio de uma sessão, e as

sessões eram sagradas, não deveriam ser interrompidas. Anna tinha certeza de que seria repreendida. Porém, o dia estava passando, e a cada segundo suas opções diminuía, enquanto a preocupação aumentava. A caminho do Zürichhorn, havia repetido como um mantra: *Vou ficar bem. Vou ficar bem.* Contudo, assim que caiu nos degraus de pedra, seu ritmo ficou gaguejante, e o mantra se transformou em *Será que vou ficar bem?* Perdera todo o talento para se autoconsolar. Quando o telefone da doutora caiu na caixa postal, em vez de tocar freneticamente a campainha, como vinha fazendo, passou a esmurrar a porta com o punho. *Me deixa entrar, me deixa entrar, me deixa entrar, porra!*

Por fim, a doutora Messerli abriu a janela e olhou para baixo. Anna estava sendo imprudente. Seu corpo todo se contraía em espasmos, como se fosse um músculo ligado a um eletrodo. Não conseguiu ver a expressão da doutora, três andares acima, mas ela estava nitidamente furiosa e ofendida. Com os óculos pendendo de um cordão em volta do pescoço, ela, por sua vez, não teria conseguido ver como o rosto da paciente estava se deteriorando. Ao longo do dia, o inchaço fora ganhando espaço. Talvez isso tivesse feito diferença. *Se pelo menos ela pudesse ver o meu estado!* Anna gritou, fazendo um apelo incompreensível. A doutora a interrompeu, gritando de volta. Ela precisava parar de tocar a campainha e tinha que ir embora imediatamente. No fim do dia, terminadas todas as sessões, a doutora ligaria para ela. Se Anna estava em crise, deveria ligar para o 144 e chamar uma ambulância para levá-la ao hospital. Depois disso, irritada, a doutora fechou a janela com violência e crueldade. Anna não a criticou. *Mas eu preciso de ajuda agora, cacete.*

Sentiu o pânico aumentar. Era como uma pedra em sua garganta ou um tumor. Agressivo, incurável e terminal. A doutora foi firme em sua recomendação. *Ligue para o 144. Eu te retorno no fim do dia. De um jeito ou de outro, vá embora. Agora. Vá.* A janela fechada à força foi a resposta mais definitiva do dia.

Anna deixou o consultório.

No sonho, estou numa clínica com a minha mãe. Ela está com um chapéu azul, e sua bolsa está cheia de sanduíches. Não consigo conter o riso. Isso a perturba, e ela me censura. Quando o médico nos chama, explica que eu preciso de uma cirurgia no olho. Eu me nego. Minha mãe fica irritada. Ameaça chamar a polícia para me obrigar a fazer o procedimento. Digo que vá em frente. Ela sai do consultório enfurecida. Resolvo segui-la, mas está escuro lá fora. Procuo-a um pouco, mas desisto e começo a voltar para casa, só que me perco no meio da escuridão. Quando acordo, esqueço que minha mãe está morta. Levo quase trinta segundos para me lembrar. Quando me dou conta, percebo o quanto sinto sua falta. Mais do que em muitos anos, mais do que tenho o direito de sentir. Sei que não é verdade, porém tudo parece perdido.

Anna saiu atordoada do consultório. As críticas da doutora Messerli transformaram sua histeria em remorso, e quase na mesma hora ela passou a se sentir uma idiota.

Estava no meio da Trittligasse quando seu celular tocou. Era Mary.

– Anna, desculpa, não consegui falar com você antes. Estava no meio da aula e...

– Tudo bem – interrompeu Anna. – *Está tudo bem*, pensou. *Mary vai me ajudar*. Pronunciou com dificuldade as palavras seguintes. – Eu preciso... – Não acrescentou complemento algum. Precisava de tanta coisa. Ajuda era apenas uma delas.

– Anna, do que você precisa? Posso te levar o quê? Você está em casa? Está se sentindo melhor? – Ela tentou responder a todas as perguntas de uma vez, mas o resultado foi um disparate. Mary não deixou que terminasse. – Não estou te ouvindo direito. Estou no trem, a caminho de Dietlikon, na verdade. Tim vai me encontrar. A gente vai naquela concessionária de carros ao lado da fábrica da Coca-Cola. Sabe onde é? – Anna sabia. Bastava descer a rua da estação de trem. Até aquele momento, os Gilbert vinham usando um serviço de compartilhamento de carros. Contudo, na semana anterior, Mary tinha conseguido pegar sua carteira de motorista (*Dá para acreditar??? Pois é!!!*, disse e repetiu para Anna) e, como Tim

vivia viajando e eles agora tinham estabelecido uma rotina, decidiram que estava na hora de comprar um carro. – Podemos passar aí depois? Você está em casa? – Anna tentou explicar que não estava, mas, com a ligação péssima, Mary não parecia ter ouvido. – Anna, estou te ouvindo muito mal e vamos passar agora por um túnel. Nos falamos mais tarde. Fico tão feliz que esteja se sentindo...

A ligação caiu antes de ela terminar a frase. Anna recebeu o desejo bem-intencionado, porém extemporâneo, da amiga: *Fico tão feliz que esteja se sentindo!* Ah, se ela soubesse. Não havia nada de animador naqueles sentimentos. Mary conseguira tirar a carteira de motorista. Mary ia comprar um carro. Mary estava atuando como voluntária na escola dos filhos. O que mais ela estava fazendo, tendo ou sendo? Quando foi que aconteceu? Anna sentia-se abalada pelo progresso da amiga. Por que ela? Procurou uma resposta rápida e lógica ou um truísmo junguiano capaz de situar (senão aliviar) a ferroadada daquela derrota. *Derrota?* Anna reprimiu a si mesma. *Você devia era estar feliz por sua amiga.* A reação poética ao dilema de Anna – *Grande garota!, Levante a cabeça!* – tinha a ver com o sofrimento em prol de se moldar o caráter, da mesma forma que o fogo forja o aço, e com a maneira como ela passaria pelas chamas, sendo purgada de seus defeitos e recebendo, em seguida, uma recompensa estupenda. Ela também aprenderia a dirigir. Compraria um carro. Abriria conta num banco! Ficaria feliz novamente. Ficaria feliz pelo menos uma vez. Contudo, a verdade lamentável se resumia a isto: Anna já recebera sua recompensa. E sua recompensa era a dor. Seu caráter já havia sido moldado. *Não vou melhorar mais do que isso; já cheguei no meu auge.*

Passou os trinta minutos seguintes perambulando sem rumo.

A interação com a doutora Messerli havia livrado Anna do pânico. Porém, a conversa com Mary serviu para deixá-la de novo perdida, sem saber para onde ir, estado do qual escapara na Bahnhofstrasse. *Estou girando em círculos. Voltei para o início.* Não era totalmente verdade. Não estava num círculo, e sim numa espiral. Os arcos quase paralelos davam a impressão de uniformidade. A cada volta, no entanto, ela se aproximava de um centro. Naquele dia, Anna

havia percorrido todos os quadrantes do espectro emocional. Não havia motivos para imaginar que o que a mantinha entre as mãos estaria disposto a soltá-la. Ela aproveitou o momento de calma e tentou limpar a mente ao máximo. Queria tomar decisões lúcidas enquanto era possível. Decidiu, então, procurar Archie.

Não precisou pensar muito para tomar essa decisão – já estava em Niederdorf –, mas foi necessário um nível de humildade que ela talvez só tenha conseguido reunir graças à proximidade da loja e também porque, com a iminência do anoitecer, aumentava sua preocupação de não ter para onde ir. A necessidade do momento priorizava tal possibilidade. Apesar do que havia acontecido entre eles – ou, talvez, exatamente por isso –, sabia que Archie com certeza a receberia, pelo menos por aquela noite. Não tinham se falado desde o dia do zoológico, e a última vez em que se viram fora no funeral de Charles. Anna iria até ele, ele poria gelo em seu rosto, daria a ela uma dose de uísque e uma cama para passar a noite. Nem ousou pensar nada além disso. Olhou para cima, para a janela do apartamento, e viu que estava fechada. Tinha apagado o número dele de seu aparelho havia mais de um mês, portanto não havia como ligar. *Quem ainda sabe de cor algum número de telefone?* Em frente à loja de uísque, Anna ficou caminhando de um lado para o outro durante dez minutos, até tomar coragem para entrar. Ainda assim, não foi coragem o que a mobilizou, mas resignação.

Um sino soou assim que ela abriu a porta. Atrás do balcão estava um sujeito que ela presumiu ser Glenn. Nunca haviam se encontrado. Ele era mais baixo e mais novo do que Archie; contudo, Anna conseguiu ver que os dois tinham olhos parecidos e os mesmos cachos rebeldes, em tom castanho-avermelhado. Ele checava uma fatura, comparando uma lista em sua prancheta com uma pilha de caixas. Ergueu os olhos quando ela entrou.

– Quer ajuda?

Claro. Glenn vai me ajudar, pensou Anna. *Ele vai me dizer onde o Archie está.* Não havia planejado o que diria. Mal conseguia terminar uma frase.

– O Archie. Cadê?

Glenn semicerrou os olhos e examinou o rosto dela. Seu olhar

parecia apreensivo.

– Ele não está aqui, minha senhora – respondeu numa voz serena e educada.

Anna continuava se esquecendo de como estava seu rosto.

– Onde ele está? – perguntou ela num tom de voz meio balbuciante. Fez a pergunta depressa e usando uma inflexão esquisita.

– Ele foi pra Escócia. Volta semana que vem. – Glenn examinou-a mais uma vez. Os ombros dela estavam curvados, e a mão que segurava o telefone tremia. A apreensão inicial dele se suavizou, transformando-se em preocupação pela mulher à sua frente. – Será que posso ajudar a senhora? Está tudo bem?

Anna fez que não e começou a rir. *Que engraçado. Tantas opções infalíveis, e todas elas falhando.* Não, ele não poderia ajudá-la.

– Não entendi – disse ele, sem saber como interpretar aquele riso.

– Nada, não. Desculpe o transtorno. – Anna usou certa pompa em sua fala para disfarçar a decepção, mas isso era tudo o que tinha a dizer.

Glenn a chamou de novo quando ela passou pela porta, mas ela apenas acenou, despedindo-se, e continuou andando. Do lado de fora, Anna apertou a faixa do casaco e torceu as mãos. *Enfim...*

Fazia mais frio do que antes de ela entrar na loja, por mais que tivesse ficado lá dentro apenas por pouquíssimo tempo. A temperatura estava mudando tão rápido quanto o seu estado de ânimo. Riu de novo. Não havia outra forma de reagir. Os desdobramentos daquele dia pareciam uma piada de humor negro. Todas as rotas de fuga estavam bloqueadas. Todas as suas escolhas tinham sido riscadas de uma lista invisível. Todas as opções eram sombrias. *E agora?* Abriu ao máximo o ouvido do coração, para escutar uma resposta, mas não surgiu nada. Tentou consolar a si mesma. *Calma, calma,* pensou, mimando-se. *Vamos encontrar uma solução. Nós vamos. Vamos sim!* No plural, sentia-se reconfortada. *Faça disso um jogo, Anna. Brinque com essa série de coincidências infelizes.* Depois, mais uma vez em coro, tranquilizou seus muitos eus: *Calma, calma.* Suspirou e começou a andar em direção à Stadelhofen.

Chegando à Stadelhofen, subiu a ladeira atrás da estação de trem, cruzou o pequeno parque ao fundo da *Kantonsschule*, seguindo a curva em “s” da rua, e virou à esquerda na Promenadengasse. Continuou caminhando até chegar à Igreja de St. Andrew, congregação anglicana de Zurique cuja língua oficial era o inglês. Já estivera nessa igreja umas três ou quatro vezes, nos seus primeiros meses na Suíça, quando ainda era muito sozinha e não tinha companhia. Porém, assim que Victor nasceu, a atividade de cuidar de um bebê suplantou suas dores pessoais. Logo depois, ela conheceu Edith e, durante um tempo, aquela amizade lhe bastou. Anna circundou a igreja antes de chegar à porta de entrada. *Por que não?* Tinha se dirigido para lá sem um plano consciente, mas decidiu entrar. Passou pelo altar, entrou no salão de recepções e percorreu um corredor até achar um escritório que presumiu ser do padre. A porta estava apenas encostada. Ela a empurrou, sem bater.

O cristianismo medieval defendia que eram oito, e não sete, os pecados capitais. O oitavo seria a desesperança, único que não poderia ser perdoado. Porque desesperar-se é negar o poder supremo e o reinado universal de Deus. A desesperança equivale a uma completa descrença, ao desespero, a um repúdio à sabedoria divina, à sua benevolência e supremacia. *Depravação completa*, pensou Anna. *A dor de hoje sempre foi minha. É destinada apenas a mim.*

– Acho que preciso de ajuda – disse ela. *Ajuda*. Era a primeira vez naquele dia que pronunciava a palavra em voz alta. Não foi tão bom quanto achava que seria; arrependeu-se na mesma hora em que falou.

O padre levou um susto, erguendo os olhos.

– Ah!

Estava digitando um e-mail e não tinha ouvido Anna entrar. Examinou o rosto dela, mas não a identificou como congregante. Pôs-se de pé e estendeu a mão. Anna retribuiu o gesto, num aperto de mãos sem muito vigor. O padre apontou para uma cadeira vazia do outro lado de sua mesa. Nem piscou ao ver os ferimentos de seu rosto.

Era um sujeito baixo, rechonchudo e mais velho. Tinha o rosto

bronzeados, barba grisalha e sotaque galês.

– Claro, claro, vamos conversar – propôs ele.

Sorria para Anna feito um avô, embora fosse no máximo uns quinze anos mais velho. Assim como na loja de uísque, ela não havia planejado o que diria. Todas as conversas do dia tinham seguido rumos diferentes. *Preciso me confessar. Preciso que ele receba a minha confissão.* Queria contar sua história para alguém, toda a sua história. Naquela manhã, Bruno não estava disposto a ouvir. Ninguém jamais ouvira seu relato. *Vou dizer a verdade, e ele me absolverá.* Ela respirou fundo e exalou devagar, tomando coragem. *Vou dizer a verdade, e tudo ficará bem.*

Porém, ao abrir a boca para falar, o que saiu foi uma pergunta:

– O senhor acredita em predestinação? – Não eram as palavras que queria dizer, mas ainda assim lhe soavam familiares. Carregava essa dúvida para onde quer que fosse.

– Eu ou a Igreja?

– O senhor.

Ela queria interagir com um ser humano.

O padre se recostou na cadeira e começou a refletir. A expressão no rosto de Anna dava-lhe motivos para levá-la a sério. Nem perguntou o nome dela.

– Bom, vejamos... – começou dizendo, e parou para pensar um pouco mais. – Está certo, senhorita. – O padre se ajeitou na cadeira, e Anna abriu um leve sorriso quando ele a chamou de “senhorita”. – Quando você era criança, chegou a brincar de dominó? Enfileirava todas as peças e depois derrubava tudo? Empilhava e em seguida derrubava?

– Brinquei, sim.

– É claro. Todo aquele tempo gasto para botá-las de pé, alinhando tudinho, e depois, com apenas um empurrão, tudo ia abaixo. – Anna fez que sim. – Pense na sua vida como uma enorme fileira de peças de dominó, certo? Um encadeamento de dias e anos. Cada pecinha é uma escolha. Esta aqui é onde você fez faculdade. Esta representa o homem com quem você se casou. Aqui, a casa para onde se mudaram. Aqui, o prato que você assou para o jantar de domingo... – Com as mãos, o padre fingia estar ajeitando as peças do dominó.

– Nossas vidas são causa e consequência. Até as menores decisões são relevantes. Uma peça de dominó atinge a seguinte, depois outra e depois mais outra. – Com o dedo indicador, ele empurrou a primeira pecinha invisível, e, com isso, todo o regimento imaginário foi abaixo. Anna quase pôde ouvir o tilintar das peças de dominó em baquelite. – É Deus quem distribui as peças. É ele quem enfileira tudo e também quem derruba. Não temos controle sobre o lote que nos cabe, mas podemos decidir como organizar as peças. Também podemos escolher começar de novo, quando tudo foi ao chão e está abalado. Se eu acredito em predestinação? Não. Uma eternidade predeterminada me faria, na verdade, perder o emprego – concluiu ele, dando uma risadinha para Anna, que tentou sorrir em resposta.

Foi uma analogia simples e sincera, perfeita para uma criança. Uma verdade gentil, pronunciada com gentileza, por um homem gentil. As lágrimas que ela vinha contendo ao longo do dia enfim jorraram de seus olhos.

Contudo, por mais que desejasse acreditar no que o padre havia dito, não conseguia. Acidentes fadados a acontecer simplesmente acontecem. Queria que ele a tivesse convencido do contrário. De todo modo, era quem tinha chegado mais perto do que qualquer outra pessoa.

O padre a olhou com compaixão.

– Agora, você poderia me contar sobre esses machucados? – Anna fungou, mas não respondeu. Ele limpou a garganta enquanto abria a última gaveta de sua mesa, de onde tirou uma pasta. Folheou as páginas ao mesmo tempo em que falava. – Eu quero ajudar você, mas... – prosseguiu, tirando uma das folhas de dentro da pasta – ... não tenho certeza se essas questões de teologia doutrinal estão entre as suas prioridades no momento. – Aquela voz paternal foi tão reconfortante, que ela se sentiu destroçada. – Talvez o melhor a fazer fosse consultar um profissional – sugeriu ele, entregando-lhe o papel. Era uma lista de psiquiatras locais que falavam inglês. O nome da doutora Messerli aparecia em quarto lugar. – Ou, se você preferir, posso eu mesmo ligar...

Anna fez que não, sem parecer muito convencida. *Não, não, não.*

O padre aguardava a resposta dela, quando uma batida na porta

fez com que os dois se virassem para olhar. Era um homem alto e esquelético, de olhos bem distantes um do outro. Olhou por cima de Anna, sem cumprimentá-la, e começou a reclamar com o padre sobre a música da igreja, sobre o concerto do órgão, sobre o maestro do coro, sobre o coro em si, e, no fim, reclamou sobre o próprio padre, por não ter respondido a um e-mail urgente com a rapidez necessária. O sujeito estava impaciente; sua voz foi arrogante e imperativa.

O padre franziu o rosto para o homem, que Anna deduziu ser o organista. Ele batia o pé no chão e também fazia cara feia. O padre voltou a olhar para ela, com a mesma compaixão de antes.

– Sinto muito, muito mesmo. Mas volto num instante. Você aceita um pouco de chá? Vou trazer já, já.

Anna piscou alguma vezes, e o padre se levantou e saiu do escritório. Ela pôde ouvi-lo criticando o organista conforme percorriam o corredor, o ruído cada vez mais baixo dos sapatos contra o chão, quanto mais se distanciavam.

Esperou até o momento em que não os ouvia mais para levantar da cadeira e sair do escritório. Escapou da igreja com o mesmo alívio melancólico com que se despia muitas vezes de suas roupas.

Então é isso. Era isso.

Voltou pelo mesmo caminho da ida: passou pela escola, pelo pequeno parque no alto da ladeira acima da Stadelhofen, pela calçada, e desceu a escadaria curva e estreita, chegando ao centro comercial em frente à estação de trem, de onde caminhou em direção à ópera e ao lago.

Quando a ideia lhe ocorreu, nem pensou duas vezes.

Era um número para o qual nunca ligara. *Que horas eram?* Em Zurique, acabava de passar das três da tarde. Em Boston, eram nove da manhã. Ela se sentou nos degraus da ópera. O telefone tocou duas vezes antes de ele atender.

– Stephen Nicodemus.

Ela não havia ensaiado o que diria. Não tinha planejado aquela ligação. De tão rápido, foi um gesto quase involuntário. Anna limpou a garganta e prosseguiu:

– Stephen...

– Sim?

– É a Anna.

– Anna? – Ela o surpreendera, sem dúvida. – Anna! – repetiu ele, agora com animação na voz. O coração dela sentiu alívio. – Como você está? – perguntou ele, com ênfase no “você”.

– Estou... – Não iria contar a ele como estava. Falou por entre um sorriso imaginário. – Estou bem. – Havia uma certa verdade naquilo. *É agora ou nunca, Anna. Diga a que veio.* – Andei pensando em você. Queria te ligar e dar um oi, sabe? Sinto saudade.

As peças de dominó começaram a cair.

Houve um estalo na conexão sem fio. Ele estava a mais de seis mil quilômetros de distância, porém, pareciam dividir de novo o mesmo quarto. O atraso era empírico.

– Claro que sei. Foi muito bom. – A voz dele foi insossa, porém sincera. Não chegou a ser fria, mas direta. *Bom* seria um dos últimos adjetivos que Anna usaria para descrever o que tiveram. Incrível? Intenso? Irritante? Ardente? Lamentável? Fértil? Afinal de contas, tinham produzido um bebê, embora Stephen não tivesse como sabê-lo. Agora... *bom?* O que é que teve de bom?

– É... – Anna não conseguiu disfarçar a decepção, mas manteve as palavras em seu íntimo. A última conversa dos dois tinha sido excessivamente dramática. O vento fez com que alguns fios de cabelo dela se desprendessem do prendedor, como vinha acontecendo ao longo de todo o dia. Foram parar em seu rosto.

Stephen fungou.

– Anna, eu gostava de você, você sabe. – Ele fez uma pausa, sem saber o que dizer em seguida. – Você entende? – Anna ouviu a questão como uma afirmação: *Você. Entende.*

– Ah... – Naquele dia, a boca de Anna não passava de uma vogal aberta.

A conversa mudou de rumo. Era o que ela queria. A saída mais rápida do prédio em chamas, a menos constrangedora, a que lhe preservaria a dignidade. Perguntou a ele sobre seus experimentos, seu trabalho, o que estava fazendo da vida. Stephen aceitou a guinada da prosa. Contou a ela sobre suas pesquisas. Também lhe contou que tinha se casado e que sua mulher estava grávida de uma

menina. Não foi um comentário cruel. Stephen não tivera essa intenção, e Anna tampouco encarou dessa maneira. Ainda assim, uma porta se fechou.

Não era eu. Nunca fui eu. Nunca serei eu.

A constatação atingiu-a em cheio, qual um martelo. O mito sobre o qual os dois anos anteriores tinham se erguido. Ela estava enganada. Como se tivesse tomado o ônibus errado. Ou como se tivesse pegado, por engano, a bebida de outra pessoa numa festa.

Então era isso.

Stephen repetiu as perguntas. Anna só respondeu *Bem, muito bem, estamos todos bem*. Não contaria a ele sobre Charles. Por que o faria? Certamente não diria nada sobre Polly Jean. Contudo, falou sem pressa, da mesma forma que fizera no dia em que se conheceram, tentando esticar a conversa ao máximo, até onde fosse possível. Podia ouvi-lo acenando com a cabeça e olhando para o relógio. Até ele sabia que não havia falado o que ela queria ouvir.

– Anna, preciso ir. Estou atrasado pra uma aula.

– Claro, Stephen – respondeu ela, numa declaração completamente respeitosa.

– Mas foi bom ter notícias suas. Adorei que você ligou.

Ela havia se enganado. Um engano disfarçado de amor. Um autoengano que completava agora quase dois anos. Já conseguia sair andando e falando frases completas. *É meu!*, bradava. Nunca aprendera a dividir. Anna tinha ligado para Stephen, e agora sabia. Ele foi educado, alegre e pareceu verdadeiramente feliz em falar com ela. Contudo, estava tão distante do caso que tiveram quanto a vastidão do Oceano Atlântico e o decorrer de dois anos. O que vivenciaram valeu por uma estação. Mas as estações mudam.

E agora eu sei.

Ela se levantou dos degraus, alisou a saia e olhou em volta antes de decidir para onde iria. Caminhou pela Bellevueplatz, onde, no verão, a prefeitura montava uma roda-gigante; nessa mesma praça, durante a Copa do Mundo, foram instaladas telas enormes e arquibancadas, para que todos pudessem se reunir e torcer pelo time da Suíça. *Hopp Schwyz!*, gritavam. *Vamos, Suíça!* Depois, Anna seguiu pela Quaibrücke, a ponte que cruzava o rio Limmat, ligando a

Bellevueplatz e a Bürkliplatz. Quando chegou à metade da ponte, virou-se para o sul, ficando de frente para os Alpes. Contemplou-os por um minuto, como se pudessem se mexer. *Vocês, montanhas, não significam nada para mim*, pensou ela, embora soubesse que não era verdade. É claro que significavam algo para ela, apesar de não ser nada positivo. *Os Alpes representam a porta atrás da qual estou trancada*. Estava cansada de se sentir feito uma prisioneira. Dentro da água, um cisne nadava em círculos. Suas penas eram cinza e opacas, e ele grasnava e grunhia diante do próprio reflexo distorcido pelo movimento da água. *Até o cisne mais feio consegue ser mais bonito do que o corvo mais belo do muro*, pensou Anna. *É hora de sair de cima do muro*. Então, sem pensar muito, tirou o celular do bolso e o arremessou na água gelada e escura. Foi um ato impulsivo, mas era a coisa certa a se fazer. Sentiu-se mais leve do que em muitos meses. Friccionou as mãos para a frente e para trás, como se as lavasse, e disse a si mesma: *Bom, fim de papo*.

Um botão se desvencilhou da respectiva casa. Uma porta se abriu. Um feixe de luz sobrenatural e sedativo iluminou o lugar exato onde Anna estava.

Era hora de seguir em frente.

– A forma mais básica de um verbo é o infinitivo – disse Roland. – Não é algo finito. Suas possibilidades ainda não foram exploradas. Alguém me dê, por favor, um exemplo de verbo no infinitivo...

– *Leben* – sugeriu Nancy. *Viver*.

– *Versuchen* – propôs Mary. *Tentar*.

– *Küssen* – disse Archie. *Beijar*.

Cada verbo guardava uma centena de probabilidades. Os alunos ainda gritaram outros: *Fragen*. Perguntar. *Nehmen*. Pegar. *Lügen*. Mentir. *Laufen*. Correr. *Sein*. Ser.

– Anna? – Roland olhou para ela em busca de uma palavra. Vieram-lhe várias à mente, mas ela acabou optando por uma: *Lieben*, a forma infinitiva do amor.

Porque, se o amor não for infinito ou eterno, então não me interessa, pensou ela.

Anna seguiu a passos despreocupados e conscientes. *Preciso pensar no futuro*, refletiu. *Preciso pensar em pensar no futuro*. Entrou no saguão principal da Hauptbahnhof. Às quartas-feiras, o lugar abrigava uma enorme feira de agricultores. Mais de cinquenta comerciantes montavam suas barracas. Eram fazendeiros locais, viticultores, produtores artesanais de queijo, vendedores de salsicha, de crepe, padeiros... A lista era extensa e variada. Anna tentava marcar presença toda semana. Comprava azeite de oliva orgânico e salsicha defumada, feita a partir de gado escocês. Como petisco habitual, comprava um cone de amêndoas confeitadas ou uma *Schoggibanane*. Na época do Natal, o saguão ficava ainda mais lotado, com barracas de produtos sazonais e de artesanato, tudo amontoado em volta de uma enorme árvore. Naquele dia, o saguão estava vazio e não havia nenhuma barraca montada. Tudo fazia eco. Soprava um vento forte, que a deixou com frio.

Ainda assim, Anna permaneceu mais um tempo naquela imensidão despovoada, reconfortada pelo protesto oco e reverberante de seus passos contra o piso do enorme saguão vazio. Parou debaixo do anjo da guarda da estação, uma escultura esquisita, de uma tonelada, feita sabe-se lá de que material, que pendia das vigas do teto. *Nossa, como é feia*, pensou Anna. Tinha sido instalada dez anos antes. Ela e o anjo compartilhavam praticamente o mesmo tempo de Suíça. A escultura tinha um rosto sem expressões, e exibia um sutiã de armação e um vestidinho bem curto, ambos pintados diretamente na peça. Suas asas tinham uns espaços vazados e as cores do estampado não combinavam entre si. Além disso, era gorda. Anna tinha lido que a ideia da artista era que o porte sensual e robusto da figura evocasse uma feminilidade igualmente encorpada, uma atitude natural a mulheres que não se importam com o que os outros pensam. Arte moderna para mulheres modernas. Não é de surpreender, portanto, que Anna não suportasse o tal anjo. Ela também não ligava a mínima para a instalação do outro lado do saguão: 25 mil luzes mínimas, dispostas num quadrado apertado e tridimensional, pendendo do teto. Piscavam de acordo com padrões diferentes de cor, desenho e intensidade. As luzinhas diminuía, depois voltavam a brilhar, então apagavam-se por um tempo e em

seguida entravam em modo estroboscópico. O efeito era hipnótico e onisciente, como a luz muitas vezes é.

Como na noite anterior. A cozinha nunca fora tão austera sob as lâmpadas fluorescentes que a iluminavam do alto. Nenhum cômodo jamais apresentara uma luz tão intensa quanto aquela, concluiu Anna. Nada ficava na sombra. Foi terrível. A doutora havia alertado que esse era o efeito colateral mais comum quando se tomava consciência, e estava certa.

Anna pôs-se a observar a caixa luminosa no teto, que ganhava uma tonalidade rosa, depois amarela, e em seguida branca. *Ah, Anna. Uma única existência e mesmo assim tantas mentiras.* As luzes ficaram azuis. *Qual será a pior de todas?* Nunca pergantara a si mesma, mas a resposta era fácil.

Nunca fui quase tão solitária quanto sempre digo que sou.

A verdade era que Anna poderia ligar para algumas pessoas. Pessoas com quem poderia estabelecer contato. Sua prima Cindy, por exemplo. Quando crianças, as duas eram tão inseparáveis que pareciam irmãs. Na lista de contatos do celular, Anna podia até ter trocado o número dela pelo do Stephen, mas certamente não o descartara. Devia estar anotado em algum lugar dentro de casa. Bastava procurar. Contudo, não se falavam fazia muitos anos. Havia também uma tia, do outro lado da família, com quem Anna mantivera certo contato. Dois anos antes, ela havia passado por Zurique no meio de uma excursão pela Europa e ficou uma semana com os Benz. Anna já quase se esquecera disso. *Como é que quase me esqueci dessa história?* Outra opção era tentar achar suas antigas amigas de bairro. Não se falavam havia cerca de duas décadas, mas tinham crescido juntas e suas famílias eram bem próximas. Uma ligação inesperada para qualquer uma delas dificilmente mereceria um piscar de olhos. Talvez fosse o caso de ligar para sua professora preferida, a bibliotecária do ensino médio que um dia encontrou Anna escondida atrás das estantes, com sua abominável tristeza interior tentando consumi-la. Enxugou as lágrimas da menina, comprou-lhe um refrigerante e disse (Anna se lembrava perfeitamente): *Minha querida, não precisa se sentir tão mal assim,* o que, naquele momento, foi o suficiente. Ao longo da

faculdade, as duas continuaram se falando. A professora compareceu ao enterro dos pais de Anna e também a seu casamento. Já fazia mais de dez anos, mas poderia ligar para ela, não poderia? Claro que sim. Poderia ligar para qualquer uma dessas mulheres.

Acontece que o seu celular estava agora no fundo da água. Ligar, de todo modo, não equivale a confiar. De modo geral, Anna achava mais fácil suportar o próprio fardo do que compartilhá-lo. O esforço necessário para explicar tudo era maior do que o peso da tragédia que confessaria, disse a si mesma. A opção de se isolar contornava o risco de uma real proximidade entre duas pessoas e a perda futura e inevitável que sempre acompanha o amor. Livrar-se da preocupação alheia servia também a um propósito tenebroso: havia pouca gente a quem ela devia algum tipo de explicação. Trata-se da melhor maneira de mentir e não ser descoberto: fazer com que ninguém se importe com a sua vida.

As luzes ficaram cor-de-rosa de novo, depois brancas, mais brancas e enfim chegaram ao auge da alvura. Anna estava mesmo sozinha. Ela própria tinha orquestrado o cenário. Mas a maior mentira de todas era que sua solidão fora inevitável, obrigatória e predeterminada. Todas as outras inverdades eram apenas farinha do mesmo saco.

Enquanto o gigantesco quadro de chegadas passava por uma atualização, uma série de números giravam num ruído alto. Anna olhou para um dos relógios da estação. Em quinze minutos, poderia pegar um trem para Dietlikon, mas não estava preparada para isso. Atravessou o saguão, indo para o outro lado.

Dez minutos depois, cruzou mais uma das inúmeras pontes de Zurique, cidade com uma aparente provisão infinita delas, e seguiu na direção norte. *Todas essas malditas pontes.* A doutora Messerli dizia que simbolizavam a transição, o deslocamento de um estado de espírito para outro.

Bom, então é isso, disse mais uma vez a si mesma. *Que coisa mais engraçada para se acreditar, o amor.*

Contudo, não era amor. Era uma espécie de amor. Sempre são espécies de amor. Mais dez minutos e chegava à Nürenbergstrasse.

Nem de relance olhou para o antigo apartamento de Stephen. Estava curada desse mal.

A última carta que havia escrito a ele, mas que nunca enviou, era breve: *Se não significou tudo, não significou nada. Se não fui a coisa mais importante, fui a que menos importou.* No momento em que escreveu, esperava que não fosse verdade. Porém, agora sabia que era. Ainda assim, ficou feliz por ter ligado, feliz por ele ter atendido. E feliz porque agora entendia. *É, pensou Anna, eu entendo. O coração é um músculo, não é um osso. Ele não chega a quebrar.* Mas os músculos podem se romper. A falta que ela sentia de Charles era desesperadora, impossível de nomear, e duraria para sempre. *Pelo resto da minha vida.* E ela se arrependia de seu casamento disforme. Tudo aquilo a troco de quê? Internamente, Anna deu de ombros. De certa maneira, pouco importava. No espaço de um dia e na sombra da concha que escondia um simulacro de amor, ela havia se reconciliado consigo mesma: *O que está feito não pode ser desfeito.* A ideia trazia certa paz.

Eram quase quatro e meia da tarde. Anna havia levado uma hora e meia para cruzar a cidade. Chegou a Wipkingen quase na mesma hora do trem que ia na direção de Dietlikon.

A primeira briga entre Anna e Bruno em solo suíço se dera naquela plataforma. Os dois tinham se mudado havia uma semana, e ela ainda não estava a par do funcionamento dos trens. Bruno pedira que o encontrasse na estação de Wipkingen, mas ela tinha perdido o trem que eles haviam combinado que pegaria. Anna pegou, então, o trem seguinte, mas, quando chegou, Bruno já não estava mais lá. Além de estar sem telefone, não sabia como voltar para casa. Fez a única coisa que havia a se fazer: sentou-se num banco e começou a chorar.

Bruno apareceu uma hora depois, furioso. Tinha voltado para Dietlikon quando viu que ela não estava no lugar combinado, e em seguida retornou a Wipkingen, depois de ver que também não estava lá. Ela tentou explicar a situação, mas ele bufava e grunhia, agarrando-a pelo braço. Disse que estavam atrasados – ela não conseguia mais se lembrar para qual compromisso – e a conduziu para fora da estação sem dizer mais uma palavra. Estava irado

naquele dia. Estava irado na noite anterior.

Um coração não se subdivide, a menos que seja necessário, dissera Anna à doutora Messerli certa vez, sendo persuasiva. A doutora ficou sem resposta.

Que dia. Anna se sentia calma. Ao se aproximar da estação, pensou como Bruno explicaria sua ausência para Victor. *Vai dizer que estou viajando, e depois os dois vão sair para comer uma pizza.* Era o cenário mais provável. Ela começou a sentir muita falta de Victor, de forma tão pavorosa quanto sentia de Charles. Em muitos momentos, não tinha sido capaz de amá-lo o mesmo tanto. E agora, por fim, isso a envergonhava. *A vergonha é a sombra do amor,* pensou. Em seguida, pensou em Polly Jean e ficou imaginando se a outra filha de Stephen seria parecida com ela. Não contara nada a ele. Jamais contaria. Polly Jean nunca iria saber que tinha uma irmã.

Fora um dia de revelações. De conexões perdidas. Mágoas. Ilusões. Desespero. Mau comportamento. Ela fizera alguma coisa em relação à qual não era possível voltar atrás? *Ah, sim. Com certeza.*

Pensou na Suíça. Onde um sorriso denuncia quando se é norte-americano. Onde o que não é tabu é obrigatório. A fria e eficiente Suíça. Onde as mulheres são decentes, os homens são bem-arrumados, e todo mundo veste uma máscara de determinação. Suíça, telhado da Europa. Geleira entalhada. Mais bonita onde é mais inabitável. Suíça, com seus 26 cantões bem organizados e mantidos. Suíça empreendedora: *Novartis, Rolex, Nestlé, Swatch.* Zurique, cidade frequentemente classificada como uma das melhores do mundo. Ficou pensando nisso, e logo admitiu que, se não tivesse se sentido tão triste durante aqueles nove anos, talvez pudesse ter enxergado essas qualidades. Seu desejo era que Victor arrumasse uma esposa suíça atenciosa e que sua filha tivesse liberdade para ir embora, caso quisesse.

Depois, pensou mais uma vez que as opções infalíveis às vezes falham. Navios insubmergíveis acabam no fundo do oceano, e os foguetes nem sempre sobrevivem à reentrada na atmosfera. O amor não é dado. A ninguém garante-se um amanhã. Ela havia se enganado quanto a todos os homens que amou ou disse que amou. Tinha se enganado sobre tudo. Havia entrado na própria vida no

meio da história. Confundira-se com a atriz que a representava.

Pensou também em predestinação. Como a soma de seus dias acabou resultando nisso. O enredo de sua vida já havia sido publicado. Tudo está preordenado, predeterminado. *Não consigo deixar de fazer o que eu faço. Tudo o que irá acontecer já aconteceu.* O que ela aprendera sobre os verbos? No passado e no futuro, o verbo vem sempre no fim. E, no presente, acompanha o sujeito. Onde quer que ela fosse, era perseguida por ele. Arrastava-o atrás de si, feito um saco de pedras.

Pensou, ainda, na doutora Messerli. Agora Anna tinha certeza de que ela estava errada: o problema não era que seu balde estava vazio, e sim que estava cheio. Tão cheio que transbordou. Cheio e pesado. Ela não tinha força suficiente para carregá-lo. Teria que despejar seu conteúdo. *Amputei a serpente, doutora! Veja o que eu fiz!*

Pensou na mata atrás de sua casa. Na colina. Em seu banco. Pensou em Karl e em Archie, mas apenas superficialmente. Pensou em Mary. Fazia menos de 24 horas que tinham se visto, mas Anna gostaria que ela estivesse ali naquele instante. Nunca tivera uma amiga tão próxima, a ponto de sentir sua falta. Tentou pensar em Edith, porém nada lhe vinha à mente. Imaginou o que Ursula diria às senhoras da *Frauenverein*, se é que diria alguma coisa. Pensou em seu pai e em sua mãe. Haviam se passado tantos anos desde que seu pai a amara, desde que sua mãe lhe dera atenção.

Pensou em Bruno. A quem tinha amado e não amava. Mas tinha amado. E ele também a amara, em retribuição. *Na maior parte do tempo, fui uma boa esposa.*

Em seguida, pensou no fogo.

Chegou à plataforma de Wipkingen três minutos antes do trem. Estava exaurida, cansada demais para se sentir ansiosa. Era uma sensação nova, mas havia outra questão. Não tinha mais nada com que se preocupar. Quanta liberdade! Ficou tranquila. Estava exatamente no centro da própria espiral, ocupando uma posição fixa. Anna agia com calma, equilíbrio e sem malícia. *Que eu não me transforme nisso*, tinha rezado. Mas foi o que aconteceu.

Olhou para o relógio da estação. Depois, para os trilhos. E, então,

para o túnel. Na sequência, fechou os olhos.

Pelo resto da tarde, e varando noite adentro, os trens correram com atraso.

Agradecimentos

Um mar de apreço por minha primeira e melhor leitora, Jessica Piazza, que não me deixou abandonar este projeto. E aos meus outros leitores: Emily Atkinson, Lisa Billington, Janna Lusk, Lauren Maartens e Neil Ellis Orts. Muito amor e muito obrigada. E mais amor.

Merci vielmal a Stefan Deuchler, minha principal fonte para todos os assuntos que diziam respeito à Suíça.

Muita gratidão a Gina Frangello por publicar um extrato do livro em *The Nervous Breakdown*.

Mil agradecimentos a uma dezena de outras pessoas que me guiaram pelo processo de escrita e edição: aos meus colegas do curso de mestrado em escrita criativa da UCR, especialmente a Tod Goldberg, extraordinário mentor e incentivador, e a Mark Haskell Smith, meu guia espiritual quando o assunto é ficção e meu melhor conselheiro; a Nick Hanna, primeiro a me dizer para continuar escrevendo esta história; a Michelle Halsall, analista junguiana e consultora do mais alto nível; a Susana Gardner e Andrea Grant, cujas amizades de expatriadas salvaram a minha vida; a Sivert Høyem e Madrugada, a cuja música dedico este livro e cujas canções se tornaram, na minha consciência artística, as canções de Anna; a Axel Essbaum, com quem embarquei na aventura da expatriação muitos anos atrás; a Anna Tapsak, que me permitiu interrogá-la por uma noite sem fim sobre a vida provinciana na Suíça; e a Jill Baumgaertner, Reb Livingston, Cheryl Schneider, Jay Schulz, Louisa Spaventa, Becca Tyler e Andrew Winer. Sem essas amizades e esses incentivos, eu jamais teria conseguido chegar até aqui. Nem seria o meu desejo.

Meu apreço inesgotável por Sergei Tsimberov, que facilitou os primeiros estágios desta experiência e cujos olhos de águia durante

a edição são, em parte, responsáveis pelo livro que vocês leem hoje.

Minha agente, Kathleen Anderson, merece uma gratidão incomensurável. Nenhuma música é fervorosa o bastante para transmitir o quanto ela é querida por mim.

Um agradecimento monumental também à agência norte-americana National Endowment for the Arts. Uma parte deste livro foi escrita graças a uma bolsa de fomento à literatura. O apoio financeiro foi uma dádiva de Deus, e o endosso criativo, uma honra.

Um obrigada gigantesco para o meu editor, David Ebershoff, que me manteve concentrada e motivada, apesar de minhas frustrações ocasionais e dos momentos de desânimo aqui e ali. Agradeço também a Denise Cronin e a sua equipe fantástica de direitos autorais. A Caitlin McKenna, pelo aconchego e pela assistência, e a Beth Pearson, pela paciência inesgotável. Por fim, preciso agradecer também à Random House. A todos que trabalham lá. Vocês fizeram com que nos sentíssemos – eu e Anna – muito acolhidas.

Agradeço à cidade de Dietlikon, que me permitiu viver em seus braços por um breve tempo; é uma cidade adorável.

E a meu marido, Alvin Peng, minha predileção em todos os assuntos.

Finalmente, queria reforçar que não sou psicanalista, portanto, as palavras da doutora Messerli só devem ser encaradas pelo que são: construções ficcionais. Se um dia alguém se sentir tão mal quanto Anna, peço, encarecidamente, que procure ajuda.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

Setembro

1

2

3

4

5

6

7

8

Outubro

9

10

11

12

13

14

15

16

17

Novembro

18

19

20

21

22

23

24

Agradecimentos